A SIR PHILLIP COM AMOR

Família Bridgerton 05

Julia Quinn

Disponibilização: YGMR

Tradução: Janete C

Revisão: Edith

Rev. Final: Matias

Formatação: Pudim

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Argumento:

É possível apaixonar-se por alguém a quem não se viu nunca? Eloise e Phillip estão a ponto de descobri-lo. Ela, a pequena da família Bridgerton, vai a casa dele quando, depois de um ano de amizade por carta, recebe sua surpreendente oferta de matrimônio. Eloise está disposta a acabar com seu celibato, mas seu sonhado pretendente não encaixa com a imagem do homem que a espera: não só é rude e introvertido, muito diferente dos cavalheiros londrinos com quem está acostumada, mas sim - algo que esqueceu de mencionar em suas cartas- tem duas crianças de oito anos que, desde a morte de sua mãe, converteram-se em autênticos diabos. Mas Eloise é uma Bridgerton, e não se rende facilmente: não se criou com sete irmãos para deixar-se vencer agora por dois pequenos malcriados. Phillip, por sua parte, somente queria uma esposa e uma mãe para seus filhos, mas a aparição de Eloise lhe promete muito mais: um futuro cheio de paixão e emoções... e o final da vida tranqüila e sossegada que, até recentemente, confundia com a felicidade.

Nota da Revisora Edith:

Esta escritora tem um jeito muito bem-humorado de escrever e há cenas engraçadas. Mas é uma historia delicada também. Apaixonei-me pelo mocinho.

É do tipo que gosto. E ele fica muito bom com a influência da mocinha, que sabe das coisas.

Nota do Revisor Matias Jr:

Uma história familiar... Nada de vilões a espreita.

Um drama muito bem desenvolvido e uns personagens cativantes...

Com bom humor nos momentos adequados e alguma sensualidade a condizer...

Gostei muito e recomendo.

Prólogo

Fevereiro, 1823

Gloucestershire, Inglaterra

Foi muito irônico que acontecesse, precisamente, num dia tão ensolarado.

O primeiro dia ensolarado em... o que, seis semanas seguidas de céus nublados acompanhados da ocasional neve ou chuva? Até Phillip, que se achava imune às inclemências do tempo, animou-se e mostrou um sorriso mais amplo. Tinha saído fora... Tinha que fazê-lo. Era impossível ficar dentro de casa ante aquela magnífica explosão de sol.

E, sobre tudo, em meio daquele inverno tão cinza. Inclusive agora, um mês depois do acontecido, ainda não conseguia acreditar que o sol zombara dele daquela maneira.

Mas como tinha podido estar tão cego para não vê-lo vir? Tinha vivido com Marina desde o dia que se casaram. E tinha tido oito longos anos para conhecê-la. Deveria ter esperado. E, em realidade...

Bom, em realidade, esperava isso. Embora nunca tivesse querido admitir.

Ou talvez só queria enganar-se, ou inclusive proteger-se. Ou ignorar o acontecimento claro com a esperança de que, se não pensasse, nunca aconteceria.

Mas aconteceu. E, por cima, em um dia ensolarado. Definitivamente, Deus tinha um senso de humor muito particular.

Olhou o copo de uísque que tinha nas mãos e que, inexplicavelmente, estava vazio. Devia tê-lo bebido, embora não recordasse. Não notava que estivesse bêbado, ao menos não como deveria ou como queria estar.

Olhou pela janela e viu como o sol ia se pondo no horizonte. Hoje também tinha sido um dia ensolarado. E, possivelmente, aquela era a razão de sua excepcional melancolia.

No mínimo, isso esperava. Queria uma explicação, necessitava-a, para justificar esse cansaço que parecia estar tomando conta dele.

A melancolia o aterrava.

Mais que qualquer outra coisa. Mais que o fogo, a guerra, mais que o próprio inferno. A ideia de afundar-se na tristeza, de ser como ela... A Marina tinha sido a melancolia personificada. Toda sua vida ou, ao menos, a vida que ele tinha conhecido, tinha estado rodeada de melancolia. Não recordava o som de sua risada e, de fato, não estava seguro de se alguma vez tinha rido.

Tinha sido um dia ensolarado e... Fechou os olhos, embora não soubesse se era para procurar essa lembrança ou para dissipá-la.

Tinha sido um dia ensolarado e...

- Nunca acreditou que voltaria a sentir essa calidez na pele, não é, sir Phillip?

Phillip Crane se virou para o sol e fechou os olhos enquanto o sol lhe banhava a pele.

- É perfeito - murmurou. - Ou o seria, se não fizesse tanto frio.

Miles Carter, seu secretário, estalou a língua.

- Não faz tanto frio. Este ano, o lago não congelou. Só algumas camadas isoladas.

A contra gosto, Phillip se afastou do sol e abriu os olhos.

- Mas ainda não é primavera.

- Se achava que era primavera, senhor, talvez devesse ter consultado o calendário.

Phillip o olhou de esguelha.

- Pago-o para que me diga essas rabugices?

- Sim, senhor. E devo acrescentar que é bastante generoso. Phillip sorriu para si mesmo enquanto os dois paravam uns segundos para desfrutar dos raios do astro rei.

- Achava que o céu cinza não lhe importava - disse Miles, quando voltaram a se pôr em marcha a caminho da estufa de Phillip.

- Não me importa - respondeu Phillip, deslocando-se com as ágeis passadas de um atleta natural. - Mas o fato de que o céu mublado não me importe não significa que não prefira o sol - fez uma pausa, ficando uns segundos pensativo. - Diga à babá Millsby que tire os meninos hoje. Necessitarão casacos, cachecóis e luvas, mas será bom que tomem sol no rosto. Estão muito tempo encerrados.

- Como todos - murmurou Miles.

Phillip estalou a língua.

- É verdade.

Olhou para a estufa. Deveria ir olhar a correspondência, mas tinha que classificar umas sementes e, sinceramente, não aconteceria nada se fosse arrumar os assuntos da casa com Miles dentro de uma hora.

- Venha - disse a Miles. - vá procurar à babá Millsby. Reuniremo-nos no escritório mais tarde. Além disso, odeia a estufa.

- Nesta época do ano, não - respondeu Miles. - O calor se agradece.

Phillip arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça para o Romney Hall.

- Está insinuando que minha casa senhoril é fria?

- Todas as casas senhoris são frias.

- Isso é verdade - disse Phillip, sorrindo.

Gostava muito de Miles. Tinha-o contratado fazia seis meses para que lhe ajudasse com as montanhas de papelada e os detalhes da gestão da pequena propriedade, que parecia se criar em cima de sua mesa. Era bastante bom. Jovem, mas bom. Além disso, seu senso de humor ácido era mais que bem-vindo em uma casa onde as risadas brilhavam por sua ausência. Os criados nunca se atreveriam a brincar com o Phillip e Marina... Bom, evitava dizer que Marina não ria nem brincava com ninguém.

Às vezes, Phillip ria com os meninos, mas isso era outra classe de humor e, além disso, quase nunca sabia o que lhes dizer. Tentava-o mas se sentia muito estranho, muito grande, muito forte, se é que isso era possível. E em seguida os tirava de seu lado e os enviava à babá.

Assim era mais fácil.

- Venha, vamos - disse Phillip, enviando a Miles a fazer o que, possivelmente, deveria fazer ele. Hoje ainda não tinha visto seus filhos e supunha que deveria fazê-lo, mas não queria lhes arruinar o dia com algum comentário cruel que, pelo visto, não podia evitar.

Se reuniria com eles enquanto estivessem de passeio com a babá Millsby. Isso seria uma boa idéia porque poderia lhes mostrar alguma planta e lhes falar dela e, assim, tudo seria mais fácil.

Phillip entrou na estufa e fechou a porta, respirando o agradável ar úmido. Tinha estudado botânica em Cambridge, sendo o primeiro de sua turma e, em realidade, teria dirigido sua vida para o ensino se seu irmão mais velho não tivesse morrido na batalha do Waterloo, deixando a ele como único herdeiro das terras e cavalheiro rural.

Às vezes inclusive pensava que a vida acadêmica teria sido pior. Depois de tudo, teria sido o único herdeiro das terras e cavalheiro urbano. Ao menos, agora podia seguir dedicando-se à botânica com relativa tranqüilidade.

Inclinou-se sobre a mesa de trabalho e examinou seu último projeto: uma variedade de ervilhas que estava tentando cultivar para que crescessem maiores na vagem.

Embora, por agora, nada. A última vage não só murchou, mas também se tornou amarela, o que não era, absolutamente, o resultado desejado.

Franziu o cenho, mas logo, enquanto caminhava para o fundo da estufa para ir procurar mais ervilhas, sorriu. Se seus experimentos não davam resultado, nunca se preocupava muito.

Em sua opinião, a casualidade era a mãe da invenção.

Acidentes. Tudo se reduzia a acidentes. Nenhum cientista o admitiria, é claro, mas quase todos os grandes inventos da história se produziram enquanto o cientista estava tentando solucionar outro

problema totalmente distinto.

Estalou a língua enquanto atirava as ervilhas murchas ao lixo. A este ritmo, no fim de ano teria encontrado a cura para a gota.

"Volta para o trabalho. Volta para o trabalho." inclinou-se sobre a coleção de sementes e as espalhou na mesa para poder vê-las bem. Necessitava da semente perfeita para...

Levantou a cabeça e olhou pelo vidro recém lavado. Chamou-lhe a atenção um movimento no bosque. Viu um brilho vermelho.

Vermelho. Phillip sorriu e meneou a cabeça. Devia ser Marina. O vermelho era sua cor preferida, embora sempre tinha estranhado muito. Qualquer um que a conhecesse pensaria que preferiria cores mais escuras e sérias.

Viu-a desaparecer pelo bosquezinho e voltou ao trabalho. Era muito estranho que tivesse saído para dar um passeio. Ultimamente, mal saía de seu quarto.

Phillip se alegrava de que o tivesse feito. Talvez, o passeio a animasse. Não de tudo, claro. Nem sequer o sol tinha a capacidade de fazê-lo.

Mas, talvez, um quente e ensolarado dia bastaria para alegrá-la um pouco e conseguisse fazê-la sorrir.

Só Deus sabe que aos meninos iria como pérola. Iam vê-los toda noite, em seu quarto, mas aquilo não era suficiente.

E Phillip era consciente de que ele não lhes estava compensando aquela perda.

Suspirou, sentindo-se culpado. Sabia que não era o tipo de pai que necessitavam. Tentava dizer-se que fazia o melhor que sabia, que estava fazendo bem o único que se tinha proposto: não ser como seu pai.

Mas, ainda assim, sabia que não era suficiente.

Com movimentos decididos, afastou-se da mesa de trabalho. As sementes podiam esperar. Possivelmente, seus filhos também, mas isso não queria dizer que devessem fazê-lo.

Além disso, esse passeio pelo bosque deveriam fazer com ele, e não com a babá Millsby, que não sabia distinguir entre as árvores caducifolios e as coníferas e, certamente, diria-lhes que uma rosa era uma margarida e...

Voltou a olhar pela janela, recordando-se que era fevereiro. Certamente, a babá Millsby não encontraria nenhuma flor no bosque com o tempo que tinha feito e, além disso, isso não era desculpa. Era ele quem devia levá-los em passeio. Era uma dessas atividades que faziam os meninos

na qual se davam verdadeiramente bem e não devia evitar a responsabilidade.

Saiu da estufa e, quando mal tinha percorrido um terço do caminho até a casa, deteve-se. Se ia

acompanhar aos meninos, deveria levá-los para ver sua mãe. Sentiam pouca falrta dela apesar de que, quando estavam com ela, só lhes acariciasse a cabeça. Sim, tinha que encontrar a Marina.

Aquilo seria muito melhor que um passeio pelo bosque.

Mas sabia, por experiência, que não devia confiar-se nela. O fato de que tivesse saído de casa não queria dizer que se encontrasse bem. E odiava que os meninos a vissem em plena crise.

Deu a volta e se dirigiu para o bosquezinho por onde tinha desaparecido sua mulher fazia tão somente uns instantes. Caminhava o dobro mais rápido que ela, assim não demoraria muito em encontrá-la e assegurar-se que estava de bom humor. Depois, poderia chegar ao quarto dos meninos antes que estivessem preparados para sair com a babá Millsby.

Caminhou pelo bosque, seguindo os rastros de Marina. O chão estava brando, pela umidade, e sua mulher devia levar botas pesadas porque a sola e o salto estavam perfeitamente definidos. Levaram-no pelo caminho e para o outro lado do bosquezinho, e logo por um caminho coberto de erva.

- Maldita seja! - sussurrou Phillip, embora a brisa quase lhe impediu de escutar suas próprias palavras.

Era impossível seguir os rastros pela erva. colocou uma mão a modo de viseira, para proteger os olhos do sol, e procurou algum brilho vermelho.

Não viu nada perto da casa abandonada, nem em seu campo de plantas experimentais, nem na rocha em que tantas vezes se encarapitou quando pequeno. virou-se para o norte, forçando a vista até que a localizou. Ia para o lago.

O lago.

Phillip separou os lábios enquanto a olhava avançar lentamente para a margem. Não tinha ficado gelado; era mais como se, enquanto digeria aquela imagem, tivessem detido o tempo. Marina nunca nadava. De fato, não sabia nem se sabia fazê-lo. Supunha que ela saberia que havia um lago na propriedade, mas, sinceramente, naqueles oito anos de matrimônio nunca a tinha visto descer ali.

Começou a caminhar, temendo-o que sua mente se negava a aceitar. Quando a viu entrar na parte pouco profunda, acelerou o passo, embora ainda estivesse muito longe para poder fazer algo; só podia gritar seu nome.

E o fez, mas se ela o escutou, não deu nenhum sinal; só seguiu avançando com passo firme para as profundidades do lago.

- Marina! - gritou ele, pondo-se a correr. Embora voasse, ainda demoraria um minuto em chegar à água. - Marina!

Ela chegou a um ponto em que seus pés perderam contato com o fundo e se afundou,

desapareceu debaixo da superfície cinza brilhante, embora a capa vermelha flutuasse uns instantes em cima da água antes de empapar-se e afundar-se.

Phillip a chamou outra vez, mas era impossível que o escutasse.

Baixou a ribanceira tropeçando e escorregando e, quando chegou à margem , teve o suficiente aprumo para tirar o casaco e as botas antes de meter-se naquela água congelada.

Marina estava aí embaixo pouco mais de um minuto; Phillip sabia que era impossível que se afogasse, mas cada segundo que demorasse a encontrá-la seria um segundo menos antes da morte de sua mulher.

Colocaram-se no lago muitas vezes e sabia perfeitamente onde começava a ser profundo. Nadou com braçadas amplas até esse ponto crítico sem dar-se conta da resistência da roupa à água.

Sabia que podia encontrá-la. Tinha que encontrá-la.

Antes que fosse muito tarde.

Mergulhou na água, procurando Marina debaixo das águas revoltas.

Com certeza tinha chegado ao fundo e tinha levantado barro, porque a água estava suja e aquelas opacas nuvens de sujeira lhe impediam de ver com clareza.

Mas, no final, salvou Marina sua predileção pela cor vermelha. Quando Phillip localizou a capa, nadou para ali a toda velocidade. Ela não resistiu quando a subiu para a superfície; de fato, estava inconsciente e só era um peso morto em seus braços.

Quando saíram, Phillip teve que encher várias vezes os pulmões, que lhe doíam muito. Durante uns instantes, só pôde concentrar-se em respirar porque o corpo lhe dizia que, antes de poder salvar alguém, tinha que recuperar-se. Então, levou-a até a borda, com cuidado de lhe manter a cabeça fora da água, embora parecesse que não respirava.

Ao final, quando chegaram à margem, Phillip a deixou em cima da zona coberta de terra e pedras que separava o lago e a erva. Com movimentos rápidos, tentou comprovar se respirava, mas não lhe saía nada de ar da boca.

Não sabia o que fazer, jamais tinha imaginado que teria que salvar a alguém a ponto de afogar-se, de modo que fez o que lhe pareceu de maior bom senso: colocou-a em cima de seus joelhos, para baixo, e lhe deu uns tapinhas nas costas. A princípio, não aconteceu nada mas, depois da quarta sacudida, Marina tossiu e cuspiu um pouco de água suja.

Phillip a viriou em seguida.

- Marina? - perguntou, nervoso e lhe dando umas suaves bofetadas. - Marina?

Ela voltou a tossir e começou a tremer e a sofrer pequenos espasmos. E então começou a respirar porque, embora a mente queria outra coisa, os pulmões a obrigaram a viver.

- Marina - disse Phillip, aliviado. - Graças a Deus. - Não a amava, nunca a tinha amado, mas era sua mulher, a mãe de seus filhos e, debaixo dessa couraça de pena e desespero, era uma boa pessoa. Pode ser que não a amasse, mas tampouco desejava sua morte.

Marina piscou, um pouco perdida, até que pouco a pouco se foi dando conta de onde estava e de com quem estava e suspirou:

- Não.

- Tenho que levá-la para casa - disse ele, muito seco, inclusive surpreso da raiva que lhe tinha provocado essa palavra.

"Não."

Como se atrevia a recusar sua ajuda? Acaso ia render se por estar triste? Podia mais a melancolia que seus dois filhos? Na balança da vida, um mau dia pesava mais que o muito que os meninos necessitavam e sua mãe?

- Vamos para casa - grunhiu ele, levantando a de maneira bastante brusca. Agora estava respirando bem e, obviamente, voltava a estar em perfeito uso de suas faculdades, por alteradas que estivessem. Não havia razão para tratá-la como a uma flor delicada.

- Não - disse ela, entre soluços. - Por favor, não. Não quero... Não posso...

- Venha para casa comigo - disse ele, com firmeza, subindo a colina, fazendo caso omisso do frio que lhe estava convertendo a roupa molhada em gelo e do duro chão cheio de pedras onde pisava com os pés descalços.

- Não posso - sussurrou ela, com o que pareciam suas últimas forças.

E, enquanto Phillip a levava para casa, só podia pensar em como eram acertadas essas palavras.

"Não posso."

De certo modo, pareciam o resumo perfeito da vida de Marina.

Ao cair a noite, todos tiveram muito claro que a febre conseguiria o que o lago não tinha podido.

Phillip tinha levado a Marina a casa o mais rápido possível e, com a ajuda da governanta, a senhora Hurley, tinha tirado sua roupa empapada e tinham tentado esquentar envolvendo-a no edredom de ganso que, oito anos antes, tinha sido a peça central de seu enxoval.

- O que se passou? - perguntou a senhora Hurley quando o viu entrar pela porta da cozinha. Tinha preferido evitar a entrada principal, para evitar que os meninos os vissem e, além disso, a porta da cozinha estava mais perto do caminho.

- Caiu no lago - respondeu ele, com brusquidão.

A senhora Hurley o olhou com receio e, ao mesmo tempo, com pena e, nesse momento, Phillip se deu conta que a mulher sabia perfeitamente o que tinha acontecido. Estava naquela casa desde que os Crane se casaram, tempo suficiente para conhecer as crises de Marina.

Depois de colocar Marina na cama, tinha mandado ele embora do quarto e lhe havia dito que fosse se trocar se não queria adoecer ele também. Entretanto, imediatamente depois havia tornado ao lado de sua mulher. Como marido, e embora se sentisse culpado por pensá-lo, era o lugar que lhe correspondia, um lugar que tinha estado evitando esses últimos anos.

Estar ao lado de Marina era deprimente. Era muito difícil.

Mas agora não era o momento de evitar suas responsabilidades, assim ficou junto a sua cama todo o dia e toda a noite. Secava-lhe o suor da testa de vez em quando e, quando estava mais tranqüila, tentava fazê-la engolir um pouco de caldo morno.

Disse-lhe que lutasse, embora sabia perfeitamente que não o escutava.

Ao cabo de três dias, morreu.

Era o que ela queria, mas aquilo não serviu de nada quando Phillip teve que sentar-se diante de seus filhos, um casal de gêmeos que acabavam de fazer sete anos, para tentar lhes explicar que sua mãe se fora. sentou-se com eles na sala de jogos, embora fosse muito grande para essas cadeiras de crianças . Mas, de qualquer modo, encolheu-se como pôde, encaixou-se em uma delas e se obrigou a olhar a seus filhos nos olhos enquanto falava da melhor maneira possível.

Não disseram muito, algo surpreendente neles. Embora não parecessem muito surpreendidos, e isso deixou muito intrigado ao Phillip.

- O... Sinto muito - conseguiu dizer, ao final de seu discurso. Queria-os muito e lhes tinha falhado muitas vezes.

Se mal sabia como agir como pai, como demônios se supunha que devia assumir também o papel de mãe?

- Não é tua culpa - disse Oliver, cravando seus olhos castanhos nos de seu pai. - Foi ela que caiu no lago, não? Você não a puxou.

Phillip assentiu, porque não sabia muito bem como responder.

- É feliz, agora? - perguntou Amanda, devagar.

- Acredito que sim - disse Phillip. - Agora estará vendo-os a todas as horas do céu, assim deve ser muito feliz.

Os gêmeos ficaram pensando naquelas palavras uns segundos.

- Tomara seja feliz - disse Oliver, ao final, com uma voz mais decidida que seu rosto.

- Talvez, ali já não chorará.

Phillip sentiu um nó na garganta. Nunca se tinha dado conta de que as crianças podiam ouvir como sua mãe chorava. Costumava fazer isso bastante tarde e, embora o quarto das crianças estivesse bem em cima do seu, Phillip sempre tinha suposto que, quando ela chorava, eles já deviam estar adormecidos.

Amanda assentiu com aquela pequena cabeça coberta de mechas loiras.

- Se agora for feliz - disse, - me alegro de que se foi.

- Não se foi - interveio Oliver. - Morreu.

- Não, foi-se - insistiu Amanda.

- É o mesmo - disse Phillip, com firmeza, desejando poder lhes dizer outra coisa que não

fosse a verdade. - Mas acredito que agora é feliz.

E, de certo modo, aquela também era a verdade. Depois de tudo, era o que Marina queria.

Talvez fosse a única coisa que tinha querido todos esses anos.

As crianças ficaram em silêncio um bom tempo, sentadas na beira da cama do Oliver, observando o balanço de suas pernas. Ali, sentadas naquela cama que, obviamente, era muito alta para eles, pareciam muito pequenas. Phillip franziu o cenho. Como é que não se dera conta até agora? Não deveriam dormir em camas mais baixas? E se caíam de noite?

Talvez já fossem muito grandes para isso. Talvez já não caíam da cama.

Talvez nunca o tinham feito. Talvez fosse um pai abominável. Talvez devesse saber todas essas coisas.

Talvez... Talvez... Fechou os olhos e suspirou. Talvez devesse deixar de pensar tanto e tentar fazer o melhor que pudesse e ser feliz com isso.

- Você também irá? - perguntou Amanda, levantando a cabeça.

Phillip a olhou nos olhos, uns olhos tão azuis, tão iguais aos de sua mãe.

- Não - disse, em um doloroso suspiro, ajoelhando-se frente a ela e tomando as mãos. Em cima da sua pareciam tão pequenas e frágeis. - Não - repetiu.

- Eu não irei. Nunca irei...

Phillip baixou a cabeça e olhou o copo de uísque. Voltava a estar vazio. Era engraçado omo continuava esvaziando inclusive depois de tê-lo enchido quatro vezes.

Odiava as lembranças. Não sabia qual era pior, se o mergulho nas águas geladas do lago ou quando a senhora Hurley o tinha olhado e dissera: "Está morta".

Ou possivelmente os meninos, com essas expressões de pena e os olhos cheios de medo. Aproximou o copo da boca, bebendo as últimas gotas de licor. Sim, a pior parte era sobre as crianças. Havia-lhes dito que jamais os deixaria e não o tinha feito, nem o faria, mas sua mera presença não

era suficiente. Necessitavam de mais. Necessitavam de alguém que soubesse se fazer de mãe ou de pai, que soubesse falar com eles, entendê-los e educá-los.

E, como não podia lhes buscar outro pai, supôs que deveria lhes buscar outra mãe. Embora ainda fosse muito cedo, claro. Não podia voltar a casar-se até que tivesse passado o período de luto, mas isso não significava que não pudesse começar a procurar.

Suspirou e se afundou na poltrona. Necessitava de uma esposa. Qualquer. Não lhe importava que aspecto tivesse. Tampouco lhe importava que tivesse dinheiro, que soubesse somar mentalmente, que falasse francês ou que montasse a cavalo.

Só tinha que ser uma pessoa alegre.

Era pedir muito para uma esposa? Um sorriso, ao menos uma vez ao dia. Inclusive, quem sabe, escutar o som de sua risada?

E tinha que querer aos meninos. Ou, no mínimo, fazê-lo ver de maneira tão convincente que eles não se dessem conta.

Não estava pedindo o impossível, não?

- Sir Phillip?

Phillip levantou a cabeça, amaldiçoando-se por ter deixado a porta do estúdio entreaberta.

Miles Carter, o secretário, aparecia na porta.

- O que quer?

- Chegou uma carta, senhor - disse Miles, aproximando-se do Phillip para lhe dar o envelope. - De Londres.

Phillip olhou o envelope, arqueando as sobrancelhas ante a letra claramente feminina. Com um movimento de cabeça, deu-lhe a entender a Miles que podia retirar-se, agarrou o abridor de cartas e rompeu o lacre. Havia uma única folha de papel. Phillip a acariciou. De boa qualidade. Caro. E grosso, um sinal de que o remetente não tinha necessidade de economizar em gastos de franquia.

Virou-a e leu:

5, Bruton Street

Londres

Senhor Phillip Crane:

Escrevo para lhe expressar minhas condolências pela perda de sua esposa, minha querida prima Marina. Embora tenham passado muitos anos desde a última vez que a vi, guardo uma grande lembrança dela e me entristeceu muito a notícia de seu falecimento.

Por favor, não duvide em me escrever se puder fazer algo para aliviar sua dor nestes difíceis momentos.

Sinceramente,
Senhorita Eloise Bridgerton

Phillip se esfregou os olhos. Bridgerton... Bridgerton. Marina tinha primos chamados Bridgerton? Devia os ter, porque uma pessoa lhe tinha escrito uma nota.

Suspirou e se surpreendeu a si mesmo agarrando a pena e uma folha de papel.

Desde a morte de Marina, tinha recebido muito poucas cartas de condolências.

Ao que parecia, a maioria de sua família e amigos se esqueceram dela desde seu matrimônio. Não deveria estar aborrecido, nem preocupado. Mal saía de sua habitação, assim era fácil esquecer-se de alguém a quem nunca se via.

A senhorita Bridgerton merecia uma resposta. Era uma amostra de educação e, mesmo se não o fosse, e Phillip estava certo de que não conhecia o protocolo a seguir quando alguém ficava viúvo, parecia o mais correto, assim, respirando fundo, começou a escrever.

Capítulo 1.

Maio, 1824
Em algum ponto entre Londres e Gloucestershire
Em meio da noite

Querida senhorita Bridgerton:

Muito obrigado por sua amável carta depois da perda de minha mulher. foi muito considerada ao escrever a um cavalheiro a quem nem sequer conhece.

Como amostra de meu agradecimento, ofereço-lhe esta flor imprensada. Só é uma cariofilácea silvestre vermelha (Silene dioica), mas ilumina os campos do Gloucestershire e,

de fato, este ano parece que chegou com antecipação.

Era a flor preferida de Marina.

Sinceramente,
Sir Phillip Crane

Eloise Bridgerton alisou aquela carta tão culta em seu regaço. Mal havia luz para ler, a pesar do brilho da lua cheia que entrava pela janela da carruagem, mas não importava. Sabia de cor e a delicada flor que, de fato era mais rosa que vermelha, estava cuidadosamente colocada entre duas folhas de um livro que tinha pego da biblioteca de seu irmão.

Não lhe tinha surpreendido absolutamente a resposta de sir Phillip. Assim o ditavam as boas maneiras, embora mesmo sua mãe, a máxima instituição no relativo às boas maneiras, dizia que Eloise tomava sua correspondência muito a sério.

Era habitual que as damas da classe social de Eloise passassem várias horas na semana escrevendo cartas, mas Eloise já fazia muito que tinha adquirido o hábito de fazê-lo, mas todo dia. adorava escrever cartas, sobretudo às pessoas a quem fazia muito que não via (sempre tinha gostado de imaginar sua surpresa quando abrissem o envelope), assim ia ao papel e à pluma por motivo de qualquer ocasião, fossem nascimentos, mortes ou qualquer outra data assinalada que requeresse uma felicitação ou uma condolência.

Não sabia por que continuava enviando cartas, só sabia que passava muito tempo escrevendo cartas a qualquer de seus irmãos que não estivessem em Londres nesse momento e, uma vez na

escrivaninha, não se importava escrever uma pequena nota a algum parente longínquo.

E apesar de que todo mundo lhe enviasse uma pequena nota em resposta, porque era uma Bridgerton, claro, e ninguém queria ofender a uma Bridgerton, nunca ninguém lhe tinha enviado um presente, embora fosse algo tão simples como uma flor imprensada.

Eloise fechou os olhos e recordou as delicadas pétalas rosa. Era difícil imaginar-se a um homem cortando e cuidando uma flor tão delicada. Seus quatro irmãos eram homens altos e fortes, de ombros largos e mãos grandes e, certamente, a teriam destroçado em um abrir e fechar de olhos.

A resposta de sir Phillip a tinha deixado muito intrigada, sobre tudo pelo uso do latim, e imediatamente lhe tinha respondido.

Querido sir Phillip:

Muitíssimo obrigada pela preciosa flor imprensada. Quando apareceu suas belas pétalas pelo envelope foi uma surpresa encantadora. E também uma perfeita lembrança para
minha querida Marina.

Entretanto, não pude evitar me fixar em sua habilidade com a nomenclatura em latim da flor. É botânico?

Afetuosamente,
Senhorita Eloise Bridgerton

Acabar a carta com uma pergunta não tinha sido casualidade. Agora o pobre teria que lhe responder.

E não a decepcionou. Ao cabo de dez dias, Eloise recebeu sua resposta.

Querida senhorita Bridgerton:

Em realidade, sim. Sou botânico. Estudei em Cambridge, embora na atualidade não estou em contato com a universidade nem com nenhum grupo de cientistas. Realizo meus próprios experimentos aqui, no Romney Hall, em minha própria estufa.

A você também interessa a ciência?

Afetuosamente,
Sir Phillip Crane

Havia algo emocionante nas cartas; possivelmente era descobrir que alguém que não a conhecia parecia mais que disposto a manter um diálogo escrito com ela. Fosse o que fosse, Eloise lhe respondeu imediatamente.

Querido sir Phillip:

Céu santo, não. Não estou absolutamente relacionada com a ciência, embora me dê muito bem com matemática. Interessam-me mais as humanidades; deu-se conta que eu adoro manter contato por correspondência.

Sua amiga,
Eloise Bridgerton

Tinha duvidado um pouco na hora de fechar a carta com aquela assinatura informal, mas ao final decidiu lançar-se. Estava claro que sir Phillip estava desfrutando da correspondência tanto como ela porque, se não, não teria terminado a nota com uma pergunta, não é?

Sua resposta chegou depois de duas semanas.

Minha querida senhorita Bridgerton:

Sim, se converteu em uma amizade, não acha? Confesso-lhe que, aqui no campo, estou um pouco só e, se a gente não pode ter um rosto sorridente em frente quando desce para tomar o café da manhã, ao menos fica uma amistosa carta, não está de acordo?

Envio outra flor, um Geranium Pratense.

Saudações cordiais,
Phillip Crane

Eloise recordava perfeitamente esse dia. Estava na cadeira que se achava junto à janela de seu quarto e ficou olhando a flor imprensada uma eternidade. Estava tentando cortejá-la? Por carta?

E então, um dia, recebeu uma carta um pouco diferente das demais.

Minha querida senhorita Bridgerton:

Já estamos a um tempo mantendo correspondência e, embora não nos apresentamos formalmente, sinto que a conheço. E espero que você sinta o mesmo.

Rogo desculpe meu atrevimento, mas lhe escrevo para convidá-la a me visitar, aqui no Romney Hall. Espero que, depois de um tempo prudencial, possamos nos adaptar bem o um ao outro e aceite ser minha esposa.

É claro, quando chegar terá uma dama de companhia. Começarei a arrumar tudo para que a tia de minha falecida mulher se instale no Romney Hall uma temporada.

Espero que considere minha proposta.

Seu, como sempre,

Phillip Crane

Quando acabou de lê-la, guardou-a em uma gaveta imediatamente, sem entender o que lhe pedia. Pretendia casar-se com alguém a quem nem sequer conhecia?

Não, bom, isso não era de todo certo. conheciam-se. haviam-se dito mais coisas por carta em um ano do que muitos casais conversavam ao longo de sua vida em comum.

Mas, ainda assim, não se tinham visto nunca.

Eloise pensou em todas as propostas de matrimônio que tinha recusado ao longo dos anos. Quantas tinham sido? No mínimo, seis. E agora nem sequer recordava por que o tinha feito. Em realidade, por nada, só que não eram...

Perfeitos.

Era muito pedir?

Meneou a cabeça, porque sabia que parecia uma menina tola e mimada. Não, não necessitava alguém perfeito. Só necessitava alguém perfeito para ela.

Sabia o que pensavam dela as senhoras da alta sociedade. Diziam que era muito exigente, que era pior que ser estúpida. Acabaria sendo uma solteirona... Não, isso já não o diziam. Diziam que já o era, e era certo. Era impossível chegar aos vinte e oito anos sem escutar esses comentários a suas costas.

Ou em seu próprio rosto.

Entretanto, a verdade era que Eloise não se incomodava absolutamente com sua situação. Ou, ao menos, não lhe tinha incomodado até agora.

Jamais lhe tinha ocorrido que seria uma solteirona toda a vida e, além disso, adorava sua vida. Tinha a família mais maravilhosa que podia imaginar; eram oito irmãos, cujos nomes seguiam a ordem alfabética, colocando-a a ela no meio, com quatro irmãos mais velhos e três irmãos menores. Sua mãe era um encanto e já tinha deixado de insistir sobre o casamento.

Eloise continuava desfrutando de um lugar proeminente na sociedade; todo mundo adorava e respeitava aos Bridgerton, inclusive às vezes os temiam, e ela tinha uma personalidade tão alegre e indomável que, solteirona ou não, todo mundo queria tê-la como companhia.

Mas, ultimamente...

Suspirou, sentindo-se de repente muito mais velha. Ultimamente não tinha estado tão alegre. Ultimamente tinha começado a pensar que possivelmente essas senhoras da alta sociedade tinham razão e que nunca encontraria marido. Talvez tivesse sido muito suscetível, muito decidida a seguir o exemplo de seus irmãos mais velhos, que tinham encontrado um profundo e apaixonado amor junto a seus maridos e mulheres (embora nem tudo tinha sido um caminho de rosas desde o começo para eles).

Talvez fosse melhor casar-se por respeito mútuo e companhia que ficar solteira para sempre.

Mas era complicado encontrar a alguém com quem falar destes sentimentos. Sua mãe passou tantos anos insistindo em que se casasse que agora, por muito que Eloise a adorasse, seria muito difícil voltar com o rabo entre as pernas e lhe confessar que deveria ter feito conta. Seus irmãos não a teriam podido ajudar em nada.

Anthony, o mais velho, certamente teria assumido a tarefa de encontrar um marido decente a sua irmã e logo o teria intimidado o resto de sua vida.

Benedict era um sonhador e, além disso, já quase nunca vinha a Londres porque preferia a tranqüilidade do campo. E quanto ao Colin... Bom, Colin era outra história totalmente diferente que necessitaria seu próprio parágrafo.

Supôs que poderia falar com Daphne, mas cada vez que ia vê-la, sua irmã mais velha estava condenadamente feliz e perdidamente apaixonada por seu marido e de sua vida como mãe de quatro filhos. Como poderia alguém como ela dar conselhos a alguém na situação de Eloise? E Francesca, na Escócia, parecia que estava na outra ponta do mundo. Além disso, Eloise não queria incomodá-la com suas tolices. Francesca tinha enviuvado aos vinte e três anos, pelo amor de Deus. Os temores e as preocupações de Eloise empalideciam comparados com os de sua irmã mais nova.

E possivelmente por tudo isto a correspondência com sir Phillip se converteu em um prazer vergonhoso. Os Bridgerton eram uma família muito numerosa, ruidosa e buliçosa.

Era quase impossível guardar segredos, sobretudo sem que suas irmãs se inteirassem. A pior

era Hyacinth, a caçula, que se sua Majestade a rainha a tivesse contratado como espiã, certamente teria ganho a guerra contra Napoleão na metade do tempo.

De certo modo, sir Phillip era só seu. A única coisa que jamais se viu obrigada a compartilhar com ninguém. Guardava as cartas envoltas e atadas com uma fita cor violeta no fundo da gaveta do meio de sua escrivaninha, debaixo de todos os papéis que utilizava para escrever cartas.

Sir Phillip era seu segredo. Só seu.

E, como nunca o tinha visto, tinha imaginado-o como tinha querido e apoiando-se em suas cartas. Se alguma vez existia um homem perfeito, certamente seria o Phillip Crane de sua imaginação.

E agora queria que se conhecessem? Em pessoa? Tornou-se louco? E arruinar o que se supunha que tinha que ser o cortejo perfeito?

Embora seus olhos tivessem sido testemunhas do que parecia impossível. Penelope Featherington, sua melhor amiga desde há mais de dez anos, casara-se... Nada mais e nada menos que com o Colin. Seu próprio irmão!

Eloise não teria podido surpreender-se mais se, aquele dia, a lua tivesse caído do céu e tivesse ido parar ao jardim de sua casa. Alegrava-se muito por Penelope, de verdade. E por Colin. Certamente, eram as duas pessoas que mais queria no mundo, e adorava que tivessem encontrado a felicidade.

Ninguém a merecia mais que eles.

Mas isso não significava que seu matrimônio não tivesse deixado um enorme vazio na vida de Eloise.

Supunha que, quando se imaginava sua vida como solteirona e tentava convencer-se de que realmente era o que queria, Penelope sempre estava a seu lado, também solteirona.

Estar solteira aos vinte e oito anos era aceitável, inclusive atrevido, desde que Penelope estivesse solteira aos vinte e oito anos. Não é que não quisesse que sua amiga encontrasse marido mas, a verdade, parecia algo pouco provável. Eloise sabia que Penelope era maravilhosa, amável, inteligente e divertida, mas os homens casadouros pareciam não perceber. Em todos esses anos desde que se apresentara em sociedade, onze no total, Penelope não tinha recebido nenhuma proposta de matrimônio.

Nem sequer tinha despertado o mínimo interesse em ninguém.

De certo modo, Eloise contava que Penelope continuaria onde estava e sendo quem era: antes de tudo, sua amiga. Sua companheira de celibato.

E o pior, o que a fazia sentir-se culpada, era que jamais se expôs como se sentiria Penelope se fosse ela quem se casasse primeiro, uma possibilidade a que, sinceramente, sempre tinha dado mais

credibilidade.

Mas agora Penelope tinha Colin e Eloise sabia que faziam um casal perfeito. E ela estava sozinha. Só em meio de uma Londres a transbordar. Só em meio de uma família numerosa e muito carinhosa.

Era difícil imaginar um lugar mais solitário.

De repente, a atrevida proposição de sir Phillip, escondida debaixo do pacote, no fundo da gaveta e encerrada em uma caixa com fechadura que tinha comprado para evitar a tentação de lê-la seis vezes ao dia, parecia... bom, algo mais intrigante.

E foi mais durante o dia, quando Eloise estava cada vez mais inquieta e menos satisfeita com o tipo de vida que, tinha que admitir, ela mesma tinha escolhido. assim, um dia, depois de ir visitar Penelope e de que o mordomo lhe dissesse que não era um bom momento para que o senhor e a senhora Bridgerton recebessem visitas (em um tom que até Eloise soube o que queria dizer), tomou uma decisão. Tinha chegado o momento de agarrar as rédeas de sua vida, de decidir seu destino em lugar de ir a um baile após outro com a esperança de que o homem perfeito se materializasse ante ela, embora soubesse que em Londres, depois de uma década, não havia ninguém novo e que já tinha conhecido a todos os homens casadouros da cidade.

Disse-se que isso não queria dizer que tivesse que casar-se com sir Phillip; só estava investigando o que parecia uma extraordinária possibilidade.

Se não se adaptassem bem, não se casariam. De fato, não lhe tinha prometido nada.

Mas se Eloise se caracterizava por algo era pela rapidez com a que agia quando tomava uma decisão. "Não", disse-se em uma impressionante amostra de honra, ao menos para ela. Havia duas coisas que a caracterizavam: gostava de agir depressa e era muito tenaz. Uma vez, Penelope a descreveu como um cão quando encontra um osso, que não o solta por nada.

E era verdade.

Quando Eloise se propunha algo, nem sequer a força de toda a família Bridgerton podia detê-la. E os Bridgerton eram uma força assombrosa, todos juntos. Possivelmente, tinha sido uma sorte que seus objetivos e os de sua família nunca tivessem se chocado, ao menos, não em nada importante.

Sabia que nunca aceitariam que partisse para casa de um desconhecido. Certamente, Anthony teria querido que sir Phillip viajasse a Londres e conhecesse a família toda, e ao Eloise não ocorria pior cenário para espantar a um possível pretendente. Os homens que a tinham cortejado alguma vez, ao menos estavam familiarizados com o ritmo de vida londrino e sabiam onde se metiam; mas o pobre sir Phillip que, como ele mesmo tinha admitido em suas cartas, não tinha pisado em Londres desde seus dias de estudante e nunca tinha participado da temporada social, sentiria-se apanhado.

Assim a única opção que restava era viajar ao Gloucestershire e, depois de dar muitas voltas durante vários dias, decidiu que o melhor seria fazê-lo em segredo.

Se sua família soubesse de seus planos, poderiam proibi-la Eloise era uma dura competidora e, certamente, acabaria fazendo o que queria, mas só depois de uma longa batalha. Além disso, se no final a deixassem ir, embora fosse depois de uma prolongada discussão, insistiria em que a acompanhassem dois membros da família, no mínimo.

Eloise estremeceu. Certamente seriam sua mãe e Hyacinth.

Deus Santo, com essas duas ao redor era impossível apaixonar-se ou estabelecer uma relação amigável mas duradoura, algo que Eloise estava desejando fazer.

Decidiu que fugiria durante a festa de sua irmã Daphne. Seria um dos grandes acontecimentos da temporada; acudiriam centenas de convidados e haveria a quantidade de ruído e confusão necessária para que sua ausência passasse desapercebida durante umas seis horas, ou possivelmente mais. Sua mãe sempre insistia em que, quando a festa era em casa de alguém da família, tinham que chegar pontuais, ou com um pouco de antecipação, assim certamente chegariam a casa de Daphne antes das oito.

Se escapasse cedo e o baile se alongasse até altas horas da madrugada, não perceberiam de que fora até quase o amanhecer e, então, ela já poderia estar a meio caminho do Gloucestershire.

E, se não a meio caminho, suficientemente longe de Londres para que lhes custasse lhe seguir o rastro.

Ao final, tudo foi muito mais fácil do que tinha imaginado. Toda a família estava entretida por um anúncio que Colin disse que tinha que fazer, assim só teve que desculpar-se para ir ao toucador, sair pela porta detrás, caminhar a curta distância que a separava de sua casa, porque tinha deixado as malas escondidas no jardim, e dali só teve que caminhar até a esquina, onde tinha pedido que a esperasse uma carruagem.

Minha mãe! Se tivesse sabido que sair ao mundo sozinha seria tão fácil, o teria feito há anos.

E agora estava a caminho do Gloucestershire e supunha, ou esperava, não sabia muito bem como definir essa sensação, a caminho de seu destino, com algumas mudas e um montão de cartas que um homem que não conhecia lhe tinha escrito.

Um homem que esperava poder amar.

Era tão emocionante!

Não, era aterrador.

Refletiu um pouco e chegou à conclusão de que, possivelmente, era o mais estúpido que tinha feito em sua vida, e tinha que admitir que tinha feito umas quantas estupidezes.

Embora também podia ser sua única oportunidade para ser feliz.

Sorriu. Estava começando a deixar voar a imaginação, e aquilo era muito mau sinal. Tinha que enfocar aquela aventura com a praticidade e pragmatismo com que sempre tomava as decisões. Ainda estava a tempo de dar marcha atrás. Porque, em realidade, o que sabia desse homem? Durante um ano, havia-lhe dito muitas coisas...

Tinha trinta anos, dois mais que ela.

Tinha estudado botânica em Cambridge.

Tinha estado casado com Marina oito anos, o que significava que se casara com vinte e dois anos.

Tinha o cabelo escuro.

Tinha todos os dentes.

Era barão.

Vivia em Romney Hall, uma casa de pedra construída no século XVIII e que estava perto do Tetbury, no Gloucestershire.

Gostava de ler tratados científicos e poesia, embora não gostasse das novelas e muito menos obras de filosofia.

Gostava da chuva.

Sua cor preferida era o verde.

Nunca tinha saído da Inglaterra.

Não gostava de peixe.

Eloise soltou um risinho nervoso. Não gostava de peixe? Isso era tudo o que sabia dele?

- Uma base sólida para o matrimônio, sem dúvida - disse-se, em voz baixa, tentando passar por cima o pânico refletido em sua voz.

E o que sabia ele dela? O que o teria levado a propor matrimônio a uma perfeita desconhecida?

Tentou recordar o que tinha revelado em suas numerosas cartas.

Tinha vinte e oito anos.

Tinha o cabelo escuro, bom castanho, e todos os dentes.

Tinha os olhos cinzas.

Vinha de uma encantadora família numerosa.

Seu irmão era visconde.

Seu pai tinha morrido quando ela era uma menina, incompreensivelmente por causa de uma simples picada de abelha.

Tinha tendência a falar muito. (Deus Santo, de verdade o tinha incluído em alguma carta?)

Gostava de poesia e novelas, embora detestasse tratados científicos e livros de filosofia.

Tinha estado em Escócia, mas nada mais.

Sua cor preferida era o violeta.

Não gostava da carne de ovino e odiava o chouriço.

Soltou outro risinho nervoso. Visto assim, e deixando de lado o sarcasmo, parecia uma partida.

Olhou pela janela, como se isso pudesse lhe indicar a que altura da viagem entre Londres e Tetbury estavam.

Sempre via as mesmas colinas de cúpulas arredondadas e cobertas de erva e, em realidade, poderia estar no Gales e nem se inteiraria.

Com o cenho franzido, olhou o papel que tinha no regaço e dobrou a carta de sir Phillip. Colocou-a junto às demais, no pacote amarrado com fita violeta que levava na mala, e logo começou a brincar com os dedos em cima das coxas. Estava nervosa.

Tinha motivos para estar.

Partira de casa e tinha abandonado tudo o que conhecia.

Ia para a outra ponta do país e ninguém sabia.

Ninguém.

Nem sequer sir Phillip.

Com a pressa para partir de Londres, esqueceu-se de dizer-lhe Bom, não é que se esquecesse, é que... Simplesmente, tinha-o deixado para mais tarde até que era muito tarde.

Se o disesse, tinha que cumprir sua palavra. E assim, em troca, ainda podia voltar atrás em qualquer momento. Tentava convencer-se de que o tinha feito porque gostava de ter várias opções, mas, em realidade, era porque estava aterrada e tinha medo de não ter a coragem suficiente.

Além disso, a proposta de conhecerem-se tinha partido dele. alegraria-se de vê-la.

Não?

Phillip se levantou da cama e abriu as cortinas de seu quarto, descobrindo outro dia ensolarado e perfeito.

Genial.

Foi até o quarto de vestir para procurar algo que pôr, pois já fazia muito tempo que tinha se despedido dos criados que se encarregavam de fazê-lo. Não saberia explicar por que mas, desde a morte de Marina, não tinha querido que ninguém entrasse no quarto pra lhe abrir as cortinas e decidir que roupa devia vestir.

Inclusive tinha se despedido de Miles Carter que, depois da morte de Marina, fazia o impossível por converter-se em seu amigo. Mas, de certo modo, o jovem secretário só conseguia que se sentisse

pior e, portanto, tinha-o despedido, junto com o salário de seis meses e uma excelente carta de recomendação.

Durante os anos que esteve casado com Marina, sempre necessitou de alguém com quem falar, porque ela estava quase sempre encerrada em seu quarto. Mas, agora que estava morta, a única coisa que queria era sua própria companhia.

E, certamente, deve ter deixado claro em alguma das muitas cartas que tinha escrito à misteriosa Eloise Bridgerton, porque lhe tinha enviado não uma proposta de matrimônio, mas sim de uma relação que pudesse chegar a desembocar em casamento fazia um mês e o silêncio que tinha recebido por resposta resultou contundente, mas, tendo em conta que, normalmente, respondia a suas cartas com uma prontidão encantadora.

Franziu o cenho. Em realidade, a misteriosa Eloise Bridgerton não o era tanto. Pelas cartas, parecia uma pessoa bastante aberta e sincera e demonstrava uma predisposição otimista ante a vida que, pensando-o bem, era tudo o que ele procurava em uma possível esposa.

Pôs uma camisa de trabalho; tinha a intenção de passar o dia na estufa com terra até os cotovelos.

Tinha-o decepcionado um pouco o fato de que a senhorita Bridgerton tivesse decidido que era uma espécie de lunático com o que não queria ter nada que ver.

Tinha lhe parecido a solução perfeita a todos seus problemas. Necessitava desesperadamente de uma mãe para a Amanda e Oliver, mas como eram tão rebeldes, era lhe difícil imaginar que uma mulher aceitasse casar-se com ele voluntariamente e ficar, dessa forma, marrada a esses dois demônios por toda vida ou, ao menos, até que alcançassem a maioridade.

Entretanto, a senhorita Bridgerton tinha vinte e oito anos; uma solteirona em toda regra. E tinha estado escrevendo com um completo desconhecido durante um ano.

Com certeza devia estar muito desesperada. Não agradeceria a possibilidade de encontrar marido?

Oferecia-lhe um lar, uma fortuna considerável e, além disso, só tinha trinta anos. Que mais poderia desejar uma mulher?

Enquanto vestia as roídas calças de lã, balbuciou umas palavras, zangado. Obviamente, esta mulher queria algo mais porque, se não, teria tido a amabilidade de lhe responder e declinar seu convite.

"PUM!"

Phillip olhou ao teto e fez uma careta. Romney Hall era uma casa antiga e sólida, assim se podia escutar esses golpes no teto, é porque os meninos tinham caído, ou tinham atirado, algo realmente

volumoso.

"PUM!"

Estremeceu. O segundo golpe tinha sido inclusive pior que o primeiro. Mas, em qualquer caso, a babá estava com eles e sabia dirigir melhor que ele. Se pudesse pôr as botas em menos de um minuto, poderia estar fora da casa antes que continuassem com os destroços e, assim, poderia parecer que ali não tinha acontecido nada.

Estendeu o braço para agarrar as botas. Sim, uma ideia excelente. Olhos que não vêem, coração que não sente.

Acabou de vestir-se a uma velocidade impressionante e saiu para o corredor, dando grandes passos para as escadas.

- Sir Phillip! Sir Phillip!

Demônios. Agora o perseguia o mordomo.

Phillip fez como se não o tivesse ouvido.

- Sir Phillip!

- Maldição! - disse entredentes. A menos que quisesse submeter-se à tortura dos empregados aproximando-se muito, em vista de sua aparente perda de audição, era impossível ignorá-lo. - O que acontece, Gunning? - perguntou, virando-se muito devagar.

- Sir Phillip - disse Gunning, limpando - a garganta. - Temos uma visita.

- Uma visita? - repetiu Phillip. - Era esse a origem dos, né...?

- Ruídos? - sugeriu servilmente Gunning.

- Sim.

- Não. - O mordomo voltou a limpar a garganta. - Acredito que foram seus filhos, senhor.

- Ah - murmurou Phillip. - ingenuidade minha!

- Parece-me que não quebraram nada, senhor.

- Bom, isso é tranqüilizador e uma mudança, para variar.

- Sim, senhor, mas a visita o está esperando.

Phillip grunhiu. Quem demônios tinha vindo de visita essas horas da manhã? Embora, claro, tampouco é que estivessem acostumados a receber visitas a horas mais decentes do dia.

Gunning tentou sorrir, mas ficou claro que estava muito destreinado.

- Costumavamos ter visitas, recorda?

Aquele era o problema dos mordomos que estavam trabalhando em uma casa desde antes que o dono tivesse nascido. Estavam acostumados a recorrer ao sarcasmo com freqüência.

- De quem se trata?

- Não estou certo, senhor.

- Não está certo? - perguntou Phillip, incrédulo.

- Não lhe pedi que se identificasse.

- E não se supõe que isso é o que fazem os mordomos?

- Pedir identificação, senhor?

- Sim - respondeu Phillip, zangado, perguntando-se Gunning estava tentando comprovar quanto vermelho de ira podia ficar antes de ter um ataque e cair ao chão.

- Pensei que era melhor que o fizesse, senhor.

- Pensou que era melhor que o fizesse eu - disse, depois de comprovar que as perguntas eram inúteis.

- Sim, senhor. Ao fim e ao cabo, a senhora veio vê-lo.

- Como todas as visitas, e isso nunca o impediu de lhes pedir que se identificassem.

- Bom, em realidade, senhor...

- Estou certo... - tentou lhe interromper Phillip.

- Não temos visitas, senhor - terminou Gunning, ganhando a batalha oratória.

Phillip abriu a boca para responder que sim, tinham visitas, que havia uma na porta nesse mesmo instante mas para que continuar discutindo?

- Muito bem - disse, afinal, muito irritado. - Descerei para recebê-la.

Gunning sorriu.

- Excelente, senhor.

Phillip ficou olhando a seu mordomo.

- Gunning, sente-se bem?

- Perfeitamente, senhor. por que o pergunta?

Não pareceu a Phillip de boa educação lhe dizer que aquele sorriso o fazia parecer um cavalo, assim se limitou a dizer:

- Por nada. - E desceu as escadas.

Uma visita? Quem poderia ser? Fazia quase um ano que não vinha ninguém, desde que os vizinhos tinham acabado com as visitas de rigor para lhe dar o pêsames.

Disse-se que não podia culpá-los por afastar-se do Romney Hall; a última vez que tinham recebido a alguém, Amanda e Oliver tinham lubrificado as cadeiras com geléia de morango.

Lady Winslet ficara uma fúria, algo que Phillip considerou que não devia ser bom para uma senhora de sua idade.

Quando chegou ao saguão, franziu o cenho. Devia ser uma mulher. Gunning havia dito "a

senhora", não é?

Quem diabos...?

Ficou ali imóvel; de fato, quase tropeçou.

Porque a mulher que estava na porta era jovem, bastante bonita e, quando o olhou, viu que tinha os olhos cinzas maiores e lindos que tinha visto em sua vida.

Poderia afogar-se nesses olhos.

E Phillip não era dos que usavam o verbo "afogar" à ligeira, como alguém poderia acreditar.

Capítulo 2.

"...e então, certamente não o surpreende, falei muito. É que não podia parar, mas suponho que é o que faço quando estou nervosa. Só podemos esperar que, no futuro, tenha menos razão para estar nervosa."

Eloise Bridgerton a seu irmão Colin, pelo motivo da estréia de Eloise na temporada londrina.

Então, abriu a boca.

- Sir Phillip? - perguntou e, sem lhe dar tempo a responder, continuou falando com a velocidade da luz. - Sinto muito me apresentar em sua casa sem tê-lo avisado, mas não tinha outra opção e, para ser justa, se lhe tivesse escrito que vinha, a carta teria demorado mais que eu, de modo que teria sido inútil, certamente o entende e...

Phillip piscou, convencido de que deveria entendê-la, embora já fizesse tempo que se perdera.

- ... uma viagem bastante longa, e receio que não pude dormir, assim lhe rogo que desculpe que me tenha apresentado assim e...

Dava voltas a cabeça de Phillip. Seria de má educação sentar-se?

- ... não trouxe muitas coisas, mas é que não me ficou outra opção e...

Aquilo tinha passado de castanho escuro e, em realidade, não tinha pinta de terminar.

Se a deixasse falar um segundo mais, estava certo de que sofreria um desequilíbrio auditivo interno ou, talvez, ela ficaria sem fôlego, cairia no chão redonda e bateria a cabeça. Em qualquer dos dois casos, um dos dois acabaria ferido.

- Senhora - disse, limpando - a garganta.

Se o ouviu, não o demonstrou, e continuou dizendo algo sobre a carruagem que a tinha levado até sua porta.

- Senhora - repetiu Phillip, embora um pouco mais alto, desta vez.

- ... mas então ... - Levantou a cabeça e o olhou, piscando, com aqueles espetaculares olhos cinzas. Por um momento, Phillip temeu perder o equilíbrio. - Sim? - disse.

Agora que tinha toda sua atenção, parecia não recordar o que queria lhe dizer.

- Né... - disse. - Quem é você?

Ela o olhou fixamente durante uns bons cinco segundos, com a boca aberta pela surpresa e, afinal, respondeu:

- Eloise Bridgerton, é claro.

Eloise estava quase certa de que estava falando muito, e tinha sabor de ciência certa que estava falando muito depressa, mas é o que costumava fazer quando estava nervosa e, embora presumia encontrar-se em poucas ocasiões nessa situação, agora parecia um momento bastante indicado para explorar aquela emoção; além disso, sir Phillip, caso o homem terrivelmente corpulento que tinha diante fosse ele, não era nada como imaginou.

- Você é Eloise Bridgerton?

Ela o olhou com certa irritação.

- É claro. Quem achava que era?

- É que não esperava isso.

- Você mesmo me convidou - indicou ela.

- Sim, e você não respondeu a meu convite - replicou ele.

Eloise engoliu em seco. Nisso tinha razão. E muita, para ser justa, embora ela não quisesse ser. Não nesse momento.

- Não tive ocasião de fazê-lo - respondeu ela, tratando de sair-se pela tangente e então, quando pela expressão de sir Phillip, Eloise compreendeu que necessitava mais explicações, acrescentou: - Como já lhe disse antes.

Ele ficou olhando um bom tempo, fazendo-a sentir desconfortável, com esses olhos escuros e inescrutáveis, e logo disse:

- Não entendi nenhuma palavra do que disse.

Eloise notou como lhe abria a boca pela... surpresa? Não, era irritação.

- Não me estava escutando? - perguntou-lhe.

- Tentei-o.

Eloise apertou os lábios.

- Muito bem, perfeito - disse, contando mentalmente, e em latim, até cinco antes de acrescentar: - Sinto muito.

Sinto me ter apresentado aqui sem avisar. foi um gesto muito mal educado de minha parte.

Phillip ficou calado três segundos, Eloise os contou, e disse:

- Aceito suas desculpas.

Ela limpou a garganta.

- E, é claro - acrescentou ele, tossindo um pouco e olhando se havia alguém por ali que pudesse salvá-lo da senhorita Bridgerton, - estou encantado de que tenha vindo.

Certamente, seria impertinente lhe dizer que, por seu tom de voz, parecia algo menos

encantado, assim Eloise ficou ali de pé, lhe olhando a maçã do rosto direito e pensando o que poderia lhe dizer sem insultá-lo.

Pareceu-lhe muito mau augúrio que a ela, que geralmente sempre tinha algo que dizer em qualquer ocasião, não lhe ocorresse nada.

Por sorte, sir Phillip evitou que aquele incômodo silêncio adquirisse proporções monumentais ao lhe perguntar:

- Só traz esta bagagem?

Eloise se ergueu, encantada de passar a um assunto tão corriqueiro, em comparação com o de antes.

- Sim. Em realidade, não... - deteve-se. Era necessário lhe explicar que escapara de casa em meio da noite? Aquele ato não a deixava muito bem, nem a sua família, de fato.

Não sabia muito bem por que mas não queria, sob nenhum conceito, que ele soubesse que escapara de casa.

Tinha a sensação de que, se se inteirasse, faria-a subir à carruagem e a devolveria a Londres imediatamente.

E, embora seu encontro com sir Phillip não tinha sido o romântico e lindo que ela imaginara, ainda não estava preparada para abandonar.

Sobretudo, se isso significava voltar para casa com o rabo entre as pernas.

- Sim, é tudo o que trouxe - disse, com convicção.

- Bem. Eu, né... - Phillip voltou a olhar a seu redor, um pouco desesperado, algo que ao Eloise não pareceu nada adulador. - Gunning! - gritou.

O mordomo apareceu tão depressa que devia estar escutando-os atrás de alguma porta.

- Chamou-me, senhor?

- Teremos que... né... preparar um quarto para a senhorita Bridgerton.

- Já o fiz, senhor - respondeu Gunning.

Sir Phillip se ruborizou um pouco.

- Muito bem - grunhiu. - A senhorita ficará conosco... - disse, olhando-a com receio.

- Quinze dias - respondeu ela, com a esperança de que lhe parecesse bem.

- Quinze dias - repetiu sir Phillip, como se o mordomo não a tivesse escutado. - Faremos tudo o que esteja em nossas mãos para que esteja como em sua casa, é claro.

- É claro, senhor - assentiu o mordomo.

- Bem - disse sir Phillip, que ainda estava um pouco desconfortável com toda aquela situação. Bom, em realidade, não estava desconfortável, estava farto, o que ainda era pior.

Eloise estava muito decepcionada. Ela tinha imaginado a um homem encantador, um pouco como seu irmão Colin, que tinha aquele elegante sorriso e sempre sabia o que dizer em cada situação, por estranha que fosse.

Sir Phillip, em troca, parecia que preferiria estar em qualquer outro lugar, algo que ao Eloise não fez muita graça, tendo em conta que ela estava a seu lado.

E o que era pior: supunha-se que deveria fazer um esforço por conhecê-la e decidir se seria uma boa esposa para ele.

Pois já podia fazê-lo, e grande, porque se era certo aquilo que diziam de que as primeiras impressões são as boas, Eloise duvidava que pudesse aceitá-lo como marido.

Sorriu-lhe, embora com os dentes apertados.

- Quer sentar-se? - perguntou ele, de repente.

- Seria um prazer, obrigada.

Phillip olhou a seu redor, perdido, e Eloise teve a sensação de que não conhecia sua própria casa.

- Por aqui - disse, afinal, dirigindo-se para a porta que havia no final do corredor. - No salão.

Gunning tossiu.

Sir Phillip o olhou e fez uma careta.

- Quer que prepare uns refrescos, senhor? - perguntou-lhe o mordomo, muito serviçal.

- Né, sim, é claro - respondeu sir Phillip, limpando a garganta. - É claro. Né, possivelmente...

- Uma bandeja de chá, possivelmente? - sugeriu Gunning. - Com massas?

- Excelente - disse sir Phillip, entredentes.

- Ou possivelmente, se a senhorita Bridgerton tiver fome - continuou o mordomo, - a cozinheira poderia preparar um café da manhã mais consistente.

Sir Phillip olhou ao Eloise.

- Um chá com massas será suficiente - disse ela embora, em realidade, tivesse fome.

Deixou que sir Phillip a pegasse pelo braço e a acompanhasse até o salão, onde se sentou em um sofá estofado com seda de raias azuis. A sala estava muito limpa, mas os móveis eram muito velhos. Toda a casa estava um pouco largada, como se o dono estivesse arruinado ou não se importasse.

Pensou que a segunda opção seria a adequada neste caso. Supôs que era possível que sir Phillip tivesse pouco dinheiro, mas as terras eram excelentes e, ao chegar, tinha visto a estufa, e estava em excelentes condições. Tendo em conta que sir Phillip era botânico, era lógico que se preocupasse mais por cuidar de seu lugar de trabalho e não da casa.

Estava claro que necessitava uma esposa.

Ela cruzou as mãos no regaço, e viu como ele se sentava diante dela em uma cadeira que, obviamente, fora pensada para alguém mais miúdo que ele.

Estava muito desconfortável e Eloise sabia, porque tinha suficientes irmãos para saber, que o que verdadeiramente gostaria de fazer nesse momento era amaldiçoar em voz alta, mas ela pensou que era culpa dele por ter se sentado nessa cadeira, assim lhe sorriu, com a esperança que isso o convidasse a abrir a conversa.

Ele limpou a garganta.

Ela se inclinou para diante.

Ele voltou a limpar a garganta.

Ela tossiu.

Ele limpou a garganta pela terceira vez.

- Quer um pouco de chá? - perguntou ela, afinal, incapaz de escutar um "hum" mais.

Ele a olhou, agradecido, embora Eloise não sabia se era pelo oferecimento ou por ter quebrado o silêncio.

- Sim - disse. - eu adoraria.

Eloise abriu a boca para responder, mas então recordou que estava em sua casa e que não tinha porque oferecer chá ao dono da casa. E ele também deveria ter recordado.

- Bem - disse ela. - Bom, estou certa que o trarão logo.

- Claro - assentiu ele, movendo-se incômodo naquela cadeira.

- Sinto ter vindo sem avisá-lo - murmurou ela, embora soubesse que já o havia dito; mas alguém tinha que dizer algo. Possivelmente sir Phillip estava acostumado aos longos silêncios, mas Eloise não e sentia a necessidade de enchê-los todos.

- Não se preocupe - disse ele.

- Sim me preocupo - respondeu ela. - fui muito desconsiderada, e lhe peço desculpas.

Ele ficou um pouco surpreso por tanta sinceridade.

- Obrigado - murmurou. - Não se passa nada, o garanto. Só é que me há...

- Surpreso? - sugeriu ela.

- Sim.

Eloise assentiu.

- Sim, bom, teria passado a qualquer um. Deveria ter pensado nisso e de verdade lhe prometo que lamento muito o incômodo.

Sir Phillip abriu a boca para responder, mas logo a fechou e olhou pela janela.

- Faz um dia muito bonito - disse.

- Sim, é verdade - assentiu Eloise, embora lhe pareceu um comentário bastante claro.

Ele encolheu os ombros.

- Entretanto, suponho que de noite choverá.

Eloise não soube como responder a isso, assim se limitou a assentir, estudando o de soslaio enquanto ele continuava olhando pela janela. Era maior do que imaginara, com um aspecto mais tosco, menos urbano. As cartas eram encantadoras e ela o tinha imaginado mais... doce. Mais magro, possivelmente. Gordo não, mas possivelmente não tão musculoso. Parecia como se trabalhasse de camponês, e mais com aquelas calças velhas e a camisa, sem gravata. E, embora nas cartas lhe havia dito que tinha o cabelo castanho, ela sempre o tinha imaginado de um loiro escuro, como os poetas (não sabia por que, mas assim é como se imaginava aos poetas, loiros).

Mas era como o havia descrito: castanho, castanho escuro; de fato, era quase negro, com uma onda rebelde. Tinha os olhos escuros, quase do mesmo tom que o cabelo, tão escuros que era difícil saber o que estava pensando.

Eloise; franziu o cenho. Odiava às pessoas a que não podia ver com transparência imediatamente.

- Viajou toda a noite? - perguntou ele, com educação.

- Sim.

- Deve estar esgotada.

Ela assentiu.

- Um pouco.

Ele se levantou, estendendo uma mão para a porta.

- Possivelmente prefira descansar. Eu não gostaria de entretê-la aqui e lhe tirar horas de repouso.

Eloise estava exausta, mas também estava faminta.

- Primeiro comerei um pouco - disse, - e logo aceitarei encantada sua hospitalidade e subirei pra descansar um momento.

Ele assentiu e voltou a sentar-se, tentando fazer encaixar seu corpo naquela diminuta cadeira mas, ao final, disse algo entre dentes, virou-se para ela e com um

"Desculpe", sentou-se em outra cadeira.

- Rogo-lhe que me desculpe - disse-lhe, quando esteve sentado de novo em uma cadeira maior.

Eloise assentiu, perguntando-se quando se vira em uma situação mais estranha que aquela.

Sir Phillip limpou a garganta.

- Né, teve boa viagem?

- Sim - respondeu ela, lhe dando alguns pontos por, no mínimo, tentar estabelecer uma conversa. Um bom esforço merecia outro, assim fez sua contribuição dizendo-:

Tem uma casa linda.

Phillip arqueou uma sobrancelha, lhe dando a entender que não acreditava nessa falsa adulação nem por um segundo.

- Os jardins são lindos - apressou-se a acrescentar ela. Quem teria pensado que esse homem saberia perfeitamente que tinha a casa muito largada?

Os homens nunca se davam conta dessas coisas.

- Obrigado - disse. - Como lhe disse, sou botânico e passo grande parte do dia trabalhando na estufa.

- Tinha planejado trabalhar fora hoje?

Ele assentiu.

Eloise lhe sorriu.

- Sinto lhe haver desbaratado os planos.

- Não tem importância, asseguro.

- Mas...

- Não tem que voltar a desculpar-se - interrompeu-a ele. - Por nada.

E então se produziu outro incômodo silêncio, enquanto ambos olhavam a porta, esperando que Gunning retornasse com uma tábua de salvação em forma de bandeja de chá.

Eloise começou a golpear o assento do sofá com os dedos de um modo que teria horrorizado a sua mãe, porque era de muito má educação. Olhou a sir Phillip e se alegrou de ver que estava fazendo o mesmo. Então ele viu que o estava olhando e, lhe lançando um olhar à mão nervosa, desenhou um sorriso entre irritada e nervosa.

Eloise ficou quieta imediatamente. Olhou-o, lhe rogando, quase lhe implorando em silêncio que dissesse algo. O que fosse.

Mas ele não disse nada.

Aquilo a estava matando. Tinha que dizer algo. Aquela situação não era natural. Era horrível. Supõe-se que tem que se falar. Aquilo era...

Abriu a boca, presa de um desespero que não entendia muito.

- Eu...

Entretanto, antes que pudesse continuar com uma frase que inventara sobre a marcha, escutou-se um grito horripilante.

Eloise ficou de pé de um salto.

- O que foi...?

- Meus filhos - disse sir Phillip, suspirando, desesperado.

- Tem filhos?

Viu que ela estava de pé e se levantou.

- É claro.

Ela o olhou boquiaberta.

- Nunca disse que tinha filhos.

Ele entrecerrou os olhos.

- Isso supõe algum problema? - perguntou-lhe, com contundência.

- Claro que não! - exclamou ela, na defensiva. - eu adoro crianças. Tenho mais sobrinhos que dedos nas mãos e lhe asseguro que sou sua tia favorita.

Mas isso não é desculpa; jamais o mencionou.

- Isso é impossível - respondeu ele, agitando a cabeça. - Deve ter passado isso por alto.

Eloise levantou o queixo tão bruscamente que foi uma surpresa que não rompesse o pescoço.

- Asseguro-lhe - disse, com altivez, - que não é algo que teria passado por cima.

Ele encolheu os ombros, ignorando seus protestos.

- Jamais os mencionou - disse, - e posso demonstrá-lo.

Sir Phillip cruzou os braços, olhando-a com incredulidade.

Ela foi para a porta.

- Onde está minha mala?

- Suponho que onde a deixou - disse ele, observando-a com condescendência. - Ou possivelmente esteja em seu quarto. Meus empregados não são tão descuidados.

Ela se virou para ele com o cenho franzido.

- Tenho todas e cada uma de suas cartas e lhe posso assegurar que em nenhuma delas aparecem às palavras "meus filhos".

Phillip a olhou, surpreso.

- Guarda todas minhas cartas?

- Claro. Acaso você não guarda as minhas?

Ele piscou.

- Né...

Ela deu um grito abafado.

- Não as guarda?

Phillip jamais tinha entendido às mulheres e, quase sempre, estava decidido a esquecer de qualquer explicação médica e declará-las outra espécie distinta aos homens.

Era plenamente consciente de que quase nunca sabia o que lhes dizer, mas até ele se deu conta que desta vez estava perdido.

- Estou certo de que tenho algumas - disse.

Eloise apertou o queixo, zangada.

- Quase todas, em realidade - acrescentou ele.

Parecia que ela se revoltara. Sir Phillip descobriu, surpreso, que era uma mulher com uma vontade formidável.

- Não é que as tenha atirado ao lixo - acrescentou, em um esforço por sair daquele poço no qual ele mesmo se colocara. - O que acontece é que não estou certo de onde as deixei.

Observou, maravilhado, como Eloise controlava sua raiva e exaltava. Entretanto, seus olhos continuavam sendo como uma tormenta cinza.

- Está bem - disse ela. - Além disso, tampouco tem tanta importância.

Justo o que ele pensava, embora fosse suficientemente inteligente para não dizê-lo em voz alta.

Além disso, pelo tom de voz, ficou claro que, para ela, tinha importância. E muita. Escutou-se outro grito, embora desta vez o seguiu um estrépito. Phillip fez uma careta.

Tinha parecido a um móvel caindo ao chão.

Eloise olhou para o teto, como se esperasse que o gesso fora a cair na cabeça em qualquer momento.

- Não deveria subir para ver o que acontece? - perguntou a sir Phillip.

Deveria, mas não gostava o mínimo. Quando os gêmeos estavam fora de controle, ninguém podia detê-los embora isso, pensou Phillip, era a definição de "fora de controle".

A seu parecer, normalmente era mais fácil deixá-los correr como loucos pela casa até que caíam rendidos, algo que não demoravam muito em fazer, e tentar falar com eles então. Possivelmente, não era o correto, e com certeza nenhum pai teria recomendado, mas um homem só tinha um limite para tratar com dois gêmeos de oito anos e se temia que ele o tinha alcançado fazia seis meses.

- Sir Phillip? - insistiu Eloise.

Ele suspirou com força.

- Sim, tem razão. É claro. - Não lhe convinha parecer um pai despreocupado por seus filhos aos olhos da senhorita Bridgerton, a quem estava tentando cortejar, com certa estupidez, e convencê-la a se converter em madrasta daqueles dois demônios que agora mesmo estavam destroçando a casa. - Se me desculpar - disse, assentindo levemente antes de sair ao corredor.

- Oliver! - exclamou. - Amanda!

Não estava seguro, mas lhe pareceu ouvir a senhorita Bridgerton soltar um risinho horrorizada.

Invadiu-o uma onda de irritação e a olhou, embora sabia que não devia fazê-lo. Supôs que ela achava que poderia dirigi-los melhor.

Olhou para as escadas e voltou a gritar o nome dos gêmeos. Por outro lado, talvez não deveria ser tão severo. Tinha a esperança, ou melhor, dizendo, rezava fervorosamente

para que Eloise Bridgerton pudesse dirigir melhor que ele.

Deus Santo se fosse capaz de lhes ensinar a comportar-se, jurava beijar o chão que pisasse essa mulher três vezes ao dia.

Oliver e Amanda apareceram no patamar das escadas e continuaram descendo até o vestíbulo, olhando a seu pai sem um ápice de arrependimento.

- O que foi tudo isso? - perguntou-lhes Phillip.

- O que foi tudo o que? - respondeu Oliver com descaramento.

- Esses gritos - disse Phillip.

- Foi Amanda - respondeu Oliver.

- Sim, fui eu - assentiu ela.

Phillip esperou uma explicação mais elaborada, mas quando viu que aquilo era tudo o que tinham que dizer, acrescentou:

- E por que gritava?

- Havia uma rã - disse ela.

- Uma rã.

Ela assentiu.

- Sim. Em minha cama.

- Entendo - disse Phillip. - E alguém tem alguma ideia de como pôde chegar ali?

- Pu-la eu - respondeu a menina.

Phillip estava olhando ao Oliver, a quem lhe tinha feito a pergunta, e se virou para sua filha.

- Pôs uma rã em sua própria cama?

Ela assentiu.

Por que? Por que? Por que?

Limpou a garganta.

- Por que?

A menina encolheu os ombros.

- Porque quis.

Phillip notou que tinha jogado a cabeça para diante, incrédulo.

- Porque quis?

- Sim.

- Quis pôr uma rã em sua cama?

- Tentava criar girinos - explicou-lhe a menina.

- Em sua cama?

- Pareceu-me um lugar bastante quente e cômodo.

- E eu a ajudei - acrescentou Oliver.

- Disso não me cabe nenhuma dúvida - disse Phillip, muito zangado. - Mas por que gritou?

- Eu não gritei - disse Oliver, indignado. - Foi Amanda.

- Estava perguntando a Amanda! - exclamou Phillip, a ponto de levantar os braços, dar-se por vencido e refugiar-se em sua estufa.

- Estava-me olhando , pai - disse Oliver. E então, como se seu pai fosse tolo e não o tivesse entendido, acrescentou: - Quando fez a pergunta.

Phillip respirou fundo e tentou fazer expressão de paciência, ou ao menos isso esperava, e se virou para a Amanda.

- Me diga, Amanda, por que gritou?

Ela encolheu os ombros.

- Esqueci que a tinha deixado ali.

- Achei que ia se morrer! - acrescentou Oliver, com grande dramatismo.

Phillip decidiu que era melhor não seguir por aí. cruzou-se de braços e lançou um severo olhar a seus filhos.

- Achava que havíamos dito que nada de rãs em casa.

- Não - disse Oliver, assentindo com veemência para sua irmã. - Disse que nada de sapos.

- Não quero nenhum tipo de anfíbio em casa! - exclamou Phillip.

- Mas e se está morrendo? - perguntou Amanda, com esses lindos olhos azuis cheios de lágrimas.

- Tampouco.

- Mas...

- Ponham-no fora.

- Mas e se fizer frio e nevar e a única coisa que precisarem são meus cuidados e uma cama quente dentro de casa?

- As rãs podem suportar o frio e a neve - respondeu Phillip. - Por isso são anfíbios.

- Mas e se...?

- Não! - gritou ele. - Nada de rãs, sapos, grilos, gafanhoto ou qualquer outro animal dentro de casa!

Amanda, de repente, parecia muito alterada.

- Mas, mas, mas...

Phillip suspirou. Jamais sabia o que dizer a seus filhos e agora parecia que sua filha ia se diluir em uma piscina de lágrimas.

- Pelo amor de... - deteve-se a tempo e se tranqüilizou um pouco. - O que lhe passa, Amanda?

A menina respirava entrecortadamente e, então, começou a soluçar.

- E Besie?

Phillip moveu os braços a seu redor e não encontrou nenhuma parede em que apoiar-se.

- Naturalmente - disse, - não estava incluindo a nosso querido spaniel.

- Pois poderia tê-lo dito - disse Amanda, entre soluços, embora agora parecia surpreendente e suspeitamente recuperada. - Assustou-me muito.

Phillip apertou os dentes.

- Sinto muito tê-la assustado.

Ela baixou a cabeça como se fosse uma rainha.

Phillip resmungou em voz baixa. Desde quando eram eles os que levavam a voz cantante em uma conversa? Com certeza um homem de seu tamanho e sua inteligência, ao menos gostava de acreditá-lo, deveria ser capaz de dirigir a dois pirralhos de oito anos.

Mas não era assim porque, uma vez mais, e apesar de suas boas intenções, tinha perdido o controle da conversa e tinha acabado lhes pedindo perdão.

Nada o fazia sentir-se mais fracassado como pai.

- Está bem - disse, com vontade de acabar com aquilo. - Vão embora, tenho coisas para fazer.

Os meninos ficaram ali, de pé, olhando-o com os olhos muito abertos.

- Todo o dia? - perguntou Oliver, no final.

- Todo o dia? - repetiu Phillip. De que diabos estava falando?

- Vai fazer coisas todo o dia? - esclareceu Oliver.

- Sim - respondeu Phillip, muito seco.

- E se fôssemos dar um passeio pelo bosque? - propôs Amanda.

- Não posso - respondeu Phillip, embora uma parte dele quisesse. Entretanto, os meninos o tiravam de gonzo e lhe faziam perder os nervos, e nada o aterrorizava mais que isso.

- Poderíamos ajudá-lo na estufa - disse Oliver.

Sim, claro. Ajudar a destrui-la.

- Não - disse Phillip. Sinceramente, se lhe arruinavam o trabalho, duvidava que pudesse conter-se.

- Mas...

- Não posso - disse, com um tom de voz que inclusive ele odiou.

- Mas...

- A quem temos aqui? - perguntou uma voz detrás do Phillip.

Virou-se. Era Eloise Bridgerton, colocando o nariz em um assunto que não lhe incumbia, e isso depois de haver-se apresentado em sua casa sem avisar.

- Perdão? - disse ele, sem preocupar-se com ocultar sua indignação.

Ela o ignorou e olhou aos gêmeos.

- E vocês quem são? - perguntou-lhes.

- Quem é você? - perguntou-lhe Oliver.

Amanda entrecerrou os olhos.

Phillip se permitiu o primeiro sorriso sincero da manhã e cruzou os braços. "Sim, vejamos que tal se arranja a senhorita Bridgerton."

- Sou a senhorita Bridgerton - disse.

- Não será a nova preceptora, não? - perguntou Oliver, em um tom quase envenenado.

- Céus, não! - respondeu ela. - O que aconteceu com a última?

Phillip tossiu. Muito forte.

Os gêmeos captaram a indireta.

- Né, nada - disse Oliver.

A senhorita Bridgerton não se deixou enganar por esse ar de inocência, embora decidiu não insistir mais no assunto da preceptora.

- Sou sua convidada - disse.

Os gêmeos ficaram calados um momento, pensando, até que Amanda disse:

- Não queremos convidados.

E Oliver acrescentou:

- Não precisamos de convidados.

- Meninos! - interrompeu Phillip que, embora não gostasse muito de ficar do lado da senhorita Bridgerton, depois do intrometida que tinha sido, sabia que não tinha outra opção. Não podia permitir que seus filhos fossem tão mal educados.

Os meninos cruzaram os braços ao mesmo tempo e ficaram olhando fixamente à senhorita

Bridgerton.

- Já está bem - disse Phillip. - Desculpem-se com a senhorita Bridgerton.

Mas não disseram nada.

- Agora! - gritou Phillip.

- Sentimos muito - disseram, entre dentes, embora só um idiota tivesse acreditado.

- Muito bem. Voltem para seus quartos - mandou-lhes Phillip.

Os dois começaram a subir as escadas como dois orgulhosos soldados, com a cabeça bem alta. Teria ficado muito impressionante se Amanda não se virasse e tivesse mostrado a língua.

- Amanda! - exclamou Phillip, fazendo gesto de ir pegá-la.

Mas a menina desapareceu, veloz como uma raposa.

Phillip teve que respirar fundo várias vezes, com os punhos fechados e trêmulos. Gostaria que, por uma vez, só uma!, seus filhos se comportassem bem, não respondessem a uma pergunta com outra pergunta, fossem educados com os convidados, não mostrassem a língua, não...

Por uma vez, gostaria de sentir que era um bom pai, que sabia o que estava fazendo.

E gostaria de não levantar a voz. Odiava levantar a voz, odiava o olhar de terror que reconhecia nos olhos de seus filhos.

Odiava as lembranças que lhe trazia para a memória.

- Sir Phillip?

A senhorita Bridgerton. Maldita seja, quase tinha esquecido que estava ali. virou-se.

- Sim? - perguntou, mortificado pela ideia de que aquela senhorita tivesse presenciado sua humilhação. Algo que, é claro, o fazia estar zangado com ela.

- Seu mordomo trouxe a bandeja de chá - disse ela, convidando-o a acompanhá-la ao salão.

Ele a olhou e assentiu. Precisava sair dali. Afastar-se de seus filhos e da mulher que tinha presenciado o mau pai que era. Tinha começado a chover, mas não se importava.

- Espero que goste do café da manhã - disse. - Verei-a quando tiver descansado.

E, depois, saiu a toda pressa de casa e foi para a estufa onde poderia estar sozinho com as plantas, que não falavam, nem se comportavam mau, nem se intrometiam em seus assuntos.

Capítulo 3.

"...e verá por que não podia aceitar sua proposta. Era muito grosseiro e sempre estava de um humor de cães. Eu gostaria de me casar com um homem refinado e considerado que me tratasse como a uma rainha. Ou, ao menos, como a uma princesa. Estará de acordo comigo que o que peço não é desatinado."

Eloise Bridgerton a sua melhor amiga, Penelope Featherington, em uma carta enviada por mensageiro depois que Eloise recebera sua primeira proposta de matrimônio.

À tarde, Eloise estava quase certa de que tinha cometido um engano.

E, em realidade, o único motivo pelo que estava "quase" certa era porque a única coisa que detestava mais que cometer enganos era reconhecê-lo. De modo que se obrigou a si mesma a morder a língua e fazer ver que possivelmente, ao final, aquela desagradável situação saísse bem.

Quando sir Phillip partiu com um direto "desfrute do café da manhã", tinha-a deixado de pedra, inclusive boquiaberta. Tinha cruzado a Inglaterra, animada por seu convite a visitá-lo, e ele a tinha deixado sozinha no salão quando mal tinha passado meia hora desde sua chegada.

Não esperava que se apaixonasse por ela a primeira vista e caísse rendido a seus pés, lhe professando eterna devoção, embora esperava algo mais que um "Quem é você?" e um "desfrute do café da manhã".

Embora possivelmente tinha esperado que se apaixonasse por ela a primeira vista. Tinha construído um precioso sonho ao redor da imagem desse homem, uma imagem que agora sabia que era falsa. Tinha deixado que sua mente o convertesse no homem perfeito e era muito doloroso ver que não só não era perfeito mas também roçava ao desastroso.

E o pior era que a única culpada era ela. Nas cartas, sir Phillip jamais tinha mentido, embora ela achasse que deveria lhe haver dito que tinha filhos, sobretudo antes de lhe propor matrimônio.

Seus sonhos ficaram nisso, sonhos. Ilusões inventadas. Se não era o que esperava, a única culpada era ela porque esperava algo que não existia.

E deveria ter se dado conta.

Além disso, tampouco parecia muito bom pai e possivelmente isso era a pior coisa que Eloise podia pensar de alguém.

Não, não era justo. Nesse aspecto, não podia julgá-lo tão depressa. Os meninos não pareciam

maltratados ou desnutridos mas, obviamente, sir Phillip não tinha nem idéia de como dirigi-los. De manhã, tinha feito tudo mal e, a julgar pelo comportamento dos meninos, estava claro que a relação com seu pai era, quando muito, distante.

Pelo amor de Deus, virtualmente lhe tinham rogado que passasse o dia com eles. Um menino que recebesse a atenção necessária por parte de seu pai, jamais se comportaria assim.

Eloise e seus irmãos passaram grande parte de sua infância tentando evitar a seus pais, porque assim podiam fazer travessuras.

Seu pai era estupendo. Apesar de que Eloise só tinha sete anos quando morreu, recordava-o muito bem; recordava as histórias que lhes explicava antes de deitar-se durante aquelas excursões que faziam pelas campinas do Kent. Às vezes, iam todos os Bridgerton em fila e, outras, só era um o que tinha a sorte de passar um bom tempo com seu pai.

Estava certa que se não tivesse sugerido a sir Phillip que averiguasse por que os meninos estavam gritando e atirando móveis ao chão, teria deixado que se arrumassem sozinhos.

Ou, melhor dizendo, teria deixado que o solucionasse outra pessoa. NO final da conversa, tinha ficado mais que claro que o único objetivo de sir Phillip nesta vida era evitar a seus filhos.

E Eloise não o aprovava absolutamente.

Embora lhe doíam todos os ossos do corpo, obrigou-se a levantar-se da cama. Cada vez que se deitava, sentia uma opressão muito estranha nos pulmões e notava que estava na sala de espera não só das lágrimas mas também daqueles soluços que a sacudiam da cabeça aos pés. Se não se levantava e fazia algo, não ia poder conter-se.

E, se começava a chorar, seria incapaz de recuperar a compostura.

Abriu a janela, apesar de continuar nublado e chovendo. Não havia vento, assim a água não entraria no quarto, e o que realmente necessitava naquele momento era um pouco de ar fresco. Com certeza o frio no rosto não a ajudava a sentir-se melhor, mas tampouco a faria sentir-se pior.

Da janela, podia ver a estufa de sir Phillip. Supôs que devia estar lá, já que não havia tornado a escutar gritos pela casa. O calor de dentro tinha embaciado o vidro e só via uma espessa cortina verde; deviam ser suas queridas plantas.

Que classe de homem preferia as plantas às pessoas? O que ficava claro é que não era amante das boas conversas.

Sentiu que, de repente, pesavam-lhe os ombros. Ela tinha passado a metade de sua vida procurando boas conversas.

Além disso, se era um ermitão, por que tinha respondido a suas cartas? esforçou-se tanto como ela em manter a correspondência. Sem mencionar a proposta de casamento, claro.

Se não queria companhia, não deveria tê-la convidado.

Respirou aquele ar tão puro algumas vezes e se obrigou a erguer as costas. Não sabia o que se supunha que tinha que fazer em todo o dia.

Tinha adormecido a sesta e o mistério logo tinha vencido ao cansaço. Entretanto, ninguém tinha ido informá-la da hora do almoço ou de qualquer outra atividade que pudesse afetá-la, como convidada.

Se ficasse naquele quarto insípido e com correntes de ar, ficaria louca. Ou, no mínimo, poria-se a chorar até perder a consciência, que era algo que não suportava em outros e lhe horrorizava imaginar que pudesse acabar assim.

Não havia nenhum motivo que a impedisse de explorar a casa, não é? E, com sorte, talvez encontrasse algo de comer pelo caminho. Pela manhã, comeu as quatro madalenas que haviam trazido com o chá, com toda a manteiga e geléia possíveis, sem parecer uma glutona mas, ainda assim, continuava faminta. A estas alturas, sabia que seria capaz de bater em qualquer um em troca de um sanduiche de presunto.

Trocou-se e pôs um vestido de musselina cor pêssego que era muito bonito e feminino, e nada recarregado. E, o mais importante, era fácil de tirar e pôr, algo a favor quando se escapou de casa sem uma criada.

Olhou-se no espelho e viu que estava apresentável, embora não fosse a viva imagem da beleza deslumbrante, e abriu a porta do quarto.

E ali se encontrou com os gêmeos Crane, que pareciam estar há horas no chão, esperando-a.

- Bom dia - disse Eloise, enquanto os meninos se levantavam. - São muito amáveis ao vir me dar as boas-vindas.

- Não viemos lhe dar as boas-vindas - respondeu Amanda, queixando quando Oliver lhe cravou uma cotovelada nas costelas.

- Ah, não? - perguntou Eloise, fingindo estar surpreendida. - Então, vieram me acompanhar até a sala de refeições, não é? A verdade é que tenho um pouco de fome.

- Não - disse Oliver, cruzando os braços.

- Nem sequer isso? - perguntou Eloise. - Deixem que adivinhe. Vieram para que vá a seu quarto e me mostrem seus brinquedos.

- Não - responderam os dois, ao uníssono.

- Então, será que querem me mostrar a casa. É bastante grande e possivelmente me perca.

- Não.

- Não? Não quererão que me perca, não é?

- Não - disse Amanda. - Quero dizer, sim!

Eloise fez ver que não a entendia.

- Quer que me perca?

Amanda assentiu. Oliver se limitou a esticar os braços e olhá-la em silêncio.

- Hmmm. Tudo isto é muito interessante, mas não explica sua presença junto a minha porta, não acham? Com certeza, se me acompanharem, não me perderei.

Os meninos abriram a boca, surpreendidos.

- Conhecem a casa, não é?

- Claro - disse Oliver.

E Amanda acrescentou:

- Não somos bebês.

- Não, já o vejo - disse Eloise, assentindo. - Os bebês não teriam permissão para me esperar sós junto à porta de meu quarto. Estariam muito ocupados com fraldas, mamadeiras e todas essas coisas.

Eles não disseram nada.

- Seu pai sabe que estão aqui?

- Está ocupado.

- Muito ocupado.

- É um homem muito ocupado.

- Muito ocupado para você.

Eloise os olhou e escutou suas velozes intervenções, esforçando-se por demonstrar como estava ocupado sir Phillip.

- Estão tentando me dizer que seu pai está ocupado? - perguntou-lhes.

Os meninos a olharam, desconcertados pela tranqüilidade que demonstrava, e então assentiram.

- Mas isso não explica sua presença aqui - disse Eloise, divertida. - Porque não acredito que seu pai lhes tenha enviado em seu lugar. - Esperou a que agitassem a cabeça, e logo acrescentou - A menos que... Já sei! - exclamou muito emocionada, sorrindo para si mesma por sua atitude. Tinha nove sobrinhos. Sabia perfeitamente como falar com os meninos. - Vieram-me dizer que têm poderes mágicos e podem predizer o tempo.

- Não - disseram os dois, embora Eloise escutasse um risinho.

- Não? Pois é uma lástima porque esta garoa constante é terrível, não lhes parece?

- Não - respondeu Amanda, com energia. - Nosso pai gosta da chuva, e nós também.

- Gosta da chuva? - perguntou Eloise, surpreendida. - Que estranho!

- Nada disso - interveio Oliver, na defensiva. - Nosso pai não é estranho. É perfeito. E não fale mal dele.

- Não o fiz - respondeu Eloise, que não entendia muito bem o que estava passando.

A princípio, tinha pensado que os meninos estavam diante de sua porta para assustá-la. Certamente, teriam escutado que seu pai queria casar-se com ela e não queriam nem ouvir falar de ter uma madrasta, sobretudo depois das histórias da coleção de pobres preceptoras que tinham chegado e partido assustadas que lhe tinha explicado a criada.

Entretanto, se não queriam uma madrasta, não tentariam lhe fazer acreditar que seu pai não era perfeito? Se queriam que se fosse, por que não tentavam convencê-la de que sir Phillip era um candidato horrível para o matrimônio?

- Asseguro-lhes que não tenho nada contra nenhum de vocês - disse-lhes. - De fato, mal conheço seu pai.

- Se fizer que nosso pai fique triste, a... a...

Eloise observou como o pobre menino se ruborizava de frustração enquanto procurava as palavras adequadas e a coragem para dizê-las.

Lenta e cuidadosamente, Eloise se agachou a seu lado até que seus rostos estivessem na mesma altura. Então, disse:

- Oliver, prometo que não vim para entristecer a seu pai. - O menino não disse nada, assim Eloise olhou a sua irmã. - Amanda?

- Tem que partir - disse a menina, com os braços cruzados com tanta força que tinha o rosto vermelho. - Não queremos que esteja aqui.

- Pois sinto muito mas não me vou mover daqui em, ao menos, uma semana - disse-lhes Eloise, com uma voz firme. Os meninos necessitavam de compreensão, e muito amor, mas também necessitavam de um pouco de disciplina e saber quem tinha a frigideira pelo cabo.

E então, como surgido de um nada, Oliver se jogou sobre ela e a empurrou com todas suas forças.

E como ela estava agachada, e tinha todo o peso apoiado nos dedos dos pés, perdeu o equilíbrio, aterrissou sobre o traseiro da forma menos elegante possível e rodou para trás de tal maneira que os gêmeos tiveram uma vista privilegiada de sua anágua.

- Vejamos - disse, enquanto se levantava e cruzava os braços, olhando aos meninos de cima. Os gêmeos tinham retrocedido um pouco e a estavam olhando com uma mescla de regozijo e pavor, como se não acreditassem que um deles se atreveu a empurrá-la. - Isso não esteve bem.

- Vai bater-nos? - perguntou Oliver. O tom de voz era desafiante, embora também houvesse um

pouco de medo, como se alguém lhes tivesse batido antes.

- Claro que não - respondeu Eloise, imediatamente. - Não sou partidária de bater em crianças. Não sou partidária de bater em ninguém.

- "Exceto aos que batem em crianças", acrescentou para si mesma.

Os meninos ficaram um pouco mais tranqüilos ao escutar aquilo.

- Entretanto, devo lhe recordar que você me bateu primeiro - disse.

- Empurrei-a - corrigiu-a Oliver.

Eloise soltou um gemido. Deveria ter previsto aquela resposta.

- Se não quiser que a gente bata em você, deveria pregar com o exemplo.

- A Regra de Ouro - saltou Amanda.

- Exato - disse Eloise, com um amplo sorriso. Duvidava que aquela pequena lição mudasse o rumo de suas vidas, mas era agradável pensar que lhes havia dito algo que os tinha feito refletir.

- Então - disse Amanda, um pouco pensativa, - não significa isso que deveria ir para sua casa?

O momento de euforia do Eloise desapareceu tão depressa como tinha chegado enquanto tentava imaginar que lógica aplicaria Amanda para explicar que Eloise devia voltar para Londres.

- Nós estamos em nossa casa - disse Amanda, excessivamente altiva para ser uma menina de oito anos. Ou possivelmente aquela altivez só se demonstrava aos oito anos.

- Assim você deveria estar na sua.

- Isto não funciona assim - respondeu Eloise, um pouco seca.

- Sim - disse Amanda assentindo. - Trata a outros como quer que tratem a você. Nós não fomos a sua casa, assim você não deveria ter vindo à nossa.

- É muito inteligente, sabia? - disse Eloise.

Amanda estava a ponto de assentir, mas o elogio do Eloise era muito suspeito para aceitá-lo.

Eloise se agachou, para ficar a sua altura. E então, com uma voz séria e um tanto desafiante, disse-lhes:

- Mas eu também.

Os meninos a olharam com os olhos como pratos e a boca aberta porque, obviamente, a pessoa que tinham diante era totalmente diferente a todos adultos que tinham conhecido até agora.

- Entendido? - perguntou-lhes, levantando-se e alisando as rugas da saia com as mãos. Os meninos não disseram nada, assim ela respondeu por eles. - Muito bem.

E agora, querem me indicar onde está a sala de refeições? Estou faminta.

- Temos deveres - disse Oliver.

- De verdade? - perguntou Eloise, arqueando as sobrancelhas.

- Que engraçado! Pois já podem se apressar. Suponho que, depois de tanto tempo me esperando aqui fora, devem estar um pouco atrasados.

- Como sabe que...? - A pergunta da Amanda ficou no ar porque seu irmão lhe cravou uma cotovelada no flanco.

- Tenho sete irmãos - disse Eloise, porque embora Oliver não lhe tivesse deixado terminar a pergunta, achava que Amanda merecia uma resposta. - E já conheço quase todas estas batalhinhas.

Entretanto, enquanto os meninos se afastavam pelo corredor, Eloise ficou preocupada, mordendo o lábio inferior. Tinha a sensação de que não deveria ter terminado aquela conversa com um desafio. Virtualmente, tinha-os desafiado a surpreendê-la.

E, embora estivesse certa de que não o conseguiriam porque, acima de tudo, era uma Bridgerton e tinha mais força do que esses dois girinos podiam imaginar, estava certa de que o tentariam com todas suas forças.

Tremeu. Enguias na cama, cabelo tingido com tinta, geléia nas cadeiras. Já tinha sofrido tudo, embora não desejava voltar a passar por aquilo, e menos se os artífices eram um par de gêmeos vinte anos mais jovens que ela.

Suspirou e se perguntou onde se colocaram. Seria melhor que fosse procurar sir Phillip e decidissem se adaptavam bem o um ao outro ou não. Porque, se de verdade ia partir em uma ou duas semanas e não ia voltar a ver os Crane nunca mais, não estava certa de querer passar pelos ratos, aranhas e sal no bote do açúcar.

Seu estômago se queixou. Não soube se foi pela menção do sal ou do açúcar mas precisava comer algo. E quanto antes melhor, para não dar a tempo aos gêmeos a encontrar uma maneira de lhe envenenar a comida.

Phillip sabia que se enganara. Mas aquela mulher tinha aparecido sem avisar duas vezes em uma só manhã. Se lhe tivesse avisado que vinha, poderia-se ter preparado e teria pensado em algumas coisas poéticas para lhe dizer. De verdade achava que tinha escrito todas essas cartas sem parar-se a pensar cada palavra?

Jamais lhe tinha enviado o primeiro rascunho, apesar de que sempre usava seu melhor papel, com a esperança de fazê-lo bem à primeira vez.

Demônios! Se lhe tivesse avisado, teria podido preparar algo romântico. Como um buquê de flores, e Deus sabia que se havia algo que lhe dava bem eram as flores.

Entretanto, apresentara-se na casa saída de um nada e ele o tinha posto tudo a perder.

Além disso, o fato de que a senhorita Eloise Bridgerton não fosse como esperava tampouco tinha ajudado muito.

Pelo amor de Deus, era uma solteirona de vinte e oito anos. supunha-se que não devia ser atraente. Inclusive tinha que ser feia e, em troca...

Bom, não estava certo de como descrevê-la. Não era exatamente bonita mas, ainda assim, era espantosa, com esse cabelo castanho espesso e os olhos dessa cor cinza claro.

Era daquelas mulheres a quem suas expressões embelezavam. Seus olhos desprendiam inteligência e a maneira que tinha de inclinar a cabeça demonstrava curiosidade.

Suas feições eram únicas, quase exóticas, com esse rosto em forma de coração e o amplo sorriso.

Embora não tivesse podido contemplar muito aquele sorriso. O famoso encanto de sir Phillip já se encarregara disso.

Afundou as mãos em um montão de terra úmida e colocou um punhado em um vaso de argila; não o apertou muito para permitir que as raízes crescessem de forma ótima.

Que demônios ia fazer agora? Tinha depositado todas suas esperanças na imagem que ele tinha feito de Eloise Bridgerton a partir das cartas que lhe tinha escrito durante um ano.

Não tinha tempo, nem vontade, de cortejar a uma possível mãe para seus filhos, assim que a idéia de fazê-lo através das cartas lhe tinha parecido uma idéia perfeita, a parte de algo muito mais simples.

Estava certo de que uma mulher solteira, que se aproximava dos trinta, estaria agradecida de receber uma proposta de matrimônio. Obviamente, não esperava que aceitasse sem conhecê-lo, e ele tampouco estava disposto a comprometer-se sem conhecê-la. Mas esperava encontrar-se com uma mulher um pouco mais desesperada por casar-se.

E, em troca, tinha chegado toda jovem, bonita, inteligente e segura de si mesma; por todos os Santos, por que ia querer uma mulher assim casar-se com alguém a quem não conhecia?

E mais, por que ia ligar se a uma vida rural no canto mais perdido do Gloucestershire? Phillip não tinha nem ideia de moda, mas inclusive ele percebera que seus vestidos eram de bom tecido e, certamente, o último grito em Londres.

Certamente esperava viagens a Londres, uma vida social ativa, amigos...

Algo que não ia encontrar no Romney Hall.

Portanto, parecia inútil esforçar-se em conhecê-la. Não ia ficar; esperar o contrário seria uma estupidez.

Grunhiu e amaldiçoou em voz alta. Agora teria que cortejar a outra mulher. Não, pior. Agora teria que procurar a outra mulher a quem cortejar, que ia ser algo tão ou mais difícil que cortejá-la. As mulheres daquela zona nem sequer se fixavam nele. Todas as mulheres solteiras tinham

referências dos gêmeos e nenhuma estava disposta a fazer-se encarregada dessa responsabilidade.

Tinha depositado todas suas esperanças na senhorita Bridgerton e, ao que parecia, ia ter que ir descartando a ideia.

Deixou o vaso em uma estante com muita força e fez uma careta quando o forte ruído ressoou por toda a estufa.

Suspirou forte e afundou as mãos em um cubo com água suja e as lavou. Pela manhã tinha sido muito mal educado. Estava bastante zangado com ela por haver-se apresentado daquela maneira e porque lhe fizera perder tempo; bom, embora ainda não o tinha feito, sabia que o faria perder porque, ao que parecia, não tinha a menor intenção de agarrar sua mala essa mesma noite e voltar por onde tinha vindo.

Entretanto, isso não justificava seu comportamento. Ela não tinha a culpa de que ele não soubesse dirigir a seus filhos e de que essa impotência sempre o pusesse de mau humor. Secou as mãos com uma toalha que sempre tinha junto à porta, saiu fora, sob a chuva, e se dirigiu para a casa. Certamente, era hora de tomar um lanche e não lhe faria nenhum dano sentar-se com ela à mesa e manter uma conversa educada.

Além disso, ela tinha vindo. Depois de todos seus esforços com as cartas, parecia estúpido não sentar-se a ver se levavam o suficientemente bem para casar-se.

Só um idiota a deixaria fazer as malas, ou partir, sem comprovar se era uma candidata que considerar.

Era pouco provável que ficasse, embora não impossível, recordou-se. Assim valia a pena tentar.

Caminhou debaixo da fina chuva e limpou os pés no tapete que a governanta sempre lhe deixava diante da entrada lateral. Ia feito um desastre, como sempre que voltava de trabalhar na estufa, e os criados já se acostumaram a vê-lo com esse rosto, mas supôs que teria que arrumar-se um pouco antes de ver a senhorita Bridgerton e convidá-la a comer com ele. Era de Londres e certamente recusaria sentar-se à mesa com um homem que não ia feito um primor.

Tomou o caminho mais curto, pela cozinha. Saudou com a cabeça a uma serviçal que estava lavando cenouras em um balde de água. As escadas de serviço estavam do outro lado da cozinha e...

- Senhorita Bridgerton! - exclamou, surpreso. Estava na mesa da cozinha, comendo um sanduiche de presunto cozido, sentada comodamente no tamborete, como se estivesse em sua casa.

- O que faz aqui?

- Sir Phillip - disse ela, saudando-o com a cabeça.

- Não deve comer na cozinha - disse ele, olhando-a com má cara porque, simplesmente, estava onde menos o esperava.

Por isso e porque realmente tinha a intenção de assear-se e trocar-se de roupa para comer, basicamente para ela, e o tinha descoberto feito um desastre.

- Já sei - respondeu ela, inclinando a cabeça e piscando esses incríveis olhos cinzas. - Mas queria comer algo e ter companhia, e este me pareceu o melhor lugar para encontrar ambas as coisas.

Seria um insulto? Não estava certo mas como ela o estava olhando daquela maneira tão inocente, decidiu ignorar o comentário e dizer:

- Ia trocar me e pôr roupa limpa e depois tinha a intenção de convidá-la para que me acompanhasse para comer.

- Não me importaria mudar para a sala de refeições e acabar o sanduiche ali, se quiser me acompanhar - disse Eloise.

- Com certeza à senhora Smith não importará de lhe preparar outro. Está delicioso. - Olhou à cozinheira. - Verdade, senhora Smith?

- Não me importa absolutamente, senhorita Bridgerton - disse a cozinheira, deixando a sir Phillip boquiaberto. Era o tom de voz mais amável que jamais tinha escutado da cozinheira.

Eloise se levantou do tamborete e agarrou seu prato.

- Acompanha-me? - disse ao Phillip. - Não é necessário que troque de roupa.

Mesmo antes de perceber que não tinha aceito fazer o que ela havia dito, Phillip se viu sentado na pequena mesa redonda, a qual estava acostumado a usar em detrimento da grande e alongada, que era muito solitária para ele. Uma criada havia trazido o serviço de chá para a senhorita Bridgerton e, depois de perguntar a sir Phillip se ele também queria, a própria senhorita Bridgerton, com mãos peritas, preparou-lhe uma xícara.

Aquilo era bastante desconfortável. Tinha-o dirigido como quisera para fazer o que quisera e, de algum jeito, o fato de que ele tivesse querido convidá-la a comer parecia ter caído em saco quebrado. Entretanto, gostava de acreditar que, ao menos nominalmente, seguia à frente de sua própria casa.

- Conheci seus filhos - disse a senhorita Bridgerton, aproximando a xícara de chá à boca.

- Sim, eu estava em frente - respondeu ele, aliviado de que fosse ela quem tivesse começado a conversa. Agora já não teria que fazê-lo.

- Não - corrigiu-o ela. - depois disso.

Ele a olhou, intrigado.

- Estavam-me esperando - explicou-lhe. - Em frente à porta de meu quarto.

Sir Phillip começou a temer o pior. Esperando-a com o que? Com um saco de rãs vivas? Com um saco de rãs mortas? Os meninos não tinham sido muito amáveis com as preceptoras.

E supunha que não deviam estar muito contentes com aquela convidada feminina que, obviamente, tinha vindo no papel de possível madrasta.

Limpou a garganta.

- Vejo que sobreviveu ao encontro.

- Oh, sim - disse ela. - chegamos a uma espécie de trato.

- Uma espécie de trato? - perguntou ele, olhando-a com cautela.

Tirou importância à pergunta enquanto mastigava outro bocado de comida.

- Não tem que preocupar-se comigo.

- Tenho que me preocupar com meus filhos?

Levantou a cabeça e o olhou com um sorriso inescrutável.

- É claro que não.

- Perfeito. - Baixou o olhar, viu o sanduiche no prato e lhe deu uma boa mordida. Quando o engoliu, olhou-a nos olhos e lhe disse.

- Devo me desculpar por meu comportamento desta manhã. Não fui nada cortês.

Ela concordou com majestosidade.

- E eu devo me desculpar por chegar sem avisar. fui muito desconsiderada.

Ele concordou.

- Sim mas você já se desculpou esta manhã, e eu não.

Ela sorriu, um sorriso autêntico, e Phillip notou que o coração lhe dava um salto. Deus santo! Quando sorria lhe transformava o rosto. Em todo o ano que se estiveram escrevendo cartas, jamais tivera imaginado que o deixaria sem respiração.

- Obrigada - sussurrou ela, ruborizando-se ligeiramente. - É muito cortês.

Phillip clareou a garganta e se moveu, desconfortável, em seu assento. O que lhe estava passando? Por que lhe incomodavam mais os sorrisos da senhorita Bridgerton que suas caretas?

- De nada - disse ele, tossindo de novo para dissimular a aspereza de sua voz. - Agora que deixamos isto claro, possivelmente poderíamos falar do motivo que a trouxe aqui.

Eloise deixou o sanduiche no prato e o olhou, visivelmente surpreendida. Estava claro que não esperava que fosse tão direto.

- Disse que estava interessado no matrimônio - disse ela.

- E você? - respondeu ele.

- Estou aqui - limitou-se a dizer ela.

Phillip a olhou atentamente, cravando os olhos nos dela até que Eloise se moveu, desconfortável.

- Não é como esperava isso, senhorita Bridgerton.

- Dadas as circunstâncias, não me pareceria inapropriado que me chamasse por meu nome de batismo - disse ela. - E você tampouco é como esperava.

Sir Phillip se apoiou no espaldar da cadeira e a olhou, com um pequeno sorriso.

- E o que esperava?

- E o que esperava você? - respondeu ela.

Lançou-lhe um olhar que o fez saber que se deu conta que não lhe tinha respondido e depois, muito direto, disse-lhe:

- Não esperava que fosse tão bonita.

Eloise se surpreendeu tanto que inclusive se jogou ligeiramente para trás. Essa manhã, não tinha seu melhor aspecto e, embora o tivesse tido... bom, as mulheres Bridgerton costumavam ser atraentes, cheias de vida e agradáveis. Suas irmãs e ela eram muito populares e todas tinham recebido mais de uma proposta de casamento, mas os homens pareciam gostar delas porque se apaixonavam, não porque caíssem rendidos a seus pés por sua beleza.

- Eu... né... - Notou que se estava ruborizando, algo que a mortificava e que, por cima, o fazia ruborizar-se mais. - Obrigada.

Ele assentiu.

- Não sei por que se surpreende por meu aspecto - disse ela, muito zangada consigo mesma por reagir daquela maneira ante aquela adulação. Deus santo, qualquer um diria que era o primeiro que lhe dedicavam. Mas ele estava ali sentado, olhando-a. Olhando-a, observando-a e...

Ela estremeceu.

E ali não havia correntes de ar. Podia alguém estremecer se tinha muito... calor?

- Você mesma disse que estava solteira - disse ele. - Deve haver algum motivo pelo qual não se casou.

- Não é porque não tenha recebido propostas. - Eloise se sentiu quase obrigada a deixar isso claro.

- Obviamente - disse ele, inclinando a cabeça para ela, a modo de adulação. - Mas não posso evitar me perguntar por que uma mulher como você tem a necessidade de recorrer

A... bom... a mim.

Ela o olhou; olhou-o de verdade pela primeira vez desde que tinha chegado. Era bastante atraente, apesar da rudeza e o aspecto um pouco descuidado. O cabelo escuro estava pedindo a gritos um bom corte e estava ligeiramente bronzeado, quase um milagre tendo em conta o pouco que viam o sol por estas terras. Era muito alto e forte, e se sentava de um modo despreocupado e

atlético, com as pernas separadas de uma maneira que em Londres teria sido totalmente inaceitável.

Além disso, seu olhar lhe deixou muito claro que não se importava que suas maneiras não fossem refinadas. Entretanto, não era a mesma atitude desafiante habitual entre os jovens de Londres.

Tinha conhecido a muitos desses, típicos que queriam chamar a atenção desafiando as convenções e que depois foram proclamando para que todos vissem como eram atrevidos e escandalosos.

Entretanto, sir Phillip era diferente. Eloise teria apostado seu dinheiro que a ele nunca teria ocorrido pensar que aquela forma de sentar não era a adequada em situações formais, como tampouco lhe teria ocorrido assegurar-se que outros soubessem que não se importava.

Eloise se perguntou se aquilo demonstrava que era um homem tremendamente seguro de si mesmo e, se o era, por que tinha a necessidade de recorrer a ela? Porque, pelo que tinha visto essa manhã, deixando de lado as maus maneiras, não considerava que pudesse ter problemas para encontrar esposa.

- Estou aqui - disse ela, recordando que lhe tinha feito uma pergunta - Porque, depois de recusar várias propostas de matrimônio - Sabia que alguém que fosse melhor pessoa teria sido mais modesta e não teria recalcado tanto a palavra "várias", mas não pôde evitá-lo - Descobri que ainda quero me casar. E, a julgar por suas cartas, você parecia um bom candidato. Pareceu-me insensato não conhecê-lo e descobrir se os pressentimentos eram certos.

Ele assentiu.

- Uma mulher muito prática.

- E o que me diz de você? - respondeu ela. - Você foi o primeiro a puxar o assunto do matrimônio. Por que não procurou esposa entre as mulheres por aqui?

Por um segundo, Phillip ficou olhando, piscando, como se não pudesse acreditar-se que não o tivesse adivinhado. Ao final, disse:

- Já conheceu a meus filhos.

Eloise esteve a ponto de engasgar com o pedaço de sanduiche que acabava de meter na boca.

- Como diz?

- Meus filhos - repetiu ele. - Já os conheceu. Duas vezes, acredito. Você mesma me disse isso.

- Sim, mas o que...? - De repente, entendeu tudo e abriu os olhos como pratos. - OH, não. Não me diga que espantaram a todas as possíveis candidatas.

Ele a olhou, muito sério.

- Quase todas as mulheres desta zona nem sequer se atrevem a pôr um pé em minhas terras.

Ela riu.

- Não são tão maus.

- Necessitam de uma mãe - disse sir Phillip, diretamente.

Eloise arqueou as sobrancelhas.

- Estou certa que deve haver uma forma mais romântica de me convencer para ser sua esposa.

Phillip suspirou com força e coçou a cabeça, despenteando-se ainda mais.

- Senhorita Bridgerton - disse, mas em seguida se corrigiu. – Eloise, vou ser sincero com você porque, em realidade, não tenho as energias nem a paciência para procurar palavras românticas ou histórias audazes. Necessito de uma esposa. Meus filhos necessitam de uma mãe. Convidei-a a me visitar para ver se você estaria interessada em assumir essa responsabilidade e comprovar se nos adaptávamos bem.

- Qual das duas? - perguntou ela, em um sussurro.

Ele apertou os punhos, enrugando a toalha. O que acontecia com as mulheres? Falavam em uma espécie de código que só elas conheciam?

- Qual das duas... O que? - perguntou, em um tom impaciente.

- Qual das duas responsabilidades quer que assuma? - esclareceu ela, com voz suave. - A de esposa ou a de mãe?

- Ambas - respondeu ele. - Achei que era claro.

- Mas qual das duas é mais importante para você?

Phillip ficou olhando um bom tempo, consciente de que era uma pergunta importante, certamente uma má resposta poderia pôr fim a aquele estranho cortejo. Ao final, encolheu os ombros e disse:

- Sinto muito, mas não sei como separá-las.

Ela assentiu, muito séria.

- Claro - disse. - Suponho que tem razão.

Phillip soltou o ar que, de forma inconsciente, tinha estado contendo. Não sabia como, só Deus devia sabê-lo, tinha respondido bem. Ou, ao menos, não tinha respondido mal.

Eloise se moveu inquieta, e fez um gesto para o sanduiche pela metade que Phillip tinha no prato.

- Quer que continuemos com o lanche? - sugeriu. - Passou a manhã na estufa. Com certeza deve ter fome.

Phillip assentiu e comeu um bocado, com uma repentina sensação de agradecimento pela vida. Ainda não estava seguro de que a senhorita Bridgerton aceitaria converter-se em Lady Crane, mas se

o fizesse...

Bom, ele não poria nenhum impedimento.

De qualquer modo, cortejá-la não ia ser tão simples como imaginara. Estava claro que ele a necessitava mais que ela a ele. Phillip supunha que se encontraria com uma solteirona se desesperada e, obviamente, não tinha sido o caso, apesar da idade da senhorita Bridgerton. Suspeitava que era uma mulher com várias opções na vida e que ele só era uma mais.

Entretanto, devia haver algo que a fizesse abandonar sua vida em Londres e vir até o Gloucestershire. Se sua vida na cidade era tão perfeita, por que a tinha abandonado?

Não obstante, enquanto a observava do outro lado da mesa e via como um simples sorriso lhe transformava o rosto, pensou que não lhe importava muito por que o tinha feito.

Só tinha que assegurar-se de que ficasse.

Capítulo 4.

"...sinto muito que as cólicas de Caroline estejam tornando-a louca. E, é claro, é uma lástima que a Amelia e a Belinda não faça nenhuma graça a chegada de uma nova irmãzinha. Mas olha-o pelo lado bom, querida Daphne, se tivesse tido gêmeos, tudo teria sido muito mais complicado."

Eloise Bridgerton a sua irmã, a duquesa do Hastings, um mês depois do nascimento da terceira filha de Daphne.

Enquanto cruzava o saguão, a caminho das escadas, Phillip ia assobiando, extrañamente satisfeito com a vida. Passara grande parte da tarde com a senhorita Bridgerton.

"Não - recordou-se. - Com Eloise." E agora estava convencido de que seria uma magnífica esposa. Era muito inteligente e, com todos esses irmãos e sobrinhos de que lhe tinha falado, certamente saberia como dirigir Oliver e Amanda.

E além disso, pensou, com um sorriso, era bastante bonita e mais de uma vez, enquanto estavam falando, tinha ficado olhando-a, perguntando-se como seria tê-la entre os braços, como reagiria a seus beijos.

Todo seu corpo se esticou em apenas pensá-lo. Fazia muito tempo que não tinha compartilhado intimidade com uma mulher. Tantos anos que já nem sequer se incomodava em contá-los.

Para ser sincero, mais anos do que qualquer homem admitiria.

Nunca se tinha aproveitado dos serviços que as empregadas da hospedaria do vilarejo lhe ofereciam, porque preferia que as mulheres com quem tinha intimidade estivessem mais limpas e que não fossem tão anônimas, na verdade.

Ou possivelmente preferia que fossem mais anônimas. Nenhuma das empregadas tinha a intenção de partir do povoado e Phillip passava muito bem na hospedaria para arruinar esses momentos cruzando-se com mulheres com quem se deitara uma vez e das quais nunca mais tinha querido saber nada.

E antes da morte de Marina... Bom, jamais se tinha exposto a lhe ser infiel, apesar de que a última vez que tinham compartilhado do leito foi quando os gêmeos eram muito pequenos. Depois de dar a luz, Marina tinha ficado muito triste. Sempre tinha parecido muito frágil e reflexiva, mas foi depois do nascimento do Oliver e da Amanda quando realmente se encerrou em seu próprio mundo de pena e desespero. Para o Phillip tinha sido horroroso ver como seus olhos foram perdendo a vida,

dia após dia, até que só refletiam um vazio horripilante, a sombra da mulher que tinha sido.

Sabia que as mulheres não podiam ter relações imediatamente depois de dar a luz mas, inclusive depois de recuperar-se fisicamente, nem sequer lhe tinha passado pela cabeça forçá-la a manter. Como se supunha que um homem devia desejar a uma mulher que sempre parecia que estava a ponto de tornar a chorar?

Quando os gêmeos eram um pouco maiores e Phillip acreditou, e esperou, que Marina estava recuperada, tinha visitado seu dormitório.

Só uma vez.

Não o tinha rejeitado, mas tampouco tinha participado de maneira ativa. Ficou ali quieta, sem fazer nada, com o rosto para o outro lado, com os olhos abertos, sem mal piscar.

Quase tinha sido como se não tivesse estado ali.

Phillip se havia sentido sujo, moralmente corrupto, como se a tivesse violado, embora ela não dissera que não.

E, desde aquele dia, não havia tornado a tocá-la.

Não estava tão desesperado para aliviar-se com uma mulher que jazia debaixo dele como um cadáver.

Além disso, não queria voltar a sentir-se como aquela noite. Ao chegar a seu quarto, tinha vomitado trêmulo e alterado, zangado consigo mesmo.

Comportara-se como um animal, tentando desesperadamente provocar nela alguma reação que fosse.

Quando tinha comprovado que era impossível, zangara-se com ela e tinha querido golpeá-la.

E aquilo o tinha apavorado.

Tinha sido muito brusco. Não lhe tinha feito mal, mas tampouco tinha sido muito cuidadoso. E não queria voltar a ver essa outra face de sua personalidade.

Mas Marina estava morta.

Morta.

E Eloise era diferente. Não ia pôrse a chorar porque lhe caíra o chapéu ou a encerrar-se em seu quarto, comendo como um passarinho e empapando o travesseiro de lágrimas.

Eloise era alegre. Tinha gênio.

Era feliz.

E se isso não bastasse como motivo para querer casar-se com ela, então não sabia o que bastaria.

Deteve os pés da escada para olhar a hora em seu relógio de bolso. Havia dito a Eloise que

serviriam o jantar às sete e que a esperaria frente à porta de seu

Quarto para acompanhá-la à sala de jantar. Não queria chegar muito cedo e parecer impaciente.

Por outro lado, não ficaria muito bem se chegasse tarde. Se lhe dava a entender que não estava interessado, quem sairia perdendo seria ele.

Fechou o relógio e revirou os olhos. Estava-se comportando como um menino. Todo aquilo era ridículo. Era o senhor da casa e um reconhecido cientista. Não deveria estar contando os minutos para ganhar o favor de uma mulher.

Entretanto, enquanto pensava isto, voltou a abrir o relógio. As sete menos três minutos. Excelente. O tempo suficiente para subir as escadas e esperá-la em sua porta justo um minuto antes da hora.

Sorriu, desfrutando da cálida sensação de desejo ao imaginá-la com um vestido de noite. Tomara que fosse azul. Estaria linda de azul.

Sorriu ainda mais. De fato, estaria linda sem nada.

Mas, quando a viu, em frente à porta de seu quarto, tinha todo o cabelo branco.

De fato, toda ela estava branca.

Maldição.

- Oliver! - gritou. - Amanda!

- Não grite, já faz tempo que se foram - disse Eloise. Levantou a cabeça e o olhou, jogando faíscas pelos olhos. Uns olhos que, como Phillip não pôde evitar dar-se conta, era a única parte de seu corpo que não estava coberta por uma grosa capa de farinha.

Ao menos, tinha sido rápida e os tinha fechado a tempo. Sempre tinha admirado os reflexos em uma mulher.

- Senhorita Bridgerton - disse, estendendo o braço para ajudá-la, embora teve que retroceder porque não havia maneira de ajudá-la. - Não posso lhe expressar mi...

- Não se desculpe por eles - interrompeu-o ela.

- Está bem - disse ele. - É claro. Mas lhe prometo que... Vou

A... Calou-se. Aquele olhar de Eloise faria calar até o próprio Napoleão.

- Sir Phillip - disse ela, lenta e seriamente, como se estivesse a ponto de jogar-se sobre ele furiosa. - Como vê, ainda não estou pronta para o jantar.

Ele, por precaução, retrocedeu um pouco.

- Vejo que os meninos lhe fizeram uma visita - disse.

- Pois sim - respondeu ela, com sarcasmo. - E fugiram. E agora, os muito covardes,

esconderam-se.

- Bom, não podem estar muito longe - disse ele, divertido, permitindo o insulto a seus filhos, que o tinham bem merecido, enquanto tentava manter uma conversa normal com ela, como se não parecesse uma imagem fantasmagórica.

Pareceu-lhe que era o melhor. Ou, ao menos, a melhor maneira de evitar que tentasse estrangulá-lo.

- Suponho que terão querido ver os resultados da brincadeira - disse Phillip, retrocedendo um pouco mais enquanto Eloise tossia e provocava uma nuvem de farinha a seu redor.

- Suponho que quando lhe caiu a farinha em cima não ouviria nenhuma risada, não é? Gargalhadas, possivelmente?

Ela o olhou fixamente.

- Sim, claro - disse ele, com uma careta. - Sinto muito. foi uma brincadeira muito inoportuna.

- Em realidade - respondeu ela, tão tensa que Phillip achou que ia romper o queixo - só escutei o golpe do balde contra a cabeça.

- Maldição - sussurrou, enquanto lhe seguia a vista até que viu o balde de metal no chão, com um pouco de farinha ainda dentro.

- Machucou-a?

Ela meneou a cabeça.

Ele se aproximou e lhe agarrou a cabeça com as mãos, tentando ver se tinha algum golpe ferimento.

- Sir Phillip! - exclamou ela, tentando escapar. - Terei que lhe pedir que...

- Não se mova - mandou-lhe ele, lhe passando os polegares pelas têmporas para ver se tinha alguma seqüela do golpe. Era um gesto bastante íntimo e lhe pareceu extranhamente satisfatório. Em frente a ele, Eloise parecia da altura exata e, se não tivesse estado cheia de farinha, Phillip não estava certo de haver-se podido conter e não lhe ter dado um suave beijo na sobrancelha.

- Estou bem - disse ela, quase zangada, e se afastou dele. - Pesava mais a farinha que o balde.

Phillip se agachou e o agarrou, comprovando por si mesmo o que pesava. Era bastante leve e não podia lhe haver feito muito dano mas, de qualquer modo, ninguém bateria com isso na cabeça por gosto.

- Sobreviverei, garanto - disse ela.

Ele pigarreou.

- Suponho que quererá voltar a banhar-se.

Phillip pareceu ouvir que dizia: "Suponho que quererei ver esses dois condenados pendurados

de uma corda", mas não estava certo, porque Eloise tinha falado entredentes. Além disso, o fato de que fosse o que ele teria dito não significava que ela fosse igualmente desumana.

- Farei que o preparem - disse ele, rapidamente.

- Não se preocupe. Banhei-me antes de me vestir e a água ainda está quente.

Phillip fez uma careta. Seus filhos não podiam ter sido mais inoportunos.

- Tolices - insistiu ele. - Direi que lhe subam uns baldes de água quente.

Quando viu como o olhava, voltou a fazer uma careta. Não tinha escolhido as melhores palavras.

- Vou à cozinha para que vão esquentando água - disse.

- Sim - respondeu ela, muito tensa. - Vá.

Desceu para dar as instruções a uma criada mas, quando se virou, viu que havia meia dúzia de criados olhando-os boquiabertos e pensou que começariam a apostar quanto demoraria sir Phillip em encontrar os gêmeos e lhes dar um bom açoite. Depois de lhes ordenar que fossem esquentar água para o banho da senhorita Bridgerton, voltou pra Eloise. Já estava sujo de farinha, assim não duvidou nem um segundo a tomá-la pela mão.

- Sinto-o muito - disse, tentando conter a risada.

A primeira reação tinha sido de raiva mas agora... Bom, a verdade é que estava bastante ridícula.

Ela o olhou e se deu conta da mudança em seu estado de ânimo.

Phillip recuperou a compostura.

- Quer voltar para seu quarto? - perguntou-lhe.

- E onde me sento? - respondeu ela.

Nisso tinha razão. Certamente, destroçaria tudo o que tocasse ou, no mínimo, encheria-o de farinha e teriam que limpá-lo a fundo.

- Nesse caso, farei-lhe companhia - disse ele, em um tom jovial.

Ela o olhou, lhe dando a entender que tudo aquilo não tinha nenhum pingo de graça.

- Muito bem - disse ele, para encher o silêncio com algo que não fosse farinha. Olhou para a porta, impressionado pelo truque dos gêmeos, apesar das terríveis conseqüências.

- Pergunto-me como o terão feito - disse.

Ela o olhou, boquiaberta.

- Importa?

- Bom - continuou ele, apesar de que pelo olhar que lhe estava lançando viu que não era o melhor assunto de conversa nesse momento. - Não o aceito, mas devo admitir que foram muito

engenhosos. Não vejo de onde puderam pendurar o balde e...

- Colocaram-no em cima da porta.

- Como diz?

- Tenho sete irmãos - disse ela, com desdém. - Acredita que é a primeira vez que vejo este truque? Abriram um pouco a porta e, com muito cuidado, colocaram em cima o balde.

- E não os ouviu?

Ela o olhou fixamente.

- Claro - disse ele. - Estava no banheiro.

- Suponho que não tenta insinuar que foi minha culpa por não tê-los ouvido, não é? - perguntou ela, um pouco alterada.

- É claro que não - respondeu ele imediatamente. A julgar pelo olhar assassino da senhorita Bridgerton, Phillip estava convencido de que sua integridade física dependia de quão rápido expressasse que estava totalmente de acordo com ela. - Acho que a deixarei para que se...

De verdade havia alguma maneira educada de descrever o processo pelo que deveria passar para tirar-se toda essa farinha de cima?

- Descerá para jantar? - perguntou-lhe, convencido que o melhor era mudar de assunto.

Ela assentiu uma vez. Não foi um gesto muito quente mas Phillip estava contente de que não tivesse decidido fazer as malas e partir essa mesma noite.

- Direi à cozinheira que mantenha quente a comida - disse. - E me encarregarei de castigar aos meninos.

- Não - disse ela, enquanto ele se afastava. - Deixe isso.

Phillip se virou, lentamente, algo inquieto pelo tom de sua voz.

- Exatamente, o que planeja fazer com eles?

- Com eles ou a eles?

Phillip nunca acreditou que chegasse o dia que tivesse medo de uma mulher mas, ante Deus como testemunha, jurava que Eloise Bridgerton o estava assustando de verdade.

Esse olhar era definitivamente diabólico.

- Senhorita Bridgerton - disse, cruzando os braços. - Devo lhe fazer uma pergunta. O que planeja lhes fazer?

- Estou sopesando as possibilidades.

Ele ficou pensativo.

- Devo me preocupar de que cheguem vivos a manhã?

- Não, nada - respondeu ela. - Chegarão vivos e com todas as costelas intactas, prometo.

Phillip ficou olhando uns segundos e logo, lentamente, desenhou um sorriso de satisfação. Tinha o pressentimento de que a vingança de Eloise Bridgerton, ou o que fosse, seria exatamente o que seus filhos necessitavam. Sem dúvida, alguém com sete irmãos saberia perfeitamente como causar estragos da maneira mais engenhosa e discreta possível.

- Muito bem, senhorita Bridgerton - disse quase contente de que seus filhos lhe tivessem atirado toda essa farinha por cima. - São todos seus.

Uma hora depois, quando Eloise e ele acabavam de sentar à mesa para jantar, voltaram-se a escutar gritos.

Phillip, de susto, deixou cair a colher, os gritos da Amanda eram mais histéricos do que o habitual.

Eloise nem se alterou e seguiu tomando-a sopa de tartaruga.

- Não é nada - disse, secando a boca delicadamente com o guardanapo.

Escutou-se como corria em direção às escadas.

Phillip estava a ponto de levantar-se.

- Possivelmente deveria...

- Pus-lhe um peixe na cama - disse Eloise, satisfeita consigo mesma, embora evitasse sorrir.

- Um peixe? - repetiu Phillip.

- Está bem. Um peixe bastante grande.

O girino que se imaginou ao princípio se converteu, de repente, em um tubarão e notou que lhe custava respirar.

- E... - tinha que perguntá-lhe. - De onde tirou um peixe?

- A senhora Smith - disse ela, como se a cozinheira preparasse trutas enormes todo dia.

Phillip não se moveu da cadeira. Não ia salvar a sua filha. Queria fazê-lo. Ao fim e ao cabo, possuía esse estranho instinto paterno e a menina estava gritando como se estivesse ardendo no inferno.

Entretanto, ela o tinha procurado e agora teria que suportar o que a senhorita Bridgerton lhe tinha feito. Afundou a colher na sopa mas, quando estava a ponto de metê-la na boca, deteve-se.

- E o que colocou na cama do Oliver?

- Nada.

Ele levantou uma sobrancelha, estranhando.

- Assim não dormirá tranqüilo - explicou-lhe ela.

Phillip inclinou a cabeça a modo de aprovação. Era boa.

- Tomarão represálias, já sabe - disse, sentindo-se na obrigação de pô-la sobre aviso.

- Estarei esperando-os. - Por sua voz, não parecia muito preocupada. Então levantou a cabeça e o olhou diretamente, surpreendendo-o um pouco.

- Suponho que sabem que me convidou com o objetivo de me pedir que me case com você.

- Nunca lhes disse nada a respeito.

- Não - sussurrou ela. - Claro que não.

Phillip a olhou fixamente porque não estava certo se o havia dito como um insulto.

- Não vejo a necessidade de informar a meus filhos de meus assuntos pessoais.

Ela encolheu os ombros, um pequeno gesto que fez raiva em Phillip.

- Senhorita Bridgerton - acrescentou. - Não necessito que me dê conselhos sobre como criar a meus filhos.

- Não disse nada - respondeu ela. - Embora deva lhe dizer que parece bastante desesperado para lhes encontrar uma mãe, e isso poderia indicar que necessita de ajuda.

- Até que aceite converter-se em sua mãe peço-lhe que se guarde suas opiniões - disse ele.

Eloise lhe lançou um olhar de gelo e voltou a concentrar-se na sopa. Entretanto, depois de dois bocados, olhou-o desafiante e disse:

- Necessitam disciplina.

- Acredita que não sei?

- E amor.

- Já têm amor - sussurrou ele.

- E atenção.

- Também têm atenção.

- Necessitam que você dê.

Phillip sabia que estava muito longe de ser o pai perfeito, mas não estava disposto a que viesse uma estranha e o dissesse na cara.

- E suponho que, nas doze horas que faz que está nesta casa, teve tempo de sobras de ver como são desgraçados, não é verdade?

Ela soltou um risinho desdenhoso.

- Não necessito doze horas. Vi-o perfeitamente esta manhã quando quase lhe rogaram que passasse uns minutos com eles.

- Não é verdade - respondeu, embora notasse como lhe acendiam as orelhas, um sinal inequívoco de que estava mentindo. Não passava suficiente tempo com seus filhos e lhe doía que essa mulher se desse conta tão depressa.

- Virtualmente lhe rogaram que não trabalhasse "o dia todo" - disse ela. - Se passasse um

pouco mais de tempo com eles...

- Não sabe nada de meus filhos - interrompeu-a ele, alterado. - E não sabe nada de mim.

Eloise se levantou.

- Está claro - disse, caminhando para a porta.

- Espere! - gritou ele, levantando-se quase de um salto.

Maldição. O que tinha acontecido? Fazia uma hora, estava convencido de que aceitaria ser sua mulher e agora virtualmente estava fazendo as malas para voltar para Londres.

Soprou de frustração. Nada o enfurecia tanto como seus filhos ou as discussões ao redor deles. Bom, para ser mais exato, as discussões sobre o mau pai que era.

- Sinto muito - disse de coração, ou, ao menos, o suficiente de coração para fazer que ficasse. - Por favor. - Estendeu a mão. - Não se vá.

- Não permitirei que me trate como a uma imbecil.

- Se algo aprendi nestas doze horas - disse, fazendo insistência nas doze horas, - é que não é nenhuma imbecil.

Ela o olhou uns segundos e logo apoiou sua mão na dele.

- Ao menos - disse ele, sem se importar que parecesse que lhe estava rogando, - deve ficar até que Amanda desça.

Ela levantou as sobrancelhas.

- Com certeza quer saborear a vitória - disse-lhe, e acrescentou: - Eu o faria.

Eloise deixou que a acompanhasse até a cadeira. Entretanto, só puderam desfrutar de um minuto mais de silêncio porque esse foi o tempo que Amanda demorou para chegar, feita uma fera, com a babá lhe pisando os calcanhares.

- Pai! - exclamou Amanda, chorando, e se lançou aos braços de seu pai.

Phillip a abraçou embora, como não estava acostumado, não soube muito bem como fazê-lo.

- Qual é o problema? - perguntou ele, lhe dando um tapinha nas costas.

Amanda levantou a cabeça e indicou Eloise com um dedo trêmulo e furioso.

- Ela - disse, como se estivesse referindo ao próprio demônio.

- A senhorita Bridgerton? - perguntou Phillip.

- Pôs-me um peixe na cama!

- E você lhe jogou farinha em cima - disse Phillip muito sério. - Assim estão em paz.

Amanda olhou a seu pai boquiaberta.

- Mas é meu pai!

- Sim.

- Supõe-se que tem que se pôr de meu lado!

- Quando tem razão.

- Um peixe! - exclamou a menina.

- Já o cheirou. Suponho que quererá se banhar.

- Não quero me banhar! - gritou. - Quero que a castigue!

Phillip sorriu.

- É um pouco velha para castigá-la, não acha?

Amanda o olhou, incrédula e, ao final, com o lábio inferior trêmulo, disse-lhe:

- Tem que lhe dizer que se vá. Agora!

Phillip deixou a Amanda no chão, muito satisfeito em como se estava desenvolvendo a situação. Possivelmente fora a calma presença da senhorita Bridgerton, mas parecia que tinha mais paciência que de costume. Não tinha vontade de lhe dar um soco a sua filha nem de evitar o assunto mandando-a a seu quarto.

- Desculpe, Amanda - disse. - Mas a senhorita Bridgerton é minha convidada, não sua, e ficará o tempo que eu queira.

Eloise limpou a garganta. Com força.

- Ou o que ela quiser - corrigiu-se Phillip.

Amanda enrugou o rosto, pensativa.

- E isso não significa que se dedique a torturá-la para obrigá-la a partir - acrescentou em seguida Phillip.

- Mas...

- Sem mas.

- Mas...

- O que acabo de dizer?

- Mas ela é má!

- Acho que é muito esperta - disse Phillip. - E tomara eu tivesse posto um peixe na cama faz meses.

Amanda retrocedeu, horrorizada.

- Vá para seu quarto, Amanda.

- Mas é que cheira mau.

- E a única culpada é você.

- Mas a cama...

- Terá que dormir no chão - respondeu ele.

Com o rosto, bom todo o corpo, tremendo, a menina se dirigiu para a porta.

- Mas... Mas...

- Sim, Amanda? - perguntou ele, no que lhe pareceu uma voz paciente muito impressionante.

- Mas a Oliver não fez nada - sussurrou a pequena. - E não é justo. O da farinha foi idéia sua.

Phillip arqueou as sobrancelhas.

- Está bem, não foi só idéia minha - insistiu Amanda. - Foi idéia dos dois.

Phillip riu.

- Eu se fosse você não me preocuparia com o Oliver. Ou não, melhor dizendo - falou, acariciando o queixo com os dedos. - Se fosse Oliver, preocupar-me-ia. Temo que a senhorita Bridgerton também tem planos para ele.

Aquilo pareceu satisfazer à menina que, antes de partir com a babá, disse:

- Boa noite, pai.

Phillip voltou a concentrar-se na sopa, muito satisfeito consigo mesmo. Não recordava a última vez que, depois de uma discussão com um de seus filhos, tivesse terminado com a sensação de ter controlado a situação. Levou a colher à boca e depois, sem soltá-la, olhou para Eloise e disse:

- O pobre Oliver deve estar morto de medo.

Ao que parecia, Eloise estava fazendo um grande esforço para não rir.

- Esta noite não dormirá.

Phillip agitou a cabeça.

- Receio que não fechará nem um olho. Embora você deva ir com cuidado. Estou quase certo de que porá algum tipo de armadilha na porta.

- Ah, bom. Não tenho intenção de torturá-lo esta noite - disse ela, movendo a mão no ar. - Seria muito previsível. Prefiro contar com o fator surpresa.

- Sim, já o vejo - disse Phillip, rindo.

Eloise lhe respondeu com uma expressão de petulância.

- Eu adoraria mantê-lo em uma agonia perpétua, mas não seria justo com a Amanda.

Phillip estremeceu.

- Detesto peixe.

- Já sei. Disse-me isso em uma de suas cartas.

- Ah, sim?

Eloise assentiu.

- Estranhou que a senhora Smith o tivesse na cozinha, mas suponho que os criados gostam.

Depois ficaram em silêncio, embora fosse uma espécie de quietude cômoda, nada violenta. E,

enquanto jantavam e conversavam de nada em concreto, Phillip pensou que o casamento não tinha por que ser complicado.

Com Marina sempre tinha tido a sensação de que devia ir com muito cuidado, temeroso de que ela caísse em um de seus poços, e se tinha decepcionado quando a via encerrar-se em si mesma e não desfrutar da vida.

Entretanto, pode ser que o casamento fosse mais simples que aquilo. Possivelmente tivesse algo que ver com a companhia, estando confortável.

Não recordava a última vez que tinha falado com alguém de seus filhos, do processo de criá-los. Jamais tinha compartilhado o que o preocupava, nem sequer quando Marina estava viva. Ela era uma dessas responsabilidades e a Phillip ainda lhe custava não sentir-se culpado pelo alívio que sua morte lhe tinha provocado.

Mas Eloise...

Levantou a cabeça e olhou à mulher que, daquela forma tão inesperada, tinha chegado a sua vida. A luz das velas lhe tingia o cabelo de cor avermelhada e quando seus olhos se cruzaram, viu neles um brilho de vitalidade e um pouco de malícia.

Começou a dar-se conta que era, exatamente, o que necessitava. Inteligente, com idéias próprias, mandona... Não eram qualidades que os homens estivessem acostumados a procurar em uma esposa, mas Phillip necessitava desesperadamente que alguém levasse o mando do Romney Hall. A casa era um desastre, os meninos estavam descontrolados e os aposentos estavam cheios desse peso melancólico de Marina que, desgraçadamente, não tinha desaparecido com sua morte.

Phillip estaria encantado de ceder parte de seu poder na casa a sua mulher se com isso conseguisse que tudo voltasse a ser como antes. Ele estaria mais que contente de poder ir à estufa e deixar que sua mulher se encarregasse do resto.

Estaria disposta Eloise Bridgerton a assumir esse papel?

Por Deus, esperava que sim.

Capítulo 5.

"... imploro-lhe, mamãe, DEVE castigar Daphne. NÃO É JUSTO que eu seja a única que vá à cama sem sobremesa. E durante uma semana. Uma semana é muito tempo. Sobre tudo, tendo em conta que tudo, quase tudo foi idéia de Daphne."

Eloise a sua mãe, em uma nota que aos dez anos deixou em cima da mesinha de noite de Violet Bridgerton.

Eloise surpreendeu o muito que podiam mudar as coisas em um só dia.

Agora, enquanto sir Phillip a acompanhava pela casa e lhe mostrava a galeria dos retratos de família, embora isso só era uma desculpa para prolongar seu tempo juntos,

Eloise pensou...

"Talvez seria um marido perfeito."

Não era a maneira mais poética de abordar um assunto que deveria estar cheio de amor e paixão, mas seu cortejo tampouco estava sendo convencional. Além disso, faltando dois anos para os trinta, Eloise não podia permitir-se seguir sonhando com o príncipe azul.

Entretanto, havia algo...

À luz das velas, sir Phillip era mais bonito, inclusive tinha um aspecto mais perigoso. Ante a luz trêmula, o rosto lhe enchia de umas sombras misteriosas que o faziam parecer uma escultura, parecida com as que tinha visto no Museu Britânico. E enquanto caminhava junto a ele, e notava como sua enorme mão no cotovelo a guiava, teve a sensação de que sua presença a envolvia.

Era estranho, e emocionante, e também um pouco aterrador.

Mas muito gratificante. Fizera uma loucura, escapara de Londres em meio da noite, com a esperança de que um homem que não conhecia a fizesse feliz. Ao menos, era um alívio pensar que, talvez, tudo aquilo não tinha sido um engano, que possivelmente tinha apostado por seu futuro e tinha ganho.

Nada teria sido pior que ter que voltar para Londres, admitir que tinha fracassado e ter que explicar a toda a família o que tinha feito.

Não queria ter que admitir que se equivocara, nem para si mesma nem para outros.

Mas, sobre tudo, para si mesma.

Sir Phillip tinha demonstrado ser um bom acompanhante de jantar, embora não fosse tão

falante como teria gostado.

Entretanto, estava claro que era justo algo que para o Eloise era básico em qualquer possível marido. Tinha aceito, inclusive admirado, a técnica do peixe na cama da Amanda.

Muitos dos homens que Eloise conhecia em Londres se teriam horrorizado de que a uma senhorita de tão bom berço como ela ocorressem essas coisas.

E talvez, só talvez, aquilo poderia funcionar. Quando o pensava de forma lógica, casar-se com sir Phillip parecia uma ideia descabelada, mas não era como se fosse um completo desconhecido porque tinham mantido correspondência durante mais de um ano.

- Meu avô - disse Phillip, apontando um retrato bastante grande.

- Era muito bonito - comentou Eloise, embora mal lhe visse o rosto devido à tênue iluminação. Deteve-se ante o retrato da direita. - É seu pai?

Phillip assentiu uma vez, muito seco, e esticou os lábios.

- E você onde está? - perguntou ao notar que não queria falar de seu pai.

- Aqui.

Eloise o seguiu até que chegaram frente a um quadro no qual se via um jovem Phillip, devia ter uns doze anos, ao lado de outro menino que só podia ser seu irmão.

Seu irmão mais velho.

- O que lhe passou? - perguntou Eloise, porque estava claro que tinha morrido. Se estivesse vivo, Phillip não teria herdado as terras nem o título de barão.

- Waterloo - foi toda a resposta de Phillip.

De maneira impulsiva, Eloise lhe agarrou a mão.

- Sinto muito.

Por um momento, pensou que ia ficar calado mas logo disse:

- Ninguém o sentiu mais que eu.

- Como se chamava?

- George.

- Você devia ser muito jovem - disse Eloise, retrocedendo até 1815 e fazendo os cálculos.

- Tinha vinte e um anos. Meu pai morreu duas semanas depois.

Eloise ficou pensativa. Aos vinte e um anos, supunha-se que tinha que estar casada. Todas as garotas de sua condição tinham que estar casadas a essa idade.

Podia parecer uma amostra de maturidade mas, visto agora, vinte e um anos pareciam muito poucos e qualquer pessoa era muito jovem e inexperiente para herdar uma responsabilidade que não devia ser para ele.

- Marina era sua noiva - disse.

Eloise conteve a respiração e o olhou, lhe soltando a mão.

- Não sabia - disse.

Phillip encolheu os ombros.

- Não importa. Quer ver seu retrato?

- Sim - respondeu Eloise, que de verdade queria vê-la.

Eram primas longínquas e já fazia muitos anos desde a última vez que se viram. Eloise recordava o cabelo escuro e os olhos claros, azul possivelmente, mas nada mais.

Tinham mais ou menos a mesma idade e, por isso, nas reuniões familiares as punham juntas, mas Eloise não recordava que jamais tivessem tido muito em comum.

Já desde pequenas, à mesma idade que deviam ter agora Oliver e Amanda, as diferenças entre elas eram mais que evidentes. Eloise era uma menina buliçosa, que subia nas árvores e se deslizava pelos corrimões, sempre ia atrás de seus irmãos mais velhos pedindo por favor que a deixassem participar do que fosse que estivessem fazendo.

Entretanto, Marina era uma menina muito tranqüila, quase contemplativa. Eloise recordava agarrá-la pela mão e tentar convencê-la para ir brincar fora. Mas Marina sempre preferia ficar sentada lendo.

Entretanto, Eloise se fixava nas páginas e nunca a viu passar da página trinta e dois.

Pareceu-lhe curioso recordar isso, mas supôs que lhe tinha impactado tanto que ficou gravado. Como era possível que alguém preferisse ficar em casa com um livro, com o sol que fazia, e que mal lesse? Recordava que passara o dia cochichando com sua irmã Francesca, tentando averiguar o que devia fazer Marina com o livro.

- Recorda-a? - perguntou-lhe Phillip.

- Só um pouco - respondeu Eloise que, sem saber por que, não quis compartilhar essas lembranças com ele. Além disso, era a verdade. Aquilo era tudo o que recordava de Marina; uma semana de abril fazia uns vinte anos e como falava com Francesca enquanto Marina olhava o livro.

Eloise permitiu que Phillip a guiasse até o retrato de Marina. Tinham-na pintado sentada, com a saia vermelha colocada a seu redor com delicadeza. No regaço tinha à pequena Amanda e Oliver estava a seu lado, de pé, com uma dessas posturas que obrigavam os meninos pequenos a pôr, sérios e rígidos, como se fossem adultos em miniatura.

- Era linda - disse Eloise.

Phillip se limitou a contemplar a imagem de sua difunta esposa e então, quase como se necessitasse de muita força para fazê-lo, virou-se e se afastou.

Tinha a querido? Ainda a queria?

Marina devia ser a mulher de seu irmão; tudo indicava que se casara com Phillip por engano.

Mas isso não significava que não a quisesse. Possivelmente tinha estado apaixonado por ela em segredo enquanto tinha estado comprometida com seu irmão. Ou talvez se apaixonara depois das bodas.

Eloise cravou o olhar em seu perfil enquanto Phillip olhava fixamente um quadro. Tinha visto que se emocionara ao ver o retrato de Marina. Não estava certa do que tinha sentido por ela, mas, sem dúvida, ainda ficava algo desse sentimento. Em realidade, recordou-se, só tinha passado um ano. Pode ser que esse fora o período oficial de luto, mas não era muito tempo para superar a morte de um ser querido.

E então, ele se virou. Olhou-a nos olhos e Eloise percebeu que ficara embevecida olhando suas feições. Abriu a boca, surpreendida, e quis afastar a vista; era como se devesse ruborizar-se e gaguejar porque a tinha descoberto, mas não pôde. ficou ali de pé, paralisada e notando como a invadia um intenso calor da cabeça aos pés.

Estava a três metros dela, mas era como se se estivessem tocando.

- Eloise? - sussurrou ele, ou ao menos foi como pareceu a ela. Embora soube porque viu como vocalizava seu nome, não porque o escutasse.

E então, a magia desapareceu. Possivelmente foi o sussurro ou o som do vento, mas Eloise pôde mover-se, pensar e, ao final, virou-se para o retrato de Marina e fixou seu olhar no sereno rosto de sua falecida prima.

- As crianças devem sentir sua falta - disse, porque precisava dizer algo, algo para recuperar a conversa, e a compostura.

Phillip seguiu calado uns segundos. E então, afinal, respondeu:

- Sim, há muito que sentem falta dela.

Pareceu à Eloise uma maneira muito estranha de dizê-lo.

- Sei como se sentem - disse. - Quando meu pai morreu, eu também era bastante jovem.

Phillip a olhou.

- Não sabia.

Ela encolheu os ombros.

- Não é algo do que costumo falar. Foi há muito tempo.

Phillip se aproximou dela, com passo lento e metódico.

- E demorou muito em superá-lo?

- Não sei se alguma vez se chega a superar - disse. - De tudo, refiro-me. Mas não, não penso

nele todo dia, se for isso o que quer saber.

Afastou-se do retrato de Marina; tinha estado olhando-o muito tempo e começava a sentir-se como uma intrusa.

- Acho que foi mais difícil para meus irmãos mais velhos - disse. - Anthony, que é o mais velho e já era um homem quando aconteceu, passou especialmente mal.

Davam-se muito bem. E minha mãe também, é claro. - Olhou-o.

- Meus pais se queriam muito.

- Como reagiu ela?

- Bom, a princípio chorou muito - disse Eloise. - Estou certa que não queria que nós percebêssemos. Sempre chorava de noite em seu quarto, quando achava que estávamos todos adormecidos. Mas sentia muita sua falta e ficar só com sete filhos não devia ser fácil.

- Achava que eram oito irmãos.

- Hyacinth ainda não tinha nascido. Acho que, quando meu pai morreu, minha mãe estava grávida de oito meses.

- Minha mãe - sussurrou Phillip ou, pelo menos, isso Eloise acreditou escutar.

"minha mãe" era a expressão perfeita. Não tinha nem idéia de como se arrumou sua mãe.

- Foi muito repentino - explicou-lhe Eloise. - Picou-lhe uma abelha. Uma abelha. Imagina? Picou-lhe uma abelha e então... Bom, não há motivo para lhe aborrecer com os detalhes. Muito bem - disse, de repente, um pouco seca, - já podemos ir embora. Além disso, já está muito escuro para ver bem os quadros.

Era mentira, claro. Bom, era quase de noite, mas Eloise não o havia dito por isso. Sempre lhe resultava estranho falar da morte de seu pai e fazê-lo nessa sala cheia de retratos de mortos incomodava-a um pouco.

- Eu gostaria de ver a estufa - disse.

- Agora?

Visto assim, parecia um pedido um tanto estranho.

- Então, amanhã - disse. - Com a luz do dia.

Phillip desenhou um pequeno sorriso.

- Podemos ir agora.

- Mas não poderemos ver nada.

- Não poderemos ver tudo - corrigiu-a Phillip. - Mas há lua é cheia e levaremos um lampião.

Eloise olhou pela janela, indecisa.

- Faz frio.

- Pode ir vestir o casaco. - Phillip se aproximou dela com um brilho especial nos olhos. - Não terá medo, não é?

- Claro que não! - respondeu ela que, embora soubesse que ele estava zombando, seguiu-lhe o jogo de qualquer modo.

Ele arqueou a sobrancelha em um gesto muito provocador.

- Deve saber que sou a mulher mais valente que jamais conheceu e conhecerá.

- Estou certo - disse ele.

- Não seja condescendente comigo.

Phillip se limitou a sorrir.

- Muito bem - disse ela, rindo. - Você primeiro.

- Faz muito calor! - exclamou Eloise quando Phillip fechou a porta da estufa.

- Normalmente faz ainda mais - disse-lhe ele. - O sol esquenta o ar através do vidro mas, embora esta manhã ser uma exceção, os últimos dias esteve muito abafado.

Freqüentemente, quando não podia dormir, Phillip costumava pegar um lampião e descer à estufa de noite. Ou quando, antes de enviuvar, queria manter-se ocupado e esquecer-se da ideia de ir ao quarto de Marina.

Entretanto, nunca tinha pedido a ninguém que o acompanhasse na escuridão; inclusive de dia, quase sempre estava ali sozinho. Agora via tudo através dos olhos de Eloise, a magia das sombras que a luz cinzenta da lua formava entre as folhas. Passear pela estufa de noite não era tão diferente de passear pelo bosque, com a única exceção da samambaia e das espécies importadas.

Mas agora, quando a noite enganava aos olhos, era como se estivessem em uma espécie de selva secreta e escondida cheia de magia e de mistério.

- O que é isto? - perguntou Eloise, observando de perto oito vasos de barro pequenos que havia em cima da mesa de trabalho.

Phillip se aproximou dela, contente como um menino porque se mostrara sinceramente curiosa. A maioria parecia se interessar ou nem sequer isso, simplesmente não se incomodavam em ver nada e saíam correndo assim que podiam.

- É um experimento no qual estou trabalhando - disse-lhe. - Com ervilhas.

- Das que comemos?

- Sim. Estou tentando cultivar uma espécie que cresça maior na vagem.

Eloise se fixou nos vasos de barro. Ainda não se via nada; apenas fazia uma semana que Phillip os tinha plantado.

- Que curioso - disse ela. - Não sabia que se podia fazer.

- Não sei se pode fazer - admitiu Phillip. - Estou a um ano tentando-o.

- E não conseguiu nada? Deve ser muito frustrante.

- Bom, algo consegui - admitiu ele. - Embora não tudo o que eu gostaria.

- Há um ano tentei criar rosas - disse Eloise. - Mas morreram todas.

- Criar rosas é mais complicado do que a gente acredita - respondeu ele.

Ela desenhou um meio sorriso.

- Vi que você tem muitas.

- Tenho jardineiro.

- Um botânico com jardineiro?

Não era a primeira vez que lhe faziam essa pergunta.

- É igual à costureira que tem costureira.

Eloise ficou pensativa e logo seguiu avançando pela estufa, deteve-se ao lado de umas plantas e brigou por ficar atrás e não lhe iluminar o caminho.

- Esta noite está um pouco mandona - disse Phillip.

Eloise se virou, viu que estava rindo, bom sorrindo, e lhe dedicou um amplo sorriso.

- Prefiro dizer que tenho tudo sob controle.

- Uma mulher controladora, né?

- Estranho que não o adivinhasse pelas cartas.

- Por que acredita que a convidei? - respondeu ele.

- Quer a alguém que controle sua vida? - perguntou-lhe ela, falando com a cabeça inclinada sobre o ombro enquanto se afastava dele flertando.

Phillip queria a alguém que controlasse a seus filhos, mas agora não lhe pareceu o melhor momento para dizê-lo. E menos quando o estava olhando daquela maneira...

Como se quisesse que a beijasse.

Quando se deu conta, já tinha dado alguns passos para ela.

- E isto o que é? - perguntou Eloise, indicando algo.

- Uma planta.

- Já sei que é uma planta - riu ela. - Se não o... - Mas, quando levantou a cabeça, viu como brilhavam os olhos do Phillip e se calou.

- Posso beijá-la? - perguntou ele.

Supôs que se lhe houvesse dito que não, teria se detido, embora tampouco lhe deu a oportunidade porque, antes de que Eloise pudesse responder, ele se colocou quase junto a ela.

- Posso? - repetiu, tão perto dela que lhe sussurrou as palavras a seus lábios.

Ela assentiu com um movimento breve mas seguro e Phillip a beijou com suavidade, como se supõe que um homem deve beijar a uma mulher com quem talvez vá casar-se.

Entretanto, Eloise o rodeou com os braços e lhe acariciou o pescoço e Phillip não pôde evitar querer mais.

Muito mais.

Beijou-a com mais paixão, ignorando o gemido de surpresa do Eloise quando lhe abriu os lábios com a língua. Mas nem sequer isso era o que queria. Queria senti-la, sentir sua calidez, sua vitalidade, senti-la ao longo de seu corpo, a seu redor, queria contaminar-se dela.

Rodeou-a com os braços, colocando uma mão na parte alta das costas enquanto a outra, mais atrevida, baixava até as nádegas. Apertou-a contra ele com força; não lhe importava que notasse a prova evidente de seu desejo. Fazia muito tempo, muito, e era tão suave e doce.

Desejava-a.

Desejava-a inteira mas mesmo sua mente nublada pelo desejo sabia que aquela noite seria impossível, assim se concentrou em obter o melhor que pudesse: seu contato, a sensação de tê-la nos braços, sentir seu calor por todo o corpo.

Além disso, Eloise estava participando ativamente. Embora com algumas duvidas ao princípio, como se não estivesse segura do que estava fazendo, depois se deixou levar e respondeu com ardor, emitindo uns sons muito sedutores.

Aquilo o estava tornando louco. Essa mulher o estava tornando louco.

- Eloise, Eloise - sussurrou, com a voz alterada pela necessidade que tinha dela.

Entrelaçou os dedos em seu cabelo e fez que uma mecha castanha se soltasse e caísse sobre o decote formando um sedutor cacho. Phillip desceu os lábios pelo pescoço de Eloise, saboreando sua pele, e sem conseguir acreditar quando ela se arqueou para trás para lhe deixar mais espaço.

E justo nesse momento, justo quando tinha começado a descer, dobrando os joelhos para ir descendo pelo decote, ela se afastou.

- Sinto muito - disse Eloise, cobrindo instintivamente o decote com as mãos, embora tudo continuava em seu lugar.

- Eu não - disse Phillip.

Ante aquela amostra de sinceridade, Eloise abriu os olhos, surpreendida. Phillip não se importou o mínimo. Nunca tinha sido muito delicado com as palavras e, possivelmente, era melhor que ela soubesse agora, antes de comprometer-se a algo permanente.

Mas então, ela surpreendeu a ele.

- Era uma maneira de falar - disse.

- Perdão?

- Disse que sentia muito mas, em realidade, não era verdade. Era uma maneira de falar.

Sua voz soava muito calma e quase instrutiva, algo surpreendente em uma mulher a que acabavam de beijar daquela maneira tão arrebatadora.

- Dizemos coisas assim constantemente - continuou, - para encher os silêncios.

Phillip estava começando a se dar conta de que Eloise não era uma mulher de silêncios.

- É como quando...

Voltou a beijá-la.

- Sir Phillip!

- Às vezes - disse ele, com um sorriso de satisfação, - o silêncio é bom.

Eloise abriu a boca.

- Está-me dizendo que falo muito?

Ele encolheu os ombros e não disse nada, porque zombar era muito divertido.

- Pois deve saber que aqui estive muito mais calada que em minha casa.

- Posso acreditar.

- Sir Phillip!

- Shhh - disse ele, pegando sua mão. Ela se soltou e ele a voltou a pegar, embora desta vez com mais força. - Necessitamos de um pouco de ruído.

No dia seguinte, Eloise despertou como se ainda estivesse sonhando. Aquele beijo foi uma surpresa, não o esperava.

Como tampouco se esperava que gostasse tanto.

O estômago se queixou de fome e decidiu que o melhor seria descer para tomar o café da manhã. Não tinha nem ideia se sir Phillip estaria ali. Era dos que se levantavam cedo ou gostava de ficar na cama até meio - dia? Era irônico que não conhecesse esses hábitos de quem poderia chegar a ser seu marido.

E se a estava esperando em frente a um prato de ovos quentes, o que lhe diria? O que dizia a um homem que, tão somente fazia umas horas, tinha-lhe lambido a orelha?

Pouco importava que fosse uma língua maravilhosa. Continuava sendo um escândalo.

O que aconteceria ao aparecer diante dele e só podendo lhe dizer "bom dia"? Com certeza lhe pareceria muito divertido, depois de lhe haver dito como era faladora, na noite anterior.

Aquela situação quase a fez rir. Ela, que era capaz de manter uma conversa sobre nada em particular, e ainda por cima era o que costumava fazer, não sabia o que ia dizer na próxima vez que visse sir Phillip.

Embora claro, a tivesse beijado. E isso mudava tudo.

Cruzou o aposento mas, antes de abrir a porta, assegurou-se de que esta estivesse bem fechada. Era muito pouco provável que Oliver e Amanda voltassem a tentar o mesmo truque, mas nunca se sabe. A verdade, não gostava nada de outro banho de farinha. Ou de algo pior. depois do peixe, certamente os meninos tinham em mente algo líquido. Líquido e pestilento.

Cantarolando em voz baixa, saiu de seu quarto e virou à direita, para as escadas. Prometia ser um grande dia; pela manhã, quando tinha ido à janela, vira que os raios de sol se filtravam entre as nuvens e...

- Ah!

Gritou quase de maneira involuntária enquanto caía. Tinha tropeçado com algo colocado no meio do corredor. Nem sequer pôde tentar recuperar o equilíbrio porque, como era habitual nela, ia caminhando muito depressa e quando caiu, fez isso com força.

Não teve tempo nem para amortecer o golpe com as mãos.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Deus Santo notava-se o queixo ardendo. Ou, no mínimo, um lado do queixo. Antes de cair, tinha conseguido jogar a cabeça a um lado.

Entre gemidos, gemeu algo incoerente; o tipo de ruído que alguém faz quando o corpo lhe dói tanto que não pode guardar dentro. E esperou que a dor fosse desaparecendo, como quando se golpeia em um dedo do pé, que a dor é muito intensa ao princípio mas que, pouco a pouco, vai desaparecendo.

Entretanto, a sensação de ardor persistia. Sentia-a no queixo, em um lado da cabeça, no joelho e no quadril.

Parecia que lhe tinham dado uma surra.

Lentamente, e com muito esforço, colocou-se de quatro e logo se sentou. Conseguiu apoiar as costas na parede e aproximou uma mão à face enquanto respirava de maneira breve e rápida pelo nariz para controlar a dor.

- Eloise!

Phillip. Nem sequer se incomodou em levantar a cabeça porque não queria mover-se daquela posição.

- Por Deus, Eloise - disse ele, subindo de três em três o último lance de escadas e correndo a seu lado. - O que aconteceu?

- Caí. - Não queria choramingar, mas falou com a voz quase quebrada.

Com uma ternura que parecia imprópria em um homem de seu tamanho, agarrou-lhe a mão e a afastou da face.

E, continuando, disse umas palavras que Eloise não estava acostumada a escutar.

- Terá que pôr um pedaço de carne no olho.

Ela levantou a cabeça e o olhou com os olhos umedecidos.

Ele assentiu muito sério.

- Pode ser que acabe com um olho arroxeado, embora ainda seja cedo para sabê-lo.

Eloise tentou sorrir, tentou pôr uma expressão divertida, mas não pôde.

- Dói-lhe muito? - perguntou Phillip com doçura.

Ela assentiu, sem saber por que o tom de sua voz fazia que quisesse chorar ainda mais. Lembrou-se de quando, de pequena, caiu de uma árvore. Torceu um tornozelo mas tinha conseguido não chorar em todo o caminho de volta a casa.

Bastou um olhar de sua mãe para que as lágrimas começassem a lhe escorrer pelas faces.

Phillip lhe tocou a face com cuidado, enrugando o cenho quando ela fez uma careta de dor.

- Ficarei bem - assegurou-lhe. E ficaria. Em vários dias.

- O que aconteceu?

Sabia perfeitamente o que tinha acontecido. Alguém tinha posto uma espécie de corda no meio do corredor para que tropeçasse e caísse, e não teria que ser muito inteligente para saber quem era esse alguém.

Mas Eloise não queria colocar as crianças em problemas. Ao menos, não nos que seguramente se meteriam quando sir Phillip os encontrasse. Com certeza não pensavam que ia se fazer tanto dano.

Entretanto, Phillip já tinha visto a fina corda, amarrada às pernas de duas mesas que, com o tropeção de Eloise, tinham ido parar no meio do corredor.

Eloise o viu agachar-se junto à corda e acariciá-la com os dedos.

Depois Phillip a olhou, embora não para lhe perguntar nada a não ser com a certeza do que tinha acontecido.

- Não a vi - disse ela, apesar de ser algo claro.

Phillip não afastou a vista dela, mas com os dedos foi esticando a corda até que a rompeu.

Eloise conteve a respiração. Aquela ação encerrava algo aterrador. Phillip não parecia perceber que a tinha quebrado, como se não fosse consciente de sua força.

Ou da força de sua raiva.

- Sir Phillip - sussurrou ela, mas ele não a ouviu.

- Oliver! - gritou. - Amanda!

- Certamente não queriam me machucar - disse Eloise, sem saber por que os estava defendendo. Tinham-lhe feito mal, sim, mas tinha a sensação de que seu castigo seria muito menos

doloroso que qualquer que pudesse lhes infligir seu pai.

- Dá-me igual o que quisessem - disse Phillip, muito zangado. - Olhe como está perto das escadas. E se tivesse caído?

Eloise olhou para as escadas. Estavam perto, mas não o suficiente para ter rodado por elas.

- Não acredito que...

- Devem responder por isso - disse Phillip, com a voz baixa e trêmula.

- Ficarei bem - disse Eloise.

Parecia que a dor intensa estava começando a desaparecer embora ainda lhe doía o suficiente para que, quando sir Phillip a pegasse nos braços, gritasse de dor.

E aquilo o deixou ainda mais furioso.

- Vou metê-la na cama - disse, com voz tosca e decidida.

Eloise não se opôs.

Apareceu uma criada que, ao ver o rosto de Eloise, assustou-se muito.

- Traga algo para o olho - mandou-lhe sir Phillip. - Um pedaço de carne. O que seja.

A criada assentiu e saiu correndo enquanto Phillip levava Eloise a seu quarto.

- Dói-lhe algo mais?

- O quadril - reconheceu Eloise enquanto Phillip a deixava em cima do colchão. - E o cotovelo.

Ele assentiu, muito sério.

- Acredita que fraturou algo?

- Não! - respondeu ela, em seguida. - Não, não...

- Em qualquer caso, tenho que me assegurar - disse ele, ignorando os protestos de Eloise enquanto lhe examinava o braço.

- Sir Phillip, não acho que...

- Meus filhos estiveram a ponto de matá-la - disse ele, muito severo. - Acredito que pode economizar o "sir".

Eloise engoliu em seco enquanto o observava caminhar para a porta com passos grandes e poderosos.

- Vá procurar os gêmeos, imediatamente - disse, certamente a algum criado que estava esperando no corredor.

Eloise estava convencida que tinham escutado seu grito, mas não podia lhes jogar a culpa por tentar atrasar ao máximo o dia do julgamento final nas mãos de seu pai.

- Phillip - disse, tentando convencê-lo, com a voz, para que voltasse para o quarto. - Deixe isso. A lesada sou eu e...

- São meus filhos - disse ele, - e os castigarei eu. Deus sabe que já faz muito que deveria tê-lo feito.

Eloise o olhou horrorizada. A ira quase o fazia tremer e, embora lhe tivesse encantado lhes dar pessoalmente uma boa surra no traseiro, achava que Phillip não estava em condições de ser justo com seus filhos nesse momento.

- Fizeram mal a você - disse Phillip, em voz baixa. - E isso é inaceitável.

- Ficarei bem - repetiu ela. - Dentro de uns dias, nem sequer...

- Não se trata disso - respondeu ele, cada vez mais alterado. - Se houvesse... - deteve-se e o voltou a tentar. - Se não tivesse sido por... - deteve-se, porque não podia encontrar as palavras adequadas. Apoiou-se na parede e jogou a cabeça para trás, com o olhar perdido no teto procurando... Não sabia. Eloise supôs que procurando respostas.

Como se pudessem encontrar assim, levantando a vista.

Phillip se virou e a olhou, muito sério, e Eloise viu algo que não esperava.

E foi então que entendeu que tudo aquilo, a raiva na voz e o corpo trêmulo, não iam dirigidos para seus filhos. Bom, ao menos, não tudo.

Aquele olhar sombrio era auto-culpado.

Não culpava a seus filhos. Culpava-se a si mesmo.

Capítulo 6.

"... não deveria ter permitido que a beijasse. Quem sabe que outras liberdades tentará tomar na próxima vez que a veja? Mas fez, fez e só posso lhe perguntar uma coisa: você gostou?"

Eloise Bridgerton a sua irmã Francesca, em uma nota que passou por debaixo da porta de sua irmã na noite que esta conheceu o conde do Kilmartin, com quem se casaria dois meses depois.

Quando os meninos entraram no aposento, quase arrastados pela babá, Phillip se obrigou a manter-se rígido contra a parede porque tinha medo de que se aproximasse deles, pudesse lhes dar uma surra brutal.

E ainda lhe dava mais medo que, ao terminar, não se arrependeria.

Assim optou por cruzar os braços e olhá-los fixamente, deixando que vissem quão zangado estava enquanto tentava pensar o que ia fazer com eles.

Afinal, e com a voz trêmula, Oliver disse:

- Pai?

Phillip disse a única coisa que lhe ocorreu, a única que tinha na cabeça.

- Vêem a senhorita Bridgerton?

Os gêmeos assentiram, embora não a olhassem. Ao menos, não no rosto, onde o arroxeado estava começando a se apoderar do olho.

- Não a vêem diferente?

Os meninos não disseram nada até que chegou uma criada e rompeu o silêncio.

- Senhor?

Phillip assentiu e se aproximou dela para pegar o pedaço de carne que havia trazido para o olho de Eloise.

- Têm fome? - perguntou a seus filhos. Quando não lhe responderam, acrescentou: - Bem porque, por desgraça, esta carne não irá parar a nenhum prato, não é?

Foi até a cama e se sentou com cuidado ao lado de Eloise.

- Me permita. - Ainda muito zangado para controlar a voz. Recusando a colaboração de Eloise, ele mesmo lhe colocou a carne em cima do olho e a envolveu com uma parte de tecido para que ela não sujasse as mãos ao sustentá-la.

Quando terminou, aproximou-se dos meninos e se plantou diante deles com os braços cruzados.

E esperou.

- Me olhem - disse-lhes, ao ver que nenhum dos dois afastou o olhar do chão.

Quando levantaram a cabeça, viu terror em seus olhos e lhe deu medo, mas não sabia de que outra maneira devia reagir.

- Não queríamos machucá-la - sussurrou Amanda.

- Ah não? - respondeu ele, inclinando-se para eles, furioso. A voz era calma, mas a raiva se refletia no rosto e mesmo Eloise deu um salto na cama.

- Não pensaram que se poderia fazer mal quando tropeçasse com a corda? - continuou Phillip que, com esse toque de sarcasmo, controlava-se melhor e isso o fazia mais aterrador - Ou talvez pensaram, acertadamente, que a corda não lhe faria nenhum dano mas não lhes ocorreu que podia fazer quando caísse.

Os meninos não disseram nada.

Phillip olhou ao Eloise, que tinha afastado a parte de carne do olho e estava tocando a face. O arroxeado ia piorando pelos minutos.

Os gêmeos tinham que aprender que não podiam continuar assim. Tinham que aprender a tratar às pessoas com mais respeito. Tinham que aprender A...

Phillip amaldiçoou em voz baixa. Tinham que aprender algo, o que fosse.

Fez um gesto com a cabeça para a porta.

- Venham comigo - saiu para o corredor, virou-se e disse: - Agora!

E, enquanto os meninos saíam, rezava para que pudesse controlar-se.

Eloise tentou não escutar embora não pudesse evitar aguçar o ouvido. Não sabia onde os tinha levado; podia ser no quarto do lado, em seu quarto, fora. Embora soubesse de uma coisa: foram receber seu castigo.

E, apesar de que sabia que o mereciam, porque o que tinham feito era indesculpável e já eram grandes para dar-se conta, seguia estando preocupada com eles.

Quando Phillip os tinha levado, estavam muito assustados e Eloise ainda recordava a inquietante pergunta que Oliver lhe tinha feito no dia anterior. "vai pegar nos?"

De fato, ao mesmo tempo que o perguntou, ia retrocedendo, como se esperasse que lhes pegasse.

Embora seguro que sir Phillip não... Não, era impossível. Uma coisa era lhes dar um soco depois de algo como o de hoje, mas seguro que não o fazia habitualmente.

Não podia haver-se equivocado tanto com uma pessoa. A noite anterior tinha permitido que a beijasse inclusive lhe havia devolvido o beijo. Seguro que se Phillip fora dos que pegava a seus filhos

por algo, o teria notado, haveria sentido que havia algo que não funcionava.

Afinal, depois do que pareceu uma eternidade, Oliver e Amanda apareceram na porta, sérios e com os olhos vermelhos, e atrás deles, obrigando-os a caminhar mais depressa que uma serpente, apareceu sir Phillip, também muito sério.

As crianças se aproximaram da cama e Eloise se virou para eles. Como tinha o olho esquerdo tampado, só via com o direito e, como não?, os meninos se colocaram a sua esquerda.

- Sentimos muito, senhorita Bridgerton - sussurraram.

- Mais alto - disse-lhes seu pai.

- Sentimos muito.

Eloise assentiu.

- Não voltará a acontecer - acrescentou Amanda.

- Bom, isso me tranqüiliza - disse Eloise.

Phillip limpou a garganta.

- Nosso pai diz que devemos compensá-la - disse Oliver.

- Mmm... - Eloise não estava segura de como pretendiam fazê-lo.

- Gosta de caramelos? - perguntou Amanda.

Eloise a olhou, piscando com o único olho que tinha aberto.

- Caramelos?

Amanda assentiu.

- Sim, suponho que sim. Como todo mundo.

- Tenho uma caixa de caramelos de limão. Estou há meses guardando-os. Pode ficar com eles.

Eloise engoliu em seco para suavizar o nó que se tinha feito na garganta ao ver a torturada expressão da Amanda. A esses meninos acontecia algo. Com tantos sobrinhos, Eloise sabia diferenciar perfeitamente quando um menino que não era feliz.

- Não tem importância, Amanda - disse, com o coração partido. - Fique com os caramelos.

- Mas temos que lhe dar algo - disse Amanda, olhando temerosa a seu pai.

Eloise esteve a ponto de lhe dizer que não era necessário mas, quando a olhou, deu-se conta de que tinham que fazê-lo. Em parte, claro, porque sir Phillip tinha insistido, e Eloise não ia contradizer sua autoridade. Mas, além disso, porque os gêmeos tinham que aprender a reparar os danos que causavam.

- Está bem - disse Eloise. - Darão-me uma tarde.

- Uma tarde?

- Sim. Quando me encontrar melhor, seu irmão e você me darão uma tarde. Ainda não conheço

Romney Hall muito bem e suponho que vocês conhecerão até o último canto. Poderiam me acompanhar para dar um passeio. Com uma condição - acrescentou, porque valorizava muito sua saúde e sua condição física. - Nada de travessuras.

- Nenhuma - disse Amanda, imediatamente, assentindo com força. - Prometo.

- Oliver - disse Phillip, quando seu filho não respondeu.

- Nada de travessuras nessa tarde - sussurrou.

Phillip se aproximou dele e o agarrou pela gola da camisa.

- Nem nunca! - disse, com a voz estrangulada. - Prometo! Não voltaremos a nos aproximar da senhorita Bridgerton.

- Bom, espero que façam alguma exceção - disse Eloise, olhando ao Phillip esperando que o interpretasse como um "Já pode soltar ao menino". - Devem-me uma tarde.

Amanda desenhou um tímido sorriso mas Oliver continuou igualmente sério.

- Podem partir - disse Phillip, e aos meninos faltou tempo para desaparecer.

Uma vez sozinhos, os dois adultos ficaram em silêncio, olhando a porta com uma expressão triste e esgotada. Eloise se sentia esgotada, como se a tivessem comprometido em uma situação que não conseguia entender.

Esteve a ponto de voltar a rir. No que estava pensando? Claro que a tinham comprometido em uma situação que não conseguia entender, e se enganava ao acreditar que sabia o que fazer.

Phillip se aproximou da cama mas, quando esteve a seu lado, manteve-se bastante rígido.

- Como se encontra? - perguntou-lhe.

- Se não me tirar esta carne do olho dentro de pouco - disse, com sinceridade, - acho que vou vomitar.

Agarrou a bandeja que havia trazido a criada e a aproximou. Eloise tirou o pedaço de carne do rosto, com uma careta ante o ruído aquoso e pegajoso que fez.

- Será melhor que lave o rosto - disse. - O cheiro é muito forte.

Phillip assentiu.

- Antes, deixe que lhe dê uma olhada.

- Tem muita experiência com estas coisas? - perguntou-lhe ela, olhando para o teto quando ele pediu.

- Um pouco. - Phillip lhe apertou um pouco a face com o polegar. - Olhe para a direita.

Obedeceu-lhe.

- Um pouco?

- Na universidade, boxeava.

- Era bom?

Fez-lhe virar a cabeça.

- Olhe à esquerda. O suficiente.

- O que quer dizer?

- Feche o olho.

- O que quer dizer? - insistiu ela.

- Não fechou o olho.

Eloise os fechou os dois porque, se só fechasse um, o fazia com muita força.

- O que quer dizer?

Não o via mas percebeu a pausa.

- Disseram-lhe alguma vez que é um pouco teimosa?

- Constantemente. É meu único defeito.

Escutou como Phillip ria.

- O único?

- O único que vale a pena comentar.

Abriu os olhos.

- Não me respondeu.

- Não recordo qual era a pergunta.

Abriu a boca para lhe responder, mas entendeu que estava zombando dela e fez uma careta.

- Volte a fechar o olho - disse Phillip. - Ainda não terminei. - Quando Eloise obedeceu, acrescentou: - "O suficiente" quer dizer que não tinha que brigar se não quisesse.

- Mas não era o campeão - conjeturou ela.

- Pode abrir o olho.

Eloise o abriu e piscou ao perceber como estava Phillip perto.

Ele se virou para trás.

- Não, não o era.

- E por que não?

Ele encolheu os ombros.

- Porque não me importava o suficiente.

- O que lhe parece? - perguntou ela.

- O olho?

Eloise assentiu.

- Não acredito que possamos fazer algo para evitar que tenha o olho arroxeado durante uns

dias.

- Achei que não tinha golpeado o olho - disse ela, suspirando frustrada. - Quando caí, refiro-me. Achei que tinha me machucado na face.

- Não é preciso bater no olho para que fique arroxeado. Vê-se claramente que se golpeou aqui - disse, acariciando a maçã do rosto, embora com delicadeza para que ela não notasse nenhuma dor. - E esta zona está tão perto do olho que é muito possível que o hematoma chegue até esta zona.

Ela grunhiu.

- Vou estar horrorosa durante semanas.

- Não acredito que tarde tanto tempo em desaparecer.

- Tenho irmãos - disse, lhe lançando um olhar que dizia que sabia do que estava falando. - Vi alguns olhos com hematomas.

Uma vez, ao Benedict saiu um que demorou meses em desaparecer.

- O que lhe aconteceu? - perguntou Phillip.

- Meu irmão mais velho - respondeu ela.

- Não me diga mais - disse Phillip. - Eu também tive um irmão mais velho.

- São umas criaturas asquerosas - disse Eloise, embora com um tom carinhoso.

- Certamente, o seu desaparecerá antes - disse, ajudando-a a se levantar para que pudesse ir lavar o rosto.

- Ou não.

Phillip assentiu e, enquanto Eloise se lavava, disse:

- Teremos que lhe buscar uma acompanhante.

Eloise ficou imóvel.

- Tinha-o esquecido.

Phillip demorou uns segundos em responder.

- Eu não.

Eloise agarrou uma toalha e secou o rosto.

- Sinto muito. É minha culpa. Em uma carta, disse-me que se encarregaria de procurar uma, mas, com a pressa por partir de Londres, esqueci que necessitaria de um tempo prudente para arrumar tudo.

Phillip a olhou fixamente, perguntando-se se teria dado conta de que tinha revelado mais informação do que teria gostado. Era difícil imaginar que uma mulher como Eloise, aberta, brilhante e extremamente faladora, pudesse ter segredos, mas desde que tinha chegado não tinha comentado nada dos motivos que haviam trazido-a até o Gloucestershire.

Disse que procurava marido, mas Phillip suspeitava que esses motivos tinham que ver tanto com o que tinha deixado em Londres como com o que esperava encontrar aqui no campo.

E agora o havia dito: "com a pressa". Por que tinha pressa por partir? O que tinha acontecido em Londres?

- Já escrevi a minha tia avó - disse, ajudando-a a meter-se na cama, embora estava claro que queria fazê-lo sozinha. - Enviei-lhe uma carta na mesma manhã que você chegou.

Mas duvido que apareça antes da quinta-feira. Vive no Dorset, que não está longe daqui, mas não é das que saem de sua casa com o posto. Necessitará de tempo para preparar a bagagem e fazer todas essas coisas... - agitou a mão no ar, lhe tirando importância... - que fazem as mulheres.

Eloise assentiu séria.

- Só são quatro dias. E aqui há muitos criados. Não é como se estivéssemos sozinhos em um longínquo refúgio de caçadores.

- Não diga tolices. Se alguém se inteira de sua presença nesta casa sem acompanhante, poria sua reputação em um sério compromisso.

Ela suspirou e encolheu os ombros em um gesto fatalista.

- Bom, não está em minha mão decidi-lo. - tocou o olho. - Com certeza, se voltasse hoje para casa, meu aspecto levantaria mais suspeita que o fato de que me tivesse ido.

Phillip assentiu lentamente, porque estava de acordo com ela embora não podia evitar pensar em outra coisa. Havia alguma razão em particular pela qual lhe preocupasse tão pouco sua reputação? Não tinha passado muito tempo entre a alta sociedade mas, por sua experiência, todas as damas solteiras, tivessem a idade que tivessem, sempre estavam preocupadas com sua reputação.

Era possível que a reputação de Eloise já estivesse arruinada no dia que apareceu em sua porta?

E, mais concretamente, importava-lhe?

Franziu o cenho, porque ainda não estava em condições de responder à segunda pergunta. Sabia o que queria, melhor dizendo, o que necessitava, em uma esposa e tinha muito pouco que ver com a pureza, a castidade e todos esses ideais que as garotas jovens tanto se esmeravam em preservar.

Necessitava de alguém que pudesse entrar em sua vida e fazê-la menos complicada. Alguém que estivesse à frente da casa e que fosse uma mãe para seus filhos. Sinceramente, alegrava-se de que Eloise despertasse também seus desejos mais íntimos, mas, embora tivesse sido feia como um cardo... Bom, não teria tido nenhum problema em casar-se com um cardo desde que fosse prática, eficiente e boa com as crianças.

Entretanto, se tudo isso era verdade, por que lhe incomodava tanto a possibilidade de que Eloise tivesse tido um amante?

Não, incomodar não era a palavra. Não sabia definir com exatidão seus sentimentos. Irritava-o, isso. Do mesmo modo que irritava uma pedra no sapato ou uma queimadura do sol.

Era aquela sensação de que algo não está bem. E não é que esteja catastrófica e dramaticamente mal, mas não está... Bem.

Viu como se recostava nos travesseiros.

- Quer descansar um momento? Deixo-a sozinha?

Eloise suspirou.

- Suponho que sim, embora não estou cansada. Dolorida, sim, mas não cansada. Só são oito.

Phillip olhou o relógio que havia em cima de uma estante.

- Nove.

- Oito, Nove - disse ela, deixando ver que não havia diferença. - Em qualquer caso, é de dia. - Olhou para a janela, melancólica. - E não chove.

- Preferiria sair e sentar-se no jardim? - perguntou Phillip.

- Preferiria passear pelo jardim - respondeu ela, descarada, - mas me dói um pouco o quadril. Suponho que deveria descansar um dia.

- Mais de um - disse ele, com brusquidão.

- Certamente tenha razão, mas lhe asseguro que não serei capaz de ficar na cama mais de um dia.

Phillip sorriu. Não era o tipo de mulher que passava o dia sentada no salão bordando, costurando ou o que fizessem as mulheres em um salão com agulha e fio na mão.

Observou-a enquanto, inclusive sentada na cama, não podia evitar mover uma perna. Não era o tipo de mulher que passava o dia sentada, e ponto.

- Gostaria de ler um livro? - perguntou-lhe.

Os olhos de Eloise refletiram sua decepção. Phillip sabia que esperava que a acompanhasse e Deus sabe que uma parte dele queria fazê-lo, mas a outra parte lhe dizia que tinha que afastar-se, quase como medida de amparo. Ainda se sentia um pouco deslocado por ter tido que bater em seus filhos.

Parecia que cada quinze dias faziam algo merecedor de um castigo e, a verdade, já não sabia que mais fazer. Embora não desfrutava batendo neles.

Odiava-o; cada vez que batia neles, tinha naúseas, mas o que se supunha que devia fazer quando se comportavam daquela maneira?

Tentava passar por cima as pequenas coisas, mas quando pregavam o cabelo da preceptora aos lençóis enquanto ela dormia, como ia passar por cima?

Ou como no dia que quebraram todos os vasos de barro de cerâmica que havia em uma estante da estufa. Disseram que tinha sido um acidente, mas Phillip não acreditou em nenhuma palavra. E, enquanto defendiam sua inocência, em seus olhos se via que não pensavam que seu pai acreditaria neles.

Assim impunha disciplina da única maneira que sabia embora, até agora, só tinha utilizado a mão. E isso quando a utilizava. A metade das vezes, bom mais da metade, as lembranças da disciplina de seu pai o mortificavam de tal maneira que se ia, tremendo e suado, horrorizado ante o tremor da mão com a que queria lhes bater no traseiro.

Preocupava-lhe ser muito benévolo com eles. Certamente o era, visto que seus filhos não se comportavam melhor. Dizia-se que tinha que ser mais severo e inclusive um dia tinha ido aos estábulos e tinha pego a vara...

Recordar isso fazia-o estremecer. Foi depois do episódio da cola; Tiveram que cortar o cabelo da senhorita Lockhart e Phillip sentiu uma raiva muito dolorosa e inadequada.

A visão se tingiu de vermelho e a única coisa que queria era castigá-los, fazer que se comportassem bem, ensinar a ser boas pessoas e acabou por ir procurar a vara.

Entretanto, queimou-lhe nas mãos e a soltou, horrorizado e temeroso de no que se teria convertido se a tivesse usado.

Os meninos ficaram sem um castigo durante um dia inteiro. Phillip se encerrou na estufa, tremendo e odiando-se pelo que quase tinha feito.

E pelo que era incapaz de fazer.

Converter a seus filhos em melhores pessoas.

Não sabia como ser um bom pai. Isso estava claro. Não sabia como fazê-lo e, além disso, era possível que não fosse feito para isso. Talvez, havia homens que nasciam sabendo o que dizer e o que fazer e outros, por muito que o tentassem, não serviam.

Talvez, a gente precisasse ter um bom pai a quem poder imitar.

E nisso, a sorte de Phillip esteve longe desde o dia que nasceu.

E agora estava ali, tentando cobrir suas deficiências com Eloise Bridgerton. Possivelmente poderia deixar de sentir-se tão mau pai se lhes conseguisse uma boa mãe. Entretanto, as coisas nunca eram tão fáceis como pareciam e Eloise, no dia que chegava em Romney Hall, tinha posto sua vida de pernas para o ar. Não esperava desejá-la, ao menos com a intensidade que o fazia cada vez que a olhava. E quando a tinha visto no chão, como é que o primeiro que havia sentido tinha sido

terror?

Terror por seu estado físico e, para ser sincero, terror de que os gêmeos a tivessem convencido de que partisse.

Quando se tinha informado do do cabelo da senhorita Lockhart, sua primeira reação tinha sido ir procurar aos meninos, cheio de cólera. Com o Eloise, em troca, mal tinha pensado neles até que se assegurou pessoalmente que não estava gravemente ferida.

Não queria preocupar-se com ela, só queria uma boa mãe para seus filhos. E agora não sabia o que fazer.

E, portanto, passar a manhã no jardim com a senhorita Bridgerton parecia uma ideia celestial, mas sabia que não podia permitir-se. Necessitava escapar.

Precisava estar um momento sozinho. Precisava pensar. Ou melhor, não pensar, porque se pensava só conseguia zangar-se e confundir-se mais. Precisava afundar as mãos

em algum vaso de barro cheio de terra e sujar-se até esquecer-se de todos seus problemas.

Precisava escapar.

E se por isso fosse um covarde, que assim fosse.

Capítulo 7.

"... não me aborreci tanto em minha vida. Colin, tem que voltar para casa. Estou terrivelmente aborrecida sem você e não acredito que possa suportá-lo muito mais.

Por favor, volta, porque já começo a me repetir e não há nada mais aborrecido que isso."

Eloise Bridgerton a seu irmão Colin, durante a quinta temporada do Eloise como debutante embora Colin, que estava viajando pela Dinamarca, nunca recebera a carta.

Eloise passou o dia inteiro no jardim, estirada em uma incrivelmente cômoda tumbona que deviam ter importado da Itália porque, por experiência, sabia que nem aos ingleses nem aos franceses preocupava a comodidade dos móveis.

E não é que passasse muitas horas do dia comprovando a construção das cadeiras e sofás, mas, como a tinham deixado sozinha no jardim do Romney Hall, não tinha outra coisa que fazer.

Nada. Só podia pensar na poltrona tão cômoda que tinha debaixo, bom e possivelmente também em que sir Phillip era um grosseiro e um mal educado por havê-la deixado sozinha todo o dia depois que seus dois monstros, cuja existência, recordou, nunca mencionara nas cartas que lhe escrevera durante um ano, tinham-lhe posto um olho arroxeado.

Era um dia perfeito, com o céu límpido e uma ligeira brisa, e Eloise não tinha nada no que pensar.

Jamais em sua vida se aborrecera tanto.

Não era das que se sentavam a contemplar o céu. Preferiria estar fazendo algo, passear, inspecionar uma sebe, algo que não fosse estar ali sentada observando o horizonte.

Ou, se tinha que ficar ali todo o dia, preferiria fazê-lo acompanhada.

Com certeza as nuvens seriam mais interessantes se não estivesse sozinha, se tivesse a alguém a quem poder dizer: "Olhe essa, parece um coelho, não acha?".

Mas não, tinham-na deixado completamente sozinha. Sir Phillip estava na estufa, inclusive o via de onde estava e, apesar de querer muito levantar-se e ir procurá-lo, embora só fosse porque as plantas seriam mais divertidas que as nuvens, não ia lhe dar a satisfação de persegui-lo.

Não depois de havê-la rechaçado daquela maneira tão brusca pela manhã. minha mãe, tinha-lhe faltado tempo para desaparecer de seu lado. Tinha sido do mais estranho.

Achava que se davam muito bem e, de repente, inventou não sei que desculpa de que tinha

muito que fazer e partiu do quarto como se estivesse infectada.

Que homem tão odioso!

Abriu o livro que tinha pego da biblioteca e o colocou diante do rosto. Desta vez ia lê-lo embora morresse de aborrecimento.

Embora, claro, isso mesmo se havia dito as últimas quatro vezes que o tinha aberto. E em nenhuma das quatro ocasiões tinha conseguido ler mais de uma frase, ou um parágrafo se fosse muito disciplinada, antes de evadir-se e que o texto ficasse impreciso e, obviamente, tinha deixado de ler.

E lhe estava bem porque, como se sentia tão irritada com sir Phillip, ao chegar à biblioteca tinha escolhido o primeiro livro que tinha encontrado.

A botânica das samambaias? Em que demônios estava pensando?

E o que era pior, se ele a visse com esse livro, com certeza pensaria que o tinha escolhido para saber mais de seus interesses.

Eloise piscou, surpreendida, ao ver que tinha chegado ao final da página. Não recordava nenhuma palavra do que acabava de ler e se perguntou se, simplesmente, a vista tinha passado por cima das palavras sem as ler.

Aquilo era ridículo. Deixou o livro, levantou-se e deu uns passos para comprovar o estado do quadril. Quando viu que a dor não era tão intensa, de fato só notou um ligeiro incômodo, desenhou um sorriso de satisfação e começou a caminhar para as roseiras que havia ao norte da casa, detendo-se de vez em quando para cheirar as flores.

Ainda estavam muito fechadas, porque a temporada das rosas ainda não tinha chegado, mas queria comprovar se cheiravam e se...

- Que demônios está fazendo?

Do susto, Eloise esteve a ponto de cair em cima de uma roseira.

- Sir Phillip - disse, embora fosse bastante claro.

Estava muito zangado.

- Supõe-se que deveria estar sentada.

- Estava sentada.

- Sim, pois ainda deveria estar.

Eloise decidiu ir com a verdade por diante.

- Aborrecia-me.

Sir Phillip lançou um olhar a poltrona.

- Não pegou um livro da biblioteca?

Ela encolheu os ombros.

- Já o terminei.

Phillip arqueou a sobrancelha, incrédulo.

Ela o olhou e também arqueou a sobrancelha.

- Olhe, precisa descansar - disse ele, muito sério.

- Estou perfeitamente - respondeu ela, colocando a mão em cima do quadril. - Mal me dói.

Phillip a olhou uns segundos, bastante irritado, como se quisesse dizer algo mas não soubesse o que.

Devia ter saído da estufa correndo, porque lhe custava respirar, levava os braços, as unhas e a camisa cheios de terra.

Ia feito um andrajoso, ao menos em comparação com os cavalheiros de Londres a quem ela estava acostumada, mas havia algo atraente nele, algo primitivo e elementar.

- Se tiver que me preocupar com você, não posso trabalhar - resmungou.

- Então não trabalhe - respondeu ela, para quem a solução era simples.

- Estou em meio de um experimento - disse ele, muito seco; tanto, que ao Eloise pareceu estar falando com um menino anti-social.

- Nesse caso, acompanharei-o - disse ela, passando a seu lado e dirigindo-se para a estufa. Como pretendia que decidissem se se adaptavam bem se mal passavam um tempo juntos?

Phillip estendeu o braço para detê-la, mas logo recordou que ia sujo e o afastou.

- Senhorita Bridgerton - disse. - Não pode...

- Não poderia ajudá-lo em algo? - interrompeu-o ela.

- Não - disse ele, com tanta brutalidade que Eloise decidiu não insistir.

- Sir Phillip - perguntou ela, que estava a ponto de perder a paciência, - posso lhe fazer uma pergunta?

Surpreso pela repentina mudança de assunto, assentiu com um movimento rápido e seco, como gostavam de fazer os homens quando estavam zangados e queriam fazer ver que controlavam a situação.

- É o mesmo homem com o que passeei ontem de noite?

Phillip a olhou como se estivesse louca.

- Perdão?

- O homem com quem passei um bonito serão ontem de noite - disse ela, contendo a necessidade de cruzar os braços enquanto falava. - O mesmo com quem jantei e dei um passeio pela casa e estufa; o homem que falou comigo e que, por surpreendente que pareça, desfrutou de minha

companhia.

Phillip se limitou a olhá-la durante vários segundos, e depois disse:

- Desfruto de sua companhia.

- Então - perguntou ela, - Por que me deixou sozinha no jardim três horas?

- Não foram três horas.

- Não se trata disso mas sim de...

- Foram quarenta e cinco minutos - disse ele.

- Que seja.

- Não, o que é.

- Está bem - disse ela porque, certamente, Phillip tinha razão, e isso a deixava em uma situação um tanto estranha e "Está bem" lhe pareceu a única coisa que podia dizer sem fazer mais ridículo.

- Senhorita Bridgerton - disse ele, com a voz cortada ao lembrar-se de que a noite anterior a tinha chamado simplesmente Eloise.

E a tinha beijado.

- Como poderá imaginar - continuou, - o acontecido esta manhã com meus filhos me deixou bastante mal humorado e pensei que não seria muito boa companhia para você.

- Entendo - respondeu Eloise, surpreendida pelo tom desdenhoso que lhe tinha saído.

- Bem.

Entretanto, Eloise estava certa de entender. Que estava zangado, claro. Bom, estava zangado pelos meninos, de acordo, mas ali havia outra coisa.

- Então, deixarei-o trabalhar - disse, fazendo um gesto com a mão para a estufa como se se estivesse despedindo dele.

Phillip lhe lançou um olhar muito suspeito.

- E o que vai fazer você?

- Bom, acredito que escreverei umas cartas e depois darei um passeio.

- Não dará nenhum passeio - grunhiu ele.

E à Eloise pareceu que o disse como se preocupasse com ela.

- Sir Phillip - respondeu ela. - Asseguro-lhe que me encontro perfeitamente.

Estou certa de estar melhor do que aparento.

- Será melhor que esteja melhor do que aparenta - disse ele, entre dentes.

Eloise franziu o cenho. Só era um olho arroxeado e, portanto, só teria esse aspecto durante um tempo, mas não havia necessidade de lhe recordar que estava horrível.

- Não se preocupe, manter-me-ei longe de seus assuntos que, em definitivo, é o que importa,

não é? - disse-lhe Eloise.

Começou a tremer a veia que cruzava a fronte de Phillip. Eloise se alegrou muito.

- Está bem, vá - disse-lhe. Entretanto, quando viu que ele não se movia, virou-se e seguiu caminhando para outro lado do jardim.

- Detenha-se agora mesmo - ordenou-lhe sir Phillip, colocando-se a seu lado com uma só passada. - Não dará nenhum passeio.

Eloise esteve a ponto de lhe perguntar se ia atá-la à poltrona mas, afinal, mordeu a língua por medo que Phillip gostasse da ideia e a levasse a cabo.

- Sir Phillip - disse, - não vejo como vai A... OH!

Resmungando sobre as estúpidas mulheres, embora com outro adjetivo que ao Eloise pareceu menos delicado, sir Phillip a agarrou nos braços, levou-a até a poltrona e a deixou cair em cima da almofada sem muitos cuidados.

- E não se mova daí - mandou-lhe.

Eloise tentou lhe responder depois daquela inconcebível demonstração de arrogância.

- Não pode...

- Pelo amor de Deus! Esgotaria até a paciência de um santo.

Ela o olhou.

- O que necessitaria para não mover-se daqui em todo o dia? - Perguntou-lhe ele, um pouco impaciente.

- Não me ocorre nada - Respondeu ela com sinceridade.

- Está bem - disse ele, com o queixo para fora, em um gesto de obstinação furiosa. - Percorra todo o condado. Nade até a França, se quiser.

- Desde Gloucestershire? - perguntou ela, levantando a comissura dos lábios.

- Se houver alguém neste mundo capaz de imaginar como fazê-lo - disse ele - Essa é você. Bom dia, senhorita Bridgerton.

E partiu, deixando Eloise no mesmo lugar de onde se levantara fazia dez minutos. Ali sentada e ainda surpreendida pelo repentino desaparecimento do Phillip, esqueceu que sua intenção era levantar-se e ir dar um passeio.

Se Phillip ainda não estivesse certo de ter cometido um erro pela manhã, a breve nota de Eloise lhe informando que aquela noite jantaria em seu quarto acabou de deixar-lhe claro.

Tendo em conta que durante toda a tarde se queixara da falta de companhia, a decisão de jantar sozinha em sua habitação era um ataque claro e direto.

Phillip jantou sozinho, em silêncio, como tinha feito durante meses. Em realidade, durante anos

porque, enquanto Marina vivia, tampouco costumava descer para jantar com ele. Diria-se que já se teria acostumado à situação, mas estava nervoso e desconfortável porque era consciente de que os criados sabiam que Eloise tinha recusado sua companhia.

Grunhiu algo enquanto mastigava a carne. Sabia que se supunha que se devia ignorar aos criados e fazer sua vida normal como se não existissem ou, se existissem, como se fossem outra espécie completamente distinta. E enquanto não lhe interessava para nada a vida que levavam fora do Romney Hall, a eles parecia lhes interessava a sua e odiava ser a fofoca da casa.

E certamente essa noite o era; certamente enquanto jantavam todos na cozinha, só falariam dele. Meteu um pedaço de pão na boca. Tomara tivessem que comer o peixe que Eloise meteu na cama da Amanda.

Comeu a salada, o frango e o pudim, embora com a sopa e a carne tinha tido mais que suficiente. Mas sempre existia a possibilidade de que Eloise mudasse de idéia e descesse para jantar com ele. Não parecia muito provável, visto sua teimosia, mas se o fizesse, queria estar presente.

Quando ficou claro que era mais um desejo que uma realidade, pensou em subir a seu quarto, mas, inclusive no campo, não era apropriado e, além disso, duvidava que quisesse vê-lo.

Bom, isso não era de todo verdade. No fundo, achava que queria vê-lo, mas o queria ver arrependido.

E embora não pronunciasse "sinto muito", certamente que em seu aspecto se refletia que se apresentava ante ela com o rabo entre as pernas.

Embora isso não seria o pior do mundo, porque já tinha decidido ajoelhar-se ante ela e lhe rogar que se casasse com ele desde que ela aceitasse fazer de mãe aos gêmeos. E isso apesar de ter estragado tudo à tarde e, para ser sincero, também de manhã.

Entretanto, querer cortejar a uma mulher e saber fazê-lo eram duas coisas bem distintas.

Seu irmão era o que tinha encanto e dom de gente; sempre sabia o que dizer e o que fazer em cada situação. George jamais se deu conta que os criados o olhavam de esguelha como se, em dez minutos, fossem esfolá-lo vivo e, em realidade, jamais tinha tido necessidade de fazê-lo porque tudo o que haviam dito dele tinha sido:

"O senhor George é um cafajeste". E isso sempre acompanhado de um sorriso, claro.

Em troca, Phillip era muito mais calado, mais reflexivo e muito menos dotado para o papel de pai e senhor das terras. Sempre tinha planejado partir do Romney Hall e não olhar para trás, ao menos enquanto seu pai estivesse vivo. George era quem tinha que casar-se com Marina e juntos teriam meia dúzia de filhos perfeitos.

Phillip seria o tio brusco e excêntrico que vivia em Cambridge e passava o dia metido na estufa

fazendo experimentos que ninguém mais entendia, ou que ninguém se preocupava, na verdade.

As coisas tinham que ir assim, mas mudo mudou naquele campo de batalha da Bélgica.

Inglaterra ganhou a guerra, mas para Phillip foi pouco consolo quando seu pai o fez voltar para o Gloucestershire para convertê-lo no perfeito herdeiro.

Para convertê-lo no George, que sempre tinha sido seu filho predileto.

E um dia seu pai morreu. Ali, diante dele. Em meio de uma acalorada disputa, certamente exagerada pelo fato que seu filho já era muito grande para pô-lo de joelhos e golpeá-lo com uma vara, seu coração disse basta.

E ele se converteu em sir Phillip, com todos os direitos e as obrigações de um barão.

Queria a seus filhos, queria-os mais que a sua vida, assim supunha que se alegrava de como tinham saído às coisas, mas continuava sentindo que tinha fracassado. Romney Hall ia sobre rodas; tinha introduzido várias técnicas agrícolas novas que tinha aprendido na universidade e era a primeira vez que as terras davam benefícios desde... Bom, não sabia desde quando. Enquanto seu pai esteve vivo, as terras não tinham dado nenhuma renda.

Mas as terras eram só terras. E seus filhos eram seres humanos, de carne e osso, e cada dia estava mais seguro de que os estava decepcionando. Cada novo amanhecer parecia trazer problemas novos, coisa que o aterrava porque não imaginava o que podia ser pior que colar o cabelo da senhorita Lockhart e pôr o olho arroxeado ao Eloise, e não sabia o que fazer. Quando tentava falar com eles, sempre parecia que dizia as palavras inapropriadas. Ou fazia o gesto inapropriado. Ou não fazia nada porque lhe dava medo perder os estribos.

Exceto uma vez. O jantar da noite anterior com o Eloise e Amanda. Pela primeira vez desde que recordava, tinha sabido tratar a sua filha como um pai. A presença de Eloise o tinha acalmado, tinha-lhe proporcionado uma clareza de pensamento que normalmente não tinha quando enfrentava a seus filhos. Foi capaz de ver o lado divertido da situação em vez de sua própria frustração.

Por isso, com mais motivo ainda, necessitava que Eloise ficasse e se casasse com ele. E por isso mesmo decidiu que não subiria para vê-la para tentar arrumar as coisas.

Não lhe importava apresentar-se ante ela com o rabo entre as pernas. Se fosse necessário, apresentar-se-ia com a cabeça entre as pernas.

O que não queria era piorar ainda mais as coisas.

No dia seguinte, Eloise se levantou muito cedo, embora era normal porque, a noite anterior, deitou-se às oito e meia. Arrependeu-se de seu exílio voluntário no mesmo momento em que enviou a nota a sir Phillip lhe dizendo que jantaria em seu quarto.

Zangara-se muito com ele e, de noite, deixou que a ira se apoderasse de sua mente. A verdade

era que detestava comer sozinha, detestava estar sentada olhando o prato e pensando quantos bocados faltavam para acabar as batatas. Mesmo sir Phillip em seu dia mais obstinado e incomunicativo teria sido melhor que nada.

Além disso, ainda não estava segura de que se adaptassem bem, e comer em aposentos separados não contribuía para poder conhecer um pouco mais sua personalidade e seu caráter.

Podia ser um urso, e dos mais resmungões, mas quando sorria... De repente, Eloise entendeu ao que se referiam todas essas garotas quando ficavam extasiadas pelo sorriso de seu irmão Colin, que lhe parecia muito normal porque, bom, era Colin.

Entretanto, quando sir Phillip sorria, transformava-se. Os olhos escuros adquiriam um brilho diabólico, cheios de humor e picardia, como se soubesse algo que ela não sabia.

Mas aquilo não era o que fazia que o coração lhe desse um salto. Eloise era uma Bridgerton e já havia visto muitos brilhos diabólicos e se orgulhava de ser bastante imune a seus efeitos.

Quando sir Phillip a olhava e lhe sorria, o fazia com um ar de acanhamento, como se não estivesse acostumado a sorrir a uma mulher. E ela ficava com a sensação de que aquele era um homem que, se as peças do quebra-cabeças encaixavam, poderia chegar a apreciá-la algum dia. Embora não a quisesse, valorizá-la-ia e não tomaria à ligeira.

E por esse motivo Eloise ainda não estava pronta para fazer as malas e partir, a pesar do lamentável comportamento de sir Phillip no dia anterior.

Escutou que seu estômago reclamava comida e desceu à sala de refeições, onde lhe informaram que sir Phillip já tinha tomado o café da manhã. Eloise tentou não desanimar.

Não significava que estivesse tentando evitá-la; era muito possível que tivesse dado por sentado que não gostava de madrugar e tivesse decidido não esperá-la.

Entretanto, quando lançou um olhar à estufa e o viu vazio, deu-se por vencida e foi em busca de outra companhia.

Oliver e Amanda lhe deviam uma tarde, não? Eloise subiu as escadas muito decidida. Bem podiam trocá-la por uma manhã.

- Gosta de nadar?

Oliver a olhou como se tivesse ficado louca.

- Eu sim - disse Eloise, assentindo. - Vocês não?

- Não - respondeu o menino.

- Eu sim - disse Amanda, mostrando a língua a seu irmão quando este lançou um olhar furioso.

- Eu adoro nadar, e Oliver também. Mas está muito zangado com você para admiti-lo.

- Não acredito que devam ir - disse a babá, uma mulher de aspecto severo e de idade

indeterminada.

- Bobagens - disse Eloise que, nesse mesmo momento, decidiu que não gostava nada daquela mulher. - Faz muito bom dia e um pouco de exercício não lhes virá mau.

- De qualquer modo... - disse a babá, com uma voz irritada que demonstrava o pouco que gostava que ignorassem sua autoridade.

- Eu mesma lhes darei aula - continuou Eloise, utilizando o mesmo tom de voz que utilizava sua mãe quando queria deixar claro que não queria discutir.

- Agora mesmo não têm preceptora, não é?

- Não, não têm - disse a babá. - Estes pequenos monstros lhe puseram cola em...

- Não me importa porque partiu - interrompeu-a Eloise, que não queria saber o que lhe tinham feito à última preceptora.

- Estou certa que a você lhe tem feito muito pesado assumir os dois papéis durante estas semanas.

- Meses - grunhiu a babá.

- Ainda pior - disse Eloise. - Acredito que merece uma manhã livre, não lhe parece?

- Bom, não me importaria ir ao vilarejo...

- Então, está decidido. - Eloise baixou a cabeça, olhou aos meninos e se permitiu um momento de auto complacência. Estavam-na olhando maravilhados. - Venha, vá-se - disse-lhe à babá, quase empurrando-a para que saísse. - Divirta-se.

Quando a babá, ainda um pouco zangada, saiu, Eloise fechou a porta e se virou para os meninos.

- É muito inteligente - disse Amanda, boquiaberta.

Oliver não pôde dizer nada, só concordou com o comentário de sua irmã.

- Odeio à babá Edwards - disse Amanda.

- Não diga isso - recriminou-lhe Eloise, embora tampouco tinha gostado dela .

- Odiamo-la - disse Oliver. - É horrível.

Amanda assentiu.

- Tomara voltasse a babá Millsby, mas teve que partir para cuidar de sua mãe. Está doente - explicou a menina.

- Sua mãe - acrescentou Oliver. - Não a babá Millsby.

- Quanto tempo está aqui a senhorita Edwards? - perguntou Eloise.

- Cinco meses - respondeu Amanda, muito triste. - Cinco longos meses.

- Bom, estou certa que não deve ser tão má - disse Eloise, que quis continuar mas que não

pôde porque Oliver a interrompeu.

- Sim que o é!

Eloise não estava disposta a desprezar a outro adulto, e muito menos a um que tinha autoridade sobre os meninos, assim decidiu fechar o assunto.

- Bom, isso agora não importa porque esta manhã estão comigo.

Amanda se aproximou e, timidamente, agarrou-lhe a mão.

- Gosto de você - disse.

- E eu também de você - respondeu Eloise que, surpreendida, notou como lhe umedeciam os olhos.

Oliver não disse nada e Eloise não levou a mau. Algumas pessoas custava mais ter carinho a outros que a outras. Além disso, estes meninos tinham todo o direito do mundo a serem precavidos.

Sua mãe os tinha deixado. Porque tinha morrido, claro, mas ainda assim ficaram sem mãe muito cedo; só sabiam que a queriam e que já não estava com eles.

Eloise recordou os meses posteriores à morte de seu pai. Abraçava-se a sua mãe a cada momento dizendo-se que se mantivesse perto dela, ou melhor, agarrada a ela, não partiria.

Não estranhava que as crianças custassem adaptar-se à nova babá? Certamente, a babá Millsby os tinha cuidado desde pequenos e perdê-la depois de pouco tempo da morte de Marina deve ter sido duplamente difícil.

- Sinto muito o do olho - disse Amanda.

Eloise lhe apertou um pouco a mão.

- Não é tanto como parece.

- Pois parece horrível - admitiu Oliver, demonstrando pela primeira vez um pouco de remorso no rosto.

- É verdade - disse Eloise, - mas estou começando a gostar. Acho que pareço um soldado que volta da guerra... e ganhou!

- Não parece que tenha ganho - disse Oliver, puro reflexo do cepticismo.

- Não diga bobagens. Claro que sim. Qualquer um que volta para casa depois de uma guerra já ganhou.

- Isso significa que o tio George perdeu? - perguntou Amanda.

- O irmão de seu pai?

Amanda assentiu.

- Morreu antes de que nascêssemos.

Eloise se perguntou se saberiam que, a princípio, sua mãe tinha que casar-se com seu tio.

Certamente não.

- Seu tio foi um herói - disse, muito receosa.

- Mas nosso pai não - disse Oliver.

- Seu pai não pôde ir à guerra porque tinha muitas responsabilidades aqui - explicou-lhe Eloise. - Mas faz uma manhã muito bonita para uma conversa tão séria, não acham? Deveríamos estar aí fora passando isso em grande.

Os meninos em seguida se contagiaram de seu entusiasmo e, em um abrir e fechar de olhos, puseram os trajes de banho e foram correndo pelo jardim para o lago.

- Temos que repassar a aritmética! - gritou-lhes Eloise enquanto os meninos se afastavam.

E, para sua maior surpresa, fizeram-no. Quem houvesse dito que os números podiam ser tão divertidos?

Capítulo 8.

"... que sorte tem de ir à escola! Nós temos uma nova preceptora e é a tortura personificada. Dá-nos a tabarra com as somas todo o dia. A pobre Hyacinth põe-se a chorar cada vez que escuta a palavra "sete", embora não sei por que "um mais seis" não lhe provoca o mesmo efeito. Não sei o que vamos fazer. Suponho que sujaremos o cabelo com tinta, à senhorita Haversham, claro, não ao Hyacinth, embora não o descarto."

Eloise Bridgerton a seu irmão Gregory no primeiro trimestre deste no colégio Eton.

Quando Phillip voltou do roseiral, estranhou muito encontrar a casa tão tranqüila e silenciosa. Não passava um dia sem que não se escutasse o ruído de uma mesa contra o chão ou algum grito de raiva.

Os meninos, pensou, saboreando aquele momento de silêncio. Com certeza lhes tinham dado a manhã livre e a babá Edwards os tinha levado a dar um passeio.

E supôs que Eloise ainda continuaria deitada embora fossem quase dez; em realidade, não parecia o tipo de mulher que a quem costumava pegar os lençóis.

Phillip olhou o ramo de rosas que levava na mão. passou-se uma hora escolhendo as mais bonitas; no Romney Hall havia três roseirais e tinha tido que ir até a mais longínqua para encontrar as que tinham começado a abrir. Depois foi cortando, muito minucioso, com cuidado de cortar pelo ponto exato para que a roseira continuasse crescendo, e a seguir limpou os caules.

Dava-se bem com as flores. E com as plantas ainda melhor, mas duvidava que pudesse parecer romântico à Eloise dar de presente um ramo de hera.

Foi até a sala de refeições, onde esperava encontrar a mesa posta com o café da manhã de Eloise, mas já estava tudo recolhido e limpo. Phillip franziu o cenho e ficou um segundo ali de pé, tentando decidir o que fazer. Era claro que Eloise já se levantara e tinha tomado o café da manhã, mas não tinha nem idéia de onde estava.

Nesse momento entrou uma serviçal com um espanador e um pano. Quando o viu, inclinou a cabeça.

- Necessitarei de um vaso - disse, levantando as flores. Teria gostado de dá-la diretamente à Eloise, mas não gostava de as levar consigo toda a manhã enquanto a buscava.

A serviçal assentiu e deu meia volta, mas Phillip a deteve.

- Por certo, sabe onde está a senhorita Bridgerton? Vi que já recolheram seu café da manhã.

- Saiu, sir Phillip - disse a garota. - Com os meninos.

Phillip piscou, surpreso.

- Saiu com o Oliver e Amanda? De maneira voluntária?

A serviçal assentiu.

- Que interessante - suspirou e tentou não imaginar a cena. - Espero que não a matem.

A criada o olhou alarmada.

- Sir Phillip?

- Era uma brincadeira... né... Mary? - Não pretendia acabar a frase com uma interrogação mas, para ser sincero, não estava seguro de como se chamava essa garota.

Ela assentiu de um modo que tampouco deixou claro se tinha acertado ou se só estava sendo educada.

- E sabe onde foram? - perguntou-lhe.

- Acho que foram ao lago. Nadar.

Gelou o sangue nas veias de Phillip.

- Nadar? - perguntou, com uma voz que lhe soou longínqua e alterada.

- Sim. Os meninos levavam os trajes de banho.

Nadar. Santo Deus.

Já fazia um ano que evitava passar pelo lago. Tomava o caminho longo para não vê-lo. E aos meninos tinha proibido que fossem.

Ou não?

Havia dito à babá Millsby que não os deixasse aproximar-se da água, mas o havia dito à babá Edwards?

Saiu correndo, atirando todas as rosas ao chão.

- O último é um ermitão! - gritou Oliver, lançando-se à água a toda velocidade embora, quando lhe cobria até a cintura, deteve-se e riu.

- Você sim que é um ermitão! - gritou-lhe Amanda enquanto chapinhava a seu redor.

- Pois você, um ermitão podre!

- Bom, pois você um ermitão morto!

Eloise não deixava de rir enquanto caminhava pela água a escassos metros da Amanda. Não havia trazido traje de banho, como ia saber que o necessitaria? Assim amarrou o vestido e a anágua justo por cima dos joelhos. Era muita pele à vista, embora com a única companhia de dois meninos

de oito anos não importava.

Além disso, estavam muito entretidos salpicando um ao outro para fixar-se em suas pernas.

Os meninos ganharam suas simpatias de caminho ao lago, enquanto riam e falavam, e Eloise se perguntou se realmente a única coisa que precisavam era um pouco de atenção.

Tinham perdido a sua mãe, a relação com seu pai era, quando menos, distante e sua adorada babá partira. Menos mal que ainda se tinham o um ao outro.

E talvez, quem sabe? A ela mordeu o lábio, porque não sabia se devia deixar que seus pensamentos viajassem nessa direção. Ainda não tinha decidido se queria casar-se com sir Phillip e, por muito que pareciam necessitá-la esses meninos, e sabia que a necessitavam, não podia tomar a decisão apoiando-se neles.

Não ia casar-se com eles.

- Não vá mais longe! - gritou, preocupada porque Oliver se afastara um pouco.

O menino pôs aquela expressão que põem os meninos quando acreditam que os estão sobreprotegendo mas, de qualquer modo, deu dois passos para a margem.

- Deveria aproximar-se mais, senhorita Bridgerton - disse Amanda, sentando-se no chão do lago, mas se levantou e gritou: - Ah! Está fria!

- Então, por que se sentou? - perguntou-lhe Oliver. - Já sabia que estava fria.

- Sim, mas os pés já tinham se acostumado ao frio - respondeu ela, abraçando-se. - Já não parecia tão fria.

- Não se preocupe - disse-lhe ele, com um sorriso altivo. - O traseiro também se acostumará.

- Oliver - disse Eloise muito séria, embora estragasse o efeito da recriminação quando riu.

- Tem razão! - exclamou Amanda, girando-se para a Eloise, muito surpreendida. - Já não me sinto o traseiro.

- Não estou certa de que seja uma boa notícia - disse Eloise.

- Deveria nadar - insistiu Oliver. - Ou, ao menos, venha até onde está Amanda.

Mal molhou os pés.

- Não tenho traje de banho - respondeu Eloise, embora o tivesse dito umas seis vezes.

- Acho que não sabe nadar - disse ele.

- Asseguro que sei nadar perfeitamente - respondeu ela. - E não conseguirá que lhe demonstre isso enquanto usar meu terceiro melhor vestido de dia.

Amanda a olhou e piscou um par de vezes.

- Eu gostaria de ver o primeiro e o segundo, porque o que leva é muito bonito.

- Obrigada, Amanda - respondeu Eloise, que se perguntou quem lhe devia escolher a roupa à

menina. Seguro que a cascarrabias da babá Edwards. O que levava não estava mal mas Eloise estava certa que nunca ninguém lhe tinha proposto passar bem enquanto escolhia o tecido de seus próprios vestidos. Sorriu-lhe e disse - Se alguma vez quiser ir comprar, eu gostaria de acompanhá-la.

- OH, eu adoraria - disse Amanda, quase sem respiração. - Mais que qualquer outra coisa. Obrigada!

- Garotas - disse Oliver, com desdém.

- Algum dia nos agradecerá isso - disse Eloise.

- Né?

Ela só agitou a cabeça enquanto sorria. Ainda demoraria um pouco em dar-se conta que as garotas sabiam fazer outras coisas além de tranças no cabelo.

Oliver encolheu os ombros e voltou para sua tarefa de golpear a superfície da água com a palma da mão de maneira que salpicasse a maior quantidade de água possível

em sua irmã.

- Pare! - gritou Amanda.

Oliver riu e voltou a salpicar.

- Oliver! - Amanda se levantou e se aproximou dele. Então, quando viu que caminhando ia muito devagar, mergulhou na água e começou a nadar.

Ele gritou e se afastou um pouco mais, saindo à superfície só para tomar ar e zombar de sua irmã.

- Agarrarei-o! - exclamou Amanda, que se deteve um momento para descansar.

- Não se afastem muito! - gritou Eloise, embora não se importava. Estava claro que os dois eram excelentes nadadores. Se eram como Eloise e seus irmãos, certamente teriam aprendido aos quatro anos. Os Bridgerton passaram muitíssimas horas chapinhando no lago que havia perto da casa do verão do Kent embora, em realidade, as horas de natação se reduziram grandemente a partir da morte de seu pai. Quando Edmund Bridgerton estava vivo, a família passava grande parte do tempo no campo, mas, depois de sua morte, acabaram-se instalando na cidade. Eloise nunca soube se era porque a sua mãe gostava mais da cidade ou porque a casa do campo lhe trazia muitas lembranças.

Eloise adorava Londres e tinha desfrutado muito seus anos ali, mas agora que estava no Gloucestershire, chapinhando em um lago com dois meninos de oito anos, deu-se conta do muito que tinha tido saudades da vida do campo.

E não é que estivesse preparada para deixar Londres, com todos os amigos e as diversões que ali tinha, mas começava a perguntar-se que tampouco precisava passar tanto tempo na capital.

No final, Amanda chegou até seu irmão, lançou-se em cima dele e os dois desapareceram

debaixo da água. Eloise os vigiava e, de vez em quando, via uma mão ou um pé que aparecia pela superfície até que saíram os dois a respirar, rindo-se e desafiando-se no que parecia uma guerra aberta em toda regra.

- Tomem cuidado! - gritou Eloise, basicamente porque é o que houvessem dito a ela; era engraçado que agora fosse ela a figura adulta com autoridade.

Com seus sobrinhos, sempre era a tia divertida e permissiva. - Oliver! Não puxe o cabelo de sua irmã!

E o menino se deteve, mas em seguida se agarrou à gola do traje de banho de sua irmã, algo que devia ser incrivelmente molesto para a Amanda, que começou a tossir.

- Oliver! - gritou Eloise. - Solte a sua irmã agora mesmo!

E, para surpresa e satisfação do Eloise, fez isso, mas Amanda aproveitou esse instante de pausa para lançar-se em cima de seu irmão, afundá-lo e sentar-se em cima dele.

- Amanda! - gritou Eloise.

Amanda fez de conta que não a ouvia.

Maldição! Agora teria que ir até ali e pôr paz entre eles e, no processo, com certeza acabava empapada.

- Amanda, deixa a seu irmão! - exclamou Eloise, em um último esforço de salvar o vestido e a dignidade.

Amanda se levantou e Oliver saiu disparado para a superfície, procurando ar.

- Amanda Crane, vou ......

- Não vai fazer nada - disse Eloise, muito séria. - Nenhum dos dois vai matar mutilar, atacar nem abraçar ao outro durante meia hora.

Os meninos ficaram horrorizados ante a menção de um possível abraço.

- O que me dizem? - perguntou Eloise.

Os dois ficaram calados até que Amanda disse:

- E então, o que vamos fazer?

Boa pergunta. Quase todas as lembranças de Eloise no lago incluíam esse tipo de lutas com seus irmãos.

- Podemos nos secar e descansar um momento - disse.

As crianças não acharam muita graça.

- Deveríamos repassar seu conhecimento - acrescentou Eloise. - Possivelmente um pouco mais de aritmética. Prometi à babá Edwards que faríamos algo construtivo com nosso tempo.

Aquela sugestão lhes agradou como a anterior.

- Está bem - disse Eloise. - Então, o que propõem?

- Não sei - disse Oliver e Amanda encolheu os ombros.

- Bom, não tem sentido que estejamos aqui de pé sem fazer nada - disse Eloise, colocando os braços na cintura. - Além de que é muito aborrecido, é provável que nos congelemos...

- Saiam do lago!

Eloise se virou, tão surpreendida pelo grito furioso que escorregou e caiu. Ao diabo todas suas intenções de não molhar-se.

- Sir Phillip - disse, com a respiração entrecortada. Por sorte, tinha podido apoiar as mãos e não

De qualquer modo, a parte dianteira do vestido estava empapada.

- Saiam da água - grunhiu Phillip, metendo-se na água com uma força e uma velocidade surpreendentes.

- Sir Phillip - disse Eloise, muito surpreendida, enquanto tentava ficar direita. - O que...?

Entretanto, já tinha pego aos meninos pelo peito, um com cada braço, e os estava levando para a margem. Eloise observou, horrorizada, como os deixava na erva sem nenhuma delicadeza.

- Disse que nunca, jamais, viessem ao lago - disse-lhes, sacudindo-os pelos ombros. - Sabem que não podem vir aqui. Vocês... Deteve-se porque estava muito alterado por algo e porque precisava respirar.

- Mas isso foi o ano passado - choramingou Oliver.

- E me ouviram levantar a proibição?

- Não, mas pensei que...

- Pois se enganou - replicou-lhe Phillip. - Voltem para casa. Os dois.

Os meninos reconheceram aquele olhar de seu pai e saíram correndo para a colina. Phillip não fez nada, só os observou afastar-se e então, quando já não podia ouvi-los, virou-se para Eloise com uma expressão que a fez retroceder um passo e disse:

- Que diabos achava que estava fazendo?

Por um momento, ficou calada. A pergunta era muito absurda para lhe responder.

- Nos divertir um pouco - disse, afinal, com um pouco mais de insolência do que deveria.

- Não quero que meus filhos se aproximem do lago - disse, com brusquidão. - O deixei muito claro A...

- A mim não.

- Dá na mesma, não deveria...

- Como ia saber que não queria que se aproximassem da água? - perguntou-lhe ela, antes que a acusasse de irresponsável ou o que fosse que ia dizer lhe.

- Disse-lhe à babá aonde iríamos e o que íamos fazer e ela não me disse que tivesse proibido.

Viu no rosto que Phillip não tinha argumentos válidos contra isso, e aquilo o enfurecia ainda mais. Homens. O dia que aprendessem a aceitar um engano, converteriam-se em mulheres.

- Faz um dia muito bom - continuou, com aquela voz tão insistente que usava quando estava decidida a não ceder em uma discussão.

Algo que, para ela, era sempre.

- Pretendia me aproximar dos meninos - acrescentou, - porque não gosto que me deixem arroxeado o outro olho.

Disse-o para fazê-lo sentir culpado e, certamente, tinha funcionado porque se ruborizou e amaldiçoou entre dentes.

Eloise fez uma pausa se por acaso Phillip quisesse dizer algo ou, melhor, se por acaso quisesse dizer algo inteligível mas, quando não disse nada e ficou olhando, ela continuou:

- Achei que iria bem divertir-se um pouco - e, em voz baixa, acrescentou: - Deus sabe que necessitam.

- O que disse? - perguntou ele, zangado.

- Nada - disse ela imediatamente. - Não pensei que houvesse nada mau em descer para nadar.

- Pôs eles em perigo.

- Em perigo? - perguntou ela, incrédula. - Por quê?

Phillip não disse nada, só a olhou fixamente.

- Pelo amor de Deus - disse ela, displicente. - Só teria sido perigoso se eu não soubesse nadar.

- Dá-me na mesma se sabe nadar - replicou-lhe ele. - O que me preocupa é que meus filhos não sabem.

Eloise piscou, várias vezes.

- Sim, sabem - disse. - De fato, ambos são excelentes nadadores. Achei que lhes tinha ensinado você.

- O que está dizendo?

Eloise inclinou a cabeça, possivelmente por preocupação, possivelmente por curiosidade.

- Pensava que não sabiam nadar?

Por um momento, Phillip sentiu que o ar não chegava aos pulmões. Sentiu uma pressão estranha no peito, a pele de todo o corpo lhe começou a arder e o corpo ficou gelado, como se fora uma estátua.

Aquilo era horrível.

Ele era horrível.

Esse momento cristalizava todos seus fracassos. Não era que seus filhos soubessem nadar, era que ele não sabia. Como podia ser que um pai não soubesse essas coisas de seus filhos?

Um pai devia saber se seus filhos sabiam montar a cavalo. Devia saber se sabiam ler e contar até cem.

E devia saber se sabiam nadar, por todos os Santos.

- Eu... - disse, mas a voz lhe apagou depois daquela palavra. - Eu...

Eloise deu um passo adiante e sussurrou:

- Encontra-se bem?

Ele assentiu ou, ao menos, ao Eloise pareceu que assentia. Tinha a voz dela cravada na cabeça: "Sim sabem. Sim sabem. Sim sabem." e não a tinha escutado.

Tinha sido o tom, de surpresa misturado com um pouco de desdém, possivelmente.

Mas não sabia.

Seus filhos estavam crescendo e mudando e não os conhecia. Via-os e os reconhecia mas não sabia o que eram.

Respirou fundo. Não sabia quais eram suas cores favoritas.

Rosa? Azul? Verde?

Importava, ou só importava que não soubesse?

Era, a sua maneira, tão mau pai como o seu próprio. Pode ser que Thomas Crane batesse em seus filhos até quase matá-los, mas ao menos sabia o que faziam.

Phillip ignorava, evitava, dissimulava... algo para manter as distâncias e não perder os nervos. O que fosse para não converter-se em seu pai.

Embora possivelmente a distância nem sempre era algo bom.

- Phillip? - sussurrou Eloise, apoiando uma mão no braço dele. - Ocorre algo?

Ele a olhou, embora ainda estivesse cego e não podia concentrar-se em nada em concreto.

- Acredito que deveria ir para casa - disse ela, muito devagar. - Não tem bom aspecto.

- Estou... - queria dizer "Estou bem", mas não lhe saíam as palavras. Porque não estava bem e, esses dias, nem sequer sabia como estava.

Eloise mordeu o lábio inferior, abraçou-se e olhou para o céu justo quando uma nuvem tampava o sol.

Phillip seguiu seu olhar, viu a nuvem e notou que, de repente, a temperatura descia de maneira drástica. Olhou ao Eloise e, quando a viu tiritar, se deteve seu coração.

Sentiu mais frio que jamais em sua vida.

- Tem que voltar para casa - disse, agarrando-a pelo braço e arrastando-a para a colina.

- Phillip! - exclamou ela, correndo atrás dele. - Estou bem. Só tenho um pouco de frio.

Tocou-lhe a pele.

- Não tem um pouco de frio, está gelada - tirou o casaco. - Vista-o.

Eloise não o contrariou , mas disse:

- De verdade, estou bem. Não há nenhuma necessidade de correr.

A última palavra a disse quase afogada porque o seguia fazendo-a ir muito depressa e quase caia.

- Phillip, detenha-se - gritou. - Por favor, me deixe caminhar.

Ele se deteve tão em seco que ela tropeçou, deu meia volta e fungou.

- Se tiver frio e tiver febre, não me farei responsável.

- Mas se estamos em maio.

- Importa-me nada; mesmo se estivermos em julho. Não pode ficar com a roupa molhada.

- Claro que não - respondeu Eloise, tentando ser razoável, porque estava claro que, em qualquer momento, poderia voltar a agarrá-la pelo braço e arrastá-la até a casa.

- Mas não há nenhum motivo pelo qual não possa andar. Só há dez minutos até a casa. Não morrerei.

Eloise não sabia que alguém pudesse empalidecer até esse ponto, como se o sangue não lhe chegasse ao rosto, mas não sabia do que outra forma descrever a palidez do Phillip.

- Phillip? - perguntou-lhe, assustada. - O que lhe passa?

Pensou que não ia responder mas então, quase como se não fosse consciente que estava movendo a boca, sussurrou:

- Não sei.

Eloise lhe acariciou um braço e o olhou. Estava confuso, quase aturdido, como se o tivessem deixado no meio do palco e ficara em branco. Tinha os olhos abertos e a estava olhando, mas não devia ver nada, só a lembrança de algo que devia ser horrível.

Rompeu-lhe o coração. Ela também tinha algumas más lembranças, sabia como podiam encolher o coração e atormentar em sonhos até ter medo de apagar a vela.

Aos sete anos, Eloise tinha visto morrer a seu pai, tinha visto como gritava e chorava enquanto tentava respirar e caía ao chão; colocou-se junto a ele e lhe tinha golpeado o peito quando já não podia falar, lhe rogando que despertasse e dissesse algo.

Agora entendia que, naquele momento, já estava morto e sabê-lo piorava a lembrança.

Entretanto, ela tinha conseguido superá-lo. Não sabia como, certamente graças a sua mãe, que toda noite ia vê-la, segurava-a pela mão e lhe dizia que era bom falar de seu pai.

E que era bom sentir sua falta. Eloise continuava recordando-o, mas já não lhe atormentava e já fazia dez anos que não tinha pesadelos.

Entretanto, Phillip... Aquilo era diferente. Ainda não pôde se desligar do que fosse que tivesse acontecido no passado.

E, a diferença dela, estava fazendo frente a tudo sozinho.

- Phillip - disse, lhe acariciando a face. Ele não se moveu e se ela não tivesse notado seu fôlego contra sua pele, teria jurado que era uma estátua. Repetiu seu nome, aproximando-se mais.

Queria apagar esse olhar de seu rosto; queria curá-lo.

Queria que fosse a pessoa que sabia que, no fundo do coração, era.

Sussurrou seu nome uma última vez, lhe oferecendo compaixão, compreensão e a promessa de ajudá-lo, tudo em uma só palavra. Tomara a tivesse ouvido, tomara a tivesse escutado.

E então, lentamente, a mão do Phillip cobriu a de Eloise. Sua pele era cálida e rugosa, e apertou a mão dela contra sua face como se tentasse gravar esse contato na memória. Então, a levou a boca e lhe beijou a palma, com intensidade, quase com reverência, antes de levá-la ao peito. Em cima do coração, para que notasse os seus batimentos.

- Phillip? - sussurrou ela, em tom de pergunta, embora já soubesse o que pretendia fazer.

Com a outra mão, rodeou-lhe a cintura e a atraiu para ele, lentamente mas com segurança, com uma firmeza a que ela não pôde resistir. E então lhe tocou o queixo e lhe jogou a cabeça para trás; deteve-se um segundo para pronunciar seu nome e a beijou com uma intensidade incrível. Estava faminto, necessitava-a e a beijou como se fosse morrer sem ela, como se fosse seu alimento, seu ar, seu corpo e sua alma.

Era um desses beijos que uma mulher não esquecia facilmente, um desses beijos com os quais Eloise jamais tinha sonhado.

Atraiu-a ainda mais até que todo seu corpo esteve junto ao dele. Uma das mãos desceu até as nádegas e apertou com força até que aquela intimidade a fez ofegar.

- Necessito-a - grunhiu Phillip, como se as palavras lhe saíssem do mais profundo da garganta. Seus lábios abandonaram a boca de Eloise e viajaram pelas faces e pelo pescoço, deixando um rastro à sua passagem.

Eloise se estava derretendo. Ele a estava derretendo até que já não soube nem quem era nem o que estava fazendo.

Só o queria a ele. Queria mais. Queria-o tudo.

Mas...

Mas não assim. Não quando a estava usando como tábua de salvação para curar suas feridas.

- Phillip - disse, tirando forças para separar-se dele. - Não podemos. Assim não.

Por um momento, pensou que não a soltaria mas logo, de repente, fez isso.

- Sinto muito - disse, com a respiração alterada. Estava aturdido e Eloise não sabia se era pelo beijo ou por tudo o que tinha passado essa manhã.

- Não se desculpe - disse ela, arrumando o vestido, que estava todo molhado. Mas, de qualquer modo, tentou alisá-lo porque, nesse momento, estava muito desconfortável.

Se não se movesse, se não se obrigasse a fazer algum movimento, por pequeno que fosse, tinha medo de voltar a lançar-se a seus braços.

- Deveria voltar para casa - disse-lhe ele, em voz baixa.

Ela abriu os olhos, surpreendida.

- Você não vem?

Ele agitou a cabeça e, com uma voz muito fria, disse:

- Não se congelará. Você mesma o disse, é maio.

- Sim, bom, mas... - deteve-se aí porque não sabia o que dizer. Supôs que esperava que a interrompesse. Virou-se para a colina e então, quando escutou sua voz, deteve-se:

- Preciso pensar - disse Phillip.

- No que? - Não deveria ter perguntado, não deveria ter se intrometido, mas nunca tinha sido capaz de controlar-se.

- Não sei - disse ele, encolhendo os ombros. - Em tudo, suponho.

Eloise assentiu e seguiu seu caminho para a casa.

Mas aquele olhar perdido que tinha visto em seus olhos a perseguiu todo o dia.

Capítulo 9.

"... todos sentimos falta de papai, sobre tudo nesta época do ano. Mas pensa em como foi afortunado ao poder compartilhar dezoito anos com ele. Não me lembro muito dele e às vezes penso que tomara me tivesse podido conhecer melhor, tomara tivesse visto no que me converti."

Eloise Bridgerton a seu irmão, o visconde Bridgerton, com ocasião do décimo aniversário da morte de seu pai.

Eloise desceu tarde para jantar de propósito. Não se atrasou muito, porque não gostava de chegar tarde e, sobre tudo, porque era algo que não suportava em outros.

Entretanto, depois do acontecido à tarde, não tinha nem idéia se sir Phillip desceria para jantar e não teria podido agüentar esperá-lo na sala, tentando não comer as unhas ante a idéia de jantar sozinha.

Às sete e dez em ponto calculou que, se não a estava esperando, é que não ia descer para jantar com ela e, portanto, poderia passar diretamente à sala e perceber que já estava previsto que jantaria sozinha.

Entretanto, para sua maior surpresa e, sinceramente, também foi um alívio, quando entrou na sala, Phillip estava junto à janela, muito elegante com um traje que, embora não fosse a última moda, estava perfeitamente feito e talhado a medida. Eloise viu que ia de branco e negro e se perguntou se seria porque ainda guardava um luto parcial por Marina ou se simplesmente levava essas cores porque gostava. Seus irmãos costumavam renunciar às cores brilhantes e vistosas tão populares entre certos homens da alta sociedade de Londres, e sir Phillip, certamente, compartilhava o mesmo critério.

Eloise ficou na porta um momento, observando o perfil do Phillip e perguntando-se se a teria visto. E então, ele se virou, murmurou seu nome e se aproximou dela.

- Rogo-lhe aceite minhas desculpas pelo acontecido esta tarde - disse e, embora falasse com voz abafada, viu a súplica em seus olhos e sentiu que necessitava que o perdoasse.

- Não tem que desculpar-se - disse ela e supunha que era a verdade. Como ia saber se devia desculpar-se se nem sequer entendia o que tinha acontecido?

- Não, devo fazê-lo - insistiu ele. - Reagi de maneira desmesurada. Eu...

Eloise não disse nada, só o observou enquanto ele se pigarreava.

Phillip abriu a boca para falar mas passaram vários segundos antes de que dissesse:

- Marina esteve a ponto de afogar-se nesse lago.

Eloise ficou gelada e não percebeu que aproximara a mão à boca até que sentiu os dedos nos lábios.

- Mal sabia nadar - explicou ele.

- Sinto muito - sussurrou ela. - Estava você...? - Como perguntar sem parecer intrometida? Não havia forma de evitar e tinha que saber. - Estava você ali?

Phillip assentiu, muito sério.

- Tirei-a da água.

- Teve sorte - sussurrou Eloise. - Com certeza devia estar aterrada.

Phillip não disse nada. Nem sequer assentiu.

Eloise se lembrou de seu pai, do impotente que se havia sentido quando caiu ao chão diante dela. Já de menina era das que precisava fazer coisas. Jamais se tinha dedicado a observar a vida, sempre tinha querido fazer algo, arrumar coisas, inclusive pessoas. E a única vez que realmente deveria agir, não tinha podido fazer nada.

- Me alegro de que pudesse salvá-la - disse, em voz baixa. - Para você, teria sido horrível não poder fazê-lo.

Phillip a olhou com curiosidade e ela se deu conta que aquelas palavras tinham devido soar muito estranhas e acrescentou:

- É... muito difícil... quando alguém morre e só pode se olhar, quando não pode fazer nada para

evitar. - E então, porque o momento o pedia e porque se sentia extrañamente conectada a esse homem que estava de pé diante dela, com uma voz suave e possivelmente um pouco triste, acrescentou:

- Sei. Phillip levantou a cabeça e a olhou, questionando-a com o olhar.

- Meu pai - disse ela.

Não era algo de que costumasse falar com as pessoas; de fato, sua melhor amiga Penelope era a única pessoa alheia à família mais próxima que sabia que Eloise

tinha sido a única testemunha da morte de seu pai.

- Sinto muito - sussurrou ele.

- Sim - disse ela, melancólica. - Eu também.

E então, Phillip disse algo muito estranho:

- Não sabia que meus filhos soubessem nadar.

O comentário foi tão inesperado, uma mudança de assunto tão repentina, que Eloise só pôde

piscar e dizer:

- Perdão?

Ofereceu-lhe o braço para acompanhá-la até à sala.

- Não sabia que soubessem nadar - repetiu, com voz profunda. - Nem sequer sei quem lhes ensinou.

- Importa? - perguntou Eloise com suavidade.

- Claro - respondeu ele, muito brusco, - porque deveria tê-lo feito eu.

Era duro olhá-lo no rosto. Eloise não recordava ter visto jamais a um homem tão atormentado pela dor e, entretanto, gostava daquela atitude.

Qualquer homem que se preocupasse tanto por seus filhos, embora não soubesse o que fazer quando estava com eles, devia ser um bom homem. Eloise sabia que, para ela, as coisas costumavam ser brancas ou negras, que às vezes tomava decisões sem parar a analisar a paleta de cinzas intermediárias, mas também sabia que agora estava certa.

Sir Phillip Crane era um bom homem. Pode ser que não fosse perfeito mas era um bom homem, e tinha um grande coração.

- Bom - disse ela, com brio porque, por um lado, era sua maneira de ser e, pelo outro, porque era como gostava de fazer frente aos problemas - Lutando com eles em vez de arrepender-se das coisas. - Agora já não pode fazer nada. Não podem desaprender o que aprenderam.

Phillip se deteve e a olhou.

- Tem razão, é claro - e logo, em um tom mais suave, acrescentou: - Mas fosse quem fosse que os ensinou , eu deveria ter sabido.

Eloise estava de acordo nisso mas, ao vê-lo tão preocupado, preferiu não dizê-lo em voz alta.

- Ainda tem tempo - disse-lhe.

- Do que? - perguntou ele, em um tom zombador que ia dirigido a ele mesmo. - De lhes ensinar a nadar de costas e assim ampliar seu repertório?

- Por que não? - respondeu Eloise, um pouco brusca, porque nunca tinha tido muita paciência com a autocompaixão. - Mas também de aprender mais coisas sobre eles.

São uns meninos encantadores.

Ele a olhou, incrédulo.

Ela limpou a garganta.

- Bom, sim, às vezes se comportam mau...

Phillip arqueou uma sobrancelha.

- De acordo, comportam-se mal muito freqüentemente mas só necessitam que lhes preste um

pouco mais de atenção.

- Eles disseram?

- Claro que não - disse ela, rindo-se daquele comentário tão inocente. - Só têm oito anos. Não vão dizer com estas palavras. Mas para mim está mais que claro.

Chegaram à sala de jantar e Eloise tomou assento. Phillip se sentou frente a ela, aproximou uma mão à taça de vinho, mas em seguida a afastou. Moveu os lábios, de maneira quase imperceptível, como se quisesse dizer algo mas não soubesse como. Afinal, depois de Eloise tomar um gole de vinho, perguntou-lhe:

- Divertiram-se? Nadando, quero dizer.

Ela sorriu.

- Muito. Deveria ir com eles algum dia.

Phillip fechou os olhos e os manteve assim um instante, não muito longo, embora mais prolongado que uma piscada.

- Não acredito que seja capaz - disse.

Ela assentiu. Sabia que as lembranças eram muito poderosas.

- Possivelmente em algum outro lugar - sugeriu. - Com certeza por aqui deve haver outro lago. Ou algum lago.

Phillip esperou que Eloise pegasse a colher e só então começou a tomar a sopa.

- É uma grande ideia. Acredito que... - deteve-se para limpar a garganta. - Acredito que poderia fazê-lo. Já pensarei onde podemos ir.

Aquela expressão foi deliciosa, a incerteza, a vulnerabilidade. O saber que, apesar de que não estava seguro de estar fazendo o correto, ia tentar.

O coração de Eloise deu um salto, mas um salto de alegria, e teve vontade de levantar-se e lhe agarrar a mão, mas não podia. Embora a mesa não fosse mais longa que seu braço, não podia. Assim se limitou a sorrir e a esperar que aquele gesto o animasse.

Phillip se tomou outra colherada de sopa, secou a boca com o guardanapo e disse:

- Espero que nos acompanhe.

- É claro - respondeu Eloise, encantada. - Sentiria-me desolada se não me convidassem.

- Estou certo de que exagera - disse ele, sorrindo. - Mas, de qualquer modo, seria uma honra e, sinceramente, para mim seria uma tranqüilidade acrescentada tê-la comigo.

- Ante o curioso olhar de Eloise, Phillip se explicou: - Com certeza, com sua presença, a excursão será um êxito.

- Estou certa que você...

Phillip a interrompeu.

- Todos estaremos muito melhor se você nos acompanhar - disse, com ênfase, e Eloise decidiu não discutir e aceitar a adulação.

Além disso, era possível que tivesse razão. Ele e os meninos estavam tão pouco acostumados a passar o tempo juntos que sua presença serviria para relaxar os ânimos.

E não lhe incomodou nada a idéia.

- Talvez amanhã - disse, - se continuar fazendo bom tempo.

- Acho que se manterá - respondeu Phillip. - O ar continua soprando do mesmo lado.

Enquanto sorvia a sopa, um caldo de frango com verduras ao qual faltava um pouco de sal, Eloise o olhou.

- Prediz o tempo? - perguntou, com um evidente cepticismo. Tinha um primo que estava convencido de que podia predizer o tempo e, sempre que o fazia caso, acabava empapada ou com os pés gelados.

- Absolutamente - respondeu ele, - mas se pode... - deteve-se e inclinou um pouco a cabeça. - O que foi isso?

- O que? - disse Eloise mas, enquanto o dizia, também escutou. Uma discussão e umas vozes que cada vez eram mais fortes. Passos decididos escutaram-se uma série de impropérios e, continuando, um grito de terror que só podia provir do mordomo...

E então Eloise soube.

- Meu deus - disse, inclinando a colher até que a sopa voltou a cair no prato.

- Que diabos acontece? - perguntou Phillip, que se levantou e se preparou para defender sua casa ante os invasores.

Embora não sabia a que tipo de invasores teria que fazer frente. Que tipo de invasores pesados, intrometidos e diabólicos teria que fazer frente em uns dez segundos.

Mas Eloise sabia. E sabia que, falando da iminente segurança do Phillip, "pesados, intrometidos e diabólicos" não era nada comparado com "furiosos, pouco razoáveis e muito corpulentos".

- Eloise? - perguntou Phillip, arqueando as sobrancelhas quando os dois escutaram que alguém gritava seu nome.

Ela sentiu que o sangue lhe gelava nas veias. Sentiu-o, sabia que tinha acontecido, embora não tivesse frio. Era impossível que sobrevivesse a isso, que superasse sem matar a alguém, preferivelmente a alguém que levasse seu mesmo sangue. Ficou de pé, com os punhos fechados na mesa. Os passos que, para ser sincero, pareciam uma horda furiosa, estavam cada vez mais perto.

- Conhece-os? - perguntou-lhe Phillip, bastante tranqüilo para alguém que estava a ponto de

morrer.

Ela assentiu e, sem saber como, conseguiu responder:

- Meus irmãos.

Phillip pensou, enquanto estava junto a parede com dois pares de mãos lhe rodeando o pescoço, que Eloise poderia lhe haver advertido daquilo.

Não teria sido necessário dizer-lhe com vários dias de antecipação, mas teria sido um detalhe, embora insuficiente, isso sim, visto a força de quatro homens muito corpulentos, muito zangados e, a julgar por seus rostos, muito parecidos.

Irmãos. Deveria ter imaginado. Certamente, não era boa ideia cortejar a uma mulher que tinha irmãos.

E quatro, para ser exato.

Quatro. Era incrível que ainda continuasse vivo.

- Anthony! - gritou Eloise. - Solte-o!

Anthony, ou ao menos Phillip supôs que seria Anthony porque aqui ninguém teve o trabalho de apresentar-se formalmente, apertou as mãos ao redor do pescoço do Phillip.

- Benedict! - exclamou Eloise, dirigindo-se ao mais corpulento dos quatro.

- Seja razoável!

O outro, bom o outro que o tinha pego pelo pescoço, porque havia dois mais que estavam um pouco mais longe observando-o tudo, soltou-o e se virou para a Eloise.

E isso foi um grande engano porque, com a pressa por pegar o pescoço, ninguém se tinha fixado no olho arroxeado de Eloise.

E, é claro, acreditariam que seria culpa dele.

Benedict soltou um grunhido feroz e agarrou ao Phillip pelo pescoço com tanta força que o levantou do chão.

"Magnífico - pensou Phillip. - Agora sim que vou morrer." O primeiro apertão tinha sido incômodo, mas este...

- Parem! - gritou Eloise, lançando-se sobre Benedict e lhe puxando o cabelo. Benedict gritou quando Eloise lhe jogou a cabeça para trás mas, por desgraça para o Phillip, Anthony se manteve firme, inclusive quando Benedict se viu obrigado a soltar as mãos para desfazer-se de Eloise.

Que, pelo que Phillip pôde ver, porque a falta de oxigênio estava começando a lhe afetar, estava brigando como uma fera. Com a mão direita, estava puxando o cabelo de seu irmão Benedict e tinha o braço esquerdo ao redor de seu pescoço, com o antebraço fixo debaixo do queixo.

- Pelo amor de Deus - disse Benedict, girando sobre si mesmo enquanto tentava escapar de sua irmã. - Que alguém me tire isso de cima!

Como era de esperar, nenhum dos outros Bridgerton foi em sua ajuda. De fato, o que estava apoiado na parede parecia mais divertido com aquela situação.

Ao Phillip lhe começou a nublar a vista mas, ainda assim, não pôde evitar admirar a fortaleza de Eloise. Era uma das poucas mulheres que sabia brigar e ganhar.

De repente, o rosto do Anthony estava a escassos centímetros do dele.

- Bateu-lhe? - grunhiu.

"Como se pudesse responder", pensou Phillip.

- Não! - exclamou Eloise, afastando sua atenção da cabeça do Benedict por um momento. - Claro que não.

Anthony a olhou fixamente enquanto voltava a empreendê-la a golpes com seu irmão.

- Nem claro nem nada.

- Foi um acidente - insistiu ela. - Ele não teve nada que ver. - E então, quando nenhum de seus irmãos deu sinal de acreditá-la, acrescentou:

- Pelo amor de Deus! De verdade acham que defenderia a alguém que me tivesse batido?

Aquilo pareceu funcionar porque, de repente, Anthony soltou ao Phillip, que caiu ao chão, respirando com dificuldade.

Quatro. Havia-lhe dito que tinha quatro irmãos? Com certeza não. Jamais teria se exposto casar-se com uma mulher que tivesse quatro irmãos.

Só um estúpido se amarraria a uma família assim.

- O que lhe fizeram? - perguntou Eloise, descendo das costas de Benedict e correndo ao lado do Phillip.

- O que fez ele a você? - perguntou um dos outros irmãos. Phillip viu que era o que antes de que seus outros irmãos o agarrassem pelo pescoço, tinha-lhe dado um murro no queixo.

Eloise lhe lançou um olhar feroz.

- O que faz você aqui?

- Proteger a honra de minha irmã - respondeu ele.

- Como se necessitasse de seu amparo. Se nem sequer tem vinte anos!

"Caramba!, este deve ser o menino cujo nome começa pelo G. George? Não, não é esse nome. Gavin? Não..."

- Tenho vinte e três anos - respondeu o menino, com toda a irritabilidade de um irmão pequeno.

- E eu vinte e oito - disse ela. - Não necessitava de sua ajuda quando estava com fraldas e não a necessito agora.

"Gregory, isso." Eloise lhe tinha falado dele em uma de suas cartas. Maldição, se sabia aquilo, também devia saber sobre a tropa de irmãos. Não podia jogar a culpa a ninguém.

- Queria vir - disse o que estava na esquina, que ainda não tinha feito nenhuma tentativa de matar ao Phillip.

Phillip pensou que era o que mais simpatizava, mais depois de ver como agarrava Gregory pelo braço para evitar que se jogasse sobre sua irmã que, por outra parte, era o que merecia, pensou Phillip, com muita ironia, do chão da sala. Com que fraldas, né?

- Pois deveria tê-lo detido - disse Eloise, alheia ao que estava passando pela cabeça de Phillip. - Sabem o humilhante que é isto?

Seus irmãos a olharam como se tivesse ficado louca, e com toda a razão, pensou Phillip.

- Quando não disse nada - disse Anthony, - perdeu todo o direito a se sentir humilhada, mortificada, incômoda ou qualquer outra emoção que não seja a estupidez mais absoluta.

Eloise parecia um pouco mais tranqüila mas, ainda assim, murmurou:

- Como se fosse escutar algo do que me vai dizer.

- Não como conosco - disse o que devia ser Colin, - com quem é dócil e obediente, verdade?

- Pelo amor de Deus! - exclamou Eloise, em um tom que as doloridas orelhas do Phillip perceberam como muito atraente.

Doloridas? Tinham-lhe dado um golpe nas orelhas? Não o recordava. Em uma luta de quatro contra um era difícil recordar tudo.

- Você - disse o que Phillip estava quase seguro que devia ser Anthony, assinalando-o com o indicador - não se mova daqui.

Como se fosse tentá-lo.

- E você - disse ao Eloise, com uma voz ainda mais inexpressiva, se é que era possível, - em que demônios estava pensando?

Eloise tentou amenizar o temporal com outra pergunta.

- O que estão fazendo aqui?

E o conseguiu, porque seu irmão caiu na armadilha e lhe respondeu.

- Salvá-la da ruína - disse-lhe, muito zangado. - Por Deus, Eloise, sabe como preocupados nos tinha?

- E eu que pensava que não se teriam dado conta - respondeu ela, tentando brincar.

- Eloise - disse Anthony, - mamãe está fora de si.

Aquilo conseguiu preocupá-la imediatamente.

- OH, não - sussurrou. - Não pensei nisso.

- Não, não o pensou - respondeu Anthony, com o tom severo que se esperava do homem que estava há vinte anos como cabeça de família. - Deveria lhe dar uma boa surra.

Phillip tentou ficar em pé porque não podia tolerar uma surra, mas então Anthony disse:

- Ou, pelo menos, lhe pôr uma focinheira. - E nesse momento Phillip soube que Anthony conhecia sua irmã perfeitamente.

- Aonde acha que vai? - perguntou Benedict, e Phillip se deu conta de que devia estar tentando ficar em pé e se deixou cair outra vez ao chão.

Phillip olhou ao Eloise.

- Não seria apropriado nos apresentar?

- OH - disse Eloise. - Sim, claro. Estes são meus irmãos.

- Já imaginei isso - disse Phillip, com a voz rouca.

Olhou-o, quase com a palavra perdão gravada nos olhos que, na opinião do Phillip, era o menos que podia fazer depois que seus irmãos estiveram a ponto de matá-lo, e depois se virou para o grupo de homens e disse:

- Anthony, Benedict, Colin e Gregory. Estes três - disse, refirindo-se à, a B e a C, - são meus irmãos mais velhos. Este - disse, assinalando ao Gregory, - não é mais que uma criança.

Gregory esteve a ponto de lhe saltar em cima, e Phillip não se teria oposto, porque assim o objetivo de seus punhos tivesse deixado de ser ele.

E logo, Eloise se virou para o Phillip e disse a seus irmãos:

- Sir Phillip Crane, mas suponho que já sabem.

- Deixou-lhe uma carta na escrivaninha - disse Colin.

Eloise fechou os olhos. Ao Phillip pareceu que movia os lábios dizendo: "Estúpida, estúpida, estúpida".

Colin sorriu.

- Procura ser mais cuidadosa no futuro, se decidir voltar a fugir.

- Terei-o em conta - respondeu Eloise, embora começava a apagar-se lentamente.

- É um bom momento para me levantar? - perguntou Phillip, dirigindo-se a ninguém em particular.

- Não! - Era difícil saber qual dos quatro tinha respondido mais alto.

Phillip ficou no chão. Não se considerava um covarde e, em realidade, era bastante bom na luta corpo a corpo, mas eram quatro.

Pode ser que fora boxeador, mas não era um idiota suicida.

- Como fez isso no olho? - perguntou Colin.

Eloise fez uma pausa antes de responder.

- Foi um acidente.

Colin ficou calado uns instantes e logo acrescentou:

- Importaria-se ser um pouco mais explícita?

Eloise engoliu em seco e olhou ao Phillip, algo que ele desejou que não tivesse feito porque assim só conseguia que "eles", como começava a referir-se ao quarteto, convencessem-se ainda mais de que ele era o responsável.

Um mal-entendido que só podia lhe provocar a morte e posterior desmembramento. Não pareciam dispostos a deixar que ninguém pusesse uma mão em cima de suas irmãs, e muito menos lhes pusesse um olho arroxeado.

- Diga-lhes a verdade, Eloise - disse Phillip, cansado.

- Foram seus filhos - disse, com uma careta.

Entretanto, Phillip não se preocupou. Embora tinham estado a ponto de estrangulá-lo, não pareciam capazes de golpear a dois meninos inocentes. E Eloise não diria nada se tivesse acreditado que os estava pondo em perigo.

- Tem filhos? - perguntou Anthony, lançando ao Phillip um olhar menos depreciativo.

Phillip pensou que Anthony também devia ser pai.

- Dois - respondeu Eloise. - Em realidade, são gêmeos. Um menino e uma menina de oito anos.

- Parabéns - disse Anthony.

- Obrigado - respondeu Phillip, sentindo-se muito cansado e velho nesse momento. - Acredito que as condolências seriam mais adequadas.

Anthony o olhou com curiosidade e quase sorrindo.

- Não se mostraram excessivamente entusiasmados com minha chegada - disse Eloise.

- Meninos preparados - disse Anthony.

Ela o olhou muito séria.

- Amarraram uma corda no meio do corredor - disse. - Como a armadilha que me estendeu Colin. - Virou-se para seu irmão com um olhar diabólico. - Em 1804.

Colin fez cara de incredulidade.

- Lembra-se da data exata?

- Lembra-se de tudo - disse Benedict.

Eloise se virou para seu outro irmão.

A pesar da dor na garganta, Phillip estava começando a desfrutar da conversa.

Eloise se virou para o Anthony, régia como uma rainha.

- Caí - disse.

- Sobre o olho?

- Não, sobre o quadril, mas não tive tempo de apoiar as mãos e bati a face. Suponho que o arroxeado se estendeu à zona do olho.

Anthony olhou ao Phillip com uma expressão feroz.

- É a verdade?

Phillip assentiu.

- Juraria-o sobre a tumba de meu irmão. Os meninos lhe dirão o mesmo se quer subir para interrogá-los.

- Claro que não quero - grunhiu Anthony. - Nunca faria... - limpou a garganta e disse:

- Levante-se. - Embora compensasse a brutalidade do tom ao lhe oferecer a mão.

Phillip a aceitou, porque já tinha decidido que era melhor o ter como aliado que como inimigo. Observou aos quatro Bridgerton, quase com precaução.

Se decidiam atacá-lo-os quatro de uma vez, não tinha nenhuma opção, e não estava tão seguro de que o perigo já tivesse passado.

Ao final do dia, estaria casado ou morto e não estava preparado para a decisão que tomassem esses quatro com à mão erguida.

Então, depois de fazer calar seus quatro irmãos mais novos com um olhar, Anthony se virou para o Phillip e disse:

- Possivelmente queira me explicar, desde o começo, o que aconteceu.

De soslaio, Phillip viu que Eloise abria a boca para intervir, mas logo a fechou e se sentou em uma cadeira com uma expressão que, se não era total, era o mais parecido à submissão que lhe tinha visto.

Phillip decidiu que precisava aprender a olhar como Anthony Bridgerton. Faria calar a seus filhos rapidamente.

- Não acredito que Eloise nos interrompa - disse Anthony, com suavidade. - Por favor, comece.

Phillip olhou ao Eloise, que parecia a ponto de explodir. Entretanto, mordeu a língua que, para alguém como ela, era quase um milagre.

Phillip relatou os sucessos que haviam trazido Eloise ao Romney Hall. Explicou ao Anthony sobre as cartas; como começou tudo com a nota de pêsames que sua irmã lhe tinha enviado quando sua mulher tinha morrido e como, a partir daquilo, começaram uma amigável correspondência, embora se

viu obrigado a fazer uma pausa quando Colin disse:

- Sempre me perguntei o que escrevia tanto tempo em seu quarto.

Quando Phillip o olhou, estranhando, Colin levantou as mãos e acrescentou:

- Sempre levava os dedos manchados de tinta, e nunca soube por que.

Phillip acabou de explicar a história com um:

- Assim, como verão, procurava uma esposa. E, a julgar pelo tom das cartas, Eloise parecia inteligente e razoável. Meus filhos, como comprovarão se ficarem o tempo suficiente para conhecê-los, podem ser bastante... - procurou o adjetivo mais positivo... - difíceis de controlar - disse, satisfeito com a descrição.

- E esperava que Eloise fosse uma influência tranqüila para eles.

- Eloise? - zombou Benedict, e Phillip viu em seus rostos que os outros três irmãos pensavam o mesmo.

E embora Phillip talvez tivesse achado graça no comentário de Benedict, recordando todo o acontecido, e talvez inclusive tivesse estado de acordo com Anthony sobre a focinheira, ficou claro que os irmãos Bridgerton não tinham a sua irmã na estima que merecia.

- Sua irmã - disse, com uma voz muito seca, - foi uma influência maravilhosa para meus filhos. E rogo que não a menosprezem diante de mim.

Certamente, acabava de assinar sua sentença de morte. Eram quatro e insultá-los assim não jogava em seu favor. E apesar de que tinham cruzado meio país para proteger a virtude de Eloise, não ia permitir que se apresentassem em sua casa e zombassem dela.

Do Eloise, não. Não diante dele.

Entretanto, para sua maior surpresa, nenhum disse nada e Anthony, que ainda continuava com voz cantante, estava-o olhando fixamente enquanto assentia, como se estivesse tirando todas as capas até ver o que realmente havia em seu interior.

- Você e eu temos muito do que falar - disse Anthony, muito tranqüilo.

Phillip assentiu.

- Suponho que também quererá falar com sua irmã.

Eloise lhe lançou um olhar de agradecimento. E não o surpreendeu. Imaginava que não o fazia nenhuma graça que a deixassem de lado quando se tratava de sua vida.

Em realidade, não achava nenhuma graça que a deixassem de lado, tratasse-se do que se tratasse.

- Sim - disse Anthony. - De fato, acredito que primeiro falarei com ela, se a você não importa.

Como se Phillip fosse tão estúpido para contradizer a um Bridgerton enquanto os outros três

estavam ali preparados para o que fosse.

- Pode utilizar meu escritório - disse. - Eloise sabe onde está.

Em seguida se deu conta de que era o pior que podia ter dito. Nenhum dos irmãos necessitava que lhes recordasse que Eloise estava nessa casa o tempo suficiente para conhecer a distribuição dos aposentos.

E, sem mais, Anthony e Eloise saíram da sala, deixando ao Phillip só com o outros três irmãos Bridgerton.

- Importa-lhes que me sente? - perguntou Phillip, que temia que o teriam ali um bom tempo.

- Não, sente-se tranqüilo - disse Colin, amigavelmente. Benedict e Gregory continuavam sem lhe tirar a vista de cima.

Ao Phillip não pareceu que Colin tivesse vindo fazer amigos. Pode ser que fosse mais amável que seus irmãos, mas reconheceu uma astúcia em seus olhos que era melhor não evitar.

- Comam, por favor - disse Phillip, indicando a comida que estava intacta em cima da mesa.

Benedict e Gregory o olharam como se lhes estivesse oferecendo veneno, mas Colin se sentou frente a ele e agarrou um rangente pãozinho.

- São excelentes - disse-lhe Phillip, embora aquela noite ainda não tinha tido ocasião de prová-los.

- Bem! - disse Colin, mordendo uma parte. - Estou morto de fome.

- Como pode pensar em comer? - perguntou-lhe Gregory, furioso.

- Sempre penso em comer - respondeu Colin, procurando com os olhos a manteiga até que a localizou. - No que outra coisa posso pensar?

- Em sua mulher - grunhiu Benedict.

- Ah, sim, minha mulher - disse Colin, assentindo. virou-se para o Phillip, olhou-o fixamente e acrescentou:

- Para sua informação, preferiria ter passado a noite com minha mulher.

Não ocorreu a Phillip nenhuma resposta que não fosse ofensiva para a ausente senhora Bridgerton, assim assentiu e passou manteiga em um pãozinho.

Colin deu uma boa dentada ao dele e logo falou com a boca cheia. Esse gesto de má educação foi um insulto direto para seu anfitrião.

- Casamo-nos faz poucas semanas.

Phillip arqueou uma sobrancelha, porque não tinha entendido nada.

- Somos recém casados.

Phillip assentiu porque supôs que teria que lhe dar alguma resposta.

Colin se inclinou para diante.

- De verdade, não queria deixar a minha mulher só em casa.

- Claro - sussurrou Phillip porque, a ver, o que outra coisa poderia ter dito?

- Entendeu o que lhe disse? - perguntou-lhe Gregory.

Colin se virou e lançou um horripilante olhar a seu irmão que, obviamente, era muito jovem para dominar a arte dos matizes e o discurso circunspeto.

Phillip não disse nada até que Colin voltou a virar-se para a mesa e, então, ofereceu-lhe um prato de aspargos, que Colin aceitou encantado, e disse:

- Deduzo que sente falta da sua mulher.

Os quatro ficaram em silêncio e então, depois de olhar a seu irmão com desdém, Colin disse:

- Muito.

Phillip olhou ao Benedict, porque era o único que não tinha tomado partido nessa discussão.

Crasso engano. Benedict estava esfregando as mãos, e ainda parecia que se arrependia de não havê-lo estrangulado quando tinha tido a oportunidade.

Depois Phillip olhou ao Gregory, que tinha os braços cruzados em cima do peito e estava furioso. Tinha o resto do corpo muito tenso, contendo uma raiva que possivelmente ia dirigida para o Phillip ou possivelmente para seus irmãos, que passaram toda a noite tratando-o como a uma criança.

Não achou nenhuma graça que Phillip o olhasse, assim levantou o queixo, apertou os dentes e...

E Phillip teve bastante daquilo. Voltou a olhar ao Colin.

Seguia comendo e, sem que Phillip se desse conta, tinha enganado a alguém do serviço para que lhe servisse um prato de sopa. Já tinha deixado a colher no prato e agora estava olhando a outra mão. Com o indicador estendido, indicou ao Phillip enquanto, recalcando cada palavra, disse:

- Sinto-falta - de-minha-mulher. A. Minha. Mulher.

- Maldição! - explodiu Phillip, por fim. - Se forem quebrar as pernas, por que não o fazem de uma boa vez?

Capítulo 10.

"... jamais saberá, querida Penelope, a má sorte que teve que ter só irmãs. Os meninos são muito mais divertidos."

Eloise Bridgerton ao Penelope Featherington depois de um passeio a cavalo pelo Hyde Park a meia-noite com seus três irmãos mais velhos.

- Só tem duas opções - disse Anthony, sentando-se na cadeira de Phillip como se o escritório fosse dele. - Ou se casa com ele em uma semana, ou se casa com ele em duas semanas.

Eloise abriu a boca, horrorizada.

- Anthony!

- Esperava que lhe sugerisse outra alternativa? - perguntou seu irmão, suavemente.

- Suponho que poderíamos estender até dentro de três semanas, se a razão for suficientemente convincente.

Odiava que seu irmão falasse assim, como se fosse razoável e sábio e ela não fosse mais que uma menina caprichosa. Gostava muito mais quando destrambelhava. Então, ao menos, Eloise podia fazer ver que estava louco e que ela só era uma pobre vítima inocente.

- Não vejo por que ia opor se - continuou ele. - Não veio aqui com a intenção de se casar com ele?

- Não! Vim com a intenção de descobrir se queria me casar com ele.

- E quer?

- Não sei - disse ela. - Só passaram dois dias.

- E, entretanto - disse Anthony, olhando as unhas desinteresadamente, - é tempo mais que suficiente para arruinar sua reputação.

- Sabe alguém que parti? - perguntou ela, em seguida. - Além da família, claro.

- Ainda não - admitiu ele. - Mas alguém se inteirará. Sempre se acaba inteirando alguém.

- Tinha que haver uma acompanhante - disse Eloise, intratável.

- Tinha? - perguntou Anthony, sem alterar-se, como quem pergunta se tinha que haver cordeiro para jantar ou se tinha que ir à expedição de caça que tinham organizado em sua honra.

- Virá logo.

- Hmmm. Que má sorte que tenha chegado eu antes.

- Muito má sorte - disse Eloise entre dentes.

- O que disse? - perguntou ele, embora o fez com aquela horrível voz que significava que tinha ouvido perfeitamente.

- Anthony - disse Eloise, quase como um rogo, embora nem ela mesma tinha ideia do que lhe estava rogando.

Anthony a olhou, com aquele olhar negro tão profundo e violento que só então Eloise soube que deveria agradecer quando fazia ver que se olhava as unhas.

Deu um passo para trás. Qualquer um que estivesse perto do Anthony Bridgerton quando estava zangado teria feito o mesmo.

Entretanto, quando falou, fez isso com uma voz tranqüila e relaxada:

- Você sozinha se colocou nesta confusão - disse, muito devagar. - Assim terá que aceitar as conseqüências.

- Obrigaria-me a me casar com um homem ao qual mal conheço? - sussurrou ela.

- De verdade não o conhece? - respondeu Anthony. - Porque na sala de jantar parecia que o conhecia muito bem. Saltou em sua defesa na primeira oportunidade que teve.

Enquanto falava, Anthony ia deixando sem argumentos e aquilo a tirava do sério.

- Isso não basta para aceitar uma proposta de matrimônio - insistiu ela. - Ao menos, ainda não.

Entretanto, Anthony não estava acostumado a se render com facilidade.

- Então, quando? dentro de uma semana? Duas?

- Basta! - exclamou ela, com uma vontade horrível de tampar os ouvidos. - Não posso pensar.

- Não, você não pensa - corrigiu-a ele. - Se tivesse parado para pensar, a utilizar essa parte do cérebro reservada para o bom senso, nunca teria partido de casa.

Eloise cruzou os braços e afastou o olhar. Aquele argumento era irrefutável e lhe dava muita raiva.

- O que vai fazer, Eloise? - perguntou Anthony.

- Não sei - sussurrou ela, odiando o estúpida que parecia.

- Bom - disse Anthony, ainda com aquela horrorosa e tranqüila voz. - Pois parece que está em um bom apuro, não?

- Dizê-lo não é suficiente? - saltou Eloise, com os punhos fechados à altura das costelas. - Tem que acabar cada frase com uma pergunta?

Anthony sorriu, embora não parecia divertido.

- E eu que pensava que agradeceria que lhe perguntasse sua opinião.

- Está sendo condescendente e sabe disso.

Anthony se inclinou para diante com o olhar aceso.

- Tem alguma ideia do esforço que estou fazendo por não me alterar?

Eloise achou melhor não pô-lo a prova.

- Escapou-se no meio da noite - disse, ao mesmo tempo que se levantava. - E não disse nada, nem sequer deixou uma nota...

- Deixei uma nota! - gritou ela.

Anthony a olhou incrédulo e carregado de paciência.

- Deixei-a! - insistiu ela. - Deixei-a na mesa da entrada. Ao lado do vaso chinês.

- E essa misteriosa nota dizia que...?

- Dizia que não se preocupassem, que estava bem e que me poria em contato com vocês em um mês.

- Ah, que bom - mofou Anthony. - Isso me teria deixado muito mais tranqüilo.

- Não sei como não a viram - disse Eloise, em voz baixa. - Certamente, se perdeu entre os convites.

- Pelo que sabíamos - continuou Anthony, aproximando-se de sua irmã,

- tinham-na seqüestrado.

Eloise empalideceu. Jamais lhe tinha ocorrido que sua família pudesse chegar a pensar algo assim. Jamais tinha imaginado que sua nota se extraviaria.

- Sabe o que fez mamãe, depois de quase morrer de preocupação? - perguntou-lhe Anthony, muito sério.

Eloise negou com a cabeça, embora lhe desse medo saber a resposta.

- Foi ao banco - continuou Anthony. - Sabe por que?

- Não me poderia dizer você? - perguntou, assustada. Odiava as perguntas.

Anthony, caminhando para ela quase levado pela ira, disse:

- Foi assegurar-se de que os recursos estavam em ordem se por acaso precisasse tirá-los para pagar um resgate por você!

Eloise se voltou para trás, assustada pela ira na voz de seu irmão. Queria dizer: "Deixei uma nota", mas sabia que seria um engano. Equivocou-se, tinha sido uma estúpida, e não queria agravar sua estupidez tentando desculpá-la.

- No final, Penelope foi quem se imaginou o que tinha feito - disse Anthony. - Pedimo-lhe que registrasse sua habitação porque, possivelmente, passou ali mais horas que qualquer de nós.

Eloise assentiu. Penelope tinha sido sua melhor amiga, e ainda o era, apesar de haver-se casado

com o Colin.

Tinham passado intermináveis horas em seu quarto conversando de tudo e de nada em concreto. As cartas de Phillip eram a única coisa que lhe tinha escondido em toda sua vida.

- Onde a encontrou? - perguntou Eloise. Não é que importasse muito, mas não pôde evitar sentir curiosidade.

- Tinha caído atrás da mesa. - Anthony cruzou os braços. - junto com uma flor.

Parecia o mais adequado.

- É botânico - sussurrou.

- O que?

- Botânico - repetiu Eloise, embora desta vez mais alto. - Sir Phillip. Estudou em Cambridge. Se seu irmão não tivesse morrido em Waterloo, teria sido professor universitário.

Anthony assentiu, digirindo aquela informação, e o fato de que ela soubesse.

- Se me disser que é um homem cruel, que baterák em você, que a insultará e não a respeitará, não a obrigarei a se casar com ele. Mas antes de que me responda, quero que me escute bem. É uma Bridgerton. Não me importa com quem se case ou o nome que adote quando estiver diante de um sacerdote e diga seus votos em voz alta. Sempre será uma Bridgerton e nós Bridgerton comportamos de maneira honrosa e honesta, não porque seja o que se espera de nós, mas sim porque é o que somos.

Eloise assentiu e engoliu em seco, em um esforço de conter as lágrimas que lhe enchiam os olhos.

- Assim lhe perguntarei isso uma só vez - disse Anthony. - Existe alguma razão pela que não possa se casar com sir Phillip Crane?

- Não - sussurrou ela. Nem sequer duvidou. Não estava preparada para isso, não estava preparada para o matrimônio, mas não ia manchar a verdade duvidando sobre a resposta.

- Já imaginava.

Eloise ficou ali de pé, quase desmaiada, sem saber o que fazer nem o que dizer. virou-se porque, embora queria que Anthony soubesse que estava chorando, não queria que visse as lágrimas.

- Casarei-me com ele - disse, entre soluços. - Mas é que... tivesse querido... Anthony guardou silêncio um segundo, respeitando a angústia de sua irmã, mas quando ela não acrescentou nada, disse:

- O que tivesse querido, Eloise?

- Esperava estar apaixonada - disse, tão baixo que mal se escutou.

- Já - disse, soberbo como sempre. - Pois deveria ter pensado antes de fugir, não acha?

Nesse momento, Eloise o odiou com todas suas forças.

- Você está apaixonado. Deveria entender.

- Eu - disse, em um tom que deixava claro que não achava nenhuma graça ter se convertido no assunto de conversa, - casei-me com minha mulher porque a maior fofoqueira do país nos descobriu em uma situação comprometedora.

Eloise suspirou; sentia-se uma estúpida. Fazia tantos anos que Anthony se casara, que tinha esquecido as penosas circunstâncias.

- Quando me casei, não queria a minha mulher - disse e depois, com uma voz mais suave e nostálgica, acrescentou. - Ou, se a queria, ainda não sabia.

Eloise assentiu.

- Teve sorte - disse, desejando saber se ela teria a mesma sorte com o Phillip.

E então, Anthony a surpreendeu, porque não a recriminou nem a repreendeu. Só disse:

- Já sei.

- Estava perdida - sussurrou ela. - Quando Penelope e Colin se casaram... - deixou-se cair em uma cadeira, com a cabeça entre as mãos.

- Sou uma má pessoa. Devo ser muito má e superficial porque, quando se casaram, só podia pensar em mim.

Anthony suspirou e se ajoelhou a seu lado.

- Não é uma má pessoa, Eloise. E sabe disso.

Ela o olhou, perguntando-se desde quando esse homem, seu irmão mais velho, era tão sábio. Se lhe tivesse gritado uma palavra mais, se lhe houvesse dito algo mais naquele tom zombador, a teria destroçado. A teria destroçado ou a teria deixado de pedra mas, em qualquer caso, entre eles se teria quebrado algo.

E, entretanto, ali estava, o arrogante e orgulhoso cavalheiro da alta sociedade que tinha assumido à perfeição o papel que a vida lhe tinha reservado, ajoelhado a seu lado, tomando a pela mão e lhe falando com uma delicadeza que lhe rompia o coração.

- Alegrei-me por eles - disse ela. - Me alegro por eles.

- Já sei.

- Só deveria ter sentido felicidade.

- Se assim tivesse sido, não seria humana.

- Penelope se converteu em minha irmã - disse. - Deveria me ter alegrado.

- Não havia dito que se alegrava?

Ela assentiu.

- E me alegro. Muito. De coração. Não o digo por dizer.

Anthony sorriu com benevolência e esperou que sua irmã continuasse.

- É que, de repente, senti-me muito sozinha, e muito velha. - Olhou-o, perguntando-se se a entenderia. - Jamais pensei que ficaria atrás.

Anthony estalou a língua.

- Eloise Bridgerton, não acredito que ninguém nunca cometa o grave engano de a deixar atrás.

Eloise sorriu, maravilhada de que, entre todas as pessoas, fosse seu irmão quem lhe houvesse dito o que precisava escutar.

- Suponho que jamais pensei que seria uma solteirona para sempre - disse. - Ou, ao menos, que se o fosse, Penelope também o seria.

Sei que não é nada bonito, e não acredito que pensasse muito nisso mas...

- Mas é o que sentia - disse Anthony, acabando a frase por ela. - Acredito que Penelope tampouco achava que se casaria. E Colin tampouco. O amor pode chegar sem fazer ruído, sabe?

Assentiu, perguntando-se se lhe aconteceria o mesmo. Certamente não. Ela era das que necessitaria que lhe desse uma boa porrada na cabeça.

- Me alegro de que se casaram - disse.

- Já sei. Eu também.

- Com sir Phillip - disse, fazendo um gesto com a cabeça para a porta, embora os homens estivessem do outro lado do corredor, girando duas vezes à direita, - escrevemo-nos - durante um ano. E então mencionou o matrimônio. E o fez da maneira mais sensível. Não me pediu que me casasse com ele, só me convidou a visitá-lo para ver se nos adaptávamos bem. Disse-me que estava louco, que nem sequer me podia expor isso Quem se casaria com alguém a quem não conhecia? - riu, nervosa. - E então Penelope e Colin anunciaram seu compromisso. Foi como se meu mundo se derrubasse. E então foi quando comecei a me expor isso Cada vez que olhava a escrivaninha, a gaveta onde guardava todas as cartas, era como se as visse cavando um buraco na madeira para sair à luz.

Anthony não disse nada, só lhe apertou a mão, como se a entendesse perfeitamente.

- Tinha que fazer algo - disse. - Não podia ficar vendo passar a vida por diante de mim como nada.

Anthony estalou a língua.

- Eloise - disse, - se estivesse em seu lugar, isso seria o último pelo que me preocuparia.

- Anth...

- Não, me deixe terminar - disse ele. - É uma pessoa muito especial, Eloise. A vida não passa

por diante de ti como se nada. Confia em mim.

Vi-a crescer e tive que ser seu pai em ocasiões nas quais teria gostado de ser só seu irmão.

Eloise abriu a boca enquanto tinha o coração na garganta. Tinha razão. Tinha-lhe feito de pai. Era um papel que nenhum dos dois queria para o Anthony, mas o tinha feito durante anos, e sem queixar-se.

E agora foi ela quem lhe apertou a mão, e não porque o quisesse, mas sim porque nesse momento se deu conta de quanto o queria.

- Faça com que a vida seja especial, Eloise - disse Anthony.

- Sempre tomou suas próprias decisões, sempre teve tudo sob controle. Pode ser que não lhe parecesse isso, mas é assim.

Ela fechou os olhos um instante e meneou a cabeça enquanto dizia:

- Bom, quando vim aqui, tentava tomar minha própria decisão. Parecia um bom plano.

- E, talvez... - disse Anthony, muito devagar, - descobre que, no final, o é. Sir Phillip parece um homem honrado.

Eloise não pôde evitar fazer expressão de zangada.

- pudeste deduzir todo isso enquanto lhe rodeava o pescoço com as mãos?

Anthony lhe lançou um olhar de superioridade.

- Surpreenderia-se o que um homem pode deduzir de outro enquanto brigam.

- A isso chamas brigar? Foram quatro contra um!

Anthony encolheu os ombros.

- Não disse que fosse uma briga justa.

- É incorrigível.

- Um adjetivo interessante, tendo em conta suas atividades mais recentes.

Eloise se ruborizou.

- Muito bem - disse Anthony, em um tom decidido que anunciava uma mudança de assunto. - Isto é o que vamos fazer.

E Eloise soube que, dissesse o que dissesse, isso é o que ela teria que fazer. Estava muito decidido.

- Agora mesmo subirá para fazer as malas - disse Anthony, - e nos instalaremos em Minha Casa durante uma semana.

Eloise assentiu. Minha Casa era o estranho nome da casa do Benedict, no Wiltshire, não muito longe do Romney Hall. Vivia ali com sua mulher, Sophie, e seus três filhos.

Não era muito grande, mas haveria espaço de sobra para alguns Bridgerton mais.

- Seu sir Phillip pode ir visitá-la todo dia - continuou, e Eloise entendeu perfeitamente o significado dessa frase: Seu sir Phillip irá visitá-la todo dia.

Voltou a assentir.

- Se, ao final da semana, determino que é suficientemente bom para casar-se com você, fará isso. Imediatamente.

- Está seguro de que pode julgar o caráter de um homem em uma semana?

- Não se necessita mais - disse Anthony. - E se não estiver seguro, esperaremos outra semana.

- Talvez sir Phillip não queira casar-se comigo - disse Eloise, que se sentiu na obrigação de dizê-lo.

Anthony a olhou fixamente.

- Não tem essa opção.

Eloise engoliu em seco.

Anthony arqueou uma sobrancelha, muito arrogante.

- Entendido?

Ela assentiu. O plano de seu irmão parecia razoável, de fato era mais razoável que o que teriam proposto muitos irmãos mais velhos, e se no final tudo saísse mau, se decidisse que não podia casar-se com sir Phillip Crane, então tinha uma semana para ver como saía daquele embrulho.

Em uma semana, podiam acontecer muitas coisas.

Olhe tudo o que tinha acontecido na última.

- Voltamos para a sala de jantar? - perguntou Anthony. - Suponho que deve ter fome e, se demorarmos um pouco mais, com certeza Colin deixará a despensa vazia a nosso anfitrião.

Eloise assentiu.

- Isso se não o mataram.

Anthony fez uma pausa.

- Assim me economizaria os gastos de umas bodas.

- Anthony!

- É uma brincadeira, Eloise - disse, meneando a cabeça. - Venha, vamos ver se seu sir Phillip ainda continua no mundo dos vivos.

- E então - ia dizendo Benedict quando Anthony e Eloise entraram na sala de jantar - chegou a empregada da taverna e tinha umas...

- Benedict! - exclamou Eloise.

Benedict olhou a sua irmã com a culpa escrita no rosto, colocou as mãos diante do peito, para demonstrar o tamanho do que estava dizendo, e acrescentou:

- Perdão.

- Está casado - brigou-lhe Eloise.

- Sim, mas não cego - disse Colin, com um sorriso.

- E você também! - acusou-lhe ela.

- Sim, mas não cego - repetiu ele.

- Eloise - disse Gregory com o que, segundo Eloise, era a maior amostra de condescendência que jamais tinha ouvido, - há coisas impossíveis de não ver. Sobre tudo - acrescentou, se for homem.

- É verdade - admitiu Anthony. - Vi com meus próprios olhos.

Eloise os olhou horrorizada, tentando encontrar no rosto de algum deles um pouco de prudência. Seus olhos se detiveram no Phillip que, a julgar por seu aspecto, sem mencionar o princípio de embriaguez, tinha estabelecido um vínculo por toda a vida com seus irmãos durante o breve espaço de tempo que ela tinha estado no escritório falando com Anthony.

- Sir Phillip? - perguntou, esperando que dissesse algo aceitável.

Entretanto, Phillip só pôde sorrir.

- Sei de quem estão falando - disse. - Estive nessa taverna várias vezes. Lucy é famosa em toda a província.

- Inclusive eu ouvi falar dela - disse Benedict, assentindo. - Só estou a uma hora a cavalo. Menos, se for a galope.

Gregory se aproximou do Phillip, com aqueles olhos azuis brilhantes, e lhe perguntou:

- E você, alguma vez...?

- Gregory! - gritou Eloise. Aquilo era muito. Seus irmãos não deveriam falar dessas coisas diante dela mas, além disso, a última coisa que queria saber era se sir Phillip se deitara com uma empregada de taverna com uns seios do tamanho de uma sopeira.

Entretanto, Phillip meneou a cabeça.

- Está casada - disse. - E eu também o estava.

Anthony se virou para o Eloise e lhe sussurrou:

- Será um bom marido.

- Alegra-me saber que este comentário lhe serve para aprovar a um possível marido para sua adorada irmã - disse ela.

- Me acredite - insistiu Anthony. - Vi Lucy. E este homem tem um grande poder de auto-controle.

Eloise colocou os braços na cintura e se virou para seu irmão.

- Sentiu tentações?

- Claro que não! Kate me cortaria o pescoço.

- Não estou falando do que Kate te faria se descobrisse que a tinha enganado, embora duvide que começasse pelo pescoço...

Anthony fez uma careta. Sabia que sua irmã tinha razão.

- Só quero saber se sentiu tentações.

- Não - admitiu ele, meneando a cabeça. - Mas não o diga a ninguém. Antes me consideravam um libertino. Não quero que acreditem que estou totalmente domesticado.

- Deveria lhe dar vergonha.

Anthony sorriu.

- E, entretanto, minha mulher continua estando louca por mim, que é o que realmente importa, não lhe parece?

Eloise supôs que tinha razão. Suspirou.

- O que vamos fazer com estes? - disse, refirindo - se ao quarteto de homens sentados à mesa que estava, literalmente, coberta de pratos vazios. Phillip, Benedict e

Gregory estavam apoiados nos espaldars das cadeiras, saciados. Colin continuava comendo.

Anthony se encolheu de ombros.

- Não sei o que você quer fazer , mas eu vou unir me a eles.

Eloise ficou na porta, observando como se sentava e se servia uma taça de vinho. Por sorte, tinham deixado de falar do Lucy e seus seios e agora falavam de boxe.

Ou, ao menos, isso lhe tinha parecido. Phillip estava demonstrando um movimento de mãos ao Gregory.

E então lhe deu um murro na rosto.

- Sinto muito - disse, golpeando ao Gregory nas costas. Entretanto, Eloise viu que tinha a comissura dos lábios levemente inclinada; estava sorrindo.

- Não doerá muito. A mim, o queixo já quase não me dói.

Gregory grunhiu algo assim como que não lhe doía, mas acariciou o queixo.

- Sir Phillip? - disse Eloise, em voz alta. - Posso falar com você um segundo?

- Claro - respondeu ele, e se levantou imediatamente embora, em realidade, todos os homens deveriam ter se levantado, já que ela continuava de pé na porta.

Phillip se aproximou.

- Acontece algo?

- Estava preocupada se por acaso o tinham matado - disse ela, entre dentes.

- OH - disse ele, com aquele amplo sorriso que tinha qualquer homem depois de ter tomado três

copos de vinho. - Não o fizeram.

- Já o vejo - disse ela. - O que se passou?

Phillip olhou para a mesa. Anthony se estava acabando o que Colin tinha deixado intacto na mesa (certamente, porque não o tinha visto), e Benedict estava jogando a cadeira para trás, tentando manter o equilíbrio sobre duas pernas. Gregory estava cantarolando uma melodia, com os olhos fechados e um estúpido sorriso, certamente pensando em Lucy, ou em determinadas partes desproporcionalmente grandes da anatomia de Lucy.

Phillip se virou para ela e encolheu os ombros.

E Eloise, esgotando quase toda sua paciência, acrescentou:

- Desde quando são todos tão bons amigos?

- OH - assentiu ele. - Isso é muito engraçado. De fato, pedi-lhes que me quebrassem as pernas.

Eloise o olhou. Por muitos anos que vivesse, jamais entenderia aos homens. Tinha quatro irmãos e se supunha que deveria ser capaz de entender melhor que outras mulheres e possivelmente tinha demorado vinte e oito anos em descobrir que os homens, simplesmente, eram insetos estranhos.

Phillip voltou a encolher os ombros.

- Pelo visto, serviu para romper o gelo.

- Já o vejo.

Eloise o olhou, Phillip a olhou e, de esguelha, Eloise viu que Anthony os estava olhando. De repente, Phillip recuperou a sobriedade.

- Teremos que nos casar - disse.

- Sei.

- Se não o fizer, quebraram-me as pernas.

- Não se deteriam aí - resmungou ela, - mas embora assim fosse, uma dama gosta de pensar que a escolheram por outra razão que não seja a saúde osteopática do futuro noivo.

Phillip a olhou, surpreso.

- Não sou estúpida - murmurou ela. - Estudei latim.

- Sim, claro - respondeu ele, muito devagar, como fazem os homens quando não sabem o que dizer e querem encher um espaço.

- Ou, ao menos - insistiu ela, procurando algo que pudesse interpretar-se como uma adulação, - possivelmente por alguma outra razão que essa.

- Sim, claro - repetiu ele, assentindo, embora não dissesse nada mais.

Eloise o olhou com os olhos entrecerrados.

- Quanto vinho bebeu?

- Só três. - Fez uma pausa, pensou, e acrescentou: - Possivelmente quatro.

- Copos ou garrafas?

Phillip não estava seguro de conhecer a resposta.

Eloise olhou para a mesa. Havia quatro garrafas de vinho na mesa e três estavam vazias.

- Não os deixei sozinhos tanto tempo - disse.

Ele encolheu os ombros.

- Tinha que escolher: beber com eles ou deixar que me quebrassem as pernas. A decisão era bastante simples.

- Anthony! - exclamou Eloise.

Já tinha tido suficiente de sir Phillip. Tinha tido suficiente de todos e de tudo. De homens, de matrimônio, de pernas quebradas e garrafas de vinho vazias. Mas, sobretudo, já tinha tido suficiente dela mesma, de ter perdido tanto o controle sobre a situação, de sentir-se tão impotente ante as voltas da vida.

- Quero ir - disse.

Anthony assentiu e grunhiu, mastigando o último pedaço de frango que Colin tinha deixado.

- Anthony, agora.

E seu irmão deve ter notado algo em sua voz, certamente a maneira como tinha vocalizado as palavras, porque se levantou e disse:

- É claro.

Eloise jamais se alegrou tanto de ver o interior de uma carruagem.

Capítulo 11.

"... não suporto que um homem beba muito. Por isso estou convencida que entenderá por que não posso aceitar a proposta de matrimônio de Lorde Wescott."

Eloise Bridgerton a seu irmão Benedict, depois de recusar sua segunda proposta de matrimônio.

- Não! - exclamou Sophie Bridgerton, a miúda e quase etérea mulher do Benedict. - Não pode ser!

- De verdade - disse Eloise, sorrindo, enquanto se voltava a sentar na cadeira e bebia um gole de limonada. - E estavam todos bêbados!

- Amigos - sussurrou Sophie, dando a entender à Eloise que o que a tinha tirado do sério na noite anterior era esse comportamento de camaradagem dos homens.

Obviamente, só necessitava de uma mulher para poder desafogar-se tranqüilamente.

Sophie franziu o cenho.

- Não me diga que outra vez estavam falando dessa pobre Lucy?

Eloise se surpreendeu.

- Sabe quem é?

- Todo mundo sabe quem é. Deus sabe que é impossível não vê-la se cruzar com ela pela rua.

Eloise tentou imaginá-la mas não pôde.

- Para ser justa - sussurrou Sophie, apesar de não haver ninguém perto delas, - sinto muito por ela. Toda essa atenção e, além disso, tanto peso não deve ser bom para as costas.

Eloise tentou não rir, mas não pôde evitá-lo.

- Um dia, Posy inclusive perguntou!

Eloise abriu a boca, surpreendida. Posy era a meio-irmã de Sophie que, antes de casar-se com o jovial vigário do vilarejo, que vivia a poucos quilômetros do Benedict e

Sophie, tinha vivido vários anos com eles. Também era a pessoa mais simpática que Eloise tinha conhecido em sua vida e se havia alguém capaz de fazer-se amiga de uma empregada de taverna com os seios enormes, essa era Posy.

- Está na paróquia do Hugh - continuou Sophie. Hugh era o marido de Posy. - Assim com certeza se conhecem.

- E o que lhe disse? - perguntou Eloise.

- Posy?

- Não, Lucy.

- Ah, não sei - disse Sophie, fazendo uma careta. - Posy não me quis dizer pode acreditar nisso? Posy e eu jamais tivemos segredos. Disse-me que não podia trair a confiança de uma paroquiana.

Ao Eloise pareceu um gesto muito nobre.

- Embora não me concerne, claro - disse, com toda a segurança de uma mulher que se sabe querida. - Benedict jamais me enganaria.

- Claro que não - acrescentou Eloise. A história de amor do Benedict e Sophie era legendária na família Bridgerton. De fato, era uma das razões pelas quais Eloise tinha recusado tantas propostas de matrimônio. Queria esse tipo de amor, paixão e drama. Queria mais que esse "Tenho três casas, dezesseis cavalos e quarenta e dois cães de caça" que lhe havia dito um de seus pretendentes.

- Entretanto - continuou Sophie, - não acredito que seja tão difícil fechar a boca quando a vê pela rua.

Eloise estava a ponto de lhe afirmar, com veemência, como estava muito de acordo com ela quando viu que sir Phillip se aproximava para ela pelo jardim.

- É ele? - perguntou Sophie, sorrindo.

Eloise assentiu.

- É muito bonito.

- Sim, suponho que sim - disse Eloise, muito devagar.

- Supõe? - perguntou Sophie, impaciente. - Não se faça de idiota comigo, Eloise Bridgerton. Fui sua criada e a conheço melhor do que ninguém deveria.

Eloise se absteve de comentar que só tinha sido sua criada durante duas semanas, o tempo necessário para que ela e Benedict esclarecessem seus sentimentos e decidissem casar-se.

- De acordo - admitiu. - É muito bonito, se você gostar dos homens rudes e rurais.

- E você gosta - apontou divertida Sophie.

Para sua completa mortificação, Eloise se ruborizou.

- Pode ser - murmurou.

- Além disso - acrescentou Sophie, - trouxe flores.

- É botânico - disse Eloise.

- Bom, isso não tira mérito ao gesto.

- Não, só o facilita.

- Eloise - repreendeu-a Sophie. - Deixa de fazer isso.

- O que?

- Tentar esquartejá-lo antes de lhe dar uma oportunidade.

- Não estou fazendo isso - protestou Eloise, embora sabia perfeitamente que estava mentindo. Odiava que sua família estivesse tentando lhe arruinar a vida, embora o fizessem com a melhor intenção, e se sentia intratável e pouco cooperativa.

- Pois me parece que as flores são muito bonitas - disse Sophie, muito decidida. - Não me importa se tiver oitocentas variedades em casa. O fato é que pensou em trazê-las.

Eloise assentiu, odiando-se. Queria sentir-se melhor, queria estar contente e otimista, mas não podia.

- Benedict nunca me explicou os detalhes - continuou Sophie, ignorando a angústia de Eloise. - Já conhece os homens. Nunca lhe dizem o que quer saber.

- O que quer saber?

Sophie olhou a sir Phillip, para calcular o tempo que ainda tinham para falar.

- Está bem, para começar, é verdade que não o conhecia quando se escapou?

- Em pessoa, não - admitiu Eloise. Quando o explicava, parecia uma estupidez. Quem ia pensar que uma Bridgerton escaparia com um homem a quem não conhecia?

- Bom - disse Sophie, com uma voz muito prática. - Se, ao final, tudo sai bem será uma história maravilhosa.

Eloise engoliu em seco, um pouco desconfortável. Ainda era muito cedo para saber se, ao final, tudo sairia bem. Suspeitava, bem estava certa, que acabaria casada com sir Phillip, mas quem sabia que tipo de matrimônio iriam ter? Não o amava, ao menos, não de momento, e ele tampouco a queria e, embora a princípio achava que não passava nada, agora que estava no Wiltshire, tentando não dar-se conta de como Benedict olhava ao Sophie, perguntava-se se teria cometido um engano monumental. Além disso queria casar-se com um homem que, basicamente, o que queria era uma mãe para seus filhos?

Se não podia ter amor, não era melhor estar sozinha?

Por desgraça, a única maneira de responder a essas perguntas era casando-se com sir Phillip e ver como ia. E, se não saía bem...

Estaria apanhada.

O caminho mais fácil para terminar um matrimônio era a morte e, honestamente, era uma opção que Eloise jamais se expôs.

- Senhorita Bridgerton.

Phillip estava frente a ela, lhe oferecendo um ramo de orquídeas brancas.

- Trouxe-lhe isto.

Eloise sorriu, animada pelo comichão que sentiu ante sua presença.

- Obrigado - disse, aceitando as flores e as cheirando. - São lindas.

- Onde as conseguiu? - perguntou Sophie. - São deliciosas.

- Cultivo-as eu mesmo - respondeu ele. - Tenho uma estufa.

- Sim, é verdade - disse Sophie. - Eloise comentou que é botânico. Eu tento cuidar do jardim, embora deva admitir que, na metade do tempo, não tenho nem a menor ideia do que faço.

Estou certa que os jardineiros me consideram sua cruz. Eloise pigarreou, consciente de que não tinha feito as devidas apresentações.

- Sir Phillip - disse, fazendo um gesto para sua cunhada, - apresento Sophie, a mulher do Benedict.

Phillip a segurou pela mão e fez uma reverência, dizendo:

- Senhora Bridgerton.

- É um prazer conhecê-lo - disse Sophie, com seu melhor sorriso. - Por favor, me chame por meu nome de batismo. ouvi que com Eloise o faz e, além disso, parece que virtualmente é um membro mais da família.

Eloise se ruborizou.

- OH! - exclamou Sophie, envergonhada. - Não o dizia por você, Eloise. Jamais assumiria que... OH, céus. Queria dizer que o dizia porque os homens...

- Baixou a cabeça ao mesmo tempo que mostrava o rosto vermelho como um tomate. - Bom - sussurrou, - ouvi que ontem beberam muito vinho.

Phillip pigarreou.

- Um detalhe que prefiro não recordar.

- O fato de que o recorde já é muito - disse Eloise, com doçura.

Phillip a olhou, deixando claro que não o tinha enganado com esse tom inocente.

- É muito amável.

- Dói-lhe a cabeça? - perguntou ela.

Ele fez uma careta.

- Muito.

Ela deveria ter se preocupado. Deveria ter sido amável com ele, sobretudo depois de ter o trabalho de lhe trazer aquelas orquídeas tão especiais. Entretanto, não pôde evitar pensar que tinha o que merecia e disse, tranqüilamente, mas o disse:

- Me alegro.

- Eloise! - brigou-a Sophie.

- Como está Benedict? - perguntou-lhe Eloise, docemente.

Sophie suspirou.

- Leva toda a manhã atirado por aí, e Gregory nem sequer se levantou da cama.

- Em comparação com eles, parece que saí bastante bem - disse Phillip.

- À exceção do Colin - disse Eloise. - Jamais se ressente dos efeitos do álcool. E Anthony bebeu menos que os outros, é claro.

- Um homem com sorte.

- Quer beber algo, sir Phillip? - perguntou Sophie, arrumando o chapéu para que lhe fizesse sombra nos olhos. - Sem álcool, claro, tendo em conta as circunstâncias.

Seria um prazer convidá-lo a um copo de limonada.

- Aceitarei-o encantado. Obrigado. - Viu como se levantava e se afastava para a casa e se sentou em sua cadeira, diante de Eloise.

- Alegra-me muito vê-la esta manhã - disse, limpando a garganta.

Nunca tinha sido um homem muito falador e, obviamente, esse dia não era uma exceção, apesar das extraordinárias circunstâncias que os tinham levado a essa situação.

- Eu também - disse ela.

Phillip mudou de postura. A cadeira era muito pequena para ele, como quase todas.

- Devo me desculpar por meu comportamento de ontem à noite - disse, com rigidez.

Ela o olhou, perdendo uns segundos naqueles olhos negros, antes de descer a vista para a grama. Parecia sincero, certamente o era. Não o conhecia muito bem; ao menos, não o suficiente para casar-se embora isso agora tinha ficado em um segundo plano, mas não parecia dos que pedem perdão à ligeira. Entretanto, ainda não estava preparada para cair a seus pés agradecida, de modo que, quando lhe respondeu, fez isso em um tom moderado.

- Tenho irmãos - disse. - Já estou acostumada.

- Pode ser que você o esteja, mas eu não. E lhe asseguro que não tenho por costume beber em excesso.

Eloise assentiu, aceitando suas desculpas.

- Estive pensando - disse ele.

- Eu também.

Phillip pigarreou e tocou o nó da gravata como se, de repente, apertasse-lhe.

- Teremos que nos casar, claro.

Não lhe disse nada que ela não soubesse, mas havia algo terrível em sua voz. Possivelmente foi

a ausência de emoção, como se fosse um problema mais que tivesse que resolver.

Ou possivelmente foi a maneira tão resolvida de dizê-lo, como se ela não tivesse outra opção, e embora, em realidade, era assim, não gostava que o recordassem.

Fosse o que fosse, fez ela sentir-se estranha, e incômoda, como se precisasse saltar e sair de seu corpo. Passou sua vida de adulta tomando suas próprias decisões e se considerava a mulher mais afortunada do mundo porque sua família o tinha permitido.

Possivelmente por isso agora lhe parecia insuportável que a obrigassem a ir por um caminho antes de estar preparada para isso.

Ou possivelmente era insuportável porque tinha sido ela quem tinha começado tudo. Estava furiosa consigo mesma e, por isso, estava mais insolente com todo mundo.

- Farei o que esteja em minha mão para fazê-la feliz - disse ele, um pouco brusco. - E os meninos necessitam de uma mãe.

Eloise sorriu. Teria gostado que se casassem por algo mais que as crianças.

- Estou certo de que será uma grande ajuda - disse ele.

- Uma grande ajuda - repetiu ela, odiando o som dessas palavras.

- Não está de acordo?

Eloise assentiu, basicamente porque tinha medo de que, se abrisse a boca, começaria a gritar.

- Perfeito - disse ele. - Então está tudo arrumado.

"Está tudo arrumado." Aquela seria, para o resto de sua vida, sua grande proposta de matrimônio. E o pior de tudo era que não tinha direito a queixar-se.

Era ela quem escapou de casa sem dar ao Phillip tempo suficiente para encontrar uma acompanhante. Era ela quem tinha decidido ir em busca de seu destino.

Era ela quem tinha agido sem pensar e agora a única coisa que tinha eram essas palavras. "Está tudo arrumado."

Engoliu em seco.

- Perfeito.

Phillip a olhou, estranhando.

- Não está contente?

- Claro - disse, muito seca.

- Pois não o parece.

- Estou contente - repetiu ela.

Phillip disse algo entre dentes.

- O que disse? - perguntou ela.

- Nada.

- Disse algo.

Olhou-a com impaciência.

- Se tivesse querido que escutasse, teria dito em voz alta.

Eloise conteve o fôlego.

- Em tal caso, não deveria haver dito nada.

- Há algumas coisas - disse Phillip, - que é impossível guardar-se dentro.

- O que disse? - insistiu ela.

Phillip se passou a mão pelo cabelo.

- Eloise...

- Insultou-me?

- De verdade quer saber?

- Posto que parece que vamos casar nos - disse ela, - sim.

- Não recordo as palavras exatas - respondeu. - Mas acredito ter combinado as palavras "mulheres" e "pouco bom senso" na mesma frase.

Não deveria ter dito. Sabia que não deveria ter dito; era de má educação em qualquer circunstância e, na atual, muito mais. Entretanto, tinha-o cravado uma e outra vez até que o tinha feito explodir. Era como se lhe tivesse posto uma agulha debaixo da pele e logo, para divertir-se, tivesse começado a movê-la.

Além disso, por que estava de tão mau humor, esta manhã? Ele só tinha posto as cartas sobre a mesa. Teriam que casar-se e, sinceramente, deveria alegrar-se de que, já que se tinha metido em uma situação tão comprometedora, ao menos fora com um homem que estivesse disposto a fazer o correto e aceitasse casar-se com ela.

Não esperava que lhe agradecesse. Demônios, ele tinha culpa como ela; tinha-a convidado a visitá-lo. Mas esperar um sorriso e bom humor era pedir muito?

- Me alegro de que tenhamos mantido esta conversa - disse, de repente, Eloise. - esteve muito bem.

Phillip a olhou, suspeitando algo mau em seguida.

- Como?

- Foi muito benéfica - disse. - Uma mulher sempre deveria conhecer seu futuro marido antes de casar-se e...

Phillip resmungou. Aquilo não ia terminar bem.

- E - acrescentou Eloise, muito seca, lhe interrompendo o resmungo - ficou muito claro seu

sentimento pelas mulheres.

Phillip estava acostumado a fugir dos conflitos mas aquilo já era muito.

- Se não recorda mau - respondeu, - nunca lhe expressei meu sentimento pelas as mulheres.

- Supunha-o - disse ela. - E a frase com as palavras "mulheres" e "pouco bom senso" só me confirmou isso.

- Seriamente? - perguntou ele arrastando as palavras. - Bom, pois agora penso outra coisa.

Ela entrecerrou os olhos.

- O que quer dizer?

- Que mudei de opinião. Acabo de decidir que não tenho nenhum problema com o gênero feminino. De fato, à única que encontro insuportável é você.

Eloise se virou , ofendida.

- Ninguém a chamou insuportável antes? - custava-lhe acreditá-lo.

- Ninguém que não fosse de minha família - respondeu ela.

- Pois deve viver em uma sociedade muito educada. - Phillip voltou a mudar de posição. É que ninguém fazia cadeira para homens corpulentos.

- Isso ou lhe têm tanto medo que se acomodam a seus caprichos.

Eloise se ruborizou e Phillip não soube se era porque tinha acertado e lhe dava vergonha ou se estava tão zangada que não podia nem pensar.

Certamente, por ambas as coisas.

- Sinto muito - disse Eloise, entre dentes.

Phillip a olhou, surpreso.

- Como diz? - Não podia ser verdade.

- Disse que sinto muito - repetiu ela, deixando claro que não ia repetir o uma terceira vez, assim seria melhor que prestasse atenção.

- OH - disse ele, que estava muito surpreso para dizer qualquer outra coisa. - Obrigado.

- De nada. - O tom não era muito amável, mas parecia estar fazendo um esforço por controlar-se.

Por um segundo, Phillip não disse nada. Mas logo não pôde evitar perguntar:

- Por que?

Ela o olhou, irritada pelo fato de que não tivesse dado por terminada a conversa.

- Tinha que perguntá-lo?

- Bom, sim.

- Sinto muito - grunhiu Eloise, - porque estou de mau humor e fui muito mal educada com você.

E se me pergunta quão mal educada fui, juro-lhe que me levantarei, partirei e não me voltará a ver na vida porque, o advirto, esta desculpa já é muito difícil por si mesma para que ainda tenha que lhe dar mais explicações.

Phillip decidiu que aquilo bastaria.

- Obrigado - disse, com suavidade.

Não disse nada em um minuto que foi, certamente, o minuto mais longo de sua vida, mas então decidiu atrever-se e dizê-lo.

- Se lhe servir de algo - disse-lhe, - já tinha decidido que nos adaptaríamos bem antes de que chegassem seus irmãos. Já tinha decidido lhe pedir que se casasse comigo.

Como Deus manda, com um anel e o que seja que se supõe que tenha que fazer. Não sei. passou muito tempo desde que propus matrimônio a minha finada mulher e, em qualquer caso, aquilo não se produziu nas melhores circunstâncias.

Eloise o olhou, surpreendida... e possivelmente também um pouco agradecida.

- Sinto muito que a chegada de seus irmãos tenha acelerado algo para o que ainda não estava preparada - disse, - mas não lamento que tenha acontecido.

- Não? - sussurrou ela. - De verdade?

- Darei-lhe tudo o que possa necessitar - disse, - dentro dos limites do razoável, claro. Mas não posso... - Levantou a cabeça e viu que Anthony e Colin vinham para eles, seguidos de um garçom com uma bandeja cheia de comida. - Não posso falar por seus irmãos. Imagino que estarão dispostos a esperar o tempo que você necessitar.

Entretanto, e para lhe ser justo, se fosse minha irmã já a teria levado à igreja ontem de noite.

Eloise olhou a seus irmãos; ainda demorariam meio minuto em chegar. Abriu a boca e logo a fechou porque, obviamente, tinha pensado duas vezes antes de falar.

Não obstante, depois de vários segundos, durante os quais Phillip quase pôde ver como girava a maquinaria dentro de sua cabeça, Eloise lhe perguntou:

- Por que decidiu que nos adaptaríamos bem?

- Perdão? - Só era uma manobra de prorrogração, claro. Não esperava uma pergunta tão direta.

Embora só Deus sabia por que não. Ao fim e ao cabo, era Eloise.

- Por que decidiu que nos adaptaríamos bem? - repetiu ela, muito decidida.

Embora, claro, assim é como Eloise fazia as perguntas, com decisão. Quando podia ir direta ao ponto e chegar ao fundo de uma questão, nunca andava com rodeios.

- Né... Eu... - Phillip tossiu para limpar a garganta.

- Não sabe - disse Eloise, decepcionada.

- Claro que sei - protestou ele. Nenhum homem gostava que lhe dissessem que não sabia por que fazia as coisas.

- Não sabe. Se soubesse, não estaria aí sentado sem dizer nada.

- Pelo amor de Deus, mulher! É que não tem nem um pouco de compaixão? Um homem necessita um tempo para formular uma resposta.

- Ah - disse a sempre genial voz do Colin Bridgerton. - Aqui está o casal feliz.

Phillip jamais tinha estado tão contente de ver outro ser humano em toda sua vida.

- Bom dia - disse aos dois Bridgerton, incrivelmente feliz de escapar do interrogatório de Eloise.

- Tem fome? - perguntou-lhe Colin, sentando-se a seu lado. - Tomei a liberdade de pedir que nos servissem o café da manhã ao ar livre.

Phillip olhou ao lacaio e se perguntou se deveria lhe oferecer sua ajuda. Dava a sensação de que o pobre homem cairia redondo em qualquer momento pelo peso da bandeja.

- Como está esta manhã? - perguntou-lhe Anthony a sua irmã enquanto se sentava no banco, a seu lado.

- Bem - respondeu ela.

- Tem fome?

- Não.

- Está contente?

- Não por você.

Anthony olhou ao Phillip.

- Normalmente é mais faladora.

Phillip se perguntou se Eloise seria capaz de bater em seu irmão. Era o que merecia.

O lacaio deixou cair a bandeja na mesa fazendo mais ruído do que o normal e, embora se desculpou,

Anthony lhe disse que não tinha importância, que nem o próprio Hércules seria capaz de transportar toda a comida que Colin podia engolir.

Os irmãos Bridgerton se serviram eles mesmos e logo Anthony se virou para a Eloise e Phillip e disse - Os dois parecem muito em sintonia.

Eloise o olhou sem esconder a hostilidade que sentia por ele.

- Ah, sim? E quando se deu conta?

- Vi-o em seguida - disse, encolhendo os ombros. Olhou ao Phillip. - Foi pela briga. Os melhores casais sempre discutem.

- Alegra-me sabê-lo - murmurou Phillip.

- Minha mulher e eu estamos acostumados a ter conversas similares embora sempre acaba me dando a razão - disse Anthony, tranqüilamente.

Eloise o atravessou com o olhar.

- É claro, a versão de minha mulher é totalmente diferente - acrescentou, encolhendo os ombros outra vez.

- Deixo-a acreditar que sou eu quem dá razão a ela. - Olhou Phillip e sorriu. - Assim é mais fácil.

Phillip olhou para Eloise. Pelo visto, estava fazendo um grande esforço por conter-se.

- Quando chegou? - perguntou-lhe Anthony.

- Faz uns minutos - respondeu Phillip.

- Sim - disse Eloise. - E me propôs matrimônio. Suponho que o alegrará sabê-lo.

Phillip, surpreso pelo repentino anúncio, começou a tossir.

- Desculpe?

Eloise se virou para Anthony e disse:

- Disse: "Teremos que nos casar".

- Bom, e tem razão - respondeu Anthony, olhando-a fixamente. - Têm que se casar. E devo felicitá-lo por agarrar o touro pelos chifres.

Achava que você, mais que ninguém, foi partidária de ser direta e de dizer as coisas no rosto.

- Alguém quer um pão-doce? - perguntou Colin. - Não? Melhor, mais para mim.

Anthony olhou ao Phillip e disse:

- Está um pouco alterada porque odeia que lhe dêem ordens. Em alguns dias estará bem.

- Estou bem - grunhiu Eloise.

- Sim, claro - murmurou Anthony. - Tem todo o jeito de estar bem.

- Não tem que estar em outra parte? - perguntou-lhe Eloise entre dentes.

- Uma pergunta muito interessante - respondeu seu irmão. - Qualquer um diria que deveria estar em Londres, com minha mulher e meus filhos. De fato, se tivesse que estar em outra parte, suponho que seria com eles em casa. Entretanto, por estranho que soe, estou aqui. No Wiltshire. Onde, quando faz três dias despertei em minha esplêndida cama de Londres, jamais pensei que estaria. - Forçou um sorriso. - Alguma outra pergunta?

Eloise não disse nada.

Anthony lhe deu um envelope.

- Chegou isto para você.

Eloise olhou o envelope e Phillip viu que tinha reconhecido a letra em seguida.

- É de mamãe - disse-lhe Anthony, embora estivesse claro que ela já sabia.

- Quer lê-la? - perguntou-lhe Phillip.

Eloise negou com a cabeça.

- Agora não.

E ele soube que queria dizer: "diante de meus irmãos, não".

E então, de repente, Phillip soube exatamente o que tinha que fazer.

- Lorde Bridgerton - disse ao Anthony, ficando em pé. - Permite-me falar a sós com sua irmã um momento?

- Acaba de falar a sós com ela - disse Colin, entre dois bocados de bacon.

Phillip o ignorou.

- Milord?

- É claro - disse Anthony. - Se ela estiver de acordo.

Phillip agarrou Eloise pela mão e a pôs em pé.

- Está de acordo - disse ele.

- Mmm - interveio Colin. - Sim, parece que está muito de acordo.

Nesse instante, Phillip decidiu que todos os Bridgerton necessitavam de focinheiras.

- Venha comigo - disse à Eloise, antes que ela começasse a discutir.

E o faria, certamente, porque era Eloise e, se visse a possibilidade de uma discussão, era incapaz de sorrir e não fazer conta.

- Aonde vamos? - disse ela, quando estavam longe de sua família e ele a estava arrastando pelo jardim, sem dar-se conta de que virtualmente tinha que correr para lhe seguir o passo.

- Não sei.

- Não sabe?

Phillip se deteve em seco e Eloise se chocou contra ele. Foi bastante agradável, na verdade. Pôde notar toda sua silhueta, dos seios até as coxas, embora ela recuperasse a compostura em seguida e se afastou antes que ele pudesse saborear o momento.

- É a primeira vez que estou nesta casa - disse, explicando-lhe como se fosse uma menina pequena. - Teria que ser adivinho para saber aonde vou.

- Ah - disse ela. - Então, siga adiante. Dirigiu-se para a casa e entrou por uma porta lateral.

- Aonde leva esta porta? - perguntou-lhe.

- Dentro - respondeu ela.

Phillip a olhou com sarcasmo.

- É o escritório de Sophie, e dá ao corredor - explicou Eloise.

- E Sophie está em seu escritório?

- Duvido. Não tinha ido lhe buscar um copo de limonada?

- Bem. - Abriu a porta, agradecendo de que não estivesse fechada, e entrou. Não havia ninguém, mas a porta que dava ao corredor estava aberta, assim cruzou a sala e a fechou. Quando se virou, viu que Eloise seguia na outra porta, observando-o com uma mescla de curiosidade e diversão.

- Feche a porta - ordenou-lhe.

Eloise arqueou as sobrancelhas.

- Perdão?

- Que feche a porta. - Não estava acostumado a usar esse tom de voz mas, depois de um ano de incertezas, de sentir-se perdido nas correntes de sua vida, por fim tinha tudo sob controle.

E sabia perfeitamente o que queria.

- Eloise, feche a porta - disse-lhe, em voz baixa, caminhando devagar para ela.

Eloise abriu os olhos como pratos.

- Phillip? - disse, em um suspiro. - Eu...

- Não diga nada - disse ele. - Só feche a porta.

Entretanto, estava ali imóvel, olhando-o como se não o conhecesse. Que, em realidade, era verdade. Demônios, nem sequer ele estava seguro de conhecer-se, nesse mesmo momento.

- Phillip, o que...?

Ele chegou até a porta e a fechou, com chave.

- O que está fazendo? - perguntou ela.

- Estava preocupada se por acaso não nos adaptávamos bem - disse-lhe ele.

Ela abriu a boca.

Phillip se aproximou.

- Acho que chegou a hora de lhe demonstrar que não tem por que preocupar-se.

Capítulo 12.

"... e como sabia que Simon e você nasceram um para o outro? Porque lhe juro que não conheci a nenhum homem que me tenha feito pensar isso, e já são três longas temporadas como casadoura."

Eloise Bridgerton a sua irmã a duquesa do Hastings, depois de recusar a terceira proposta de matrimônio.

Eloise mal teve tempo de respirar antes que a boca do Phillip invadisse a sua. E teve sorte de tê-lo feito porque não parecia que tivesse nenhuma intenção de soltá-la até, não sei, o próximo milênio.

Entretanto, então, e de maneira bastante brusca, afastou-se dela e tomou o rosto entre suas enormes mãos. E a olhou.

Simplesmente, olhou-a.

- O que? - perguntou ela, a quem incomodava bastante aquele escrutínio. Sabia que a consideravam atraente, mas não era uma daquelas belezas incríveis, e ele a estava olhando como se quisesse memorizar cada traço.

- Queria olhá-la - sussurrou-lhe ele. Acariciou-lhe a face e depois passou o polegar pela linha da mandíbula. - Sempre se está movendo e nunca consigo olhá-la.

Eloise notou como lhe tremiam as pernas e lhe abria a boca, mas não podia fazer nada para mover-se; ao que parecia, só podia olhar ao Phillip nos olhos.

- É tão linda - disse-lhe. - Sabe o que pensei no primeiro dia que a vi?

Eloise agitou a cabeça, desejando escutar a resposta.

- Pensei que poderia me afogar em seus olhos. Pensei - disse, aproximando-se mais e respirando quase em cima dela, - que poderia me afogar em você.

Eloise notou como se deslocava para ele.

Phillip lhe tocou os lábios e lhe fez cócegas com o dedo. Aquele movimento lançou chicotadas de prazer por todo seu corpo até o centro mais sensitivo, até lugares proibidos inclusive para ela.

E então compreendeu que, até esse momento, nunca tinha entendido o poder do desejo. Não tinha nem ideia.

- Me beije - sussurrou.

Phillip sorriu.

- Sempre me está dando ordens.

- Me beije.

- Tem certeza? - disse-lhe, sorrindo. - Porque se o faço, pode ser que não seja capaz de...

Eloise lhe agarrou a cabeça e o atraiu para ela.

Phillip riu contra seus lábios e a rodeou com os braços com força. Eloise abriu a boca, lhe dando a boas-vindas, gemendo de prazer quando Phillip lhe introduziu a língua na boca e explorou seu calor.

Brincou e lambeu, acendendo lentamente um fogo em seu interior, enquanto a apertava cada vez mais contra seu corpo até que seu calor atravessou as camadas de tecido do vestido e a envolveu em um furacão de desejo.

Baixou as mãos até as nádegas, apertou-as e massageou e as subiu até que...

Ela ofegou. Tinha vinte e oito anos, os suficientes para ter escutado comentários indiscretos. Sabia o que significava aquele membro duro. Embora nunca imaginou que estivesse tão quente, tão potente.

Foi para trás, quase instintivamente, mas ele não a soltou, atraiu-a mais para ele e a esfregou contra ele.

- Quero estar dentro de você - gemeu-lhe na orelha.

As pernas de Eloise dobraram.

Mas não se importou, claro; Phillip a agarrou com mais força, deitou-a no sofá e se colocou em cima dela, pressionando-a contra as almofadas de cor nata. Pesava muito, mas era um peso delicioso, e Eloise jogou a cabeça para trás quando os lábios do Phillip abandonaram sua boca e viajaram pela garganta para baixo.

- Phillip - gemeu, como se seu nome fosse a única coisa que pudesse pronunciar.

- Sim - disse ele, muito excitado. - Sim.

Parecia que as palavras lhe saíam deformadas, e Eloise não tinha nem ideia do que estava falando, mas fosse o que fosse o que estava dizendo , ela também o queria.

Queria-o tudo. Tudo o que ele quisesse, tudo o que fosse possível.

E o que fosse impossível, também. Já não entendia de razões, só de sensações. Só obedecia ao desejo e à necessidade e a aquela incrível sensação de agora.

Não se tratava de ontem nem de amanhã. tratava-se do agora e queria tudo.

Sentiu sua mão no tornozelo, seca e calosa, e notou que subia até o limite das meias. Não se deteve, não fez nada para lhe pedir permissão de maneira implícita, embora ela o desse de qualquer modo: separou as pernas até que ele se colocou mais cômodo entre suas coxas, dando mais espaço

para acariciá-la e para brincar em sua pele.

Phillip avançou mais e mais, detendo-se de vez em quando para apertar aqui e lá, e Eloise achava que aquela espera a ia matar. Estava em chamas por ele, sentia-se molhada e estranha e tão fora de si que, em qualquer momento, ia dissolver se em uma piscina de vazio.

Ou se evaporaria completamente. Ou só explodiria.

E então, justo quando estava convencida de que nada podia ser mais estranho, nada podia esticá-la mais do que já estava, tocou-a.

Tocou-a.

Tocou-a onde ninguém a havia tocado em sua vida, onde nem sequer ela se atrevera a tocar-se.

Tocou-a de maneira tão íntima e tão terna que Eloise teve que morder o lábio para evitar gritar seu nome.

E, enquanto seu dedo se introduzia lentamente nela, Eloise soube que, a partir de então, já não se pertencia a si mesma.

Agora era de Phillip.

Dentro de um tempo voltaria a ser ela, voltaria a ter tudo sob controle, em plenos poderes e faculdades, mas agora era sua. Nesse momento, nesse segundo, vivia por ele, por tudo o que podia lhe fazer sentir, por cada suspiro de desejo, cada gemido de prazer.

- OH, Phillip - ofegou, quase em um rogo, uma promessa, uma pergunta. Era tudo o que tinha que dizer para assegurar-se de que não se detivesse.

Não tinha nem ideia de aonde a levaria aquilo, nem sequer se seria a mesma pessoa depois, mas estava certa que tinha que chegar a algum lugar.

Era impossível que ficasse nesse estado para sempre. Estava tão tensa que ia romper se.

Quase tinha chegado. Tinha que chegar.

Necessitava algo. Necessitava alívio e sabia que só podia dar-lhe Phillip. Arqueou-se contra ele com uma força que jamais teria imaginado que possuía; de fato, levantou-os quadris do sofá com sua necessidade. Agarrou-lhe os ombros, apertando com todas suas forças, e depois lhe rodeou a cintura em um esforço de atrai-lo mais para ela.

- Eloise - gemeu ele, subindo a outra mão pela perna e lhe levantando a saia até que a agarrou pelas costas. - Tem ideia do que...?

E então, Eloise não tinha nem ideia do que lhe tinha feito, embora com certeza Phillip tampouco sabia, mas esticou o corpo inteiro. Não podia falar, não podia mover-se enquanto, com a boca aberta em um apagado grito de surpresa, prazer e mil coisas mais, tentava respirar.

E depois, quando achava que não ia poder sobreviver nem um segundo mais, começou a sacudir-se e se deixou cair debaixo dele, respirando de maneira entrecortada, tão esgotada que não poderia mover nem o dedo mindinho da mão.

- OH, Meu deus - disse, afinal, porque a blasfêmia era o único que lhe vinha à cabeça. - OH, Meu deus.

Phillip a agarrou com mais força pela cintura.

- OH, Meu deus.

Phillip a soltou e subiu as mãos para lhe acariciar o cabelo. Fez isso com delicadeza apesar de seu corpo estar tenso e rígido.

Eloise ficou aí, perguntando-se se alguma vez poderia voltar a mover-se, respirando contra seu peito enquanto notava como o respirava contra sua têmpora. Ao final,

Phillip se levantou, dizendo algo como que pesava muito, e Eloise só notou ar e, quando inclinou a cabeça, viu que Phillip se ajoelhava a seu lado e lhe baixava a saia.

Foi um gesto muito terno e cavalheiresco, tendo em conta o que acabava de passar.

Olhou-o no rosto, sabendo que ela deveria estar desenhando um sorriso muito tolo.

- OH, Phillip - suspirou.

- Há algum serviço, por aqui perto? - perguntou ele, de improviso.

Eloise piscou, dando-se conta pela primeira vez que Phillip parecia um pouco tenso.

- Um serviço? - repetiu ela.

Ele assentiu.

Eloise indicou a porta que dava ao corredor.

- Saindo à direita - disse.

Era difícil imaginar que tivesse que aliviar-se só depois de um encontro tão intenso, mas quem era ela para tentar entender como funcionava o corpo masculino?

Phillip se aproximou da porta, pôs a mão na maçaneta e se virou.

- Agora me acredita? - perguntou-lhe, arqueando uma sobrancelha da maneira mais arrogante possível.

Eloise abriu a boca, confundida.

- Sobre o que?

Phillip sorriu. Devagar. E só disse:

- Adaptaremo-nos muito bem.

Phillip não sabia o tempo que Eloise necessitaria para recuperar a compostura e arrumar o cabelo e a roupa. Quando a tinha deixado no sofá de Sophie Bridgerton, seu aspecto refletia a paixão

que tinha experientado. Jamais tinha entendido as complexidades do asseio feminino, e estava erto que nunca o faria, mas sabia que, ao menos, teria que arrumar o cabelo.

Ele, em troca, não necessitou nem um minuto no banheiro para aliviar-se; a verdade é que o encontro com Eloise o tinha excitado muito.

Santo Deus, era magnífica!

Fazia tanto tempo desde a última vez que tinha estado com uma mulher que sabia que, quando encontrasse uma com a que queria deitar-se, seu corpo reagiria com força. Durante mais anos do que teria gostado, tinha tido que satisfazer seus apetites sexuais a sós em seu quarto, por isso um corpo feminino era como uma bênção.

E Deus sabia que o tinha imaginado muitas vezes.

Entretanto, isto tinha sido diferente, totalmente diferente ao que imaginou. havia deixado-o louco. Eloise havia o tornado louco. Com os sons que emitia, a essência de sua pele, como seus corpos pareciam adaptar-se à perfeição. Apesar de precisar terminar sozinho, havia sentido uma intensidade maior a que tinha imaginado. Até agora, achava que qualquer corpo feminino serviria, mas hoje percebeu que havia uma razão pela qual sempre tinha recusado os serviços das prostitutas e empregadas que lhe ofereciam. Havia uma razão pela qual nunca tinha procurado uma viúva discreta.

Necessitava de mais.

Necessitava de Eloise.

Queria afundar-se nela e não voltar a subir à superfície.

Queria fazê-la sua, possui-la e, depois, deitar-se e deixar que o torturasse até fazê-lo gritar.

Tinha tido fantasias antes. Claro, como todos os homens. Mas agora sua fantasia tinha rosto e temia muito que, se não aprendesse a controlar seus pensamentos, iria todo o dia por aí com uma ereção constante.

Tinham que casar-se. E rápido.

Grunhiu e lavou as mãos. Eloise não tinha nem idéia de que o tinha deixado naquele estado. Nem idéia.

Tinha-o olhado, sorridente, muito arrebatada por sua própria paixão para dar-se conta de que ele estava a ponto de explodir.

Abriu a porta e caminhou depressa de volta ao jardim. Logo, teria tempo de sobra para explodir e, quando o fizesse, Eloise estaria com ele.

Aquela idéia lhe desenhou um sorriso e esteve a ponto de enviá-lo outra vez ao serviço.

- Ah, aqui está - disse Benedict Bridgerton enquanto Phillip se aproximava do grupo. Phillip viu

que Benedict tinha uma pistola na mão e se deteve em seco porque não sabia se tinha que preocupar-se com algo. Era impossível que soubesse o que acabava de acontecer no escritório de sua mulher, não é?

Engoliu em seco e pensou muito depressa. Não, era impossível. Além disso, estava sorrindo.

Embora claro, com certeza desfrutaria muito acabando com o responsável por arruinar a reputação de sua irmã.

- Né... bom dia - disse Phillip, olhando para os outros para tentar avaliar a situação.

Benedict lhe devolveu o comentário com um gesto de cabeça e disse:

- Dispara?

- É claro - respondeu Phillip.

- Perfeito - disse, movendo a cabeça para um alvo. - Reuna-se a nós.

Phillip viu o alvo e ficou mais tranqüilo ao saber que não teria que fazer esse papel.

- Não trouxe meu revólver - disse.

- Claro que não - respondeu Benedict. - Para que ia trazê-lo? Aqui somos todos amigos - arqueou as sobrancelhas. - Não é?

- Espero que sim.

Benedict sorriu, embora não fosse um desses sorrisos que transmitem segurança pelo bem-estar próprio.

- Não se preocupe com o revólver - disse. - Deixaremos um para você.

Phillip assentiu. Se assim era como ia ter que demonstrar sua dignidade aos irmãos de Eloise, assim seria. Podia disparar igualmente bem como o melhor deles. A pontaria tinha sido uma dessas coisas nas quais seu pai mais tinha insistido. passou horas e horas nos arredores do Romney Hall, com o braço estirado até que lhe doíam todos os músculos, contendo a respiração enquanto apontava ao que seu pai tivesse decidido como objetivo. Cada vez que apertava o gatilho, rezava para que a bala tocasse o centro.

Se tocava o objetivo, seu pai não lhe bateria. Era assim simples... e desesperador.

aproximou-se de uma mesa onde havia vários revólveres e saudou o Anthony, Colin e Gregory. Sophie estava sentada a uns vinte metros, lendo um livro.

- Comecemos - disse Anthony, - antes que volte Eloise. - Olhou ao Phillip. - Por certo, onde está?

- Ficou lendo a carta de sua mãe - mentiu Phillip.

- Já, bom, não demorará muito - disse Anthony, franzindo o cenho. - Será melhor que nos apressemos.

- Talvez queira lhe responder - disse Colin, ao mesmo tempo que pegava um revólver e o olhava. - Isso nos daria uns minutos mais. Já conhecem Eloise. Sempre está escrevendo cartas.

- É verdade - respondeu Anthony. - Estamos aqui por culpa disso, recorda?

Phillip o olhou com um inescrutável sorriso. Aquela manhã estava muito contente para responder a qualquer provocação do Anthony Bridgerton.

Gregory pegou seu revólver.

- Mesmo se responder, voltará muito em breve. É incrivelmente rápida.

- Escrevendo? - perguntou Phillip.

- Em tudo - respondeu Gregory, sorridente. - Venha, comecemos.

- Por que têm tanta vontade de começar sem a Eloise? - perguntou Phillip.

- Né... por nada - disse Benedict, no mesmo momento que Anthony respondia. - Quem disse isso?

Haviam-no dito todos, mas Phillip não se incomodou em recordar-lhe.

- A idade antes que a beleza, ancião - disse Colin, dando uns tapinhas em Anthony nas costas.

- Muito amável - disse Anthony, aproximando-se de uma linha branca que alguém tinha desenhado no chão com giz em pó.

Estendeu o braço, apontou e disparou.

- Bem feito - disse Phillip, quando o lacaio aproximou o alvo. A bala não tinha dado no centro mas ficou a menos de três centímetros.

- Obrigado - desceu a pistola. - Quantos anos tem?

Phillip piscou, porque aquela pergunta o tinha surpreendido um pouco.

- Trinta.

Anthony fez um gesto com a cabeça para o Colin.

- Então, vai depois do Colin. Sempre o fazemos por idades. É a única maneira de seguir uma ordem.

- Claro - disse Phillip, enquanto Benedict e Colin disparavam. Ambos o fizeram bem, embora nenhum atingiu o centro, mas ficaram suficientemente perto para demonstrar que poderiam matar a um homem, se quisessem.

Embora, felizmente, essa manhã não parecia seu propósito.

Phillip escolheu um revólver, sopesou-o na mão e se aproximou da linha branca. Fazia pouco tempo que tinha conseguido deixar de pensar em seu pai cada vez que apontava com um revólver. Havia-lhe custado anos mas, finalmente, percebeu que gostava de atirar, que não tinha por que fazê-lo como obrigação mas sim como diversão.

E então, a voz de seu pai que freqüentemente ouvia em sua cabeça, sempre gritando, tinha desaparecido.

Levantou a arma, esticou os músculos e disparou.

Entrecerrou os olhos para ver melhor o alvo. Parecia que ficara muito perto do centro. O lacaio se aproximou. A um centímetro e emio. O melhor disparo de todos, até agora.

O lacaio se afastou com o alvo e foi o turno do Gregory que ficou à mesma distância que Phillip.

- Fazemos cinco rondas - disse Anthony ao Phillip. - Conta o melhor disparo de cada um e, se houver um empate, cada um tem um disparo mais.

- Ah - disse Phillip. - Por algum motivo em especial?

- Não - respondeu Anthony, agarrando seu revólver. - Sempre fizemos assim.

Colin olhou ao Phillip muito sério.

- Levamos os jogos muito a sério.

- Já vejo.

- Pratica esgrima?

- Não muito - disse Phillip.

Colin sorriu.

- Excelente.

- Silêncio - grunhiu Anthony, olhando-os fixamente. - Estou tentando apontar.

- Em um momento de crise, essa necessidade de silêncio não lhe servirá para nada - apontou Colin.

- Cale-se - disse Anthony.

- Se nos atacassem - continuou Colin, gesticulando com uma mão enquanto falava, - haveria muito ruído e, sinceramente, preocupa-me que não possa...

- Colin! - exclamou Anthony.

- Me ignore - disse-lhe Colin.

- Vou matá-lo - anunciou Anthony. - Molesta-os se o Mato?

Ninguém se moveu, embora Sophie levantou a cabeça e disse algo sobre o sangue e que não queria ter que limpar tudo depois.

- É um fertilizante excelente - disse Phillip, pois aquele era um assunto que ele dominava.

- Ah. - Sophie assentiu e voltou para seu livro. - Então, mata-o.

- Que tal o livro, querida? - perguntou-lhe Benedict.

- É muito bom.

- Querem fazer o favor de se calarem todos? - gritou Anthony. Depois, ligeiramente ruborizado,

virou-se para sua cunhada e disse: - Sophie, você não, é claro.

- Alegra-me ser a exceção - disse ela, sorrindo.

- Não tente ameaçar a minha mulher - disse-lhe Benedict, suavemente, a seu irmão.

Anthony se virou para seu irmão e o atravessou com o olhar.

- Deveria matar e esquartejar a todos - disse.

- Menos Sophie - recordou-lhe Colin.

Anthony o olhou com cara de poucos amigos.

- Deu-se conta de que o revólver está carregado?

- Por sorte para mim, o fratricídio não está permitido.

Anthony fechou a boca e se virou para o alvo.

- Segunda volta - disse, apontando.

- Esperaaaaad!

Os quatro irmãos desceram a cabeça, viraram-se e soltaram um grunhido quando viram Eloise descer a colina.

- Estão atirando? - perguntou, quando chegou junto a eles.

Ninguém disse nada. Embora não fosse necessário. Era mais que claro.

- Sem mim?

- Não estamos atirando - disse Gregory. - Só estamos por aqui, com uns revólveres.

- Perto de um alvo - acrescentou Colin.

- Claro que estamos atirando - disse Anthony. Fez um gesto para a direita. - Sophie está sozinha. Deveria ir fazer lhe companhia.

Eloise pôs os braços na cintura.

- Sophie está lendo um livro.

- E é muito bom - disse Sophie, levantando os olhos do livro só um instante.

- Você também deveria ler um livro, Eloise - sugeriu Benedict. - Alimentam a alma.

- Não preciso alimentar nada - respondeu. - Me dê um revólver.

- Não vou dar nenhum revólver - disse Benedict. - Já não tenho mais.

- Pois podemos compartilhar um - grunhiu Eloise. - Provou alguma vez compartilhar algo? Alimenta a alma.

Benedict fez uma careta que não era muito apropriada para um homem de sua idade.

- Acredito - comentou Colin, - que o que Benedict tenta dizer é que sua alma está alimentada para o resto de sua vida.

- Sim, certamente - disse Sophie, sem levantar a vista do livro.

- Tome - disse Phillip, de forma magnânima, oferecendo seu revólver à Eloise. - Use o meu.

Os quatro Bridgerton grunhiram, mas Phillip decidiu que gostava de fazê-los ficar com raiva.

- Obrigado - disse Eloise, sorrindo. - Como ouvi que Anthony gritava "Segunda volta", devo supor que todo mundo disparou uma vez, não é assim?

- Sim - respondeu Phillip. Olhou aos irmãos da Eloise e viu que todos pareciam deprimidos. - O que ocorre?

Anthony se limitou a menear a cabeça.

Phillip olhou ao Benedict.

- É sobrenatural - sussurrou este.

Phillip olhou para Eloise com um interesse renovado. Não lhe parecia sobrenatural para nada.

- Eu me rendo - disse Gregory. - Ainda não tomei o café da manhã.

- Terá que pedir que lhe preparem - disse Colin. - Comi tudo.

Gregory suspirou.

- É uma sorte que, ainda sendo o menor, não tenha morrido de fome.

Colin encolheu os ombros.

- Se quer comer, tem que ser mais rápido.

Anthony os olhou, aborrecido.

- Acaso cresceram em um orfanato? - perguntou-lhes.

Phillip teve que morder o lábio para não rir.

- Atiramos? - perguntou Eloise.

- Você, com certeza - disse Gregory, apoiando-se em uma árvore. - Eu vou tomar o café da manhã.

Entretanto, ficou para ver como sua irmã esticava o braço e, sem parecer ter apontado, disparava.

Quando o lacaio aproximou o alvo, Phillip piscou, surpreso.

No centro.

- Onde aprendeu? - perguntou-lhe, tentando não olhá-la boquiaberto.

Ela encolheu os ombros.

- Não saberia dizê-lo. Sempre o fiz.

- Sobrenatural - sussurrou Colin. - Está claro.

- Pois me parece esplêndido - disse Phillip.

Eloise o olhou com um brilho especial nos olhos.

- Seriamente?

- Claro. Se algum dia tiver que defender minha casa, já sei a quem porei na primeira fila.

Ela sorriu.

- Onde está o alvo seguinte?

Gregory levantou as mãos, dando-se por vencido.

- Vou embora. Vou tomar o café da manhã.

- Traz algo para mim - disse Colin.

- Como não? - disse Gregory, entre dentes.

Eloise olhou a Anthony.

- Toca a você?

Ele pegou o revólver de suas mãos e o deixou na mesa para que o voltassem a carregar.

- Como se importasse.

- Todos temos que fazer cinco voltas - disse ela, oficiosamente. - Que se inventou as regras foi você.

- Sei - respondeu ele, de causar pena. Levantou a arma e atirou mas, quando aproximaram o alvo, ficou claro que não tinha posto muito empenho porque ficou a um palmo do centro.

- Nem sequer se esforçou! - queixou-se Eloise.

Anthony se virou para Benedict.

- Odeio atirar com ela.

- Toca-lhe - disse Eloise a Benedict.

Atirou, assim como Colin, com um pouco mais de empenho que Anthony, embora também ficaram longe do centro.

Phillip se aproximou da linha branca e só se deteve quando Eloise lhe disse:

- Nem se atreva a fazer o mesmo.

- Nem em sonhos - sussurrou ele.

- Bem. Eu não gosto de jogar com quem não tem espírito competitivo - disse, virando-se para seus irmãos.

- Disso se trata - disse Benedict.

- Sempre fazem o mesmo - disse Eloise ao Phillip. - Disparam até que me dou por vencida e, então, começam a divertir-se.

- Silêncio - disse Phillip. - Estou apontando.

- OH. - Eloise fechou a boca imediatamente, observando como Phillip se concentrava no alvo.

Disparou e, quando aproximaram o alvo, desenhou um pequeno sorriso de satisfação.

- Perfeito! - exclamou Eloise, aplaudindo. - Phillip, foi maravilhoso!

Anthony disse algo entredentes que, possivelmente, não deveria ter dizer em presença de sua irmã e depois, dirigindo-se a Phillip, disse:

- Vai se casar com ela, verdade? Porque, sinceramente, se nos tirá-la de cima e deixá-la atirar com você para que não nos incomode , dobrarei o dote.

A essas alturas, Phillip estava certo de querer casar-se com Eloise em troca de nada, mas se limitou a sorrir e disse:

- De acordo.

Capítulo 13.

"... e, como deve imaginar, todos ficaram com um humor de cães. Que culpa tenho de estar por cima deles? Nenhuma. Suponho que a mesma deles terem nascido homens e, portanto, não ter nenhuma gota de bom senso nem boas maneiras inatas."

Eloise Bridgerton à Penelope Featherington depois de vencer a seis homens (entre eles, três de seus irmãos) em um campo de tiro.

No dia seguinte, Eloise foi comer em Romney Hall com Anthony, Benedict e Sophie. Colin e Gregory decidiram que, como seus outros dois irmãos pareciam ter a situação sob controle, eles voltariam para Londres; Colin com sua recém casada mulher e Gregory ao que fosse que os jovens faziam para passar o dia a dia.

Eloise ficou mais tranqüila vendo-os partir; queria-os, mas, sinceramente, não havia mulher no mundo que pudesse suportar aos quatro de uma vez.

Quando desceu da carruagem, transbordava otimismo; o dia anterior tinha saído muito melhor do que jamais tinha imaginado.

Mesmo se Phillip não a tivesse levado ao escritório de Sophie para lhe demonstrar que "se adaptariam muito bem" (recordaria sempre essas palavras), o dia teria sido um êxito de qualquer forma. Phillip tinha sabido dirigir com mestria a força dos quatro homens Bridgerton, deixando Eloise contente e muito orgulhosa.

Era irônico que, até esse momento, não lhe tivesse ocorrido que não poderia casar-se com um homem que não pudesse enfrentar cada um de seus irmãos e sair-se bem.

E Phillip enfrentou aos quatro de uma vez. Impressionante.

Entretanto, continuava tendo suas reservas com respeito ao casamento. Como iria não tê-las? Tinha nascido um respeito mútuo e uma espécie de afeto entre

Phillip e ela, sim, mas não estavam apaixonados e Eloise não tinha modo de saber se algum dia o estariam.

Apesar de tudo, estava convencida de que estava fazendo o correto. Tampouco tinha podido escolher, claro; casava-se com o Phillip ou arruinava sua vida e ficava sozinha para sempre. E, contudo, sabia que seria um bom marido. Era honesto e honrado e, embora parecesse um pouco

reservado, ao menos tinha senso de humor, algo que para Eloise era essencial em um futuro marido.

E quando a beijava...

Bom, era bastante claro que sabia perfeitamente como fazer que lhe tremessem os joelhos.

E o resto do corpo, também.

Entretanto, Eloise era uma mulher pragmática. Sempre o tinha sido e sabia que a paixão não bastava para sustentar um casamento.

Embora tampouco viria mau, pensou, com um sorriso malicioso.

Phillip olhou, pela décima quinta vez em quinze minutos, o relógio que havia no suporte da lareira. Os Bridgerton tinham que chegar às doze e meia, e já eram trinta e cinco.

E, embora o atraso não fosse preocupante, tendo em conta os caminhos rurais por onde tinham que vir, manter ao Oliver e a Amanda tranqüilos no salão com ele era muito difícil.

- Odeio esta jaqueta - disse Oliver, esticando as mangas.

- É pequena - disse-lhe Amanda.

- Já sei - respondeu ele, com desdém. - Se não fosse pequena, não me queixaria.

Phillip pensou que ele também poderia queixar-se de algo, embora não viu motivos para dar sua opinião.

- Além disso - continuou Oliver, - o seu vestido também é pequeno. Vejo os seus tornozelos.

- Supõe-se que tem que mostrá-los - disse Amanda, franzindo o cenho enquanto olhava as pernas.

- Sim, mas nem tanto.

Voltou a olhar, desta vez com uma expressão de alarme no rosto.

- Tem oito anos - disse Phillip, um pouco cansado. - O vestido é perfeito - ou, ao menos, isso esperava porque não tinha nem ideia de todas essas coisas.

"Eloise", pensou, e esse nome ressoou em sua cabeça como resposta a todas suas preces. Eloise saberia essas coisas. Saberia se o vestido de uma menina era muito curto, ou quando deveria começar a recolher o cabelo, inclusive se um menino devia ir ao Eton ou ao Harrow.

Eloise saberia tudo.

Graças a Deus.

- Chegam tarde - disse Oliver.

- Não chegam tarde - respondeu Phillip, automaticamente.

- Sim que chegam tarde - disse Oliver. - Sei ler as agulhas do relógio, sabe?

Não, não sabia, e aquilo o deprimiu um pouco mais. Era como com o de nadar. De fato, dava na mesma.

"Eloise", recordou-se. Por muitas falhas que tivesse como pai, ia compensar os todos casando-se com a mãe perfeita para eles. Pela primeira vez desde que nasceram, estava fazendo o melhor para eles, e a sensação de alívio era quase dolorosa.

Eloise. Estava impaciente para que chegasse.

Diabos, estava impaciente para casar-se com ela. Como se conseguia uma licença especial? É algo que jamais pensou que teria que saber, mas a última coisa que queria era esperar semanas para que lessem os proclamas.

Não se supunha que as bodas se celebrassem no sábado pela manhã? Poderiam arrumar tudo para este sábado? Só faltavam dois dias, mas se pudessem conseguir a licença especial...

Phillip agarrou Oliver pela gola da jaqueta quando o menino tentava escapar.

- Não - disse, muito sério. - Esperará à senhorita Bridgerton aqui e o fará em silêncio, sem quebrar nada e com um sorriso.

Quando escutou o nome de Eloise, Oliver fez um esforço para acalmar-se embora o sorriso, que ofereceu obediente depois das palavras de seu pai, foi um mero movimento de lábios que deixou ao Phillip com a sensação de que acabava de sair de uma reunião com a própria Medusa.

- Isso não foi um sorriso - disse Amanda.

- Claro que sim.

- Não. Nem sequer moveste a comissura dos lábios...

Phillip suspirou e tentou bloquear qualquer som que chegasse a seus ouvidos. Perguntaria pela licença especial a Anthony Bridgerton. Talvez, o visconde soubesse como se fazia.

Parecia que faltava uma eternidade para o sábado. Deixaria as crianças com Eloise durante o dia e... Sorriu. De noite, seria toda para ele.

- Por que sorri? - perguntou Amanda.

- Não estou sorrindo - disse Phillip que, minha mãe!, começou a ruborizar-se.

- Sim, sorri - insistiu a menina. - E agora tem as faces vermelhas.

- Não diga tolices - disse Phillip.

- Não digo tolices - insistiu. - Oliver, olhe o pai. Não tem as faces vermelhas?

- Uma palavra mais sobre minhas faces - ameaçou Phillip, - e vou...

Demônios, tinha estado a ponto de dizer "açoitá-los com o chicote", mas os três sabiam que era incapaz de fazê-lo.

- ... a fazer algo - disse, deixando a ameaça em nada.

Entretanto, e por surpreendente que pareça, funcionou e ficaram quietos e em silêncio um momento. Então, Amanda começou a balançar as pernas, que não lhe chegavam ao chão, e golpeou

uma banqueta.

Phillip olhou o relógio.

- Uy! - disse Amanda, desceu do sofá e se aproximou da banqueta para pôr o de pé. - Oliver! - gritou.

Phillip afastou a vista do minutero do relógio que, inexplicavelmente, ainda não tinha chegado aos oito. Amanda estava no chão, olhando a seu irmão.

- Empurrou-me - disse Amanda.

- Não é verdade.

- Sim, é.

- Não é...

- Oliver - interveio Phillip. - Alguém a empurrou e estou bastante certo de que não fui eu.

Oliver mordeu o lábio inferior porque não se dera conta de que sua culpa seria mais que óbvia.

- Talvez caiu sozinha - disse.

Phillip o olhou nos olhos com a esperança de que a expressão séria que sabia refletir seu rosto bastasse para rechaçar a sugestão.

- Está bem - admitiu Oliver. - Empurrei-a. Sinto muito.

Phillip piscou, surpreso. Talvez, isso da paternidade começava a dar-se bem. Não recordava a última vez que tinha escutado uma desculpa voluntária.

- Agora pode me empurrar você - disse a Amanda.

- Não, não, não - disse Phillip. Má ideia. Muito, muito má ideia.

- Vale - disse Amanda, muito contente.

- Não, Amanda - disse Phillip, levantando-se. - Não...

Entretanto, já tinha empurrado a seu irmão com suas pequenas mãos.

Oliver caiu para trás soltando uma gargalhada.

- Agora toca a mim ! - exclamou o menino.

- Não vai empurrar a sua irmã! - grunhiu Phillip, saltando por cima de uma turquesa.

- Mas me empurrou! - gritou Oliver.

- Porque você pediu , pequeno diabrete. - Phillip estendeu o braço para agarrar Oliver pela manga antes que lhe escapasse, mas o pequeno era escorregadio como uma enguia.

- Me empurre! - gritou Amanda. - Me empurre!

- Não a empurre! - exclamou Phillip. Começaram a acumular-se na sua cabeça imagens do salão de pernas para o ar com os abajures quebrados.

minha mãe, e os Bridgerton apareceriam em qualquer momento.

Agarrou ao Oliver justo quando o menino tinha pego a Amanda e os três rodaram pelo chão, levando com eles algumas almofadas do sofá. Phillip deu graças a Deus.

Ao menos, as almofadas não se quebravam.

"Crash."

- Que demônios...?

- Acho que foi o relógio - disse Oliver.

Phillip nunca saberia o que tinham feito para tirar o relógio do suporte da lareira.

- Estão castigados em seu quarto até que façam sessenta e oito anos - disse-lhes, entre dentes.

- Foi Oliver - disse Amanda, imediatamente.

- Importa-me um... muito pouco quem tenha sido - grunhiu Phillip. - Sabem que a senhorita Bridgerton chegará em qualquer...

- Ah.

Phillip se virou para a porta lentamente, horrorizado, embora não surpreso, e viu Anthony Bridgerton de pé e, atrás dele, Benedict, Sophie e Eloise.

- Milord - disse Phillip, com a voz um pouco afogada. Deveria ter sido um pouco mais educado; o visconde não tinha a culpa de que a seus filhos faltasse pouco para ser uns autênticos monstros, mas nesse momento não poderia fazer boa cara.

- Interrompemos? - perguntou, suavemente, Anthony.

- Absolutamente - respondeu Phillip. - Como verão, só estávamos... né... trocando de lugar os móveis.

- E o fazem muito bem, por certo - disse Sophie, sorridente.

Phillip lhe sorriu, agradecido. Parecia a classe de mulher que sempre dizia algo para fazer que outros se sentissem mais cômodos e, nesse mesmo momento, Phillip seria capaz de beijá-la. Levantou-se, colocou bem a turquesa, que estava no chão, agarrou aos meninos pelos braços e os pôs de pé. Oliver levava o nó da gravata totalmente desfeito e o clipe que Amanda levava no cabelo lhe tinha caído até a orelha.

- Apresento a meus filhos - disse Phillip, com toda a dignidade que pôde. - Oliver e Amanda Crane.

Os meninos saudaram entre dentes, visivelmente desconfortáveis por que seu pai os exibia diante de um grupo de adultos ou, possivelmente, e por incrível que pareça, estavam envergonhados por seu comportamento.

- Muito bem - disse Phillip, depois das saudações obrigatórias. - Agora podem ir embora.

Os meninos o olharam com expressão de angústia.

- O que acontece?

- Podemos ficar ? - perguntou Amanda, com um fio de voz.

- Não - disse Phillip. Tinha convidado aos Bridgerton para comer e a mostrar-lhes a estufa, e se quisesse tirar algo bom daquela negociação, necessitava que as crianças desaparecessem.

- Por favor? - suplicou Amanda.

Phillip evitou olhar a seus convidados, porque sabia que estavam sendo testemunhas de sua falta de controle sobre seus filhos.

- A babá Edwards está esperando-os no corredor - disse-lhes.

- Nós não gostamos da babá Edwards - disse Oliver. Amanda assentiu.

- Claro que vocês gostam - disse Phillip, impaciente. - É sua babá há meses.

- Mas nós não gostamos.

Phillip olhou aos Bridgerton.

- Desculpem - disse, com a voz apagada. - Lamento a interrupção.

- Não se preocupe - disse Sophie, que lhe lançou um olhar maternal, fazendo-se encarregada da situação.

Phillip levou as crianças a um lugar do salão, cruzou os braços e os olhou.

- Meninos - disse, muito sério. - Pedi à senhorita Bridgerton que seja minha esposa.

Os olhos dos gêmeos se iluminaram.

- Perfeito - grunhiu. - Vejo que estão de acordo comigo em que é uma excelente idéia.

- E será...?

- Não me interrompam - cortou-os Phillip, muito impaciente para responder a suas perguntas. - Quero que me escutem.

Ainda necessito da aprovação de sua família e, por esse motivo, tenho que atendê-los e convidá-los a comer, e não posso fazê-lo se tiver que estar cuidando de vocês .

- Ao menos, era quase a verdade. Os meninos não tinham por que saber que Anthony virtualmente os tinha obrigado a casar-se e que não era preciso nenhuma aprovação.

Entretanto, o lábio inferior da Amanda, começou a tremer e mesmo Oliver parecia triste.

- E agora o que? - perguntou Phillip, já um pouco cansado.

- Envergonha-se de nós? - perguntou Amanda.

Phillip suspirou, odiando-se muito. Deus Santo, como tinham chegado até isso?

- Não me...

- Posso ajudar em algo?

Phillip olhou Eloise como se fosse sua salvadora. Observou-a em silêncio como se ajoelhava

frente aos meninos e lhes dizia algo embora, como o fez em voz baixa,

Phillip não pôde escutá-la, só percebeu o suave tom de sua voz.

Os gêmeos protestaram, mas ela os interrompeu, gesticulando enquanto falava.

No final, e para surpresa do Phillip, os meninos se despediram e saíram para o corredor.

Não pareciam especialmente felizes, mas partiram de qualquer forma.

- Graças a Deus que me caso com você - disse Phillip, quase em um suspiro.

- Já pode jurá-lo - sussurrou Eloise que, quando passou por seu lado, sorriu para si mesma enquanto voltava com sua família.

Phillip a seguiu e em seguida se desculpou ante o Anthony, Benedict e Sophie pelo comportamento de seus filhos.

- Desde a morte de sua mãe, estão mais rebeldes que nunca - explicou, tentando desculpá-los.

- Não há nada mais difícil para um filho que a morte do pai ou da mãe - disse Anthony. - Por favor, não tem nenhuma necessidade de desculpar seu comportamento.

Phillip lhe agradeceu essas palavras com um movimento de cabeça.

- Me acompanhem - disse. - Passemos a sala de jantar.

Entretanto, enquanto guiava o grupo para a sala de jantar, não podia esquecer os rostos do Oliver e da Amanda. Partiram muito tristes.

Desde a morte de Marina, tinha visto os meninos obstinados, insurpotáveis, inclusive em pleno chilique, mas não os havia visto tristes.

E isso o preocupava.

Depois de comer e de dar um passeio pela estufa, o quinteto se dividiu em dois grupos. Benedict havia trazido um bloco de papel de desenho, assim ele e Sophie ficaram perto da casa, conversando animadamente enquanto ele desenhava Romney Hall. Anthony, Eloise e Phillip decidiram ir dar um passeio pelos arredores, mas Anthony, muito discreto, deixou que Eloise e Phillip ficassem um pouco atrasados e lhes deu a oportunidade de falar com um pouco mais de privacidade.

- O que disse às crianças? - perguntou Phillip, em seguida.

- Não sei - respondeu Eloise, com sinceridade. - Só tentei agir como minha mãe. - encolheu os ombros. - Parece que funcionou.

Phillip ficou pensativo.

- Deve ser agradável poder ter uns pais a quem imitar.

Eloise o olhou com curiosidade.

- Você não os teve?

Phillip negou com a cabeça.

- Não.

Eloise esperou que dissesse algo mais, inclusive lhe deu tempo, mas ele não disse nada. Afinal, decidiu insistir e perguntou:

- Quem era, sua mãe ou seu pai?

- O que quer dizer?

- Qual dos dois era tão complicado?

Phillip a olhou durante um bom momento com aqueles olhos escuros inescrutáveis enquanto juntava as sobrancelhas. Então disse:

- Minha mãe morreu de parto.

Eloise assentiu.

- Entendo.

- Duvido-o - disse ele, com uma voz muito severa, - embora lhe agradeço que o tente.

Seguiram caminhando, muito devagar para evitar que Anthony os escutasse, embora durante vários minutos nenhum dos dois disse nada.

Enfim, quando viraram para a parte traseira da casa, Eloise lhe perguntou o que estava durante toda a manhã querendo saber:

- Por que me levou ao escritório de Sophie ontem?

Phillip respirou fundo e tropeçou.

- Acho que é bastante claro - disse, ruborizando-se.

- Bom, sim - disse Eloise e, quando se deu conta do que tinha perguntado, também se ruborizou.

- Mas certamente não pensava que fosse a acontecer... o que aconteceu.

- Não se deve perder nunca a esperança - sussurrou ele.

- Não o diz a sério!

- É claro que sim. Entretanto - acrescentou, olhando-a como se não conseguisse acreditar que estivessem tendo essa conversa, - para lhe ser justo, não, nunca me passou pela cabeça que as coisas me escapariam das mãos dessa maneira. - A olhou de esguelha e acrescentou. - Embora não me arrependa.

Eloise notou que lhe acendiam as faces.

- Ainda não me respondeu.

- Ah, não?

- Não. - Sabia que estava insistindo até um ponto indecoroso mas, dadas as circunstâncias, pareceu-lhe importante fazê-lo. - Por que me levou ali?

Ficou olhando durante dez segundos, como se quisesse assegurar-se de que não estivesse zombando dele, depois olhou Anthony, viu que estava suficientemente longe para não ouvi-los, e disse - Bom, se quer saber, sim, levei-a ali para beijá-la. Não deixava de tagarelar sobre casamento e de me fazer perguntas ridículas. - Apoiou as mãos nos quadris e encolheu os ombros.

- Pareceu-me uma boa maneira para lhe demonstrar, de uma vez por todas, que nos adaptaríamos bem.

Eloise ignorou o de "tagarelar".

- Mas a paixão não é suficiente para sustentar um matrimônio - insistiu ela.

- Mas é um bom começo - respondeu ele. - Podemos mudar de assunto?

- Não. O que tento dizer...

Phillip riu e revirou os olhos.

- Sempre tenta dizer algo.

- É o que me faz tão encantadora - disse ela, de maneira má.

Phillip a olhou com um gesto de paciência exagerada.

- Eloise. Adaptamo-nos bem e desfrutaremos de um matrimônio perfeitamente prazenteiro e agradável. Já não sei que mais dizer ou fazer para demonstrar-lhe. - Porque é importante.

- Mas não me ama - disse, com suavidade.

Aquilo foi a gota que encheu o copo, assim Phillip se deteve e a olhou fixamente um bom tempo.

- Por que tem que dizer essas coisas? - perguntou-lhe.

Ela encolheu os ombros, impotente.

- Porque é importante.

Phillip voltou a olhá-la sem dizer nada.

- Alguma vez lhe ocorreu que não tem por que expressar em voz alta todos e cada um dos pensamentos que lhe venham à cabeça?

- Sim - disse ela, acumulando centenas de arrependimentos nessas três letras. - Continuamente.

- Afastou o olhar porque lhe incomodava muito a sensação estranha e de vazio que tinha na garganta. - Mas parece que não posso evitar.

Phillip meneou a cabeça, perplexo, coisa que não surpreendeu ao Eloise. A metade do tempo ela mesma ficava perplexa com seus próprios comentários. por que tinha insistido no assunto? por que não podia ser sutil, discreta? Uma vez, sua mãe lhe disse que caçaria mais moscas com mel que com um bastão, mas Eloise jamais aprendeu a fechar a boca.

Virtualmente lhe tinha perguntado se a amava, e seu silêncio foi tão cortante como o teria sido

um "não".

Encolheu-lhe o coração. Não lhe tinha ocorrido que a contradiria, mas a decepção que sentiu lhe demonstrou que uma pequena parte dela esperava que caísse a seus pés e lhe confessasse que a queria, que a adorava e que estava certo que, sem ela, morreria.

Embora soubesse que era uma tolice, e não sabia por que tinha pensado nisso, porque ela tampouco o amava.

Mas poderia. Tinha a sensação de que, com o tempo, poderia chegar a amar a esse homem. E talvez queria que ele dissesse o mesmo.

- Amava Marina? - perguntou, pronunciando aquelas palavras antes de pensar duas vezes. Fez uma careta. Já estava outra vez fazendo perguntas muito pessoais.

Foi um milagre que Phillip não levantasse os braços para o céu e saísse gritando em direção contrária.

Durante um bom momento, ficou calado. ficaram aí, olhando-se e tentando ignorar ao Anthony, que estava muito interessado observando uma árvore a uns quarenta metros.

Afinal, em voz baixa, Phillip lhe disse:

- Não.

Eloise não sentiu euforia nem pena. De fato, não sentiu nada, e aquilo a surpreendeu. Entretanto, suspirou com força, soltando de repente o ar que não se deu conta que estava contendo. E se alegrou se soubesse.

Odiava não saber as coisas. Em qualquer circunstância.

Assim não deveria havê-la surpreendido quando, de sua boca, saiu a seguinte pergunta:

- Por que se casou com ela?

Os olhos de Phillip se tornaram inexpressivos e, finalmente , encolheu os ombros e disse:

- Não sei. Suponho que era o que tinha que fazer.

Eloise assentiu. Tudo tinha sentido. Era lógico que sir Phillip agisse daquela maneira. Sempre fazia o que tinha que fazer, o mais honroso, sempre se desculpava por suas infrações, sempre carregava com os problemas alheios...

Sempre honrava as promessas de seu irmão.

E, então, fez-lhe outra pergunta.

- E sentia...? - sussurrou, quase desesperada. - E sentia paixão por ela? - Sabia que não deveria ter perguntado mas, depois daquela tarde, tinha que sabê-lo.

A resposta não importava ou, pelo menos, isso é o que ela se disse.

Mas tinha que saber.

- Não. - Phillip se virou, começou a caminhar em grandes passadas, obrigando Eloise a ficar em marcha atrás dele. Entretanto, justo quando já quase o tinha alcançado, Phillip se deteve em seco e Eloise teve que agarrar-se a seu braço para não cair.

- Eu também quero lhe perguntar algo - disse ele, de repente.

- Claro - sussurrou ela, surpreendida pela mudança de atitude. Mas era justo. Ela quase o tinha submetido a um interrogatório.

- Por que partiu de Londres? - perguntou-lhe.

Eloise piscou, surpreendida. Não esperava uma pergunta com uma resposta tão fácil.

- Para conhecê-lo, é claro.

- Tolices.

Eloise abriu a boca ante o tom desdenhoso que tinha empregado.

- Isso é por que veio - disse ele, - não por que se foi.

Nunca tinha ocorrido à Eloise que houvesse uma diferença, mas havia. E não tinha nada que ver com o motivo de sua fuga de Londres. Só supunha um destino, uma desculpa para partir sem ter a sensação de partir.

Tinha-lhe dado um objetivo, que era muito mais fácil de justificar que o motivo real da fuga.

- Tinha um amante? - perguntou-lhe Phillip, em voz baixa.

- Não! - exclamou ela, suficientemente alto para que Anthony se virasse, obrigando-a a sorrir e lhe saudar, lhe dando a entender que não tinha acontecido nada.

- Nada, só uma abelha - disse.

Anthony abriu os olhos e começou a caminhar para eles.

- Já se foi! - gritou Eloise, para detê-lo. - Não aconteceu nada! - virou-se para Phillip e disse:

- As abelhas lhe dão muito medo. - Sorriu. - Me esqueci. Deveria ter dito que era um camundongo.

Phillip olhou ao Anthony com curiosidade. Eloise não se surpreendeu; era difícil imaginar que um homem feito como Anthony pudesse ter medo das abelhas mas, tendo em conta que seu pai tinha morrido pela picada de uma, era compreensível.

- Não me respondeu.

Maldição. Pensava que se teria esquecido.

- Como pôde me perguntar isso? - disse.

Phillip encolheu os ombros.

- Como podia não fazê-lo? partiu de casa sem nem sequer incomodar-se em dizer a sua família aonde ia...

- Deixei uma nota - interrompeu ela.

- Sim, claro, a nota.

Eloise abriu a boca.

- Não me acredita?

Ele assentiu.

- Sim, sim que acredito. É muito organizada e oficiosa para partir sem antes assegurar-se que atou todos os cabos.

- Não é culpa minha que se perdeu entre os convites de minha mãe - sussurrou.

- Mas não estávamos falando da nota - disse Phillip, cruzando-os braços.

Cruzando os braços? Eloise apertou os dentes. Fez ela sentir-se como uma menina pequena, e não podia fazer ou dizer nada porque tinha a sensação de que algo que Phillip fosse dizer a respeito a seu recente comportamento seria verdade.

Por muito que lhe doesse reconhecê-lo.

- O importante - continuou ele, - é que partiu de Londres como uma criminosa, em meio da noite. Só me ocorre que o fez porque possivelmente aconteceu algo que houvesse... né... manchado sua reputação. - Ante a expressão mal-humorada dela, acrescentou: - Não me parece uma conclusão tão descabelada.

E tinha razão, é claro. Não sobre sua reputação, que continuava pura e limpa como a neve.

Embora era estranho e, de fato, lhe surpreendia muito que não o tivesse perguntado antes.

- Se tinha um amante - disse ele, lentamente, - minhas intenções com você serão as mesmas.

- Não é nada disso - disse Eloise, em seguida, basicamente para que deixasse de falar desse assunto. - É que... - Sua voz apagou-se e suspirou. - É que... E então, explicou tudo. Explicou-lhe sobre as propostas de matrimônio que lhe tinham feito, que Penelope não tinha recebido nenhuma e como estavam acostumadas a fazer planos para envelhecer juntas, como duas solteironas.

E depois lhe explicou o como havia se sentido culpada quando Penelope e Colin se casaram e ela não podia deixar de pensar em como estava sozinha.

Explicou-lhe tudo isso e mais. Explicou-lhe o que se passava pela cabeça e pelo coração, e lhe disse coisas que jamais havia dito a ninguém. E, de repente, lhe ocorreu que, para uma mulher que mal podia estar com a boca fechada, tinha muitas coisas que jamais tinha compartilhado com ninguém.

E, no fim, quando terminou - em realidade, não se deu conta que tinha terminado, só ficou sem energia e calou, - Phillip estendeu o braço e pegou sua mão.

- Está tudo bem - disse.

E Eloise soube que era verdade. Era verdade.

Capítulo 14.

"... estou de acordo em que o rosto do senhor Wilson tem certas semelhanças com o de um anfíbio, mas eu gostaria que aprendesse a ser um pouco mais precavida com suas palavras. Embora jamais o consideraria um candidato aceitável para o matrimônio, não é um sapo, e que minha irmã pequena o chame assim, em sua presença, deixa-me em mau lugar."

Eloise Bridgerton a sua irmã Hyacinth, depois de recusar sua quarta proposta de matrimônio.

Quatro dias depois, estavam casados. Phillip não tinha nem idéia de como Anthony Bridgerton a tinha conseguido, mas tinha obtido uma licença especial que lhes permitiu casar-se sem proclamas e numa segunda-feira que, segundo Eloise, não era pior que uma terça-feira ou uma quarta-feira, embora não fosse um sábado, que era o adequado.

Tinha vindo toda a família de Eloise, exceto sua irmã viúva que vivia na Escócia e que não teria podido chegar a tempo. Normalmente, a cerimônia se teria celebrado em Kent, na residência do verão dos Bridgerton ou, ao menos, em Londres, na igreja do St. George em Hanover Square, onde iam todo domingo, mas era impossível celebrar um casamento nesses lugares em tão poucos dias e, além disso, tampouco era um casamento como os demais. Benedict e Sophie ofereceram sua casa para a recepção, mas Eloise pensou que as crianças estariam mais confortáveis em Romney Hall, assim celebraram a cerimônia na igreja paroquial do final do caminho e, depois, fizeram uma pequena e íntima recepção junto à estufa do Phillip.

Mais tarde, quando o sol começava a se pôr , Eloise subiu para o que a partir de agora seria seu quarto com sua mãe, que tentava manter-se ocupada organizando o enxoval que tão rapidamente haviam trazido para Eloise.

É claro, a criada de Eloise, que tinha vindo de Londres com a família Bridgerton, encarregou-se de tudo pela manhã, mas Eloise não fez nenhum comentário.

Ao que parecia, Violet Bridgerton precisava estar fazendo algo enquanto falava.

E Eloise, de entre todas as pessoas do mundo, entendia-a perfeitamente.

- Deveria me queixar por não poder desfrutar de meu devido momento de glória como mãe da noiva - disse-lhe Violet a sua filha, enquanto dobrava o véu de encaixe e o deixava em cima da cômoda - mas, em realidade, estou muito feliz por vê-la vestida de noiva.

Eloise lhe sorriu.

- Com certeza quase tinha perdido a esperança, não é?

- Um pouco. - Entretanto, inclinou a cabeça e acrescentou: - Bom, em realidade não. Sempre pensei que, afinal, acabaria nos surpreendendo. Faz isso muito freqüentemente.

Eloise pensou nos anos que tinham passado desde sua primeira temporada como debutante e em todas as propostas que tinha recusado. Pensou em todas as bodas que tinham ido, com Violet vendo como outra de suas amigas casava a suas filhas com outro cavalheiro fabuloso.

Outro cavalheiro que, é claro, não se casaria com a Eloise, a famosa filha solteira da Lady Bridgerton.

- Decepcionei-a, sinto muito - sussurrou Eloise.

Violet a olhou com sensatez.

- Meus filhos nunca me decepcionam - disse-lhe, com suavidade. - Só... deixam-me maravilhada. Acho que eu gosto mais assim.

Eloise se inclinou para frente para abraçar a sua mãe. E, ao fazê-lo se sentiu muito estranha e não soube por que, já que em sua família jamais se reprimiram tais amostras de carinho na privacidade do lar. Possivelmente era porque estava perigosamente perto de tornar a chorar; possivelmente era porque sabia que sua mãe também estava. Mas voltou a sentir-se como uma menina desajeitada, com os cotovelos dobrados e com a boca aberta quando deveria estar fechada. E necessitava de sua mãe.

- Bom, está tudo bem - disse Violet, com essa voz que usava quando seus filhos eram pequenos e se machucavam um joelho ou se deram um golpe.

- Já está - disse, ruborizando-se ligeiramente. - Já está.

- Mamãe? - sussurrou Eloise. Estava muito estranha, como se tivesse comido peixe em mal estado.

- Isto me mata - disse Violet, entre dentes.

- Mamãe? - Certamente não tinha escutado bem.

Violet respirou fundo.

- Temos que falar. - Virou-se, olhou a sua filha nos olhos, e disse: - Temos que falar?

Eloise não sabia se sua mãe lhe estava perguntando se conhecia os detalhes do encontro íntimo entre um homem e uma mulher ou se os tinha experimentado... intimamente.

- Né... Não hei... bom... Se se referir A... Bom, que ainda sou...

- Excelente - disse Violet, muito mais tranqüila. - Mas sabe... bom... sabe o que acontece...?

- Sim - respondeu Eloise rapidamente para economizar às duas um mau momento. - Acredito

que não necessito que me explique nada.

- Excelente - repetiu Violet, ainda mais tranqüila. - Devo reconhecer que esta parte da maternidade é a que menos eu gosto. Nem sequer recordo o que disse à Daphne, só sei que passei todo o tempo me ruborizando e gaguejando e, sinceramente, não sei se depois de nossa conversa acabou melhor informada do que estava antes de tê-la.

- Com decepção - acrescentou - Certamente, não.

- Bom, parece que se adaptou perfeitamente à vida de casada - disse Eloise.

- Sim, é verdade - disse Violet, muito contente. - Quatro filhos e um marido que se esforça por ela. Não se pode desejar mais.

- O que disse a Francesca? - perguntou Eloise.

- Como?

- A Francesca - repetiu Eloise, referindo-se a sua irmã mais nova, que se tinha casado há seis anos e que, tragicamente, tinha enviuvado dois anos depois de casada. - O que lhe disse quando se casou? Falou-me de Daphne, mas não de Francesca.

Violet ficou um pouco triste, como sempre que pensava em sua terceira filha, que tinha ficado viúva tão jovem.

- Já conhece Francesca. Suponho que ela poderia me dizer algumas coisas.

Eloise conteve a respiração.

- Não me refiro a isso, claro - acrescentou Violet em seguida. - Francesca era tão inocente como... bom, tão inocente como você, suponho.

Eloise notou que se ruborizava e deu graças a Deus pelo dia nublado, que fazia o quarto estar virtualmente às escuras. Por isso e pelo fato de que sua mãe estivesse ocupada olhando uma prega descosturada do vestido. Tecnicamente, era virgem e, se a tivesse tido que inspecionar um médico, teria superado a prova, mas já não se sentia tão inocente.

- Mas já conhece Francesca - continuou Violet, encolhendo os ombros e afastando a vista do vestido quando viu que não havia nada que fazer.

- Sempre foi muito ardilosa e esperta. Suponho que subornou a alguma das criadas para que explicasse já fazia tempo.

Eloise assentiu. Não queria dizer a sua mãe que Francesca e ela gastaram as economias para subornar a uma criada. Mas havia valido a pena.

A explicação de Annie Mavel tinha sido muito detalhada e, como Francesca lhe havia dito mais tarde, absolutamente correta.

Violet sorriu, levantou-se e acariciou a face de sua filha, bem ao lado do olho. Ainda não estava

curado de todo, mas do arroxeado tinha passado ao azul esverdeado e, depois, a um desagradável tom amarelado, embora fosse muito mais discreto que antes.

- Está certa de que será feliz? - perguntou-lhe.

Eloise sorriu, resignada.

- Já é um pouco tarde para me fazer essa pergunta, não lhe parece?

- Pode ser que seja tarde para voltar atrás, mas nunca é tarde para lhe fazer essa pergunta.

- Acredito que serei feliz - disse Eloise e, para si mesma, acrescentou: "Isso espero".

- Parece um bom homem.

- É um bom homem.

- E honrado.

- É sim.

Violet assentiu.

- Acredito que será feliz. Pode ser que demore um pouco em se dar conta, e possivelmente tenha dúvidas a princípio, mas será.

Mas recorde... - deteve-se e mordeu o lábio inferior.

- O que, mamãe?

- Recorde - disse, lentamente, como se estivesse escolhendo as palavras com muito cuidado, - que requer seu tempo. Isso é tudo.

Eloise queria gritar: "O que requer seu tempo?".

Entretanto, sua mãe já se levantara e estava arrumando o vestido.

- Suponho que terei que ir olhar à família, ou não partirão em toda a noite. - Enquanto dava a volta, Violet brincou com um laço do vestido e se aproximou a outra mão ao rosto, e Eloise tentou não dar-se conta de que estava secando uma lágrima.

- É muito impaciente - disse Violet, olhando a porta. - Sempre o foi.

- Já sei - disse Eloise, que não sabia se sua mãe estava brigando e, se assim fosse, por que tinha escolhido esse momento para fazê-lo.

- É algo que sempre gostei em você - disse Violet. - Sempre gostei de tudo em você, claro mas, por alguma razão, sua impaciência sempre me pareceu encantadora.

E não é porque sempre quisesse mais, mas sim porque sempre queria tudo.

Eloise não estava tão convencida que fosse algo bom.

- Queria tudo para todos, e queria saber e aprender tudo e...

Por um segundo, Eloise pensou que sua mãe tinha terminado mas então, Violet se virou e continuou:

- Nunca se conformou com a segunda opção, e isso é muito bom, Eloise. Me alegro de que rechaçasse todas essas propostas de matrimônio em Londres. Nenhum desses homens a teria feito feliz. Não teria sido desgraçada, mas tampouco feliz.

Eloise abriu os olhos, surpreendida.

- Mas não deixe que a impaciência a defina - disse-lhe Violet, com doçura. - Porque é muito mais que isso. É muito mais que isso e às vezes tenho a sensação de que esquece isso. - Sorriu; o sorriso afável de uma mãe que se despede de sua filha.

- Dê-lhe tempo, Eloise. Seja paciente. Não pressione muito.

Eloise abriu a boca mas não pôde articular palavra.

- Tenha paciência - disse Violet. - E não pressione.

- Não... - Queria dizer "Não o farei", mas não pôde continuar porque a única coisa que podia fazer era olhar a sua mãe e, nesse mesmo instante se deu conta do que significava estar casada. Tinha pensado tanto em Phillip que não parou para pensar em sua família.

Já não voltaria para casa. Sempre os teria, é claro, mas já não viveria com eles.

E até então não se dera conta das muitas ocasiões que se sentara com sua mãe simplesmente para falar. Ou como eram preciosos esses momentos. Violet sempre parecia saber o que seus filhos necessitavam, e isso tinha muito mérito, tendo em conta que eram oito irmãos, e muito distintos entre si, cada um com suas esperanças e seus sonhos.

Inclusive a carta de Violet, a que tinha enviado ao Anthony para que a desse quando chegasse ao Romney Hall, tinha sido exatamente o que Eloise precisava ler nesse momento. Poderia-lhe ter recriminado, poderia tê-la acusado de muitas coisas, e teria estado em todo seu direito de fazê-lo, inclusive mais.

Entretanto, tinha-lhe escrito: "Espero que esteja bem. Recorde, por favor, que é minha filha e que sempre o será.

Amo-a".

Eloise, ao lê-la, pôs-se a gritar. Graças a Deus, esqueceu-se de lê-la até de noite, quando pôde fazê-lo tranqüilamente na intimidade do quarto em casa de Benedict. Violet Bridgerton nunca tinha querido nada, mas seu melhor trunfo eram sua sabedoria e seu amor e, enquanto a via afastar-se para a porta, Eloise descobriu que era mais que sua mãe, era tudo o que ela aspirava ser.

E não pôde acreditar que tivesse demorado tanto em perceber.

- Suponho que sir Phillip e você quererão um pouco de intimidade - disse Violet, com a mão na porta.

Eloise assentiu, embora sua mãe não pôde vê-lo.

- Sentirei falta de todos.

- Claro que o fará - disse Violet, em um tom um pouco mais brusco, que era a única maneira que tinha para recuperar a compostura. - E nós a de você. Mas não está tão longe.

E viverá muito perto de Benedict e de Sophie. E de Posy. E suponho que agora que tenho dois netos mais a quem malcriar virei de visita mais freqüentemente.

Eloise secou as lágrimas. Sua família tinha aceito aos filhos do Phillip imediatamente e sem nenhuma condição. Não esperava menos, é claro, mas lhe tinha agradado mais do que imaginava. Os gêmeos já tinham feito boas ligações com seus novos primos e Violet tinha insistido em que a chamassem avó. Eles tinham aceito logo, sobre tudo depois que tirara uma bolsa de caramelos que, segundo ela, não sabia como tinha ido parar em sua mala em Londres.

Eloise já se despedira de sua família assim, quando sua mãe partiu, sentiu que já era lady Crane. A senhorita Bridgerton teria retornado a Londres com sua família mas lady Crane, esposa de um latifundiário do Gloucestershire e barão, ficava no Romney Hall. Sentia-se estranha e diferente e se zangou consigo mesma por isso. Qualquer um diria que, aos vinte e oito anos, o casamento não suporia uma mudança tão grande. Antes de tudo, já não era uma menina jovem e inocente.

Ainda assim, tinha todo o direito do mundo a sentir que sua vida tinha mudado para sempre. Estava casada e era a senhora da casa. E, além disso, da noite para o dia, tinha passado a ser mãe de dois meninos. Nenhum de seus irmãos tinha tido que fazer frente à responsabilidade da paternidade tão depressa.

Entretanto, estava disposta a assumir seu novo papel. Tinha que estar. Ergueu as costas e, enquanto escovava o cabelo, olhou-se decidida no espelho.

Era uma Bridgerton, embora já não fosse seu sobrenome legal, e era capaz de tudo. E como não era uma mulher que se conformava com uma vida infeliz, simplesmente faria o possível para que a sua não o fosse.

Bateram na porta e, quando Eloise se virou, viu que Phillip tinha entrado. Fechou a porta, embora ficasse onde estava, certamente para lhe oferecer um pouco mais de tempo para preparar-se.

- Não prefere que o faça sua criada? - perguntou ele, refirindo-se a escovar de cabelo.

- Disse-lhe que tinha a noite livre - disse Eloise e se encolheu de ombros. - Parecia-me estranho tê-la aqui, quase como uma intrusão.

Phillip limpou a garganta e tocou a gravata, um movimento ao qual Eloise se acostumara. Normalmente, não levava roupa formal quando estava em casa e, quando o fazia, sempre estava tocando a gola da camisa ou as mangas, certamente desejando poder voltar a vestir a roupa de trabalho.

Era estranho ter um marido com uma vocação de verdade. Eloise nunca imaginou que se casaria com um homem assim. Não é que Phillip tivesse um negócio, mas o trabalho na estufa era muito mais do que faziam os meninos de sua idade que viviam em Londres.

E gostava. Gostava que tivesse uma profissão, gostava que cultivasse sua mente e que dedicasse seu intelecto a outra coisa que não fossem os cavalos e os jogos.

Gostava.

E aquilo era um descanso. Se não gostasse, teria sido uma lástima.

- Necessita de um pouco mais de tempo? - perguntou-lhe ele.

Eloise negou com a cabeça. Estava preparada.

Phillip soltou o ar que tinha estado contendo e ao Eloise pareceu escutar que dizia "Graças a Deus". Depois, estava em seus braços, Phillip a estava beijando e Eloise não pôde recordar no que estava pensando.

Phillip supôs que devia dedicar um pouco mais de energia mental a suas bodas mas é que, em realidade, não podia concentrar-se nos acontecimentos do dia quando os da noite estavam cada vez mais perto. Cada vez que olhava para Eloise, cada vez que cheirava seu perfume, que parecia estar por toda parte, ressaltando por cima das demais mulheres Bridgerton, sentia como lhe esticava o corpo inteiro e tremia recordando o que tinha sentido ao tê-la em seus braços.

"Logo - disse-se, obrigando-se a relaxar os músculos e dando graças a Deus por poder obtê-lo. - Logo."

E esse logo se converteu em agora, e estavam sozinhos, e não podia acreditar como estava linda com o cabelo solto, caindo como uma delicada cascata castanha pelas costas.

Nunca o tinha visto assim e jamais tinha imaginado que o tivesse tão longo porque sempre o tinha recolhido em um coque baixo.

- Sempre me perguntei por que as mulheres recolhem o cabelo - sussurrou, depois do sétimo beijo.

- Porque é o que se espera de nós - disse Eloise, bastante surpreendida pelo comentário.

- Não é por isso - disse ele. Acariciou-lhe o cabelo, agarrou uma mecha com os dedos, aproximou-a do rosto e a cheirou. - É para proteger aos homens.

Eloise o olhou, surpreendida e confusa.

- Quererá dizer para nos proteger dos homens.

Phillip negou com a cabeça, lentamente.

- Se algum homem a visse assim, teria que matá-lo.

- Phillip. - Devia soar a reprimenda, e Phillip sabia, mas Eloise se ruborizou e parecia muito

agradada pelo comentário.

- Ninguém que a visse assim poderia resistir a você - disse-lhe, acariciando uma sedosa mecha de cabelo. - Estou certo.

- Muitos homens me acharam totalmente resistivel - disse ela, olhando-o com um sorriso. - Muitos, de verdade.

- Pois estão cegos - disse ele. - Além disso, demonstra que tenho razão. Isto - segurou a mecha de cabelo entre suas mãos, aproximou-a dos lábios e saboreou-a - leva muitos anos recolhido em um coque.

- Desde que tinha dezesseis anos - disse ela.

Phillip a atraiu para ele, devagar embora com força.

- Me alegro. Nunca teria sido minha se tivesse deixado isso solto. Alguém teria ficado com você antes.

- Só é cabelo - sussurrou ela, com voz trêmula.

- Tem razão - assentiu ele. - com certeza que sim porque duvido que em qualquer outra pessoa me parecesse tão terrivelmente sedutor.

Deve ser você - sussurrou-lhe, soltando-lhe o cabelo. - Só você.

Tomou o rosto entre as mãos e a inclinou um pouco para poder beijá-la melhor. Sabia como sabiam seus lábios, já a tinha beijado; de fato, tinha-o feito fazia poucos minutos.

Entretanto, apesar disso, surpreendeu-o por sua doçura, pela calidez de sua respiração e por como, com um simples beijo, era capaz de excitá-lo tanto.

Embora nunca seria só um simples beijo. Com ela, não.

Phillip localizou os fechamentos do vestido com os dedos, uma fileira de botões forrados de tecido que lhe percorriam toda a coluna vertebral.

- Vire-se - disse. Não tinha tanta experiência para desabotoá-los sem olhar.

Além disso, gostava, adorava o fato de lhe desabotoar o vestido lentamente, revelando cada vez uma porção mais de pele.

Era sua, pensou, deslizando um dedo pelas costas, antes de desabotoar o antepenúltimo botão. Sua para a eternidade. Era difícil imaginar como tinha podido ter tanta sorte, mas decidiu não questionar só desfrutá-la.

Outro botão. Este revelou uma parte de pele da parte baixa das costas.

Tocou-a e ela estremeceu.

Phillip se dispôs a desabotoar o último botão. Não era necessário, porque o vestido já estava suficientemente aberto para poder tirá-lo pelos ombros mas precisava fazê-lo bem, precisava despi-la

em condições, precisava saborear o momento.

Além disso, o último botão revelou o início das nádegas.

Queria beijá-la. Queria beijá-la bem aí. Bem em cima das nádegas enquanto ela estava de costas, estremecendo não de frio, mas sim de excitação. Aproximou-se dela, beijou-a na nuca enquanto a segurava com ambas as mãos pelos ombros. Havia algumas coisas que a inocente Eloise não podia entender.

Mas agora era sua. Era sua mulher. E estava possuída pelo fogo, paixão e energia. Teve que recordar-se que não era Marina, delicada e incapaz de expressar qualquer outra emoção que não fosse pena.

Não era Marina. Parecia-lhe necessário recordar-lhe e não só agora mas também constantemente, todo o dia, cada vez que a olhava. Não era Marina e ele não precisava ir com extremo cuidado com ela, não tinha que estar temeroso de suas próprias palavras, de suas próprias expressões faciais, de algo que pudesse provocar nela algo que a encerrasse em si mesma, em seu próprio desespero.

Era Eloise. Eloise. A forte e magnífica Eloise.

Incapaz de deter-se, ajoelhou-se e, enquanto a agarrava com força pelos quadris, ela soltou um pequeno grito de surpresa e tentou virar-se.

E Phillip a beijou. Justo ali, na base da coluna, naquele ponto que tanto o tinha tentado, beijou-a. E então, não sabia muito bem por que, já que sua experiência com as mulheres era bastante limitada, embora obviamente compensasse com a imaginação, percorreu-a com a língua, do pescoço até o início das nádegas, desfrutando do sabor salgado de sua pele, detendo-se embora sem separar-se quando Eloise gemeu e apoiou as mãos na parede porque as pernas mal a seguravam.

- Phillip - suspirou.

Ele se levantou e virou-a, aproximando-se dela até que seus narizes estiveram a poucos milímetros.

- Era ali - disse ele, impotente, como se essas duas palavras explicassem tudo. E, em realidade, era a verdade; era a única explicação. Era ali, essa parcela de pele rosada que estava esperando um beijo.

Ela estava ali, e Phillip tinha que possui-la.

Voltou a beijar na boca enquanto lhe deslizava o vestido para o chão. casou-se vestida de azul, uma versão mais pálida da cor que fazia com que seus olhos parecessem mais profundos e intensos que nunca, como um céu nublado justo antes da tormenta.

Era um vestido celestial; tinha ouvido o que sua irmã Daphne havia dito pela manhã.

Entretanto, ainda era mais celestial tirá-lo.

Não levava regata e sabia que estava completamente nua sem ela porque o ouviu conter o fôlego quando seus seios roçaram o suave linho de sua camisa. Entretanto, em lugar de olhá-la, percorreu os lados dos seios com as mãos, acariciando-a com os dedos. E então, sem deixar de beijá-la, virou as Palmas e segurou o maravilhoso peso dos seios nas mãos.

- Phillip - gemeu ela, pronunciando a palavra dentro de sua boca como uma bênção.

Ele moveu as mãos até que lhe cobriu os seios por completo, roçando os mamilos com os dedos. E enquanto os apertava, com delicadeza, mal podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo.

E então já não pôde esperar mais. Tinha que vê-la, tinha que ver cada centímetro de seu corpo e olhar seu rosto enquanto o fazia. separou-se dela, interrompendo o beijo com a promessa sussurrada de que voltaria.

Quando desceu a cabeça para olhá-la, conteve a respiração. Ainda não tinha anoitecido e os últimos raios de sol se filtravam pelas cortinas, banhando a pele de Eloise com uma cor vermelha dourada. Os seios eram maiores do que imaginara, redondos e turgentes, e aquilo era tudo o que pôde fazer para não levá-là cama nesse mesmo instante. Só podia regozijar-se para sempre nesses seios, querê-los e adorá-los até que...

Por Deus, a quem estava tentando enganar? Até sua própria necessidade ser muito intensa e reclamar possui-la, penetrá-la, devorá-la.

Com dedos trêmulos, começou a desabotoar a camisa, olhando-a como o observava tirar a camisa e então se esqueceu, virou-se e...

Ela gritou.

Phillip ficou imóvel.

- O que lhe passou? - perguntou ela, em um sussurro.

Phillip não soube por que se surpreendeu tanto pois sabia que teria que explicar-lhe que Era sua mulher e o veria nu todo dia durante o resto de sua vida e, se alguém tinha que saber a autêntica natureza de suas cicatrizes, era ela.

Ele podia ignorá-las, porque como estavam nas costas não as via, mas Eloise não teria essa sorte.

- Bateram-me - disse, sem virar-se. Certamente, deveria ter feito e lhe economizar a Eloise a visão, mas teria que começar a acostumar-se.

- Quem lhe fez isto? - perguntou ela, em voz baixa e furiosa, e essa raiva chegou ao coração do Phillip.

- Meu pai. - Recordava perfeitamente o dia. Tinha doze anos, havia voltado da escola e seu pai lhe tinha obrigado a acompanhá-lo de caça. Phillip era um bom cavaleiro, mas não o bastante para o salto que seu pai acabava de dar. Apesar de tudo, tentou-o, sabendo que se não o fizesse o tacharia de covarde.

Obviamente, caiu do cavalo. De fato, o cavalo o puxou. Milagrosamente, não se feriu, mas seu pai enfureceu-se. A visão da dignidade britânica do Thomas Crane era bastante estreita e, é claro, não incluía quedas de cavalo. Seus filhos tinham que ser perfeitos cavaleiros, atiradores, campeões de esgrima e boxeadores, e serem sempre os melhores.

E que Deus tivesse piedade deles se não o fossem.

George fazia o salto, claro. George sempre era melhor que ele. E também era dois anos mais velho, dois anos mais velho, dois anos mais forte. Tinha tentado interceder para evitar o castigo mas, então, Thomas também tinha empreendido com ele, por meter-se onde não o chamavam. Phillip tinha que aprender a ser um homem e Thomas não toleraria que ninguém interferisse, nem sequer George.

Phillip não sabia no que tinha sido diferente o castigo desse dia; normalmente, seu pai usava um cinturão que, em cima da camisa, não deixava sinais.

Mas aquele dia estavam perto dos estábulos e o chicote do cavalo ficava mais à mão, e seu pai o golpeou com raiva, inclusive mais do queo habitual.

Quando o chicote rasgou a camisa do Phillip, Thomas não se deteve.

Foi a única vez que as surras de seu pai lhe deixaram sinal.

Embora fosse um sinal com o qual teria que conviver o resto de sua vida.

Olhou ao Eloise, que o estava olhando com uns olhos extrañamente intensos.

- Sinto muito - disse ele, embora não fosse verdade. Não tinha que pedir perdão por nada, exceto por ter compartilhado com ela o horror de sua infância.

- Eu não sinto - grunhiu ela, entrecerrando os olhos.

Phillip abriu os olhos, surpreso.

- Estou furiosa.

E, então, Phillip não pôde evitá-lo. riu. Jogou a cabeça para trás e riu. Era absolutamente perfeita, ali nua e furiosa, disposta a ir até o próprio inferno para enfrentar a seu pai.

Eloise ficou um pouco aturdida por Phillip decidir pôr-se a rir justo naquele momento mas, logo, ela também o fez, como se tivesse reconhecido a importância do momento.

Phillip a pegou pela mão e, desesperado para que o tocasse, aproximou-a do coração, pressionando-a até que esteve totalmente sobre seu peito, em cima da suave mata de cabelo.

- Que forte é! - sussurrou ela, lhe acariciando a pele. - Não tinha nem ideia que trabalhar na

estufa fosse tão duro.

Sentiu-se como um adolescente, totalmente feliz por essa adulação. E a lembrança de seu pai desapareceu.

- Também trabalho a terra - disse, um pouco idiota, incapaz de dizer um simples "obrigado".

- Com os peões? - perguntou ela.

Phillip a olhou divertido.

- Eloise Bridgerton...

- Crane - corrigiu-o ela.

Quando a escutou, Phillip riu de satisfação.

- Crane - repetiu. - Não me diga que teve fantasias secretas com os peões.

- Claro que não - disse ela. - Embora...

Phillip não ia deixar passar a oportunidade de que essa palavra se perdesse no ar.

- Embora? - perguntou-lhe.

Ela estava um pouco envergonhada.

- Bom, é que parecem tão... elementares... sob o sol, trabalhando.

Ele sorriu. Muito devagar, como um homem que está a ponto de desfrutar-se em seu sonho feito realidade.

- OH, Eloise - disse, lhe beijando o pescoço e baixando mais e mais. - Não tem nem ideia de comportamentos elementares. Nem ideia.

E então fez o que tinha sonhado durante dias; bom uma das coisas que tinha sonhado durante dias: cobriu-lhe o mamilo com a boca, percorreu-lhe a suave auréola com a língua até que, ao final, fechou os lábios e sugou aquele ponto de prazer.

- Phillip! - exclamou Eloise, deixando-se cair.

Phillip a levantou nos braços e a levou a cama, que já estava preparada para os recém casados. Deixou-a em cima dos lençóis, desfrutando daquela visão antes de começar a lhe tirar as meias, que eram as únicas coisas que levava. Eloise, instintivamente, cobriu-o sexo com as mãos, e Phillip lhe permitiu a modéstia, sabendo que logo tocaria a ele.

Colocou os dedos debaixo de uma das meias, acariciando-a através da fina seda antes de fazê-la escorregar pela perna. Eloise gemeu quando notou seus dedos nos joelhos e Phillip não pôde evitar olhá-la e lhe perguntar:

- Tem cócegas?

Ela assentiu.

- E mais.

E mais. Adorava. Adorava que sentisse mais, que quisesse mais.

Com a outra meia não se entreteve tanto e logo ficou de pé junto a ela, desabotoando as calças. deteve-se um momento e a olhou, esperando que, com os olhos, dissesse-lhe que estava preparada.

E logo, com uma velocidade e uma agilidade que jamais teria acreditado que tivesse, despiu-se e se estendeu junto a ela. A princípio, Eloise se esticou mas logo, enquanto Phillip a acariciava e a tranqüilizava lhe beijando as têmporas e os lábios, foi relaxando.

- Não tem por que ter medo - disse-lhe ele.

- Não tenho medo - respondeu ela.

Phillip levantou a cabeça e a olhou nos olhos.

- Não?

- Estou nervosa, mas não tenho medo.

Phillip meneou a cabeça, maravilhado.

- É magnífica.

- Já o disse a todo mundo - disse ela, encolhendo os ombros- mas, pelo visto, é o único que me acredita.

Phillip riu, meneando a cabeça, quase sem conseguir acreditar que estivesse ali, em sua noite de núpcias, rindo-se.

Já lhe tinha feito rir duas vezes essa noite e começava a dar-se conta do presente que era Eloise.

Um presente incrível e inestimável com o qual tinha sido abençoado.

As relações sexuais sempre tinham girado ao redor da necessidade de seu corpo, sua luxúria e o que fosse que o convertesse em homem.

Nunca tinha girado ao redor dessa alegria, essa maravilha por descobrir o corpo da outra pessoa.

Tomou o rosto entre as mãos e o beijou, desta vez com todo o sentimento e a paixão que levava dentro. Beijou-a na boca, depois na face, depois no pescoço. Depois, foi descendo e explorando seu corpo, dos ombros, passando pelo abdomem, até o quadril.

Só evitou um lugar, o lugar que mais gostaria de explorar, embora decidisse que o faria mais tarde, quando estivesse preparada.

Quando ele estivesse preparado. Marina nunca tinha deixado que a beijasse ali; não, isso não era justo. Em realidade, ele nunca o tinha pedido. É que, como ela ficava ali, debaixo dele, como se estivesse cumprindo com uma obrigação, sem mal pestanejar, pois lhe parecia mal fazê-lo.

E tinha estado com outras mulheres antes de casar-se, mas tinham sido das que já tinham experiência, e nunca tinha querido chegar a esse grau de intimidade com elas.

"Depois", prometeu-se, enquanto se detinha ligeiramente a acariciar os cachos.

"Logo." Sim, muito em breve.

Agarrou-a pelas pantorrilhas, levantou-as e lhe separou as pernas para poder colocar-se no meio. Estava muito excitado, com uma ereção total; tão excitado que tinha medo de fazer ridículo assim, enquanto a tocava com a ponta da verga, respirou fundo várias vezes, tentando tranqüilizar-se para poder durar o suficiente para que ela, ao menos, pudesse desfrutar.

- OH, Eloise - disse mas , na realidade, foi mais um grunhido. Queria-a mais que qualquer outra coisa, mais que à vida, e não tinha nem ideia de se ia poder agüentar muito.

- Phillip? - disse ela, um pouco assustada.

Ele se levantou para olhá-la.

- É muito grande - sussurrou.

Phillip sorriu.

- Sabe que isso é, exatamente, o que um homem quer ouvir?

- Estou certa - disse ela, mordendo o lábio inferior. - Mas não me parece algo do que se possa alardear enquanto se monta a cavalo, joga-se cartas ou se compete em qualquer outra coisa sem razão.

Phillip não sabia se Eloise estava tremendo de risada ou de medo.

- Eloise - conseguiu dizer. - Asseguro-lhe que...

- Me vai doer muito? - perguntou ela.

- Não sei - disse ele, com sinceridade. - Nunca estive em seu lugar. Suponho que um pouco. Embora espere que não muito.

Ela assentiu, agradecendo sua franqueza.

- É que... - E se calou.

- Diga-me - disse ele.

Durante vários segundos, Eloise só pôde piscar e, afinal, disse:

- É que me deixo levar, como no outro dia, mas logo o vejo, ou o sinto, e não imagino como vai funcionar, e me dá a sensação que me vou rasgar e perco a magia - explicou. - Perco a magia.

E nesse momento, Phillip decidiu. Ao diabo. por que deveria esperar? por que deveria fazê-la esperar? agachou-se e lhe deu um beijo rápido nos lábios.

- Espera aqui - disse. - Não se mova.

Antes que pudesse lhe fazer alguma pergunta e era Eloise, assim faria perguntas, Phillip se

deslizou para baixo, separou-lhe as pernas, tal como a tinha imaginado tantas e tantas noites em claro, e a beijou.

Ela gritou.

- Bem - disse ele, embora suas palavras se perderam no centro da sexualidade da Eloise.

Tinha-a bem segura com as mãos; não tinha outra opção porque estava se retorcendo como um animal selvagem.

Phillip a lambeu e beijou-a, saboreou cada centímetro, cada crista de prazer. Foi voraz e a devorou enquanto pensava que aquilo era, simplesmente, o melhor que tinha feito em sua vida e, Por Deus, dava graças ao céu de ser um homem casado e poder fazê-lo sempre que quisesse.

Tinha ouvido outros homens falarem disso, é claro, mas jamais tinha imaginado que pudesse gostar tanto. Estava a ponto de explodir e ela nem sequer o havia tocado.

Embora tampouco teria gostado que o fizesse nesse momento, porque estava agarrando os lençóis com tanta força que tinha os nódulos brancos e, se chegasse a tocá-lo, teria lhe feito mal.

Deveria tê-la deixado terminar, deveria tê-la beijado até que explodisse em sua boca mas, nesse ponto, impuseram-se suas próprias necessidades e não teve outra opção.

Era sua noite de núpcias e quando se derramasse, faria-o dentro dela, não nos lençóis; além disso, se não a notasse ao redor de seu corpo logo, estava bastante convencido que acabaria em chamas.

Assim se levantou e, ignorando o grito do Eloise quando afastou a boca, colocou-se em cima dela, lhe aproximando a verga uma vez mais e utilizou os dedos para abri-la um pouco mais enquanto a penetrava.

Estava úmida, muito úmida, uma mescla dele e dela, e não se parecia em nada a qualquer outra coisa que Phillip tivesse podido sentir antes. deslizou em seu interior, notando o caminho aberto e tenso ao mesmo tempo.

Eloise disse seu nome entre gemidos, e Phillip o dela e então, incapaz de ir devagar, afundou-se nela, atravessando a última barreira até que chegou ao final.

E possivelmente deveria ter parado, possivelmente deveria lhe ter perguntado se estava bem, se lhe tinha feito mal, mas não pôde.

Fazia tanto tempo, e a necessitava tanto que, quando seu corpo começou a mover-se, não pôde fazer nada para deter-se.

Impôs um ritmo rápido e urgente, mas ela devia ter gostado, porque se movia rápida e urgente debaixo dele, seus quadris saíam em sua busca com muita força enquanto lhe cravava os dedos nas costas.

E, quando gemeu outra vez, não disse seu nome, disse:

- Mais!

Assim Phillip colocou as mãos debaixo dela, agarrando-a pelas nádegas e levantando-a para lhe permitir um melhor acesso e a mudança de posição devia ter feito algo na forma como a estava tocando, ou tlavez Eloise tinha chegado ao clímax, mas se arqueou debaixo dele, esticou todo seu corpo e gritou quando notou que seus músculos se fechavam ao redor de Phillip.

Ele não pôde agüentar mais. Com um último empurrão, deixou-se cair, sacudindo-se e tremendo enquanto explodia dentro dela, fazendo-a finalmente sua.

Capítulo 15.

"... não posso acreditar que não me explique mais. Como sua irmã mais velha (um ano mais velha que você, embora não lhe deveria recordar isso mereço certo respeito e, apesar de que lhe agradeço a confissão de que o que Annie Mavel nos explicou sobre as relações maritais é verdade, gostaria que me relatasse isso com um pouco mais de detalhe. Com certeza não pode estar tão extasiada em sua felicidade para não poder compartilhar umas palavras (se forem adjetivos, melhor) com sua querida irmã."

Eloise Bridgerton a sua irmã, a condessa do Kilmartin, duas semanas depois do casamento de Francesca.

Uma semana depois, Eloise estava sentada na pequena sala que, recentemente, converteu-se em um escritório para ela, mastigando a extremidade da pena enquanto repassava as contas de casa. supunha-se que devia contar o dinheiro que tinham, e os sacos de farinha, os salários dos criados e coisas assim, entretanto a única coisa em que podia pensar era o número de vezes que Phillip e ela tinham feito amor.

Achava que eram treze. Não, quatorze. Bom, em realidade eram quinze, se contava essa vez que Phillip não a tinha penetrado mas que os dois haviam... ruborizou-se, embora não havia ninguém mais na sala com ela e, se assim era, ninguém tinha por que saber no que estava pensando.

Por Deus, tinha feito de verdade? Tinha beijado-o ali?

Nem sequer sabia que era possível fazê-lo. Annie Mavel não havia dito nada disso quando, faz anos, explicou as relações sexuais entre um homem e uma mulher a Francesca e a ela.

Eloise franziu o cenho enquanto pensava nisso. perguntava-se se Annie Mavel sabia que aquilo se podia fazer. Custava-lhe imaginar-se ao Annie fazendo-o embora, claro, custava-lhe imaginar qualquer um fazendo-o, e muito menos ela mesma.

Pareceu-lhe incrível, totalmente incrível e mais que maravilhoso ter um marido que estava tão louco por ela. Durante o dia, não se viam muito; ele tinha seu trabalho e ela o seu, bom se levar a casa se podia considerar um trabalho. Entretanto, de noite, depois dos cinco minutos que lhe dava para o asseio pessoal; tinham começado sendo vinte mas, progressivamente, foram-se reduzindo até o ponto que, inclusive nos poucos minutos que agora lhe dava, escutava-o passear impaciente pelo

quarto...

De noite, jogava-se sobre ela como um homem possuído. Bom, ou melhor, como um homem faminto. Parecia ter uma energia infinita e sempre estava provando coisas novas, colocando-a em posições novas, zombando dela e atormentando-a até que Eloise gritasse e suplicasse, embora nunca soubesse porque queria que parasse ou que continuasse.

Havia-lhe dito que não tinha sentido paixão por Marina mas Eloise custava acreditá-lo. Era um homem de grandes apetites; era uma maneira tola de dizê-lo, mas não lhe ocorria outra, e o que fazia com as mãos...

E com a boca...

E com os dentes...

E com a língua...

Voltou a ruborizar-se. Tudo isso... bom, uma mulher deveria estar meio morta para não reagir.

Olhou as colunas de números no livro de contabilidade. Não se tinham somado sozinhas por arte de magia enquanto ela sonhava acordada, e cada vez que tentava concentrasse, começavam a dançar ante seu atônito olhar. Olhou pela janela; dali não via a estufa de Phillip, mas sabia que estava ali ao lado e que ele estava dentro, trabalhando, cortando folhas, plantando sementes e o que fosse que fizesse aí metido todo o dia.

Todo o dia.

Franziu o cenho. Era a verdade. Phillip se passava o dia inteiro na estufa e, freqüentemente, inclusive lhe levavam a comida do meio-dia em uma bandeja. Sabia que não era estranho que marido e mulher tivessem vistas separadas de dia e, em alguns casos, também de noite, mas é que só estavam casados uma semana.

E, em realidade, Eloise ainda estava conhecendo homem que se convertera em seu marido.

O casamento tinha sido tão precipitado; mal sabia nada dele. Sim, sabia que era um homem honesto, honrado e que a trataria bem, e agora também sabia que possuía um lado carnal que ela jamais teria adivinhado baixo aquela aparência reservada.

Entretanto, além do que lhe tinha explicado de seu pai, não sabia nada de suas experiências, suas opiniões, o que tinha passado em sua vida para que se convertesse no homem que era agora. Às vezes, tentava manter uma conversa com ele, e as vezes o conseguia, mas quase sempre fracassava.

Porque Phillip não parecia disposto a falar quando podia beijar. E aquilo, indevidamente, acabava no quarto, onde se esqueciam das palavras.

E, nas poucas ocasiões em que tinha conseguido entabular uma conversa, só serviu para frustrá-la mais. Perguntava-lhe algo a respeito da casa e ele se limitava a encolher os ombros e a

dizer-lhe que fizesse o que lhe parecesse melhor. Às vezes, Eloise se perguntava se unicamente se casou com ela para que lhe levasse a casa.

Ah, e para ter um corpo quente na cama, claro.

Entretanto, tinha que haver mais. Eloise sabia que um matrimônio devia ser mais que isso. Não recordava muito da relação entre seus pais, mas tinha visto a de seus irmãos com suas mulheres e achava que Phillip e ela poderiam chegar a ser tão felizes como eles se pudessem passar mais tempo juntos fora do quarto.

De repente, levantou-se e caminhou até a porta. Tinha que falar com ele. Não havia nenhum motivo pelo qual não pudesse ir à estufa para falar com ele.

Talvez, inclusive lhe agradeceria que se interessasse por seu trabalho.

Não é que fosse interrogá-lo, mas uma ou duas perguntas, mescladas na conversa, não podiam lhe fazer mal. E se lhe deixasse entrever que o estava interrompendo, partiria em seguida.

Entretanto, vieram-lhe à cabeça as palavras de sua mãe.

"Não pressione muito. Tenha paciência."

Com uma força de vontade inaudita nela, e que ia totalmente contra sua natureza, deu meia volta e se sentou outra vez.

Sua mãe nunca se equivocara na hora de lhe dar conselhos sobre as coisas realmente importantes e, se lhe havia dito precisamente aquilo na noite de suas bodas, Eloise suspeitava que deveria lhe fazer caso.

Com o cenho franzido, pensou que se deveria referir a isto quando disse que lhe desse tempo.

Colocou as mãos debaixo das coxas, como se assim quisesse evitar que a guiassem até a porta. Olhou pela janela mas em seguida teve que afastar o olhar porque era consciente de que a estufa estava ali, muito perto.

Apertando a mandíbula, pensou que aquele não era seu estado natural. Nunca tinha sido capaz de estar sentada e sorridente todo o dia.

Gostava de mover-se, fazer coisas, explorar, investigar. E, para ser sincera, incomodar, conversar e opinar com qualquer um que quisesse escutá-la.

Franziu o cenho e suspirou. Dito assim, não parecia uma pessoa muito atraente.

Tentou recordar o discurso de sua mãe na noite de seu casamento. Com certeza havia algo positivo em suas palavras. Sua mãe a queria. Devia lhe haver dito algo bom.

Não lhe havia dito algo sobre ser encantadora?

Suspirou. Se não recordava mau, sua mãe lhe havia dito que sua impaciência sempre lhe tinha parecido encantadora, que não era o mesmo que opinar que as boas maneiras de alguém eram

encantadoras.

Aquilo era horrível. Tinha vinte e oito anos, pelo amor de Deus. Passou a vida sendo perfeitamente feliz como era e estando completamente satisfeita como se comportava.

Bom, quase perfeitamente feliz. Sabia que falava muito e que, às vezes, podia ser um pouco direta e, sim, alguns não gostavam, mas muitos outros sim, e já fazia tempo que tinha decidido que já estava bem.

Assim, por que agora? Por que, de repente, estava tão insegura de si mesma, tão temerosa de dizer ou fazer algo mau? Levantou-se. Não podia suportar, a indecisão, a passividade. Seguiria o conselho de sua mãe e daria ao Phillip um pouco de intimidade, mas não podia continuar ali sentada sem fazer nada.

Olhou as contas. Por Deus. Se tivesse feito o que se supunha que tinha que ter feito, não teria estado sentada sem fazer nada. um pouco irritada, fechou o livro de contabilidade. Não importava que pudesse fazer as somas porque sabia perfeitamente que não o faria, inclusive se ficasse ali sentada horas e horas, assim seria melhor que saísse e fizesse qualquer outra coisa.

As crianças. Claro. Fazia uma semana que se convertera em esposa, mas também em mãe. E se havia alguém que necessitava que se intrometesse em sua vida, eram Oliver e Amanda.

Animada por aquele novo objetivo em sua vida, abriu a porta sentindo-se outra vez como a Eloise de sempre.

Tinha que repassar a lição com eles, assegurar-se que estavam progredindo. Oliver teria que preparar-se para ir a Eton, onde tinha que entrar no outono.

E também havia o assunto da roupa. Quase toda tinha ficado pequena e Amanda deveria usar algo mais bonito e...

Suspirou, satisfeita, enquanto subia correndo as escadas. Já estava contando com os dedos tudo o que teria que fazer; teria que avisar a costureira e o alfaiate, e olhar os anúncios solicitando mais tutores, porque as crianças tinham que aprender francês, tocar pianoforte e, obviamente, somar. Eram ainda muito jovens para aprender a dividir?

Com energias renovadas, abriu a porta e então... Ficou de pedra tentando averiguar o que estava se passando.

Oliver tinha os olhos vermelhos, como se tivesse estado chorando, e Amanda chupava o nariz, secando-o com o dorso da mão.

Os dois respiravam de maneira entrecortada, como quando se está alterado.

- O que acontece? - perguntou, olhando primeiro as crianças, e depois à babá.

Os gêmeos não disseram nada, mas a olharam com olhos implorantes.

- Babá Edwards? - perguntou Eloise.

A babá tinha a boca torcida em um gesto muito desagradável.

- Só estão zangados porque os castiguei.

Eloise assentiu muito devagar. Não a surpreendia o mínimo que Oliver e Amanda fizessem algo que merecesse castigo mas, apesar de tudo, ali havia algo estranho.

Possivelmente era aquele olhar desesperado em seus olhos, como se tivessem tentado desafiar à babá e se deram por vencidos.

E não é que ela aprovasse os desafios, e muito menos contra a babá, que tinha que manter sua posição de autoridade, mas tampouco queria ver esse olhar nos olhos

das crianças, tão derrotado, tão total.

- Por que os castigou? - perguntou Eloise.

- Por dirigir-se a mim de maneira desrespeituosa - disse a babá imediatamente.

- Entendo - suspirou Eloise. Certamente tinham merecido; costumavam fazer isso freqüentemente e era algo que ela lhes tinha recriminado várias vezes.

- E como os castigou?

- Bati em seus dedos - respondeu a babá, com as costas erguidas, muito orgulhosa.

Eloise se obrigou a relaxar a mandíbula. Não estava de acordo com o castigo físico mas, ao mesmo tempo, bater nos dedos das crianças era uma técnica que se aplicava inclusive nas melhores escolas.

Estava certa que todos seus irmãos teriam passado pelo mesmo no Eton; não podia imaginá-los tantos anos no colégio sem fazer algum ou outro vandalismo.

Não obstante, não gostava do olhar dos meninos, assim se levou a babá Edwards a um à parte e, em voz baixa, disse-lhe:

- Entendo que necessitam disciplina mas, se tiver que voltar a fazê-lo, devo lhe pedir que não os golpeie tão forte.

- Se não o fizer forte - disse a babá, bastante seca, - não aprenderão a lição.

- Eu julgarei se aprenderem ou não a lição - disse Eloise, reagindo ante o tom daquela mulher.

- E não estou pedindo. Estou dizendo. São crianças e tem que ser mais cuidadosa.

A babá Edwards apertou os lábios mas assentiu. Uma única vez, para demonstrar que, embora não estava de acordo, faria o que lhe mandassem.

Também deixou claro que não estava de acordo com a intromissão da Eloise.

Esta se virou para os meninos e, em voz alta, disse:

- Estou certa que, por hoje, já aprenderam a lição. Possivelmente poderiam fazer uma pausa e

virem comigo.

- Estamos estudando caligrafia - disse a babá Edwards. - Não nos podemos permitir perder mais tempo.

Sobretudo, se me tiver que encarregar de lhes fazer de babá e de preceptora.

- Asseguro-lhe que solucionarei este problema quanto antes - disse Eloise. - E, para começar, eu gostaria de lhes dar a aula de caligrafia. Asseguro-lhe que não se atrasarão.

- Não acredito que...

Eloise lhe lançou um olhar que a fez calar. Era uma Bridgerton e sabia como tratar aos criados teimosos.

- Só tem que me informar do que já fizeram.

A babá estava muito zangada mas disse à Eloise que, esta manhã, estavam praticando o M, o N e o O.

- Maiúsculas e minúsculas - acrescentou, muito seca.

- Muito bem - disse Eloise, em um tom mais animado e decidido. - Estou certa que posso ensiná-los.

A babá Edwards se ruborizou ante o sarcasmo da Eloise.

- É tudo? - grunhiu.

Eloise assentiu.

- Sim. Pode sair. Desfrute de seu tempo que, certamente é menos do que merece, fazendo de babá e de preceptora, e faça o favor de voltar para a comida dos meninos.

Com a cabeça bem alta, a babá Edwards saiu da sala.

- Bom - disse Eloise, virando-se para os meninos, que ainda estavam sentados em sua pequena mesa, olhando a como se fosse uma espécie de fada que tivesse baixado à terra para salvá-los da bruxa malvada.

- Começamos A...?

Entretanto, não pôde terminar a pergunta porque Amanda se jogou sobre ela, abraçando-a pela cintura com tanta força que Eloise teve que retroceder até apoiar as costas na parede. E Oliver se uniu a sua irmã.

- Bom, bom - disse Eloise, acariciando-lhes a cabeça, confusa. - O que se passa?

- Nada - disse Amanda, com a cabeça escondida.

Oliver se afastou e ficou direito como o homenzinho que sempre lhe diziam que tinha que ser. Entretanto, arruinou o efeito ao limpar o nariz com a mão.

Eloise lhe deu um lenço.

O menino o usou, agradeceu e disse:

- Nós gostamos muito mais de você do que da babá Edwards.

Eloise não podia imaginar a ninguém pior que essa mulher e, para si mesma, disse-se que devia encontrar uma substituta quanto antes.

Mas não ia dizer aos meninos porque, certamente, o diriam a ela e a babá iria pedir lhe explicações e partiria, deixando-a com um problema ainda maior, ou lançaria sua cólera contra os meninos, e isso não pensava permitir.

- Nos sentemos - disse, levando-os à mesa. - Não sei vocês, mas não gosto nada lhe dizer que não repassamos o M, o N e o O.

E, nesse momento, pensou: "Tenho que falar disto com o Phillip."

Olhou as mãos do Oliver. Não parecia que tivessem recebido uma boa reprimenda mas sim que havia um dedo um pouco mais avermelhado.

Como tinha imaginado mas, de qualquer forma...

Tinha que falar com Phillip. O quanto antes possível.

Enquanto transplantava uma planta de lado, Phillip cantarolava, plenamente consciente de que antes de seu casamento com Eloise trabalhava em silêncio.

Nunca tinha gostado de assobiar, nunca tinha tido vontade de cantar ou de cantarolar mas agora... bom, agora parecia como se a música flutuasse no ar, flutuasse a seu redor.

Estava mais relaxado e já não notava aqueles pontos de pressão nos ombros.

Casar-se com o Eloise tinha sido, simplesmente, o melhor que poderia ter feito. Diabos, inclusive iria mais longe e diria que era o melhor que tinha feito em sua vida.

Pela primeira vez em muito tempo, era feliz.

E agora parecia algo tão simples.

Não estava certo de se antes sabia que não o era. Algumas vezes ria e se divertia, sim. Não tinha vivido em um perpétuo sentimento de infelicidade, como Marina.

Entretanto, não era feliz. Não como agora, que se levantava cada dia com a sensação de que o mundo era maravilhoso, que ainda o seria quando se deitasse de noite e que, no dia seguinte, quando se levantasse, continuaria sendo.

Não recordava a última vez que se havia sentido assim. Certamente, foi na universidade quando tinha descoberto, pela primeira vez, a emoção do mundo intelectual e onde estava suficientemente longe de seu pai para não ter que preocupar-se com a constante ameaça do chicote para castigá-lo.

Era difícil explicar o muito que Eloise tinha melhorado sua vida. Na cama, é claro, já que era muito melhor do que jamais tinha imaginado.

Se alguma vez tivesse sonhado que as relações sexuais podiam ser tão esplêndidas, não teria esperado tanto tempo para tê-las. Em realidade, a julgar por seu apetite sexual, não teria podido.

Mas não sabia. As relações com Marina não tinham sido nada assim. Nem com nenhuma das mulheres com que tinha estado na universidade, antes de casar-se.

Entretanto, e para ser totalmente sincero consigo mesmo, e era difícil tendo em conta a reação de seu corpo ante Eloise, seu estado de felicidade não se devia principalmente ao contato físico. Devia-se a essa sensação, a essa certeza de que, por fim, e pela primeira vez desde que era pai, fazia o melhor para seus filhos.

Nunca tinha sido um pai perfeito. Sabia e, embora detestasse admiti-lo, aceitava-o. Mas, afinal, fazia o melhor que podia fazer: tinha-lhes encontrado uma mãe perfeita.

E, ao fazê-lo, era como se lhe tivessem tirado quinhentos quilos de culpa de cima.

Não estranhava que sentisse mais relaxados os músculos das costas.

Podia encerrar-se na estufa pela manhã e não preocupar-se com nada. Não recordava a última vez que o tinha feito; simplesmente, ia se trabalhar e o fazia sem perder os nervos cada vez que escutava um ruído ou um grito. Ou a última vez que tinha sido capaz de se concentrar em seu trabalho sem torná-lo culpado disto ou o outro e ser incapaz de pensar em outra coisa que em suas falhas como pai.

Agora, em troca, metia-se ali e se esquecia de suas preocupações. Bom, não tinha preocupações.

Era magnífico. Mágico.

Um alívio.

E se alguma vez sua mulher o olhasse de maneira que queria que dissesse ou fizesse algo diferente... bom, seria porque ele era um homem e ela uma mulher, e os homens nunca entenderiam às mulheres e, em realidade, deveria estar agradecido de que Eloise quase sempre dissesse o que pensava; isso era muito bom, já que assim ele não tinha que estar quebrando a cabeça para averiguar o que esperava dele.

Isso era algo que seu irmão sempre lhe havia dito. "Cuidado com as mulheres que fazem muitas perguntas. Nunca responderá o que querem ouvir."

Phillip sorriu, recordando aquilo. Visto assim, não tinha que preocupar-se se por acaso, ocasionalmente, suas conversas acabavam em nada.

Quase sempre, acabavam na cama, e lhe parecia perfeito.

Desceu o olhar para a protuberância que tinha entre as pernas. Maldição. ia ter que deixar de pensar em sua mulher durante o dia.

Ou, ao menos, encontrar a maneira de voltar discretamente para casa nesse estado e procurá-la em seguida.

E então, quase como se soubesse que Phillip estava ali de pé pensando em como era perfeita, e queria demonstrar-lhe uma vez mais, abriu a porta da estufa e apareceu.

Phillip olhou a seu redor e se perguntou por que demônios o tinha construído tudo em vidro. Se Eloise tinha a intenção de ir visitá-lo de forma regular, teria que instalar alguma espécie de tela de intimidade.

- Interrompo?

Phillip ficou pensativo. Em realidade, o interrompia porque estava no meio de um experimento, mas não se importou. E isso era estranho e agradável ao mesmo tempo. Até agora, as interrupções o irritavam muito. Mesmo quando se tratava de alguém que apreciava, em poucos minutos já estava desejando que se fosse e o deixasse sozinho para continuar com o que estava fazendo.

- Absolutamente - disse, - se não lhe incomodar meu aspecto.

Eloise o olhou, fixou-se na sujeira e barro, inclusive na mancha que Phillip sabia que tinha na face esquerda, e meneou a cabeça.

- Nada.

- O que a preocupa?

- É a babá dos gêmeos - disse, sem nenhum preâmbulo. - Eu não gosto dela.

Aquilo não era o que Phillip esperava. Deixou a pá no chão.

- Você não gosta dela? O que se passa?

- Não sei muito bem. Mas eu não gosto.

- Bom, não me parece uma razão de peso para despedi-la.

Eloise apertou os lábios e, como estava começando a aprender, Phillip entendeu que estava se zangando.

- Bateu-os nos dedos.

Ele suspirou. Não gostava da idéia de que alguém batesse em seus filhos, mas só eram uns golpes nos dedos. Nada que não acontecesse em qualquer escola do país.

Além disso, pensou com resignação, não é que seus filhos fossem um modelo de bom comportamento. E então, com vontades de grunhir, disse:

- Mereciam?

- Não sei - admitiu Eloise. - Não estava lá. Disse que lhe tinham faltado com o respeito.

Phillip notou como começavam a pesar um pouco os ombros.

- Por desgraça - disse, - não me custa acreditar.

- Não, a mim tampouco - disse Eloise. - São uns monstros, mas, em qualquer caso, pareceu-me que havia algo estranho.

Phillip se apoiou na mesa de trabalho, Puxando Eloise pela mão até que a atraiu para si.

- Então, averigua o que é.

Eloise abriu a boca, surpreendida.

- Não quer fazê-lo você?

Ele encolheu os ombros.

- Não sou eu quem está preocupado. Jamais tive motivos para duvidar da babá Edwards mas, se lhe parece que há algo estranho, deveria investigar.

Além disso, com certeza o fará muito melhor que eu.

- Mas... - retorceu-se um pouco quando Phillip a atraiu para ele e lhe acariciou o pescoço, - é seu pai.

- E você, sua mãe - disse, falando e respirando agitado contra sua pele.

Deixava-o louco e estava muito excitado; se pudesse conseguir fazê-la calar, certamente poderia levá-la ao quarto, onde se divertiriam muito mais que ali.

- Confio em você - disse, acreditando que aquilo a apaziguaria e, além disso, era a verdade. - Por isso me casei com você.

Obviamente, Eloise não esperava aquela resposta.

- Por isso... o que?

- Bom, por isso também - murmurou ele, tentando imaginar no muito que poderia acariciá-la se não se interpusesse tanta roupa entre eles.

- Phillip, basta! - exclamou, soltando-se.

Que demônios?

- Eloise - disse ele, com cautela porque, embora sua experiência era limitada, sabia que devia ter muito cuidado com uma mulher zangada, - o que acontece?

- O que acontece? - perguntou ela, com um perigoso brilho nos olhos. - Como pode me perguntar isso?

- Bom - disse ele, devagar e com um pouco de sarcasmo, - possivelmente porque não sei o que acontece.

- Phillip, agora não é o melhor momento.

- Para lhe perguntar o que acontece?

- Não! - exclamou, quase gritando.

Phillip retrocedeu um pouco. Por precaução, disse-se. Seguro que a isso se limitava a

participação masculina nas disputas maritais. Precaução pura e dura.

Eloise começou a agitar o braço no ar.

- Para isto.

Phillip olhou a seu redor. Apontava à mesa de trabalho, os vasos de barro com ervilhas, o céu, os vidros da estufa.

- Eloise - disse, em um deliberado tom neutro, - não me considero um homem estúpido, mas não tenho nem a menor ideia do que está dizendo.

Eloise abriu a boca, surpreendida, e Phillip compreendeu que se colocara em uma boa confusão.

- Não sabe? - perguntou-lhe.

Ele deveria ter feito caso de suas próprias palavras e proteger-se, mas algum diabo, certamente era um diabo masculino furioso, obrigou-o a dizer:

- Não posso ler a mente, Eloise.

- Não é o melhor momento - grunhiu ela, afinal, - para termos intimidade.

- Bom, é claro que não - assentiu ele. - Aqui não temos intimidade. Mas - só pensando-o, já desenhou um sorriso, - sempre poderíamos voltar para casa. Sei que é pleno dia mas...

- Não me referia a isso!

- Muito bem - disse ele, cruzando os braços. - Rendo-me. A que se refere, Eloise? Porque lhe asseguro que não tenho nem a menor ideia.

- Homens - disse ela, entre dentes.

- Tomarei como um cumprimento.

O olhar de Eloise poderia ter gelado o Tâmisa. Quase congelou o desejo do Phillip, algo que o irritou muitíssimo porque tinha imaginado aliviar-se de outra maneira totalmente distinta.

- Não era essa minha intenção - disse ela.

Phillip se deixou cair na mesa de trabalho de uma maneira informal para irritá-la um pouco.

- Eloise - disse, suavemente, - tenta demonstrar um pouco de respeito por minha inteligência.

- É difícil quando demonstra tão pouca - respondeu ela.

E aquilo foi a gota que fez transbordar o copo.

- Nem sequer sei por que estamos discutindo! - explodiu. - Primeiro cai rendida em meus braços e depois põe-se a gritar como uma histérica.

Eloise meneou a cabeça.

- Nunca caí rendida em seus braços.

Phillip sentiu como se o chão que o agüentava tivesse desaparecido de repente.

Eloise deve ter percebido porque, em seguida, acrescentou:

- Hoje. Referia a hoje. A agora.

Phillip relaxou os músculos, embora continuasse enfurecido.

- Só tentava falar com você - explicou ela.

- Sempre tenta falar comigo - indicou ele. - É o único que faz. Falar, falar e falar.

Eloise se voltou.

- Se você não gostava - disse, em um tom insolente, - não deveria ter se casado comigo.

- Não tive outra opção - respondeu ele, alterado. - Seus irmãos vieram dispostos a me castrar. E para que não se zangue tanto, não me importa que fale. Mas, por favor, não todo o dia.

Eloise o olhou como se quisesse dizer algo tremendamente inteligente mas a única coisa que pôde fazer foi abrir e fechar a boca como um peixe e emitir uns estranhos sons:

- Ah, ah.

- De vez em quando - continuou Phillip, sentindo-se superior, - deveria pensar em fechar a boca e utilizá-la para outra coisa.

- É insuportável - respondeu ela.

Phillip arqueou as sobrancelhas, sabendo que aquilo a irritaria ainda mais.

- Lamento que minha propensão às palavras seja tão ofensiva - disse ela, - mas eu estava tentando falar com você e você só tentava me beijar.

Ele encolheu os ombros.

- Sempre tento beijá-la. É minha mulher. Que outra coisa se supõe que tenho que fazer?

- Mas às vezes não é o melhor momento - disse Eloise. - Phillip, se queremos ter um bom casamento...

- Temos um bom casamento - disse ele, na defensiva e um tanto mal-humorado.

- Sim, claro - acrescentou ela, em seguida, - mas não podemos estar sempre... já sabe.

- Não - disse ele, deliberadamente inocente. - Não sei.

Eloise apertou os dentes.

- Phillip, não seja assim.

Ele não disse nada; limitou-se a apertar ainda mais os braços cruzados e a olhá-la fixamente.

Eloise fechou os olhos e, enquanto movia os lábios, inclinou o queixo um pouco para frente. Então, Phillip se deu conta que estava falando.

Não estava emitindo nenhum som, mas continuava falando.

Era impossível, não podia parar. Agora falava sozinha.

- O que está fazendo? - perguntou-lhe, afinal.

Respondeu sem abrir os olhos.

- Tentar me convencer de que não acontecerá nada se ignorar o conselho de minha mãe.

Phillip meneou a cabeça. Nunca entenderia às mulheres.

- Phillip - disse ela, afinal, justo quando ele tinha decidido partir e deixá-la falando sozinha. - Desfruto muito com o que fazemos na cama...

- É um alívio escutar isso - grunhiu ele, ainda muito irritado para ser amável.

Eloise ignorou sua pouca cortesia.

- Mas não se pode limitar a isso.

- O que?

- Nosso casamento. - ruborizou-se, muito desconfortável por aquela conversa tão honesta. - Não se pode limitar a fazer amor.

- É uma parte importante do matrimônio - disse ele, entre dentes.

- Phillip, por que não quer falar disto comigo? Temos um problema e devemos falar.

E então houve algo em seu interior que cedeu. Estava convencido de que tinham um matrimônio perfeito, e ela se estava queixando?

Esta vez estava convencido de que o tinha feito bem.

- Somos casados há uma semana, Eloise - grunhiu. - Uma semana. O que quer de mim?

- Não sei. Eu...

- Só sou um homem.

- E eu só sou uma mulher - disse ela, devagar.

Por alguma razão, aquelas palavras só conseguiram enfurecê-lo mais. inclinou-se para frente, utilizando sua corpulência de maneira deliberada para intimidá-la.

- Sabe quanto tempo fazia que não estava com uma mulher? - perguntou-lhe, entre dentes. - Tem uma ligeira idéia?

Eloise abriu muito os olhos e negou com a cabeça.

- Oito anos - soltou ele. - Oito longos anos sem outra satisfação que minha mão. Assim na próxima vez que lhe parecer que estou desfrutando enquanto faço amor, por favor desculpa minha imaturidade e minha masculinidade - esta última palavra a disse com certo sarcasmo e raiva, como a haveria dito ela - mas só estou saboreando um gole de água fresca depois de uma longa travessia pelo deserto.

E depois, incapaz de suportá-la um segundo mais...

Não, isso não era verdade. Era incapaz de suportar-se a si mesmo.

Fosse como fosse, partiu.

Capítulo 16.

"... está em todo seu direito, querida Kate. Os homens são terrivelmente fáceis de dirigir. Nem sequer imagino perdendo uma discussão com um. É claro, se tivesse aceito a proposta de lorde Lacye não teria tido nem a oportunidade de tentá-lo.

Mal fala, algo que me parece muito estranho."

Eloise Bridgerton a sua cunhada, a viscondessa Bridgerton, depois de recusar sua quinta proposta de matrimônio.

Eloise ficou na estufa quase uma hora, incapaz de fazer outra coisa que não fora olhar o vazio e perguntar-se...

O que tinha acontecido?

Estavam falando, bem talvez estivessem discutindo, mas de uma maneira relativamente razoável e civilizada e, ao cabo de um segundo, Phillip havia se tornado louco, tinha enfurecido.

E depois se foi. foi-se. Tinha-a deixado plantada em meio de uma discussão, com a palavra na boca e o orgulho mais que ferido. Foi-se. Aquilo era o que realmente a incomodava. Como podia alguém partir em meio de uma discussão?

De acordo, o diálogo tinha começado ela, bom a discussão, mas, de qualquer forma, não tinha acontecido nada que justificasse aquela correria do Phillip.

E o pior era que não sabia o que fazer.

Até agora, sempre tinha sabido o que fazer. Nem sempre tinha tido razão mas, ao menos, estava segura de si mesma quando tomava decisões. E agora, ali sentada na mesa de trabalho de Phillip, sentindo-se totalmente confusa e inútil se deu conta que, para ela, era muito melhor agir e equivocar-se que sentir-se indefesa e impotente.

E se por acaso isso não fosse bastante, não podia afastar a voz de sua mãe de sua cabeça: "Não pressione muito. Tenha paciência".

E a única coisa que podia pensar era que não o tinha pressionado. Pelo amor de Deus, ela só tinha ido a ele preocupada com seus filhos.

Acaso era tão mau querer falar um pouco em lugar de sair correndo para o quarto?

Supôs que, se o casal em questão não compartilhasse o leito, possivelmente seria mau, mas

eles... eles haviam... Tinham-no feito essa mesma manhã!

Ninguém podia dizer que tivessem problemas na cama. Nenhum.

Suspirou e desanimou. Nunca em sua vida se havia sentido tão sozinha. Que curioso!

Quem haveria dito que teria que casar-se e unir-se eternamente a outra pessoa para sentir-se sozinha?

Necessitava de sua mãe.

Não, não necessitava dela. A sua mãe, não.

Seria muito carinhosa e compreensiva e tudo o que deveria ser uma mãe mas, depois de falar com ela se sentiria como uma menina pequena e não como a adulta que se supunha que era.

Necessitava de suas irmãs. Bom, de Hyacinth não, que só tinha vinte e um anos e não sabia nada de homens. Necessitava de uma de suas irmãs casadas.

De Daphne, que sempre sabia o que dizer, ou de Francesca que, embora nunca disesse o que alguém queria escutar, sempre conseguia arrancar um sorriso.

Mas estavam muito longe; em Londres e Escócia, respectivamente e Eloise não ia escapar. Quando se tinha casado, fez um juramento e de noite estava encantada de levá-lo a cabo com seu marido. Entretanto, o que falhava eram os dias.

Não ia ser uma covarde e partir, embora só fossem uns dias.

Entretanto, Sophie estava perto, a só uma hora de caminho. E, apesar de não serem irmãs de nascimento, o eram de coração.

Olhou ao céu. Estava nublado e era impossível ver o sol, mas estava certa que não podia ser mais de meio-dia. Inclusive com a viagem, poderia passar quase todo o dia com Sophie e voltar para casa na hora do jantar.

Seu orgulho não queria que ninguém soubesse que estava deprimida, mas o coração necessitava de um ombro sobre o qual chorar.

E, por fim, pôde mais o coração.

Phillip passou as horas seguintes caminhando por suas terras, arrancando ervas daninhas do chão.

E isso o manteve bastante ocupado porque, como estava em terras sem cultivar, quase tudo se podia considerar ervas daninhas, se ficasse suscetível.

E estava em plano suscetível. Inclusive mais. Se tivesse podido, teria arrancado tudo.

E mais ele, um botânico.

Entretanto, agora não queria plantar nada, não queria ver florescer nada. Queria arrancar, pisotear e destroçar. Estava zangado, frustrado, furioso consigo mesmo e furioso com Eloise e estava

mais que disposto a estar furioso com qualquer um que se cruzasse em seu caminho.

Entretanto, depois de uma tarde de espernear, pisotear e arrancar pela raiz flores selvagens e ervas, sentou-se em uma rocha e deixou cair a cabeça entre as mãos.

Demônios.

Que estúpido.

Tinha sido um completo estúpido e o mais irônico era que achava que eram felizes.

Achava que seu matrimônio era perfeito e todo esse tempo, bom, de acordo, só tinha sido uma semana mas, em sua opinião, tinha sido uma semana perfeita.

E Eloise tinha sido desgraçada.

Possivelmente desgraçada não, mas não tinha sido feliz.

Bom, possivelmente um pouco, mas não estava extasiada de felicidade como ele.

E agora tinha que fazer algo a respeito, que era a última coisa que queria fazer.

Falar com Eloise, fazer-lhe perguntas e tentar deduzir o que tinha acontecido, tentar descobrir como consertar as coisas ; nisso sempre errava.

Embora não tivesse mais opções, não? Em parte, casara-se com Eloise, bom em parte não, casara-se com ela por isso, porque queria que se encarregasse das tarefas de casa que a ele tanto o incomodavam, para que ele se pudesse dedicar ao que de verdade lhe importava.

O carinho que cada vez mais começava a sentir por ela era só um adendo inesperado.

Entretanto, suspeitava que o casamento não podia considerar-se como uma dessas tarefas de casa e não podia deixar que todo o peso recaísse em Eloise.

E, por muito dolorosa que pudesse resultar uma conversa totalmente sincera com ela, sabia que teria que arriscar-se.

Grunhiu. Certamente, Eloise lhe perguntaria quais eram seus sentimentos. Tão difícil era para as mulheres entender que os homens não falavam de seus sentimentos?

Demônios, a metade dos homens nem sequer os tinham.

Ou, talvez, poderia tomar o caminho fácil e, simplesmente, desculpar-se.

Não sabia muito bem por que o estaria fazendo, mas a agradaria e a faria feliz, que era o que importava.

Não queria que Eloise fosse infeliz. Não queria que se arrependesse de haver-se casado com ele, nem sequer um segundo. Queria que seu matrimônio voltasse a ser como ele o tinha imaginado: tranqüilo e relaxado de dia, feroz e apaixonado de noite.

Retomou o caminho para Romney Hall, ensaiando mentalmente o que lhe diria, embora franzisse o cenho quando se deu conta de quão néscio soava.

Entretanto, todos seus esforços foram em vão porque, quando chegou a casa e se encontrou com o Gunning, o mordomo lhe disse:

- Não está aqui.

- O que quer dizer com que não está aqui? - perguntou Phillip.

- Não está aqui, senhor. A senhora foi a casa de seu irmão.

Fez-se um nó no estômago de Phillip.

- Que irmão?

- Acho que o que vive aqui perto.

- Acha?

- Estou quase certo - corrigiu-se Gunning.

- E disse quando pensava retornar?

- Não, senhor.

Phillip amaldiçoou entredentes. Eloise não podia tê-lo deixado. Não era das que saltava pela amurada de um navio que afundava, ao menos não até assegurar-se que todos outros estavam a salvo.

- Não levou nenhuma mala, senhor - disse Gunning.

Ah, agora sim que ficava mais tranqüilo. Até o mordomo sentia a necessidade de lhe dizer que sua mulher não o tinha abandonado.

- Pode retirar-se, Gunning - disse Phillip, com os dentes apertados.

- Muito bem, senhor - disse Gunning. Inclinou a cabeça, como sempre fazia antes de sair da sala.

Phillip ficou de pé no corredor vários minutos, com os braços caídos dos lados. Que demônios se supunha que tinha que fazer, agora?

Não ia sair atrás de Eloise como um louco. Se tanto queria estar longe dele, jurava Por Deus que faria isso muito fácil.

Começou a caminhar para seu escritório, onde poderia resmungar e zangar-se em privado mas, justo quando estava a escassos metros da porta, fixou-se no relógio de pé que havia ao final do corredor. Eram três passadas, a hora que as crianças costumavam descer para comer algo antes da hora do jantar. Antes de casar-se, Eloise o tinha acusado de não preocupar-se muito com seus filhos.

Apoiou as mãos nos quadris, girando o pé inseguro, como se não conseguisse decidir para onde ir. Podia subir à sala de jogos e passar uns minutos com seus filhos, que certamente não o esperavam. Não é que tivesse outra coisa mais importante que fazer além de ficar aí de pé esperando que sua mulher voltasse para casa.

E, quando o fizesse... bom, não teria nenhuma queixa, não depois de que Phillip tivesse encaixado seu enorme corpo em uma dessas diminutas cadeiras e tivesse compartilhado leite e bolachas com os meninos.

Muito decidido, deu meia volta e subiu as escadas até a sala dos meninos, que estava no último andar, com o teto inclinado. Eram os mesmos aposentos nos quais ele tinha crescido, com os mesmos móveis e os mesmos brinquedos e, certamente, com a mesma greta no teto em cima das camas, a que parecia desenhar a silhueta de um pato.

Phillip franziu o cenho enquanto chegava ao patamar do terceiro piso. Deveria ir ver se a greta continuava ali e, se assim fosse, perguntar aos meninos a que achavam que se parecia. George, seu irmão, sempre havia dito que parecia um porco, mas Phillip nunca compreendeu como podia confundir um bico com um focinho.

Meneou a cabeça. Por Deus, como se podia confundir um pato com um porco. Jamais o tinha entendido. Inclusive o... deteve-se em seco, a duas portas da habitação dos meninos. Tinha escutado algo e não estava seguro do que tinha sido, embora soube que não tinha gostado.

Era um... ficou escutando.

Era um golpe.

A primeira reação foi correr para ali e abrir a porta de repente mas se conteve quando viu que estava meio aberta, assim se aproximou sigilosamente e olhou o que estava acontecendo ali dentro.

E necessitou menos de um segundo para entender.

Oliver estava acocorado no chão, sacudindo-se pelo pranto, e Amanda estava de pé, frente à parede, abraçando os braços com suas pequenas mãos e chorando enquanto a babá lhe golpeava nas costas com um enorme livro.

Phillip abriu a porta com tanta força que esteve a ponto de arrancá-la do bagtente.

- Que demônios acredita que está fazendo? - gritou.

A babá Edwards se virou, surpreendida, mas antes que pudesse abrir a boca, Phillip lhe arrancou o livro das mãos e a puxou contra a parede.

- Sir Phillip! - exclamou a babá, assustada.

- Como se atreve a golpear assim aos meninos? - disse, com a voz cheia de ira. - E com um livro.

- Recebi ordens de não...

- E o fez onde ninguém o veria. - Sentiu que estava pondo-se muito nervoso, que estava a ponto de explodir.

- A quantos meninos bateu, assegurando-se de só lhes deixar marcas onde ninguém as veria?

- Faltaram-me ao respeito - disse a babá, muito orgulhosa. - Mereciam um castigo.

Phillip se aproximou tanto que ela teve que retroceder.

- Quero que se vá de minha casa - disse-lhe.

- Disse-me que lhes ensinasse disciplina como melhor me parecesse - protestou a babá Edwards.

- E lhe parece que isto é o melhor? - disse Phillip, entre dentes, chamando todas suas forças para manter os braços junto ao corpo.

Queria agitá-los, queria agarrar um livro e golpear a essa mulher assim como ela tinha feito com seus filhos.

Mas se conteve. Não sabia como, mas o fez.

- Bater neles com um livro? - continuou, muito furioso.

Olhou a seus filhos; estavam abandonados contra a parede, certamente tão assustados de ver seu pai assim como dos castigos da babá. Punha-o doente ver que o estavam olhando daquela maneira, à beira de perder totalmente os nervos, mas não podia fazer nada para tranqüilizar-se.

- Não vi nenhuma vara - disse a babá, com altivez.

E aquilo era o pior que podia ter dito a Phillip. Notou que se enfurecia ainda mais e lutou contra a raiva que lhe estava nublando a vista. Faz anos, havia uma vara nesse aposento; o gancho ainda estava na parede, ao lado da janela.

Phillip a tinha queimado no dia do funeral de seu pai; ficou em frente ao fogo até que se assegurara que só ficavam cinzas.

Tê-la atirado ao fogo não era suficiente, precisava ver como se destruía, para sempre.

E se lembrou daquela vara, das centenas de vezes em que o tinham golpeado com ela, a pesar da dor e a indignação, apesar de todos os esforços que tinha feito por não chorar.

Seu pai não suportava aos chorões. As lágrimas só provocavam outra ronda de golpes. Com a vara, com o cinturão, com o chicote ou, quando não havia nada disso, com a mão.

Mas jamais, pensou Phillip com uma estranha sensação de desapego, jamais com um livro. Certamente, não tinha ocorrido a seu pai.

- Fora - disse Phillip, em voz baixa. E então, quando a babá não reagiu, disse-o a gritos. - Fora! Fora desta casa!

- Sir Phillip - disse ela, afastando-se dele e do alcance de seus fortes e longos braços.

- Fora! Fora! Fora!

Já não sabia de onde procedia toda essa raiva. De algum lugar muito profundo de seu ser que tinha estado encerrado durante muito tempo.

- Tenho que recolher minhas coisas! - gritou ela.

- Tem meia hora - disse Phillip, em voz baixa, embora ainda agitada pela raiva. - Trinta minutos. Se até então não se foi, eu mesmo a tirarei daqui a pontapés.

A babá Edwards ficou na porta, começou a caminhar mas, então, virou-se:

- Está estragando a estes meninos - disse, entre dentes.

- Bom, isso é meu problema.

- Como quiser. Só são uns pequenos monstros, mal educados e consentidos...

Tão pouco valor sentia por sua vida? Phillip estava a um passo de perder a paciência e agarrá-la pelo braço e tirá-la ele mesmo de sua casa.

- Fora - grunhiu, e esperou que fosse a última vez que tivesse que dizê-lo. Não poderia conter-se muito mais. Avançou um pouco, reforçando o efeito de suas palavras e, por fim, por fim, aquela mulher desapareceu.

Por um momento, Phillip ficou quieto, tentando acalmar-se, relaxar a respiração e esperar que o sangue lhe descesse da cabeça. Estava de costas para as crianças e lhe dava muito medo de voltar-se. Estava morrendo por dentro, e a raiva por ter contratado a essa mulher, a esse monstro, para que cuidasse de seus filhos, estava-o destroçando.

E, por cima, tinha estado muito ocupado evitando-os para dar-se conta de que estavam sofrendo.

Sofrendo o mesmo que ele de menino.

Muito devagar, virou-se, apavorado pelo que podia ver em seus olhos.

Entretanto, quando levantou a vista do chão e os olhou nos olhos, os meninos reagiram e se jogaram sobre ele com tanta força que quase o atiraram ao chão.

- Papai! - exclamou Amanda, usando aquela palavra que não tinha usado em anos. Fazia muito tempo que era, simplesmente, "pai" e se esqueceu de como soava bem o apelativo carinhoso.

E Oliver também o estava abraçando, rodeando-o com seus pequenos braços pela cintura, e escondendo o rosto para que seu pai não visse que estava chorando.

Mas Phillip se deu conta. As lágrimas lhe estavam empapando a camisa e notava cada movimento de sua cabeça no estômago.

Rodeou-os com os braços, de maneira protetora.

- Shhh - disse. - Já está. Estou aqui. - Umas palavras que jamais havia dito, palavras que jamais imaginou que diria; jamais tinha imaginado que sua presença seria a que calmaria a situação. - Sinto muito - disse. - Sinto muito.

Haviam-lhe dito que não gostavam da babá Edwards e ele não lhes tinha feito conta.

- Não é sua culpa, papai - disse Amanda.

Sim era, mas agora não serviria de nada começar a lhe dar voltas. Não agora que tinham a oportunidade de começar de zero.

- Encontraremos uma nova babá - disse-lhes.

- Uma como a senhorita Millsby? - perguntou Oliver, que já tinha deixado de chorar.

Phillip assentiu.

- Uma como ela.

Oliver o olhou com muita franqueza.

- Pode a senhorita Brid... Mamãe ajudar a escolhê-la?

- Claro que sim - respondeu Phillip, lhe acariciando o cabelo. - Suponho que quererá dar sua opinião. É uma mulher com muitas opiniões.

Os meninos riram.

Phillip sorriu.

- Já vejo que a conhecem muito bem.

- Gosta de falar - disse Oliver, hesitante.

- Mas é muito inteligente! - acrescentou Amanda.

- Sim é - disse Phillip, em voz baixa.

- Eu gosto dela - disse Oliver.

- Eu também - acrescentou sua irmã.

- Me alegro de escutar isso - disse-lhes Phillip, - porque acredito que veio para ficar.

"E eu também", pensou. Passou anos evitando a seus filhos, temendo cometer um engano, apavorado de perder os nervos. Achava que, ao mantê-los longe dele, estava fazendo o melhor para eles, mas não era assim. equivocara-se.

- Amo-os - disse-lhes, de repente, muito emocionado. - Sabem, não é verdade?

Os meninos assentiram, com os olhos brilhantes.

- Sempre os amarei - sussurrou e se agachou até ficar a sua mesma altura. Saboreou a agradável sensação de abraçá-los. - Sempre lhes quererei.

Capítulo 17.

"... não importa, Daphne, acho que não deveria ter partido."

Eloise Bridgerton a sua irmã, a duquesa de Hastings, durante a breve separação de Daphne de seu marido, poucas semanas depois de estarem casados.

O caminho até a casa de Benedict estava cheio de sulcos e buracos e, quando Eloise desceu da carruagem em frente à casa de seu irmão, tinha passado de zangada a um humor de cães. E, para piorar tudo um pouco mais, quando o mordomo lhe abriu a porta, olhou-a como se fosse uma louca.

- Graves? - perguntou Eloise quando ficou claro que o pobre homem não podia falar.

- Estão esperando-a? - perguntou ele, aturdido.

- Bom, não - disse Eloise, olhando para a casa porque, em realidade, ali é onde queria estar.

Tinha começado a garoar e Eloise não ia protegida para a chuva.

- Mas não acredito que os... - começou a dizer.

Graves se afastou, recordando seu dever e deixando-a entrar.

- É o senhorito Charles - disse, referindo-se ao filho mais velho do Benedict e Sophie, que mal tinha cinco anos e meio. - Está muito doente. Está...

Eloise notou que tinha um nó na garganta.

- O que lhe passa? - perguntou, sem incomodar-se em dissimular sua preocupação. - Vai...? - Por Deus, como se perguntava se um menino ia morrer?

- Avisarei à senhora Bridgerton - disse Graves, engolindo em seco. Virou-se e subiu as escadas depressa.

- Espere! - exclamou Eloise, que queria lhe fazer mais perguntas, mas já tinha desaparecido. deixou-se cair em uma cadeira, muito assustada e, se por acaso não fosse pouco, muito zangada consigo mesma por ter se atrevido a queixar-se de sua vida. Seus problemas com Phillip que, de fato, não eram tais, só uma pequena zanga, não eram nada comparados com isto.

- Eloise!

Quem desceu as escadas foi Benedict, não Sophie. Estava abatido, com os olhos afundados e a pele pálida. A Eloise não foi preciso perguntar quanto tempo estava sem dormir; Certamente seu irmão não acharia graça e, além disso, a resposta estava refletida em seu rosto: estava dias

acordado.

- O que faz aqui? - perguntou-lhe.

- Vinha de visita - disse ela. - Para cumprimentá-los. Não tinha nem idéia. O que se passou? Como está Charles? Vi-o na semana passada e estava bem. Estava... O que aconteceu?

Benedict demorou uns segundos em reunir forças para falar.

- Tem muita febre. Não sei por que. No sábado despertou muito bem mas, na hora de comer, estava... - apoiou-se na parede e fechou os olhos, encerrando-se em sua agonia.

- Estava fervendo - sussurrou. - E não sei o que fazer.

- O que disse o médico? - perguntou Eloise.

- Nada - respondeu Benedict, derrotado. - Ao menos, nada de bom.

- Posso vê-lo?

Benedict assentiu, sem abrir os olhos.

- Tem que descansar - disse Eloise.

- Não posso - disse ele.

- Tem que fazê-lo. Nestas condições, não faz bem a ninguém, e temo que Sophie deve estar igual.

- Obriguei-a a deitar-se faz uma hora - disse. - Parecia um cadáver.

- Bom, você não tem melhor aspecto - disse-lhe Eloise, utilizando a propósito um tom decidido e seguro.

Às vezes, era o que a gente necessitava em um momento assim, que lhes dissessem o que fazer. A compaixão só conseguiria que seu irmão pusesse-se a chorar e nenhum dos dois queria que aquilo acontecesse.

- Tem que se deitar - mandou Eloise. - Agora. Eu me encarregarei do Charles. Embora só durma uma hora, mas se sentirá muito melhor.

Benedict não lhe respondeu; ficou adormecido ali de pé.

Eloise ficou à frente da situação. Disse a Graves que colocasse ao Benedict na cama e ela foi à habitação do menino e tentou não pôr-se a chorar quando o viu.

Parecia tão pequeno e frágil naquela cama tão grande; Benedict e Sophie o tinham levado a seu quarto, que era maior, para ter mais espaço para atendê-lo. Estava ardendo mas, quando abriu os olhos, Eloise viu que os tinha cristalinos e era incapaz de fixar o olhar em algo concreto. Além disso, quando não estava totalmente imóvel, delirava dizendo coisas incoerentes sobre cavalos, árvores e marzipan.

Eloise se perguntou o que diria ela, em estado delirante, se alguma vez ficasse tão doente.

Secou-lhe a fronte, virou-o e ajudou às criadas a lhe trocar os lençóis, e nem sequer se deu conta que o sol se escondeu pelo horizonte. Só dava graças ao céu porque Charles parecia não piorar com seus cuidados. Segundo os criados, Benedict e Sophie tinham estado a seu lado dois dias inteiros e Eloise não queria ir despertá-los com más notícias. Sentou-se em uma cadeira junto à cama, leu-lhe seu livro favorito e lhe contou histórias de quando seu pai era pequeno. E, embora duvidasse que pudesse escutá-la, aquilo a fazia sentir-se melhor porque não podia ficar ali sentada sem fazer nada.

Entretanto, não foi senão as oito da tarde, quando Sophie despertou e lhe perguntou pelo Phillip, que lhe ocorreu que deveria enviar uma nota porque, talvez, Phillip estivesse preocupado.

Assim escreveu algo breve, só para lhe dizer que estava velando a seu sobrinho. Phillip o entenderia.

Às oito da tarde, Phillip estava convencido de que Eloise tinha morrido em um acidente ou o tinha abandonado.

E nenhuma das opções lhe parecia muito agradável.

Não achava que o tivesse abandonado; parecia bastante feliz com seu matrimônio, apesar da briga que tinham tido pela manhã. Além disso, não tinha levado nada, embora aquilo não significava nada porque quase todas suas coisas ainda tinham que chegar de Londres. Se tinha partido, não deixava grande coisa em Romney Hall.

Só um marido e dois filhos.

Por Deus, e aos meninos havia dito: "Acredito que veio para ficar".

Não, pensou com ferocidade, Eloise não o deixaria. Nunca faria algo assim. Não era uma mulher covarde e jamais fugiria de seu matrimônio. Se havia algo que não gostava, o diria, no rosto e sem rodeios.

Mas como, pensou enquanto vestia o casaco e saía correndo para a porta, significava que tinha que estar morta em alguma sarjeta do caminho ao Wiltshire. Tinha estado chovendo toda a tarde e os caminhos entre sua casa e a do Benedict não estavam em muito boas condições.

Demônios, quase seria melhor que o tivesse abandonado.

Entretanto, a caminho de Minha Casa, o estúpido nome da propriedade do Benedict Bridgerton, empapado e de muito mau humor, cada vez estava mais convencido de que

Eloise o tinha abandonado.

Porque não estava em nenhuma sarjeta, nem havia nenhum rastro de algum acidente de carruagem, nem a tinha encontrado em nenhuma das duas posadas que havia no caminho.

E só havia um caminho para ir desde o Romney Hall até Minha Casa; era impossível que estivesse em qualquer outra estalagem de qualquer outro caminho e que todo aquilo acabasse por

tornar-se em um terrível mal-entendido.

- Calma - disse-se, enquanto subia as escadas da casa do Benedict. - Calma.

Porque nunca tinha estado tão perto de perder os nervos.

Talvez houvesse uma explicação lógica. Talvez não tinha querido voltar enquanto chovia. Não chovia tanto, mas era algo contínuo, e supôs que não gostava de viajar nessas condições.

Levantou o trinco e golpeou a porta. Com força.

Talvez se quebrara uma roda da carruagem.

Voltou a golpear a porta.

Não, isso não o explicaria. Benedict poderia havê-la enviado a casa na sua.

Talvez...

Talvez...

Tentou, sem êxito, procurar alguma outra explicação para que Eloise estivesse ali com seu irmão e não em casa com seu marido. E não lhe ocorria nenhuma.

A maldição que saiu por seus lábios era algo que fazia muitos anos que não dizia.

Voltou a agarrar o trinco, disposto a arrancá-lo e lançá-lo pela janela, mas justo então se abriu a porta e Phillip se encontrou diante de Graves, o mordomo a quem tinha conhecido fazia apenas duas semanas, quando tinha vindo mostrar que cortejava Eloise.

- E minha mulher? - perguntou Phillip, quase grunhindo.

- Sir Phillip! - disse o mordomo, surpreso.

Phillip não se moveu, apesar da chuva lhe escorrer pelo rosto. A maldita casa não tinha pórtico. Onde se tinha visto que uma casa inglesa não tivesse pórtico?

- Minha mulher - replicou-lhe, outra vez.

- Está aqui - disse-lhe Graves. - Entre.

Phillip deu um passo adiante.

- Quero a minha mulher - disse. - Agora.

- Permita que lhe tire o casaco - disse Graves.

- Não me importa o casaco - disse Phillip, de maus modos. - Quero a minha mulher.

Graves ficou gelado, com as mãos ainda esticadas para lhe tirar o casaco.

- Recebeu a nota da senhora Crane?

- Não, não recebi nenhuma nota.

- Já me parecia que tinha vindo muito rápido - murmurou Graves. - Deve-se ter cruzado com o mensageiro pelo caminho. Será melhor que entre.

- Já estou dentro - disse Phillip, muito sério.

Graves respirou forte, em realidade foi mais um intenso suspiro, algo muito estranho em um mordomo que se supunha que não devia fazer demonstração de nenhum sentimento.

- Acho que terá que ficar um bom tempo - disse Graves, com suavidade. - Tire o casaco. Seque-se. Quererá estar cômodo.

De repente, a raiva do Phillip se transformou em preocupação. Teria acontecido algo à Eloise? Por Deus, se lhe tinha passado...

- O que acontece? - sussurrou.

Acabava de recuperar a seus filhos. Não estava preparado para perder a sua mulher.

O mordomo encarou as escadas com os olhos tristes.

- Me acompanhe - disse Graves, em voz baixa.

Phillip o seguiu e a cada passo que dava, maior era o medo que sentia.

Obviamente, Eloise tinha ido a missa quase todos os domingos de sua vida. Era o que se esperava dela e era o que fazia a gente boa e honesta mas, em realidade, nunca tinha sido uma pessoa especialmente religiosa. Durante os sermões, costumava deixar voar a imaginação, cantava os hinos porque gostava da música e não porque sentisse uma elevação espiritual e, além disso, a igreja era o único lugar no qual uma péssima cantora como ela podia cantar em voz alta.

Entretanto, essa noite, enquanto contemplava a seu pequeno sobrinho, rezou.

Charles não tinha piorado, mas tampouco tinha melhorado e o doutor, que tinha vindo e partira pela segunda vez nesse dia, tinha pronunciado as temerosas palavras:

"em mãos de Deus".

Eloise odiava essa frase, odiava que os médicos recorressem a ela quando enfrentavam a uma enfermidade que os superava, mas, se o doutor tinha razão e a vida do Charles estava em mãos de Deus, então é a ele a quem Eloise rezaria.

Isso sim, só quando não lhe estava aplicando compressas frias na fronte ou lhe estava fazendo beber caldo quente. E, embora havia tantas coisas por fazer, passava as horas velando, nada mais.

Assim se sentou, com as mãos juntas no regaço, e suplicou:

- Por favor, por favor.

E então, como se alguém tivesse respondido à prece equivocada, escutou um ruído na porta e, por impossível que parecesse, era Phillip, embora tivesse mandado o mensageiro apenas há uma hora. Estava empapado pela chuva, com o cabelo grudado na testa, mas Eloise estava mais contente que nunca de vê-lo e, antes de saber o que estava fazendo, cruzou o quarto e se lançou a seus braços.

- OH, Phillip - soluçou, dando-se permissão para chorar, finalmente. Todo o dia esteve se

fazendo de forte, obrigando-se a ser a rocha que seu irmão e sua cunhada necessitavam.

Mas agora Phillip estava ali e, quando a abraçou, tão sólido e forte, Eloise deixou que, por uma vez, o forte fosse outro.

- Pensei que fosse você - sussurrou Phillip.

- O que? - perguntou ela, confundida.

- O mordomo... não me explicou até que chegamos à porta. Pensei que você havia... - Meneou a cabeça. - Não importa.

Eloise não disse nada, mas o olhou com um pequeno e tímido sorriso no rosto.

- Como vai? - perguntou Phillip.

Ela negou com a cabeça.

- Não muito bem.

Phillip olhou ao Benedict e ao Sophie, que se tinham levantado para saudá-lo. Tampouco pareciam muito bem.

- Quanto tempo está assim? - perguntou.

- Dois dias - respondeu Benedict.

- Dois dias e meio - corrigiu-o Sophie. - Desde sábado pela manhã.

- Tem que se secar - disse Eloise, ao separar-se dele. - E eu também. - Olhou o vestido, que tinha ficado empapado pelo abraço. - Ou acabará pior que Charles.

- Estou bem - disse Phillip, acerando-se à cama do menino. Pô-lhe a mão na fronte, negou com a cabeça e olhou a seus pais. - Não tenho sensibilidade - disse.

- Tenho as mãos muito frias pela chuva.

- Tem febre - confirmou Benedict, cabisbaixo.

- O que lhe têm feito? - perguntou Phillip.

- Sabe um pouco de medicina? - perguntou Sophie, com os olhos cheios de esperanças renovadas.

- O doutor lhe tirou sangue - disse Benedict. - Mas parece que não fez efeito.

- Estivemos lhe dando caldo - disse Sophie. - Esfriando-o quando se esquenta muito.

- E esquentando-o quando se esfria - acrescentou Eloise, desesperada.

- Parece que tudo é em vão - sussurrou Sophie. E então, diante de todos, veio abaixo.

Jogou-se sobre a lateral da cama e começou a chorar.

- Sophie - disse Benedict, ajoelhando-se junto a ela e abraçando-a. Quando viram que ele também estava chorando, Phillip e Eloise afastaram o olhar.

- Chá de casca de salgueiro - disse Phillip ao Eloise. - Tomou isso?

- Não acredito. Por que?

- É algo que aprendi em Cambridge. Costumava-se a se dar para paliar a dor antes que o laudanum se popularizasse tanto. Um de meus professores dizia que ajudava

a descer a febre.

- Deu-o a Marina? - perguntou Eloise.

Phillip a olhou surpreso, mas logo recordou que Eloise ainda achava que Marina tinha morrido por uma gripe pulmonar que, em parte, devia ser verdade.

- Tentei-o - disse ele, - mas não podia lhe fazer engolir nada. Além disso, estava muito mais doente que Charles. - Engoliu a saliva, recordando. - Em muitos aspectos.

Eloise ficou olhando um bom tempo e depois, de repente, virou-se para Benedict e Sophie, que já se acalmaram um pouco, embora continuassem ajoelhados no chão, vivendo um momento de intimidade.

Entretanto, Eloise, como era habitual nela, não teve nenhum olhar com os momentos privados em uma situação como essa, assim agarrou a seu irmão pelo braço e o virou.

- Têm chá de casca de salgueiro? - perguntou-lhe.

Benedict a olhou, piscando, e disse:

- Não sei.

- Pode ser que a senhora Crabtree sim - disse Sophie, referindo-se à esposa do casal mais velho que se encarregara de Minha Casa até que Benedict se casara, quando só era seu refúgio de verão. - Sempre tem coisas assim. Mas ela e o senhor Crabtree foram visitar sua filha e não voltarão até dentro de uns dias.

- Podem entrar em sua casa? - perguntou-lhes Phillip. - Se o tiver, reconhecê-lo-ei. Não é uma folha de chá. Só é a casca, que se ferve. Pode ser que ajude a lhe descer a febre.

- Casca de salgueiro? - perguntou Sophie, incrédula. - Quer curar a meu filho com a casca de uma árvore?

- Certamente não pode lhe fazer mal - disse Benedict, muito sério, caminhando para a porta.

- Venha comigo, Crane. Temos uma chave de sua casa. Eu mesmo o acompanharei. - Entretanto, quando chegou à porta se virou para o Phillip. - Sabe o que faz?

Phillip lhe disse a única coisa que sabia.

- Não sei. Espero que sim.

Benedict o olhou nos olhos e Phillip soube que seu cunhado estava deliberando consigo mesmo. Uma coisa era deixar que se casasse com sua irmã e outra coisa muito diferente era deixar que colocasse estranhas beberagens a seu filho pela boca.

Mas Phillip o compreendeu perfeitamente. Ele também era pai.

- Está bem - disse Benedict. - Vamos.

E, enquanto saía da casa, só rezava para que a confiança que Benedict Bridgerton tinha depositado nele se visse recompensada.

Afinal, nunca se soube se foi o chá de casca de salgueiro, as preces do Eloise ou a sorte mas, no dia seguinte, Charles já não tinha febre e, embora ainda estivesse um pouco fraco, estava claro que se encontrava melhor. Por volta de meio-dia, ficou claro que a presença do Phillip e da Eloise já não era necessária, assim subiram à carruagem e foram para casa, impaciente por meter-se na resistente cama e, por uma vez, ir dormir diretamente.

Passaram os primeiros dez minutos em silêncio. Por incrível que pareça, Eloise estava muito cansada para falar. Entretanto, a pesar do esgotamento, também estava muito agitada pelo stress e a preocupação que tinham passado durante a noite. Assim se conformou observando a paisagem pela janela. Quanto ao Charles tinha baixado a febre, tinha deixado de chover, como se um sinal divino lhe dissesse que o tinham salvado suas preces, mas enquanto olhava de esguelha a seu marido, que estava sentado a seu lado com os olhos fechados, embora ela soubesse que não estava adormecido, pensou que o que tinha salvado era a casca de salgueiro.

Não sabia por que estava tão segura, e era consciente de que jamais poderia demonstrá-lo, mas seu sobrinho estava vivo por uma xícara de chá.

E pensar nas poucas probabilidades que tinha que Phillip estivesse em casa do Benedict essa noite. Tinham sido uma série de sucessos muito particulares.

Se Eloise não tivesse subido para ver os gêmeos, se não tivesse ido dizer a Phillip que não gostava daquela babá, se não brigassem...

Visto assim, o pequeno Charles Bridgerton era, possivelmente, o menino mais afortunado da Inglaterra.

- Obrigada - disse Eloise, que não tinha sabido que ia falar até que as palavras lhe saíram pela boca.

- Por? - sussurrou Phillip sonolento, sem abrir os olhos.

- Pelo Charles - disse ela.

Phillip abriu os olhos e se virou para ela.

- Jamais saberemos se foi pela casca de salgueiro.

- Eu sim que sei - disse ela, com firmeza.

Ele sorriu.

- Sempre sabe tudo.

E Eloise pensou: é isto o que tinha sonhado toda sua vida? Não a paixão nem os gemidos de prazer quando estava com ele na cama, a não ser isto?

Esta sensação de segurança, de companhia, de estar sentada ao lado de alguém em uma carruagem e que todas as partes de seu ser lhe digam que é onde deve estar?

Pegou sua mão.

- Foi horrível - disse, surpreendida por ter lágrimas nos olhos. - Acredito que nunca em minha vida passei tanto medo. Não imagino o que deve ter sido para Benedict e Sophie.

- Nem eu - disse Phillip, com suavidade.

- Se tivesse sido um de nossos filhos... - disse, e então se deu conta que, pela primeira vez, havia dito "nossos filhos".

Phillip ficou calado um bom tempo. Quando falou, estava olhando pela janela.

- Durante toda a noite, cada vez que olhava ao Charles - disse, com uma voz muito rouca, - dava graças a Deus que não fossem Oliver ou Amanda.

- Virou-se para Eloise, com a culpa refletida no rosto. - Mas nenhuma criança deveria passar por isso.

Eloise lhe apertou a mão.

- Não acredito que esse sentimento seja mau. Não é um santo. Só é um pai. E acredito que um muito bom.

Olhou-a, estranhando, e meneou a cabeça.

- Não - disse. - Não o sou. Mas espero sê-lo.

Ela inclinou a cabeça.

- Phillip?

- Tinha razão - disse ele, apertando os lábios. - Sobre a babá. Queria que tudo saísse bem, assim não prestei atenção, mas tinha razão. Batia-lhes.

- O que?

- Com um livro - continuou ele, com uma voz muito cansada, como se tivesse ficado sem emoções - Entrei na sala dos meninos e estava golpeando a Amanda com um livro. Com o Oliver já tinha acabado.

- OH, não - disse Eloise, enquanto lágrimas de pena e de raiva, escorregavam-lhe pelas faces. - Não imaginei. Eu não gostava, de acordo, e lhes tinha batido nos dedos mas... também me bateram nos dedos. Fazem isso a todos. - afundou-se no assento, como se levasse um enorme peso de culpa nos ombros.

- Deveria me ter dado conta. Deveria ter visto.

Phillip riu.

- Mal está a quinze dias vivendo em casa. Eu estou ha meses convivendo com essa mulher. Se eu não o vi, porque iria fazê-lo você?

Eloise não tinha nada a dizer, ao menos nada que evitasse que seu marido se sentisse ainda mais culpado.

- Suponho que a despediu - disse, finalmente.

Phillip assentiu.

- Disse aos meninos que nos ajudaria a encontrar uma substituta.

- É claro - acrescentou ela, em seguida.

- E eu... - Fez uma pausa, limpou a garganta e olhou pela janela antes de continuar: - Eu...

- Diga-o, Phillip - disse-lhe ela, com doçura.

Sem virar-se, disse:

- Vou ser melhor pai. Ignorei-os durante muito tempo. Tinha tanto medo de me converter em meu pai, de ser como ele, que não...

- Phillip - sussurrou Eloise, lhe agarrando a mão. - Não é como seu pai. Nunca poderia ser como ele.

- Não - disse ele, com a voz apagada, - mas pensei que sim. Uma vez inclusive agarrei uma vara. Fui aos estábulos e a agarrei. - Afundou a cabeça nas mãos.

- Estava tão furioso. Tanto.

- Mas não a usou - sussurrou-lhe ela, sabendo que essas palavras eram verdade. Tinham que sê-lo.

Ele meneou a cabeça.

- Mas queria fazê-lo.

- Mas não o fez - repetiu ela, com a voz tão firme como pôde.

- Estava tão furioso - repetiu ele, e Eloise o viu tão perdido em seu próprio mundo que não sabia se a tinha escutado. Entretanto, então se virou para ela e a olhou nos olhos.

- Sabe o que é ter medo de sua própria raiva?

Eloise negou com a cabeça.

- Não sou um homem pequeno, Eloise - disse. - Poderia fazer muito mal a alguém.

- Eu também - disse ela e, ante o sarcástico olhar dele, acrescentou. - Está bem, possivelmente a você não, mas a um menino sim.

- Seria incapaz - grunhiu ele e se virou.

- Você também - disse ela.

Ele ficou em silêncio.

E, de repente, Eloise entendeu tudo.

- Phillip - disse, com suavidade, - disse que estava furioso mas... com quem?

Ele a olhou, perplexo.

- Colaram o cabelo da preceptora ao travesseiro, Eloise.

- Já sei - disse ela, agitando a mão no ar. - E com certeza, se tivesse estado presente, eu também teria querido lhes dar uma boa surra. Mas não lhe perguntei isso - Esperou que lhe desse uma resposta. Quando ele não disse nada, ela acrescentou - Estava furioso com eles por causa da cola ou estava furioso com você mesmo porque foi incapaz de controlá-los?

Phillip não disse nada, mas ambos sabiam a resposta.

Eloise estendeu o braço e lhe acariciou a mão.

- Não se parece com seu pai em nada, Phillip - disse. - Em nada.

- Agora sei - disse Phillip, suavemente. - Não tem nem idéia da vontade que tinha de partir pela metade a essa maldita babá Edwards.

- Imagino - disse Eloise, rindo-se enquanto se apoiava no espaldar.

Phillip sorriu. Não sabia por que mas havia algo engraçado no tom de sua mulher, algo que era inclusive agradável. De alguma forma, tinham conseguido encontrar o lado divertido de uma situação que não o era. E era maravilhoso.

- É o que merecia - disse Eloise, encolhendo os ombros. virou-se para o Phillip. - Mas não lhe fez nada, verdade?

Ele negou com a cabeça.

- Não. E se pude me controlar com ela, com meus filhos também poderei fazê-lo.

- Claro que sim - disse Eloise, como se estivessem falando de algo claro. Deu-lhe uns tapinhas na mão e depois se virou para a janela, muito tranqüila.

Phillip percebeu que Eloise tinha muita fé nele. Tinha fé em sua bondade interior e na qualidade de sua alma, quando ele tinha vivido atormentado pelas dúvidas tantos anos.

E então soube que tinha que ser sincero e, antes de saber o que ia fazer, disse:

- Achei que me tinha deixado.

- Ontem à noite? - perguntou ela, olhando-o muito surpreendida. - Como pôde pensar algo assim?

Ele encolheu os ombros, em um gesto de desprezo para si mesmo.

- Pois não sei. Possivelmente porque foi a casa de seu irmão e não voltou.

Eloise ignorou o toque de sarcasmo.

- Bom, já viu o que me entreteve e, além disso, nunca o abandonaria. Deveria sabê-lo.

Phillip arqueou uma sobrancelha.

- Ah, sim?

- Claro que sim - disse ela, que o olhava como se estivesse zangada com ele. - Fiz um juramento na igreja e asseguro que não me tomo à ligeira. Além disso, assumi o compromisso de ser uma mãe para Oliver e Amanda e jamais o romperia.

Phillip a olhou, muito sério, e depois disse:

- Não, não, claro. Não o faria. Fui um estúpido ao não pensar nisso.

Ela se sentou com as costas reta e cruzou os braços.

- Deveria havê-lo feito. Conhece-me e sabe que nunca o faria. - E então, quando ele não disse nada, acrescentou: - Esses pobres meninos. Já perderam a sua mãe biológica. Certamente que não vou partir e obrigá-los a passar pelo mesmo outra vez. - Virou-se para ele com uma expressão muito irritada - Não posso acreditar que pensasse que tinha feito algo assim.

Phillip estava começando a se perguntar o mesmo. Só fazia... Santo Deus, era possível que só fizesse duas semanas que conhecia Eloise? Às vezes, parecia que fazia uma vida inteira. Porque tinha a sensação de conhecê-la perfeitamente. Sempre teria seus segredos, claro, como todos, e estava convencido de que nunca a entenderia porque não se imaginava chegar a entender a nenhuma mulher na vida.

Entretanto, conhecia-a. Estava certo. E por isso não deveria nem haver-se exposto a possibilidade de que o tivesse abandonado.

Deve ter sido o pânico, puro e duro. E também, possivelmente, porque era melhor pensar que o tinha abandonado a imaginar-lhe morta em alguma sarjeta.

No primeiro caso, ao menos podia ir a casa de seu irmão e levá-la para casa.

Se tivesse morrido...

Não estava preparado para a pontada de dor tão intensa que sentiu em apenas pensá-lo.

Desde quando Eloise significava tanto para ele? E o que ia fazer para que fosse feliz?

Porque necessitava que fosse feliz. E não só, como tinha estado tentando convencer-se a si mesmo, porque uma Eloise feliz significava que Phillip poderia continuar desfrutando de sua vida sem preocupações. Necessitava que fosse feliz porque a idéia de que não fosse assim era como lhe cravar uma faca no coração.

Embora tudo aquilo fosse muito irônico. Dissera-se, uma e outra vez, que se tinha casado com ela para dar uma mãe a seus filhos e agora, quando ela tinha reconhecido que jamais o abandonaria porque o compromisso com os meninos era muito forte... havia ficado ciumento.

Estava ciumento de seus filhos. Queria que pronunciasse a palavra "mulher" e a única coisa que tinha escutado era "mãe".

Queria que o quisesse. A ele. E não porque tivesse feito votos na igreja mas sim porque estivesse convencida de que não poderia viver sem ele.

Inclusive, possivelmente, porque o amava.

Amava-o.

Por Deus, quando tinha acontecido isso? Quando tinha começado a esperar tanto do casamento? Casou-se com ela para que seus filhos tivessem uma mãe, ambos sabiam.

E logo estava presente a paixão. Bom, era um homem, e fazia oito anos que não estava com uma mulher.

Como não ia embebedar se de prazer ante o contato da pele de Eloise, ante seus gemidos quando explorava a seu redor?

Ante a intensidade de seu próprio prazer cada vez que a penetrava?

Tinha encontrado tudo o que queria no matrimônio. Eloise levava a casa à perfeição durante o dia e esquentava sua cama como uma cortesã de noite.

Cumpria tão bem todos seus desejos que Phillip não se dera conta que Eloise fazia outra coisa. Colocara-se em seu coração. Havia-o tocado e o tinha mudado. Tinha-o mudado a ele.

Queria-a. Não procurava o amor, nem sequer lhe tinha passado pela cabeça, mas o tinha encontrado e era o mais maravilhoso do mundo.

Estava frente a um novo amanhecer, frente a um novo capítulo em sua vida. Era emocionante. E aterrador. Porque não queria voltar a falhar.

Não, não agora que tinha encontrado tudo o que necessitava. Eloise. Os meninos. Ele mesmo.

Fazia anos que não estava a gosto em sua pele, anos que não confiava em seus instintos. Anos desde a última vez que se olhou no espelho e não afastou o rosto.

Olhou pela janela. A carruagem tinha diminuído a marcha porque já estavam chegando ao Romney Hall.

Tudo parecia cinza, o céu, a pedra da casa, as janelas, que refletiam as nuvens. Inclusive a erva parecia menos verde sem a luz do sol.

Tudo ia de acordo com seu estado de ânimo comtemplativo.

Um lacaio abriu a porta e ajudou Eloise a descer. Depois, quando desceu Phillip, Eloise se virou e lhe disse:

- Estou esgotada e você também parece cansado. Por que não subimos para descansar um momento?

Phillip estava a ponto de assentir, porque também estava esgotado, mas antes de poder dizer que sim, meneou a cabeça e disse:

- Sobe sem mim.

Ela abriu a boca para protestar mas Phillip lhe colocou a mão em cima do ombro e a fez calar.

- Subirei em seguida - disse. - Mas acho que agora quero ir dar um abraço às crianças.

Capítulo 18.

"... sei que não lhe digo muito freqüentemente, querida mãe, como estou agradecida de ser sua filha. Não é habitual que um pai ofereça tanto tempo e compreensão a um filho. E é menos habitual ainda que um pai considere um de seus filhos seu amigo.

Amo-a, mamãe."

Eloise Bridgerton a sua mãe depois de recusar sua sexta proposta de matrimônio.

Quando despertou, Eloise ficou muito surpreendida de ver que o outro lado da cama estava intacto. Phillip estava tão cansado como ela, ou inclusive mais, porque a noite anterior tinha ido até casa do Benedict suportando o vento e a chuva. Depois de arrumar-se, começou buscá-lo por toda a casa mas não o encontrou em nenhum lugar. Disse-se que não havia motivo para preocupar-se, que tinha vivido uns dias muito difíceis e que certamente necessitava um tempo a sós para pensar.

Que ela preferisse estar com gente não significava que todo mundo fosse igual. Riu. Era uma lição que tinha tentado aprender toda sua vida, embora sem êxito.

Assim se obrigou a deixar de buscá-lo. Estava casada e, de repente, entendeu o que sua mãe lhe havia dito a noite de suas bodas.

O matrimônio era um compromisso e Phillip e ela eram muito diferentes. Pode ser que fossem perfeitos o um para o outro, mas isso não queria dizer que fossem iguais.

E se ela queria que ele mudasse algumas atitudes por ela, ela teria que fazer o mesmo por ele.

Não o viu em toda a tarde, nem quando foi tomar o chá, nem quando subiu para dar boa noite aos meninos, nem na sala de jantar , onde teve que jantar sozinha, sentindo-se muito pequena e insignificante naquela enorme mesa de mogno. Comeu em silêncio, embora visse perfeitamente que os lacaios a olhavam com pena enquanto lhe traziam e retiravam os pratos.

Eloise lhes sorriu, porque achava que sempre teria que ser educada, mas por dentro estava resignada.

Devia dar muita pena quando dois lacaios, dois homens, pelo amor de Deus, que normalmente viviam alheios às preocupações de outros, compadeciam-se dela.

E ali estava, depois de uma semana de casada, e jantando sozinha. Quem não se compadeceria dela?

Além disso, a última coisa que os criados sabiam era que sir Phillip tinha saído como um vento pela porta para ir procurar a sua mulher que, pelo visto, tinha fugido para a casa de seu irmão depois de uma forte briga.

Visto assim, Eloise não estranhou que Phillip pensasse que o tinha abandonado.

Comeu depressa, porque não queria alongar o jantar mais do que o necessário e, depois das duas colheradas de pudim obrigatórias, levantou-se com a intenção de ir à cama, onde passaria a noite como tinha passado quase todo o dia: sozinha.

Entretanto, quando saiu para o corredor, estava um pouco inquieta e não tinha vontade de deitar-se. Assim começou a caminhar, sem rumo fixo, pela casa. Para maio, fazia bastante frio e Eloise se alegrou de ter trazido um xale. Tinha passado algumas temporadas em grandes casas de campo onde não se apagava o fogo, e assim estavam iluminadas e cálidas de noite, mas Romney Hall, embora fosse uma casa muito confortável e acolhedora, não tinha esses delírios de grandeza, assim os aposentos se fechavam de noite e só se acendiam os fogos necessários.

E fazia muito frio. Abrigou-se mais com o xale enquanto caminhava, desfrutando de que a única guia fosse a luz da lua.

Mas então, quando se aproximou da galeria de retratos, viu a luz de um lampião.

Ali havia alguém e Eloise soube, inclusive antes de aproximar-se mais, que era Phillip.

Avançou em silêncio, contente de ter calçado as sapatilhas de sola macia, e apareceu pela porta.

O que viu quase lhe rompeu o coração.

Phillip estava de pé, quieto, frente ao retrato de Marina. Não se movia, só piscava de vez em quando; estava contemplando o retrato de sua finada esposa e a expressão de seu rosto era tão triste que Eloise esteve a ponto de gritar.

Tinha-lhe mentido quando lhe havia dito que alguma vez a tinha querido? E quando lhe havia dito que jamais tinha sentido paixão por ela?

Importava? Marina estava morta. Não era como se supusesse uma competição real por ganhar o coração do Phillip. E, embora o fosse, importaria?

Porque ele não a queria e Eloise tampouco o...

Ou possivelmente sim, pensou em um desses momentos em que alguém sente que não tem ar nos pulmões.

Custava-lhe imaginar quando teria podido acontecer, ou como, mas o afeto e o respeito que sentia por ele se converteram em algo mais profundo.

E agora desejava com todas suas forças que ele sentisse o mesmo.

Necessitava-a. Disso estava segura. Necessitava-a possivelmente mais do que ela o necessitava a ele, mas não era só isso. adorava que a necessitasse, que a quisesse, inclusive que sentisse que era indispensável para ele, mas queria mais.

Adorava como sorria, torcendo ligeiramente a boca, como um menino, e sempre surpreso, como se não desse crédito de sua felicidade.

Adorava como a olhava, como se fosse a mulher mais formosa do mundo quando ela sabia, perfeitamente, que não o era.

Adorava que escutasse o que tinha que dizer e como não se deixava intimidar por ela. Inclusive adorava a maneira que tinha de lhe dizer que falava muito porque quase sempre o dizia com um sorriso e porque, claro, era verdade.

E adorava como, inclusive depois de lhe dizer que falava muito, continuava escutando-a.

Adorava como queria a seus filhos.

Adorava sua honra, sua honestidade e seu malicioso senso de humor.

E adorava como ela se adaptava em sua vida e ele na dela.

Era muito agradável. Estava bem.

E, por fim, descobriu que era aqui onde pertencia.

Entretanto, agora Phillip estava de pé, contemplando o retrato de sua finada esposa e a julgar por sua posição tão imóvel... bom, só Deus sabia o tempo que estava ali.

E se ainda a queria...

De repente, sentiu-se muito culpada. Quem era ela para sentir algo que não fosse pena por Marina? Tinha morrido muito jovem, desfrutando de boa saúde.

E tinha perdido o que para Eloise era o maior presente de uma mãe: ver crescer a seus filhos.

Ter ciúmes de uma mulher assim era quase um delito.

Entretanto...

Entretanto, ela não devia ser tão boa pessoa porque era incapaz de presenciar aquela cena; era incapaz de observar como Phillip olhava o retrato de sua primeira esposa sem sentir como lhe encolhia o coração de inveja. Acabava-se de dar conta de que queria a esse homem, e que o faria até o final de seus dias.

Ela o necessitava e uma mulher morta, não.

"Não", pensou de repente. Era impossível que continuasse querendo Marina.

Talvez, nunca a tinha amado. No dia anterior, pela manhã, havia-lhe dito que fazia oito anos que não estava com uma mulher.

"Oito anos?"

E então, Eloise compreendeu tudo.

Minha mãe.

Os dois últimos dias tinha estado tão alterada, entre uma coisa e outra, que não parou a pensar no que Phillip lhe havia dito.

Oito anos.

Nunca o teria imaginado. E muito menos do Phillip, um homem que era claro que desfrutava... não, era claro que necessitava as relações físicas.

Marina tinha morrido fazia quinze meses. Se Phillip levava oito anos sem estar com uma mulher, isso significava que não se deitaram juntos desde que conceberam aos gêmeos.

Não...

Eloise fez uns cálculos mentais. Não, deve ter sido depois de nascer os gêmeos. um pouco depois.

Pode ser que Phillip se equivocara com as datas, ou possivelmente tivesse exagerado, embora Eloise tinha a sensação de que Phillip tinha razão. Tinha a sensação de que sabia exatamente a última vez que se deitara com Marina e receava mais agora que tinha feito os cálculos, que deveria ter sido horrível.

Entretanto, Phillip não a tinha traído. manteve-se fiel a uma mulher em cuja cama não podia meter-se. A Eloise não surpreendeu, porque só era uma amostra mais da honra e a dignidade de seu marido, embora não lhe teria parecido mal que tivesse ido procurar refúgio em outros braços.

E o fato de que não o fizesse...

Fazia que o quisesse ainda mais.

E então, se seu casamento com Marina tinha sido tão difícil e complicado, por que tinha ido ali essa noite?

Porque a estava olhando como se lhe estivesse rogando algo, suplicando uma coisa.

Estava suplicando a uma mulher morta.

Eloise não podia suportar mais. Deu um passo adiante e limpou a garganta.

Phillip a surpreendeu ao virar-se em seguida; ela tinha pensado que teria a cabeça tão longe dali que não a escutaria. Não disse nada, nem sequer seu nome, mas então...

Estendeu a mão.

Eloise se aproximou dele e o agarrou pela mão porque não sabia o que outra coisa fazer nem, por estranho que parecesse, o que dizer.

Ficou a seu lado e levantou os olhos para o retrato de Marina.

- Amava-a? - perguntou-lhe, embora sabia que já o tinha perguntado antes.

- Não - disse Phillip e Eloise se deu conta que uma pequena parte dela ainda tinha medo que dissesse que sim, porque, assim que Phillip disse "Não", o alívio que sentiu foi surpreendente.

- Sente falta dela?

Phillip respondeu em um tom mais suave, embora seguro.

- Não.

- Odiava-a? - sussurrou Eloise.

Phillip negou com a cabeça e, com uma voz muito triste, disse:

- Não.

Ela não sabia que mais dizer, ou se deveria dizer algo mais, assim esperou que ele falasse.

E, depois de um bom momento, fez-isso.

- Estava triste - disse Phillip. - Sempre estava triste.

Eloise o olhou, mas ele manteve o olhar fixo no quadro, como se tivesse que olhá-la enquanto falava dela. Como se, ao menos, devesse-lhe isso.

- Sempre estava deprimida - continuou. - Sempre um pouco serena, se se pode dizer assim, mas foi pior depois do nascimento dos gêmeos. Não sei o que aconteceu.

A parteira disse que era normal que as mulheres chorassem depois de dar a luz, que não me preocupasse, que passaria em umas poucas semanas.

- Mas não passou - disse Eloise.

Phillip negou com a cabeça e então, com um movimento brusco, afastou uma mecha de cabelo que lhe tinha caído em cima da sobrancelha.

- Só piorou. Não sei como explicá-lo. Era quase como se... - tentou encontrar as palavras que procurava e, quando o fez, falou em um suspiro... - quase como se tivesse desaparecido... Mal saía da cama... Nunca a vi sorrir... Chorava muito. Muito.

Disse as frases muito devagar, uma a uma, como se fosse recordando cada pedaço de informação lentamente. Eloise não disse nada, não queria interrompê-lo ou dizer algo sobre um assunto que desconhecia por completo.

E então, afinal, Phillip afastou os olhos de Marina e olhou a Eloise, fixamente.

- Tentei-o tudo para fazê-la feliz. Tudo o que estava em minha mão. Tudo o que sabia. Mas não foi suficiente.

Eloise abriu a boca e emitiu um pequeno ruído, o princípio de um sussurro no que pretendia lhe dizer que o tinha feito o melhor que tinha podido, mas ele a interrompeu.

- Entende, Eloise? - perguntou-lhe, um pouco mais alto, em um tom mais urgente. - Não foi suficiente.

- Não foi sua culpa - disse ela, com doçura porque, embora não tivesse conhecido Marina mais velha, conhecia Phillip, e certamente era verdade.

- Afinal, rendi-me - disse, com uma voz totalmente inexpressiva. - Deixei de tentar ajudá-la. No referente a ela, cansei-me de me dar golpes com a cabeça contra uma parede.

E o único que fiz foi tentar proteger aos meninos, tentar mantê-los longe dela quando tinha um mau dia. Porque a queriam muito.

- Olhou-a suplicante, possivelmente para que o entendesse ou possivelmente para algo que Eloise não entendia. - Era sua mãe.

- Sei - sussurrou ela.

- Era sua mãe e não... Não podia...

- Mas você esteve com eles - disse Eloise, com entusiasmo. - Esteve com eles.

Phillip riu a contra gosto.

- Sim, e já vê o bem que foi. Uma coisa é ter um pai horrível mas os dois? Jamais desejei isso para meus filhos e, apesar de tudo... Aqui estamos.

- Não é um mau pai - disse Eloise, incapaz de esconder o tom de reprimenda de sua voz.

Phillip encolheu os ombros e se voltou a virar para o quadro, incapaz de pensar no que Eloise lhe estava dizendo.

- Sabe o que dói? - sussurrou ele. - Tem alguma idéia?

Ela negou com a cabeça, embora Phillip não estivesse olhando-a.

- Tentar tanto, tanto, e não conseguir nada? Diabos... - Riu uma risada breve e forte cheia de ódio por si mesmo. - Diabos – repetiu - Eu não gostava e, apesar disso, doeu-me muito.

- Você não gostava? - perguntou Eloise, tão surpreendida que inclusive a voz lhe tocou.

Phillip fez uma careta irônica.

- Pode se gostar de alguém a quem não conhece? - Virou-se para a Eloise. - Não a conhecia, Eloise. Estive casado com ela oito anos e nunca a conheci.

- Talvez não deixou que a conhecesse.

- Talvez devesse ter posto mais empenho.

- Talvez - disse Eloise, impregnando sua voz com toda a convicção do mundo, - não podia fazer mais. Há gente que já nasce triste, Phillip. Não sei por que, duvido que alguém saiba, mas é assim.

Ele a olhou com os músculos do rosto contraídos, deixando claro com aquele olhar escuro que não estava de acordo com ela, assim Eloise acrescentou:

- Não esqueça que eu também a conheci. De pequena, muito antes que você.

Phillip mudou a expressão e a olhou com tanta intensidade que Eloise esteve a ponto de

retroceder.

- Nunca a escutei rir - disse, com doçura. - Nenhuma só vez. Desde que a conheci, estive tentando recordá-la melhor e compreender por que todas as lembranças que tenho dela são muito estranhas, e acredito que é por isso. Nunca ria. Onde viu uma criança que não ria?

Phillip guardou silêncio uns segundos e, depois, disse:

- Acredito que eu tampouco a escutei rir nunca. Às vezes sorria, sobre tudo quando os meninos iam vê-la, mas nunca ria.

Eloise assentiu, e disse:

- Eu não sou Marina, Phillip.

- Já sei - disse ele. - Me acredite, sei. Por isso me casei com você.

Não era o que Eloise queria ouvir mas guardou a decepção para ela sozinha e o deixou continuar.

As rugas na fronte do Phillip eram cada vez mais profundas, assim as alisou com a mão. Parecia cansado, farto de tantas responsabilidades.

- Só queria a alguém que não estivesse triste - disse. - Alguém que estivesse com os meninos, alguém que não... - Interrompeu-se e se virou.

- Alguém que não o que? - perguntou ela, com um pouco de urgência, porque pressentia que aquilo era importante.

Durante um bom tempo, Eloise acreditou que não lhe ia responder e, ao final, quando já tinha perdido as esperanças, ele disse:

- Morreu de gripe. Sabia, não é?

- Sim - disse ela porque, como Phillip lhe estava dando as costas, se assentia não a veria.

- Morreu de gripe - repetiu ele. - Isso é o que dissemos a todo mundo...

De repente, Eloise se sentiu enjoada porque sabia, com toda a certeza do mundo, o que ia dizer lhe.

- Bom, era a verdade - disse ele, com brutalidade, surpreendendo-a. Estava convencida que ia dizer lhe que era mentira.

- É a verdade - repetiu ele. - Mas não é toda a verdade. Morreu de gripe, mas nunca dissemos a ninguém como adoeceu.

- O lago - sussurrou Eloise, que não pôde evitar. Nem sequer se tinha dado conta de que estava pensando nele até que havia dito.

Phillip assentiu, muito sério.

- Não caiu à água por acidente.

Eloise tampou a boca com a mão. Não estranhava que Phillip ficasse como uma fera no dia que levara os meninos a nadar. Sentia-se horrível.

Mas ela não sabia, jamais teria imaginado mas, de qualquer forma...

- Tirei-a bem a tempo - disse Phillip. - Bom, bem a tempo antes de que se afogasse. Embora não cheguei a tempo para evitar que morresse de febre três dias depois.

- Soltou uma risada muito amarga. - Nem sequer meu famoso chá de casca de salgueiro pôde fazer nada por ela.

- Sinto muito - sussurrou Eloise, e era verdade, apesar de que a morte de Marina tivesse significado que Eloise fosse feliz.

- Não o entende - disse Phillip, sem olhá-la. - É impossível que o entenda.

- Nunca conheci ninguém que se tirasse a vida - disse ela, com cuidado, porque não sabia se aquelas eram as palavras que devia dizer em uma situação como aquela.

- Não me refiro a isso - disse ele. Em realidade, replicou. - Não sabe o que é estar apanhado, impotente. Tentar de todas as maneiras e nunca, nenhuma só vez - olhou-a e Eloise viu que jogava fogo pelos olhos, - obter nada em troca. Tentei. Tentei todo dia. Tentei por mim e por ela mas, sobre tudo, por Oliver e Amanda. Fiz o que pude, o que me disseram e nada, nada funcionou. Tentava-o e ela chorava, tentava-o uma e outra e outra vez e ela se escondia debaixo da colcha, coberta até a cabeça. Vivia às escuras, com as cortinas sempre fechadas, os abajures com muito pouca luz e vai e se mata no único maldito dia de sol de todo o inverno.

Eloise abriu os olhos.

- Um dia de sol - disse. - Todo o mês esteve nublado e um dia, por fim, que saiu o sol, vai ela e decide matar-se. - riu com dor e amargura na voz.

- Depois de tudo o que tinha feito, por cima tinha que me deixar essa má lembrança para o resto de dias de sol de minha vida.

- Phillip - disse Eloise, lhe tocando o braço.

Mas ele a afastou.

- E, se por acaso isso não fosse bastante, nem sequer se matou como Deus manda. Bom, não - disse, muito seco. - Suponho que isso foi minha culpa. Se não a tivesse tirado da água e a tivesse obrigado a nos torturar três dias mais com a incerteza de se sobreviveria ou não, ela teria estado encantada de afogar-se - cruzou os braços e riu. - Claro que morreu. Não sei nem por que albergamos alguma esperança. Não lutou, não usou nem um grama de energia para lutar contra a febre. Ficou na cama deixando que a enfermidade a levasse, e eu esperava que sorrisse como se, por fim, alegrasse-se por ter conseguido o que tanto queria.

- Meu Deus - sussurrou Eloise, com os cabelos em pé por aquela imagem. - E o fez?

Phillip negou com a cabeça.

- Não. Não ficavam forças nem para isso. Morreu com a mesma expressão de sempre. Vazia.

- Sinto muito - disse Eloise, embora soubesse que suas palavras nunca seriam suficientes. - Ninguém deveria passar por algo assim.

Phillip ficou olhando, escrutinando-a com o olhar, procurando algo em seus olhos, uma resposta que ela não estava segura de possuir.

Então, de repente, Phillip se virou e caminhou até a janela, perdendo o olhar na noite.

- Tentei tudo - disse, com a voz cheia de resignação e arrependimento - mas, ainda assim, cada dia desejava estar casado com qualquer outra pessoa. -Jogou a cabeça para frente até que apoiou a testa no vidro - Qualquer.

Ficou calado muito tempo. Para Eloise, muito, assim se aproximou dele e sussurrou seu nome, só para escutar sua resposta. Para saber que estava bem.

- Ontem - disse ele, com a voz muito brusca, - disse que temos um problema...

- Não - interrompeu-o ela, o mais rápido que pôde. - Não queria dizer...

- Disse que temos um problema - repetiu ele, tão alto e com tanta força que Eloise duvidou que a escutasse se voltasse a interromper.

- Mas até que passe pelo que passei eu - continuou, - até que não se veja apanhada em um matrimônio desgraçado, atada a um marido deprimido, até que não tenha ido para a cama durante anos suplicando que outro ser humano te toque... Virou-se, aproximou-se dela e lhe cravou um olhar tão intenso que a diminuiu ainda mais.

- Até que não tenha passado por tudo isso - disse, - não volte a te queixar do que você e eu temos. Porque, para mim... para mim... - asfixiou-se um pouco mas não se deteve... - isto, o nosso, é o paraíso. E não poderia suportar que dissesse o contrário.

- OH, Phillip - disse ela, e então fez a única coisa que lhe ocorreu. Aproximou-se dele e o abraçou com todas suas forças.

- Sinto muito - sussurrou, lhe empapando a camisa de lágrimas. - Sinto muito.

- Não quero voltar a fracassar - disse ele, afundando a cabeça no pescoço da Eloise. - Não posso... Não poderia...

- Não fracassará - prometeu-lhe ela. - Não fracassaremos.

- Tem que ser feliz - disse ele, como se as palavras lhe saíssem diretamente do coração. - Tem que ser. Por favor, dava que...

- Sou - assegurou-lhe ela. - Sou. Prometo-lhe isso.

Ele se afastou e tomou o rosto entre as mãos, obrigando-a a olhá-lo nos olhos. Parecia que procurava algo, uma confirmação, ou uma absolvição ou possivelmente só uma promessa.

- Sou feliz - sussurrou ela, lhe cobrindo as mãos com as suas. - Mais do que jamais sonhei. E estou orgulhosa de ser sua mulher.

Phillip distendeu os músculos do rosto e lhe tremeu o lábio inferior. Eloise conteve a respiração. Nunca tinha visto chorar a um homem; de fato, não sabia que fosse possível mas, então, uma lágrima escorregou pela face de Phillip e se deteve na comissura dos lábios até que Eloise estendeu a mão e a secou.

- Amo-a - disse ele, com a voz afogada. - E não me importa se você não sente o mesmo.

Quero-a e... e...

- OH, Phillip - sussurrou ela, lhe secando as outras lágrimas. - Eu também o amo.

Ele moveu os lábios como se quisesse dizer algo até que se rendeu e a abraçou com toda sua força e intensidade. Afundou o rosto em seu pescoço, sussurrando seu nome uma e outra vez, até que as palavras se converteram em beijos e moveu a cabeça pela pele de Eloise até ir parar a sua boca.

Eloise não soube o tempo que estiveram ali, de pé, beijando-se como se o mundo fosse desaparecer essa mesma noite. Então, ele a levantou nos braços, tirou-a da galeria de retratos, subiu pelas escadas e, antes de dar-se conta, estavam na cama e Phillip se colocou em cima dela.

E seus lábios não se separaram nem um segundo.

- Necessito-a - disse ele, com urgência, lhe tirando o vestido com dedos trêmulos. - Necessito-a como o ar que respiro. É meu pão e minha água.

Ela tentou dizer que também o necessitava mas não pôde, já que quando Phillip lhe cobria os mamilos com a boca, sugando a daquela maneira que a acendia de cima abaixo, e a deixava prisioneira, a única coisa que podia fazer era procurar a esse homem, a seu marido, e entregar-se a ele com tudo o que tinha, sem poder fazer nada.

Phillip se levantou, embora só para tirar a roupa, e logo voltou para a cama junto a ela. Atraiu-a para ele até que estiveram de lado, frente a frente, e começou a lhe acariciar o cabelo com suavidade enquanto com a outra mão a tinha bem agarrada pela parte baixa da cintura.

- Quero-a - sussurrou-lhe. - Só quero a agarrá-la e... - engoliu em seco para tranqüilizar-se. - Não tem nem idéia do muito que a desejo neste momento.

Ela sorriu.

- Acredito que faço uma idéia.

Aquilo o fez sorrir.

- Morro por você. Não senti nada assim em minha vida e, apesar de tudo... - aproximou-se dela e lhe deu um suave beijo na boca... - Tinha que parar e lhe dizer isso.

Eloise não podia falar, quase não podia nem respirar. Sentiu como lhe enchiam os olhos de lágrimas até que escorreram e caíram na mão de Phillip.

- Não chore - sussurrou-lhe.

- Não posso evitá-lo - disse ela, com voz trêmula. - Amo-o tanto. Jamais pensei... Sempre tinha tido a esperança, mas suponho que nunca pensei que de verdade...

- Eu tampouco - disse ele, sabendo o que ambos estavam pensando.

"Jamais pensei que me aconteceria."

- Sou muito afortunado - disse ele, enquanto lhe acariciava o lado, o abdomem e as costas. - Acredito que estive toda a vida esperando-a.

- Eu sei que esperava a você - disse ela.

Ele a apertou e a atraiu contra si, quase lhe inflamando a pele.

- Não vou poder ir devagar - disse, com voz trêmula. - Acredito que acabo de esgotar toda minha força de vontade.

- Não vá devagar - disse ela, rodando sobre suas costas e colocando-o em cima dela. Separou as pernas para que ele se colocasse entre elas e aproximasse sua verga ao núcleo de seu desejo. Entrelaçou os dedos no cabelo do Phillip e o atraiu para baixo. - Eu não gosto que vá devagar - disse.

E então, em um movimento fluido, tão rápido que a deixou sem respiração, penetrou-a, até o fundo, de modo que Eloise soltou um "OH!" de surpresa.

Ele sorriu, com malícia.

- Disse que queria que fosse depressa.

A resposta do Eloise foi enrolar as pernas a seu redor, levantar o quadril para o ter ainda mais dentro, e sorrir.

- Não está fazendo nada - disse-lhe.

E então Phillip o fez.

E quando começaram a mover-se, todas as palavras desapareceram. Não eram movimentos suaves e compenetrados.

Não se moviam como um único corpo e os sons que emitiam não eram musicais nem doces.

Só se moviam, com necessidade, paixão e entrega total ao outro, para tentar chegar ao climax. E não tiveram que esperar muito.

Eloise tentou agüentar, mas era impossível. Com cada empurrão, Phillip acendia um fogo em seu interior impossível de ignorar.

E no final, quando já não podia conter-se nem um segundo mais, gritou e se arqueou debaixo dele, levantando-os os dois do colchão com a força do orgasmo.

Sentiu como o corpo inteiro estremecia e tentou respirar, e o único que podia fazer era agarrar-se às costas do Phillip, lhe cravando os dedos com tanta força que estava segura que lhe deixaria hematomas.

E depois, antes que ela baixasse à terra, Phillip gritou e começou a sacudir-se cada vez com mais força, derramando-se dentro dela, até que se deixou ir e caiu com todo seu peso em cima de Eloise.

Mas não se importava. adorava a sensação de o ter em cima, adorava o peso, o aroma e o sabor de sua pele suada.

Amava-o.

Era assim simples.

Queria-o, e ele a queria, e se havia outra coisa no mundo, qualquer outra coisa, não importava. Nesse momento, não.

- Amo-a - sussurrou Phillip, rodando para um lado e deixando que os pulmões de Eloise se enchessem de ar.

"Amo-a."

Era tudo o que necessitava.

Capítulo 19.

"... os dias aqui são muito divertidos. Vou às compras, saio para comer e mando convites (e os recebo). De noite, normalmente vou a algum baile ou vou ao teatro, ou possivelmente a alguma festa mais íntima. Às vezes, fico em casa e leio um livro. Em realidade, levo uma existência muito animada; não tenho motivos para me queixar. As vezes me pergunto: que mais pode desejar uma garota?"

Eloise Bridgerton a sir Phillip Crane, aos seis meses do início de sua correspondência.

Eloise recordaria a semana seguinte como a mais mágica de sua vida para sempre. Não foi a festas maravilhosas, nem fez bom tempo, nem celebrou nenhum aniversário, nem teve presentes extravagantes, nem recebeu a visita surpresa de algum convidado.

Entretanto, embora tudo pudesse parecer muito comum...

Tudo tinha mudado.

Não foi algo fulminante como um raio, nem como uma porta batendo, nem como uma nota muito aguda na ópera, pensou Eloise com um sorriso. Foi uma mudança lenta e progressiva, daquelas que começam quando mal se percebe e terminam antes que se dê conta que começaram.

Começou uns dias depois da conversa com o Phillip na galeria dos retratos. Uma manhã, quando despertou, viu o Phillip completamente vestido e sentado aos pés da cama, olhando-a e sorrindo.

- O que faz aí? - perguntou-lhe Eloise, apanhando o lençol debaixo dos braços e endireitando-se.

- Você olhou.

Ela abriu a boca, surpreendida, e não pôde evitar sorrir.

- Não posso ser tão interessante.

- Justamente o contrário. Não me ocorre outra coisa que possa captar minha atenção durante tanto tempo.

Ela se ruborizou, dizendo entredentes algo assim como que era um idiota mas, em realidade, suas palavras fizeram com que Eloise quisesse agarrá-lo e voltar a colocá-lo na cama.

Tinha o pressentimento de que ele não resistiria, nunca o fazia, mas se conteve porque, bom, vestiu-se e certamente devia havê-lo feito por algum motivo em especial.

- Trouxe-te uma madalena - disse-lhe, aproximando um prato.

Eloise lhe agradeceu e agarrou o prato. Enquanto mastigava, e pensava que tomara também houvesse lhe trazido algo para beber, Phillip disse:

- Pensei que hoje poderíamos sair.

- Os dois?

- Bom - disse ele, - possivelmente poderíamos ir os quatro.

Eloise ficou de pedra, com os dentes cravados na madalena, e então o olhou. Era a primeira vez que sugeria algo assim. A primeira vez, ao menos que ela soubesse que, em vez de afastar-se de seus filhos e deixar que outra pessoa se fizesse encarregada deles, Phillip se tinha aproximado deles.

- Parece-me muito boa idéia - disse ela, com doçura.

- Muito bem - disse ele, e se levantou. - Deixarei que se arrume e direi a pobre criada a quem enganou para que se fizesse de babá temporária, que levaremos os meninos o dia todo.

- Com certeza ficará encantada - disse Eloise.

Mary não queria se fazer de babá, nem sequer de forma temporária. Ninguém do serviço queria; conheciam muito bem aos gêmeos. E a pobre Mary, que tinha um cabelo longo e lindo, recordava perfeitamente quando, ao não poder arrancar o cabelo da preceptora que os meninos tinham colado ao travesseiro, tinham tido que queimar os lençóis.

Entretanto, era a única solução e Eloise tinha feito as crianças prometerem que a tratariam com o respeito devido a uma rainha e, até agora, tinham cumprido sua palavra.

Eloise inclusive cruzava os dedos para que Mary refletisse e aceitasse o posto de forma permanente. Além disso, o salário era melhor que o de uma criada.

Eloise olhou para a porta e piscou ao ver que Phillip estava ali de pé, imóvel.

- O que acontece? - perguntou-lhe.

Ele piscou e a olhou com o cenho franzido.

- Não sei muito bem o que fazer.

- Acho que o ponteiro gira para ambos os lados - disse ela, zombando.

Ele a olhou nos olhos e disse:

- Não há nenhuma feira nem nada especial no vilarejo. O que poderíamos fazer com os meninos?

- Algo - disse Eloise, sorrindo com todo o amor de seu coração. - Ou nada em especial. De fato, não importa. A única coisa que querem é estar com você, Phillip. Só isso.

Duas horas depois, Phillip e Oliver estavam de pé frente à alfaiataria Larkin no Tetbury, esperando impaciente que Eloise e Amanda acabassem de comprar.

- Tínhamos que ir às compras? - queixou-se Oliver, como se lhe tivessem pedido que usasse tranças e um vestido.

Phillip encolheu os ombros.

- É o que sua mãe queria fazer.

- A próxima vez, escolheremos nós - disse Oliver. - Se tivesse sabido que ter uma mãe significava isto...

Phillip teve que fazer um grande esforço para não rir.

- Os homens devem fazer sacrifícios pelas mulheres que queremos - disse, muito sério, dando uns tapinhas no ombro de seu filho. - Assim são as coisas.

Oliver soltou um longo suspiro, como se já levasse muitos dias fazendo sacrifícios.

Phillip olhou pela janela. Parecia que Eloise e Amanda não tinham nenhuma intenção de sair.

- Entretanto, quanto a ir às compras e a quem decide o que faremos na próxima saída - disse, - estou totalmente de acordo com você.

Justo nesse momento, Eloise apareceu pela porta da loja.

- Oliver? - perguntou. - Quer entrar um segundo?

- Não - respondeu o menino, negando com a cabeça.

Eloise apertou os lábios.

- Deixe que lhe diga isso de outra maneira - disse. - Oliver, eu gostaria muito que entrasse um segundo.

Oliver olhou a seu pai com olhos suplicantes.

- Receio que tenha de fazer o que lhe pede - disse Phillip.

- Tantos sacrifícios! - disse, entre dentes, meneando a cabeça enquanto subia as escadas.

Phillip tossiu para dissimular uma gargalhada.

- Você também vem? - perguntou-lhe Oliver.

"Demônios, não", esteve a ponto de responder, embora se conteve a tempo e disse:

- Tenho que ficar aqui fora vigiando a carruagem.

Oliver entrecerrou os olhos.

- Por que tem que vigiá-la?

- Né... a pressão das rodas - balbuciou Phillip. - E todos os pacotes que levamos.

Não pôde escutar o que Eloise disse entredentes, embora pelo tom não devia ser muito agradável.

- Venha, Oliver - disse, empurrando a seu filho pelas costas. - Sua mãe o necessita.

- E a você também - disse Eloise, sorrindo, e Phillip estava certo que só o havia dito para

torturá-lo. - Necessita de camisas novas.

Phillip fez uma careta.

- E não pode vir o alfaiate em casa?

- Não quer escolher o tecido?

Negou com a cabeça e, totalmente convencido, disse:

- Confio às cegas em seu critério.

- Acho que tem que vigiar a carruagem - disse Oliver, que ainda estava na soleira da porta.

- Sim, pois se não entrar agora mesmo também terá que vigiar suas costas porque...

- Está bem - disse Phillip. - Entrarei, mas só um segundo. - De repente, viu-se na parte feminina da loja, um lugar cheio de babados, e estremeceu.

- Se tiver que suportar muito mais, morrerei de claustrofobia.

- Um homem grande e forte como você? - disse Eloise, em um tom inocente. - Tolices. - E então o olhou e, com um movimento, disse-lhe que se aproximasse.

- Sim? - perguntou ele, curioso por saber o que estava passando.

- Amanda - sussurrou Eloise, assinalando para a porta que havia ao fundo da loja. - Quando sair, quero que sorria e aplauda.

Phillip olhou a seu redor. Nem sequer na China se teria sentido tão deslocado.

- Não me sinto muito bem.

- Pois aprende - ordenou-lhe ela, e depois se virou para o Oliver. - Agora é seu turno, señorito Crane. A senhora Larkin...

O grunhido do Oliver foi próprio de um homem moribundo.

- Quero ir com o senhor Larkin - protestou. - Como papai.

- Quer ir com o alfaiate? - perguntou Eloise.

Oliver assentiu com determinação.

- De verdade?

O menino voltou a assentir, embora com menos determinação desta vez.

- Apesar de, não faz nem uma hora, jurar que não entraria em nenhuma loja a menos que houvesse pistolas ou soldadinhos na vitrine? - continuou Eloise, falando em um tom próprio de uma atriz de teatro do Drury Lane.

Oliver abriu a boca, mas assentiu. Ligeiramente.

- É muito boa - disse Phillip ao ouvido enquanto observava como Oliver cruzava a porta que levava para o outro lado da loja, onde estava o senhor Larkin.

- O segredo é fazê-los ver que a outra opção é ainda pior - disse ela. - O senhor Larkin vai

muito devagar, mas a senhora Larkin é horrível.

Escutou-se um forte alarido e Oliver apareceu correndo e se jogou sobre Eloise, algo que deixou ao Phillip um pouco triste. Queria que seus filhos fossem a ele.

- Cravou-me uma agulha! - exclamou Oliver.

- Moveu-se? - perguntou Eloise, sem alterar-se.

- Não!

- Nem um pouquinho?

- Bom, mas só um pouco.

- Está bem - disse Eloise. - Pois na próxima vez não se mova. Asseguro que o senhor Larkin faz muito bem seu trabalho. Se não se mover, não o picará. É assim simples.

Oliver digeriu isso e se virou para Phillip, implorando com o olhar. Era agradável que seu filho o visse como um aliado, mas não tinha nenhuma intenção de contradizer Eloise e desautorizá-la. E muito menos quando estava totalmente de acordo com ela.

Então Oliver o surpreendeu. Não suplicou que o afastassem do senhor Larkin, nem disse nada ofensivo da Eloise, algo que Phillip estava convencido que teria feito semanas atrás; em realidade, teria feito com qualquer adulto que contradissesse seus desejos.

Em lugar disso, olhou-o e lhe perguntou:

- Pode vir comigo, papai, por favor?

Phillip abriu a boca para responder mas então, inexplicavelmente, teve que deter-se.

Começaram a umedecer seus olhos e se deu conta que estava muito emocionado.

Não era só por aquele momento, pelo fato de que seu filho reclamasse sua presença para acompanhá-lo através de um ritual masculino.

Oliver já lhe tinha pedido que o acompanhasse em outras ocasiões.

Entretanto, esta vez era a primeira que Phillip foi capaz de dizer "sim", e estava seguro de que faria e diria o correto.

E, se não o fizesse, não importava. Phillip não era como seu pai; nunca seria... nunca poderia ser como ele.

Não podia permitir-se ser um covarde e deixar que outros criassem a seus filhos só porque ele tinha medo de cometer um engano.

Cometeria enganos. Era inevitável. Mas não seriam garrafais e, com Eloise a seu lado, sabia que podia fazer algo.

Inclusive cuidar dos gêmeos.

Apoiou a mão no ombro do Oliver.

- Eu adoraria acompanhá-lo, filho. - pigarreou porque, na última palavra, lhe tinha quebrado a voz.

Depois se agachou e lhe sussurrou ao ouvido.

- A última coisa que queremos são mulheres na seção de homens.

Oliver assentiu, muito decidido.

Phillip se levantou e se preparou para seguir a seu filho para onde estava o senhor Larkin, mas então escutou como Eloise pigarreava, atrás dele.

Virou-se e ela estava apontando com a mão para o final da loja.

Amanda.

Parecia muito mais velha com aquele vestido de cor lavanda, deixando entrever a esplêndida mulher que um dia seria.

Pela segunda vez em poucos minutos, voltaram a umedecer os olhos de Phillip.

Isso é o que se esteve perdendo. Entre medos e dúvidas, perdeu-se tudo aquilo.

Seus filhos tinham crescido sem ele.

Phillip deu uns tapinhas a seu filho no ombro, lhe dizendo que ia em seguida e cruzou a loja para ir para sua filha. Sem dizer nada, agarrou-lhe a mão e a beijou.

- Senhorita Amanda Crane - disse, com o coração na voz, nos olhos e no sorriso, - é a menina mais bonita que vi em minha vida.

Amanda abriu os olhos e a boca, encantada.

- E o que me diz da senhorita... de mamãe?

Phillip olhou a sua mulher, que também tinha os olhos umedecidos, virou-se para a Amanda, agachou-se frente a ela e, em voz baixa, disse-lhe:

- Façamos um trato. Você pode acreditar que sua mãe é a mulher mais bonita do mundo, mas eu penso que é você.

E, naquela mesma noite, depois de deitar a seus filhos e lhes dar um beijo na fronte, quando estava a ponto de fechar a porta, Amanda disse:

- Papai?

Phillip se virou.

- Amanda?

- Hoje foi o melhor dia de minha vida - sussurrou.

- E da minha - disse Oliver.

Phillip assentiu.

- Da minha, também - disse, com suavidade. - Da minha, também.

Tudo começou com uma nota.

Mais tarde, enquanto Eloise acabava de jantar e lhe retiravam o prato, viu que havia uma nota debaixo, dobrada duas vezes.

Seu marido se desculpou e lhe disse que ia procurar um livro onde saía um poema de que tinham estado falando durante a sobremesa assim, sem ninguém que a visse, nem sequer o lacaio, que estava levando os pratos à cozinha, Eloise desdobrou a nota.

Nunca me dei muito bem com as palavras.

Era a inconfundível letra do Phillip e logo, em um canto, dizia:

Vá a seu escritório.

Intrigada, Eloise se levantou e saiu da sala de jantar. Um minuto depois, entrou em seu escritório.

E ali, em cima da mesa, havia outra nota.

Mas tudo começou com uma nota, não é verdade?

Seguiu as instruções, que a levaram ao salão. Teve que fazer um grande esforço por caminhar porque o que de verdade gostava de era correr.

Em cima de uma almofada vermelha, que estava justo no meio do sofá, viu outra nota, dobrada duas vezes.

Assim se começou com palavras, deveria continuar com elas.

Desta vez as instruções a conduziram até o vestíbulo.

Entretanto, não tenho palavras para lhe agradecer por tudo o que tem feito por mim, de maneira que utilizarei as únicas que sei e da única maneira que conheço.

Em um canto, pedia-lhe que subisse a seu quarto.

Eloise subiu as escadas, lentamente com o coração acelerado. Era a última nota, sabia. Phillip a

estaria esperando, pegá-la-ia pela mão e a guiaria para seu futuro juntos.

De fato, tudo tinha começado com uma nota. Algo tão inocente, tão inócuo que, ao final, converteu-se nisso, em um amor tão grande e poderoso que mal podia controlar.

Chegou ao patamar e, muito devagar, aproximou-se de seu quarto. Estava entreaberta e, com uma mão trêmula, abriu-a e...

E gritou.

Porque a cama estava coberta de flores. Centenas e centenas de flores, algumas inclusive da coleção especial da estufa do Phillip. E ali, escrito com pétalas vermelhas sobre um fundo de pétalas brancas e rosas:

Amo-a.

- As palavras não são suficiente - disse Phillip, que até agora tinha estado escondido na penumbra, atrás dela.

Eloise se virou, com os olhos cheios de lágrimas.

- Quando fez tudo isto?

Ele sorriu.

- Permitir-me-á que guarde isso como um segredo.

- Eu... Eu...

Phillip a pegou pela mão e a atraiu para si.

- Sem palavras? - sussurrou. - Você? Tudo isto me deve dar melhor do que pensava.

- Amo-o - disse ela, com a voz afogada. - Quero-o muito.

Phillip a abraçou e, quando Eloise apoiou a face em seu peito, ele apoiou o queixo em sua cabeça.

- Esta noite - disse, - as crianças me disseram que tinha sido o melhor dia de sua vida. E me dei conta de que tinham razão.

Eloise assentiu, muito emocionada.

- Entretanto - continuou Phillip, - depois vi que não é verdade.

Ela o olhou, estranhando.

- Não poderia escolher um dia - confessou. - Com você, Eloise, escolheria qualquer um. Qualquer um.

Tocou-lhe o queixo e se aproximou dela.

- Qualquer semana - sussurrou. - Qualquer mês. Qualquer hora.

Beijou-a, com ternura embora com todo o amor de seu ser.

- Qualquer momento - disse, - desde que estiver com você.

Epílogo.

"Há tantas coisas que espero lhe ensinar, pequena. E espero fazê-lo pregando com o exemplo, mas também sinto a necessidade de pô-lo por escrito. É minha mania, uma que espero que descubra e lhe pareça engraçada quando ler esta carta.

Seja forte.

Seja aplicada.

Seja conscienciosa. E isso nunca se consegue escolhendo o caminho fácil. Exceto claro, quando o caminho já seja fácil por si. Às vezes, acontece. Em tal caso, não busque um novo mais complicado. Só os mártires vão procurar os problemas de maneira deliberada.

Queira seus irmãos. Já tem dois e, se Deus quiser, virão mais. Queira-os muito, porque levam seu sangue e quando duvidar ou tenha problemas, eles serão os que estarão a seu lado.

Ria. Ri muito e com vontade. E, quando as circunstâncias peçam silêncio, converte a risada em sorriso.

Não se conforme. Descobre o que quer e persegue-o. E se não souber o que quer, tenha paciência. Todas as respostas chegarão ao seu devido tempo e verá que seus desejos estiveram diante de você todo o tempo.

E recorda, recorda sempre que tem um pai e uma mãe que se querem e que lhe querem.

Agora mesmo está um pouco nervosa. Seu pai está fazendo uns ruídos muito estranhos e se não for à cama em seguida se vai zangar.

Bem-vinda ao mundo, pequena. Estamos todos encantados de conhecê-la."

Eloise Bridgerton, Lady Crane, a sua filha Penelope, recém-nascida.